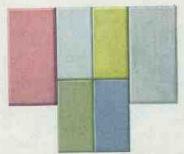
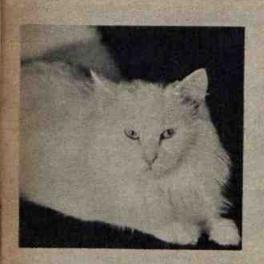
Manche
JK ESCREVE:
COMO CONSTRUÍ
BRASÍLIA
24 paginas espetaculares
LUZES
E CÔRES
DA NOVA
CAPITAL
Terceiro
capítulo
LACERDA
'AOS VINTE ANOS,
CORTEI O PULSO
PARA ACABAR
COM A VIDA'
O segundo Oscar
de LIZ TAYLOR

Novidade! **PARA AMBIENTES PEQUENOS**

LADRILHO ESMALTADO PEQUENO

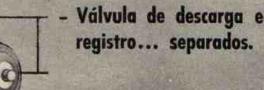
Note, na beleza dêste ambiente, a delicadeza do piso. O ladrilho, esmaltado, é de formato menor. Foi criado especialmente para harmonizar com os locais onde o espaço é pequeno. Agora você já pode revestir o piso do banheiro, da cozinha, do hall e outros ambientes de menor dimensão com um produto de categoria, durável e fácil de limpar: o Ladrilho Esmaltado Pequeno São Caetano.

não greta, não mancha, é uniforme - formatos: 7,5x15 e 10x20 cm - 6 côres pastel-fôscas, para usar isoladamente ou formando harmoniosas combinações: rosa, gêlo, azul celeste, verde, amarela, cinza.

nos principais distribuidores ou na

CERÂMICA SÃO CAETANO S.A.

UMA TRADIÇÃO EM CERÂMICA

LOJAS: Rua Augusta 1801 - Tels. 33-7146 e 32-3429 • Rua Rêgo Freitas, 317 - Tel. 33-7146 - SÃO PAULO • **FILIAIS:** Rua Senador Dantas, 80-A - Tel. 42-3158 - RIO DE JANEIRO R. Dom Pedro II, 83 - Tel. 2-4195 - SANTOS • R. São Paulo, 897 - Tel. 2-7739 - BELO HORIZONTE • Setor de Indústria e Abastecimento - Trecho n.o 1 - Lotes 1290/1340 - Tel. 2-6266 - BRASILIA

Santos & Santos 1/8

O leitor em Manchete

"Queremos os mais belos do Rio."

Rio Grande

"As fotografias de Gramado estampadas em MANCHETE comoveram a todos nós. São as melhores fotos já publicadas de nossas belezas naturais, e por causa delas hoje todo mundo quer conhecer a cidade das hortênsias. A Municipalidade de Gramado agradece de todo coração a promoção de tanto valor." — **José Francisco Perini, Prefeito Municipal.**

Lacerda

"Grande admiradora dessa excepcional revista que é MANCHETE, venho cumprimentá-los pela publicação dos memoráveis artigos de Carlos Lacerda. Magnífica iniciativa." — **Helena de Araújo, Rio, GB.**

Juiz de Fora

"Embora só tenha 12 anos, sou um assíduo leitor dessa revista, que considero a melhor do país. Mas, como filho de Juiz de Fora, considero um fato imperdoável a minha cidade não ter sido focalizada na grande reportagem que MANCHETE publicou sôbre Minas Gerais." — **Marcos Pereira da Silva, Juiz de Fora, MG.**

● **Pode estar certo, Marcos, que a omissão foi circunstancial.**

Lobato

"Quero congratular-me com minha querida revista pela esplêndida reportagem sôbre Monteiro Lobato, o genial criador dos ídolos da minha infância." — **Liviah dos Santos, Rio, GB.**

● ● ●

"Valho-me da oportunidade para cumprimentá-los pela magnífica reportagem de MANCHETE realçando a vida do imortal escritor patrício, José Bento de Monteiro Lobato." — **João Xavier Ribeiro, Taubaté, SP.**

Automobilismo

"MANCHETE — sempre presente a todos os acontecimentos e focalizando todos os assuntos do país e do mundo — está nos devendo uma grande reportagem sôbre o automobilismo no Brasil." — **Vicente Perci Grosshi, Curitiba, PR.**

Brotos

"Queremos uma reportagem sôbre os rapazes do Rio. E, se possível, uma lista dos 10 mais bonitos." — **Fernanda Pacheco, Sônia Soares, Márcia Ferreira, Beatriz Simões, Stella Bianch, Vânia Fernandes, Juiz de Fora, MG.**

● **Serão atendidas.**

Esgota logo

"Aqui em Três Rios, MANCHETE esgota logo que chega. Não consegui comprar a edição do dia 1.º de abril último. Os senhores não poderiam aumentar a remessa?" — **Lurdes Machado Lemos, Três Rios, RJ.**

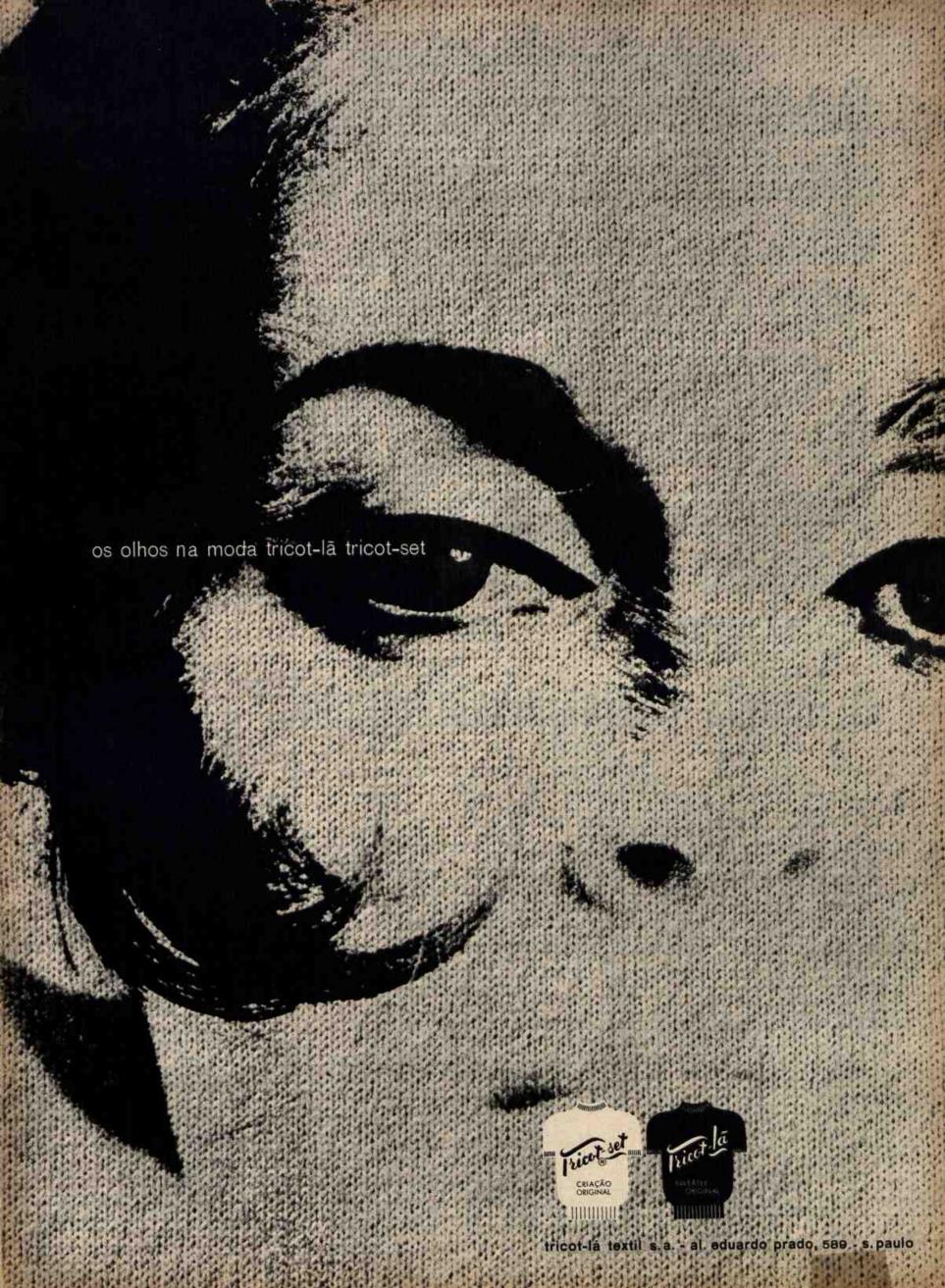
Tubarão

"Permitimo-nos traçar alguns ligeiros reparos no que concerne ao município de Tubarão, abordado em sua reportagem sôbre Santa Catarina. O repórter se fixou, em especial, quanto à Administração da Comuna, nas providências do Plano Diretor da Cidade. Mas a preocupação do executivo se estende a outros setores de significação: as obras de retirada dos trilhos da E. F. D. T. C, do centro urbano; a reforma administrativa do município; o saneamento do centro e dos bairros mais populosos; a pavimentação de importantes logradouros públicos; a expansão da rêde de ensino primário; o aprimoramento das condições de saúde pública; e, por fim, os empreendimentos que terão como conseqüência o aperfeiçoamento de todo o sistema viário municipal." **Stélio Cascays Boabaid, Prefeito Municipal.**

Solange

"MANCHETE publicou, há pouco, uma fotografia em que aparece a Srta. Solange Dutra Novelli, Miss IV Centenário do Rio de Janeiro, sendo pintada nas escadarias da Praça de Espanha, em Roma. O artista é Bruno Tausz, brasileiro, que estagiou recentemente em Roma, com muito sucesso, e não J. B. Thompson, conforme está mencionado na notícia." **Dário M. de Castro Alves, Cônsul do Brasil em Roma, Itália.**

Capa

"Já havia achado muito boa a capa em que o Presidente Costa e Silva aparece com sua netinha. A última, então, nem se fala. A fotografia de Carlos Lacerda com seus quatro netos está realmente esplêndida. Os senhores fariam muito bem se continuassem mostrando os grandes homens do Brasil com suas famílias." **Everaldo Alves Santos, Rio, GB.**

os olhos na moda tricot-lã tricot-set
Tricot-set
CRIAÇÃO
ORIGINAL
Tricot-lã
tricot-lã textil s.a. - al. eduardo prado, 589 - s.paulo

RIO DE JANEIRO,
29 DE ABRIL DE 1967
ANO 15 — N.º 784

sumário

Nossa capa: Elizabeth Taylor, vencedora do *Oscar*, o mais cobiçado prêmio do cinema norte-americano.

IMPRESSA E EDITADA POR BLOCH EDITÔRES S/A — DIRETOR-PRESIDENTE: Adolpho Bloch — DIRETOR-SUPERINTENDENTE: Oscar Bloch Sigelmann — DIRETORES: Pedro Jack Kapeller, H. W. Berliner, Antônio Ferrara e Murilo Melo Filho — DIRETOR-RESPONSÁVEL: Nelson Alves. MANCHETE — DIRETOR: Justino Martins — CHEFE DE REPORTAGEM: Arnaldo Niskier — CHEFE DE REDAÇÃO: Zevi Ghivelder — REDATORES: R. Magalhães Jr., Joel Silveira, José Carlos Oliveira, Mauricio Gomes Leite e Alexandre Pires — REPORTERES PRINCIPAIS: Mário Martins, Lêdo Ivo, Homero Homem, Roberto Muggiati, e Ibrahim Sued — REPORTERES: Alberto Shatovsky, José Rodolpho Câmara, Lausimar Laus, Teodoro Barros e Vera Rachel — COLABORADORES: Henrique Pongetti, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos, Rubem Braga, Pedro Bloch, Claudius, Caio de Freitas, Otto Lara Resende e Carlos Botelho — DEPARTAMENTO FOTOGRÁFICO: SUPERINTENDENTE: Nicolau Drei — CHEFE: Jáder Neves — REPORTERES FOTOGRÁFICOS: Gervásio Batista, Gil Pinheiro, Juvenil de Souza, Carlos Abrunhosa, Felisberto Rogério, Antônio Trindade, Eveline Muskat, Domingos Cavalcanti, Esko Murto, Walter Firmo, Sebastião Barbosa, Antônio Rudge, Tolentino Gomes, e Nélson Santos — DEPARTAMENTO DE ARTE: Wilson Passos e Nélson Gonçalves — PRODUÇÃO: Nélson Sampaio — PESQUISA: Oswaldo Corrêa da Silva — ARQUIVO: Aron Vaisman — DEPARTAMENTO DE CIRCULAÇÃO: Renato Gonçalves de Oliveira — SUCURSAL DE SÃO PAULO: Salomão Schwartzman, Durval Ferreira, Jônio de Freitas Mota, Fúlvio Abramo, Jorge Aguiar, Sérgio Jorge, Armando Bernardes, Mituo Shighiara e Zygmunt Haar — SUCURSAL DE BRASÍLIA: Deocleciano Rocha e Roberto Stuckert — SUCURSAL DO RIO GRANDE DO SUL: Sérgio Rosa e Jairo Brandebursky — SUCURSAL DO NORDESTE: Fernando Luís Cascudo, Caio Sousa Leão, Alexandrino Rocha, e Raimundo Costa — SUCURSAL DE MINAS GERAIS: Odin Andrade, Manuel Hygino dos Santos e Alberico Souza Cruz — SUCURSAL DA BAHIA: Flávio Costa — CORRESPONDENTES NO BRASIL: PARÁ: Oswaldo Mendes; CEARÁ: Ezactir Aragão; RIO GRANDE DO NORTE: Cassiano Arruda Câmara; PARANÁ: Geraldo Russi — SUCURSAIS NO EXTERIOR: NOVA IORQUE: Sérgio Alberto da Cunha e Maria Almenara — PARIS: Ney Sroulevich, Niura Klemm e Thomas Scheier — CORRESPONDENTES NO EXTERIOR: ROMA: Sérgio Spinelli; ALEMANHA: Flávio Paulo Meurer; ESPANHA: Emílio Fonta; TCHECOSLOVÁQUIA: Joseph Volarik; URUGUAI: Sara Tinsky; ARGENTINA: Jorge Lipschitz e Italo Sanni; CHILE: De Abreu; PERU: Manuel Olivari — DEPARTAMENTO DE PUBLICIDADE: DIRETOR: Dirceu Tôrres Nascimento — GERENTE-GERAL: Francisco Augusto Nascimento — GERENTE-RIO: Luiz Fernando Veiga — GERENTE-RIO GRANDE DO SUL: Kleber Buhr — REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Rua Frei Caneca, 511 — Tels.: 32-4355 e 31-3965 — Rio (GB) — PARQUE GRÁFICO: Rua Cordovil, 520 — Tel.: 30-0666 e CETEL (60) 91-0020 — SUCURSAL DE SÃO PAULO: Rua 24 de Maio, 35, 11.º andar, salas 1.101/5 — Tels.: 36-9998, 33-5810, 36-4593, 33-9383 e 37-7484 (SP) — SUCURSAL DE BRASÍLIA: Setor de Indústrias Gráficas, lotes 905/975 — Tel.: 2-8266 (DF) — SUCURSAL DO RIO GRANDE DO SUL: Rua Senhor dos Passos, 235, loja 5 — Tel.: 44-744 — Pôrto Alegre (RS) — SUCURSAL DO NORDESTE: Av. Conde de Boa Vista, 85, 12.º andar — Tel.: 26-807 — Recife (PE) — SUCURSAL DE MINAS GERAIS: Av. Afonso Pena, 1500, 15.º andar — Tel.: 4-8765 — Belo Horizonte (MG) — SUCURSAL DA BAHIA: Rua Bonifácio Costa, 1, sala 902 (Salvador) — SUCURSAL DE NOVA IORQUE: 245 East 63rd Street, ap. 30-D — Tels.: 421-9183 e 421-9191 — Telex: Manchete New York, 421918 — SUCURSAL DE PARIS: 12 Av. Montaigne 8ème étage — Tel.: Balzac 84-66 — Telex: Manchete Paris, 28240 — DISTRIBUIÇÃO: Distribuidora de Imprensa Ltda., Rua do Senado, 192-A — Tel.: 22-8817 — Rio de Janeiro — GB.

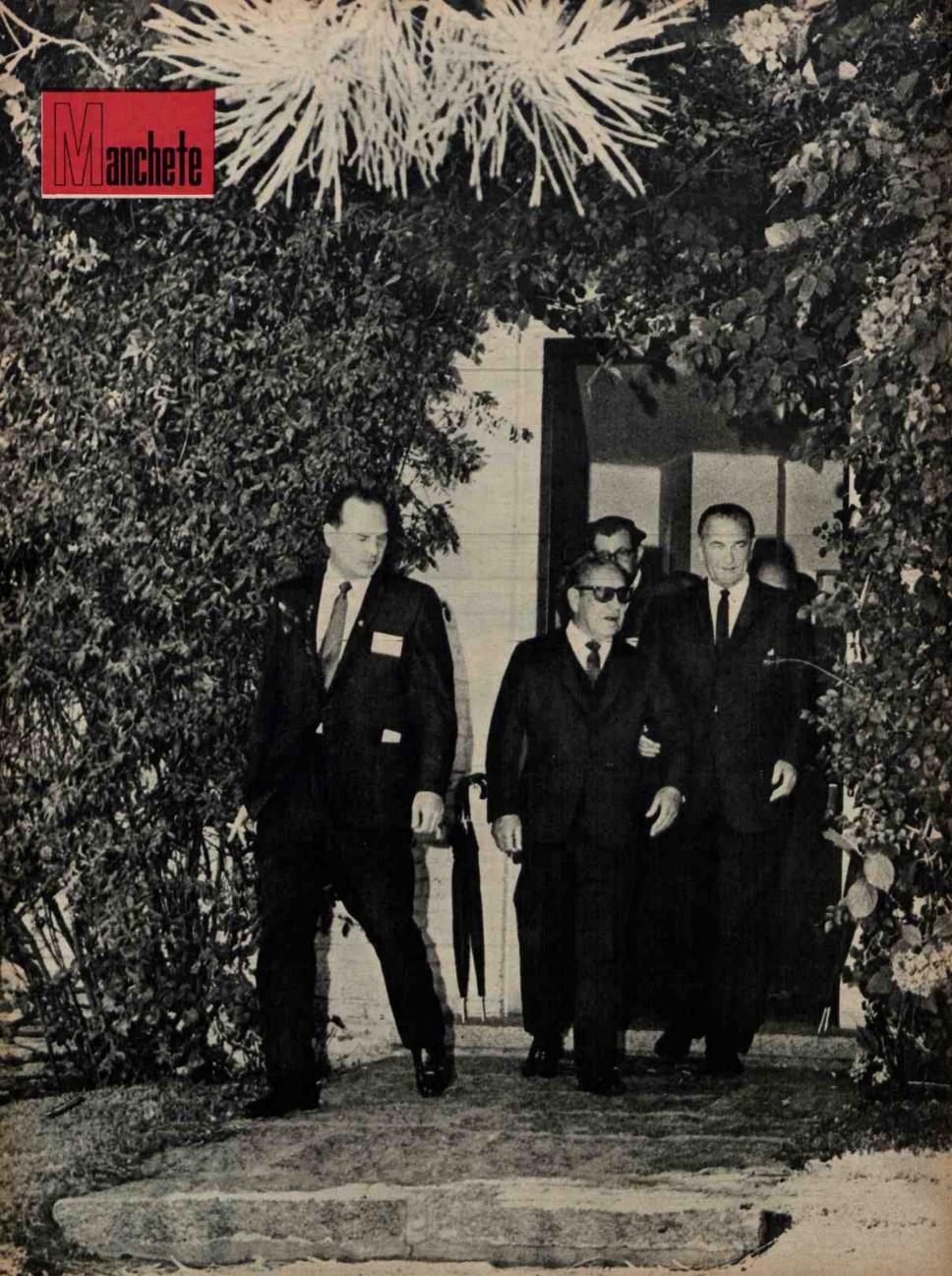
Manchete é ASSOCIADA DO

IMPRESSA COM TINTAS BLOCH COLOR S. A.

CONVERSA COM O LEITOR ● Juscelino Kubitschek está de volta ao Brasil e poderá festejar esta semana, mais intimamente, o 7.º aniversário da luminosa cidade que construiu. Brasília, como se vê na ampla reportagem que publicamos neste número, se encontra em plena exuberância de formas, luzes e côres. É uma realidade magnífica e um exemplo do que podem fazer os brasileiros quando impulsionados por uma política otimista. Os leitores, aliás, descobrirão nos rodapés de algumas páginas desta edição de MANCHETE, vários **slogans** convidando-os a participar do desenvolvimento industrial e comercial do Brasil. São da autoria de Adolpho Bloch, um homem que acredita neste país e no seu povo. Segundo êle, a nossa riqueza maior é o otimismo. Basta ajudarmos o Brasil para que surja o progresso.

JUSTINO MARTINS

Manchete

PUNTA DEL ESTE
AS AMÉRICAS SEM FRONTEIRAS

O Presidente Lyndon Johnson não levou ilusões para Punta del Este: o Congresso americano não lhe havia conferido podêres nem credenciais para assumir compromissos de maior importância. Segundo o famoso jornalista norte-americano James Reston, êle teve no final de acenar apenas com uma cenoura para povos famintos de carne. Teve de ouvir ainda o violento discurso de protesto do Presidente Arosemena, do Equador, que acusou os Estados Unidos de desprezarem a América Latina, ameaçada de revolução em vários dos seus países. Mas depois do encontro com o presidente brasileiro, Johnson estava sorridente e reanimado: "Temos grande responsabilidade na liderança continental que exercemos."

Texto de MURILO MELO FILHO • Fotos de JÁDER NEVES

Ao despedir-se do presidente brasileiro na porta da residência onde ficou hospedado, Johnson falou na responsabilidade da liderança que os dois exercem. E prometeu mandar de Washington, para Costa e Silva, bonitas fotos coloridas.

No plenário da conferência, o Presidente Costa e Silva consulta os dados e elementos reunidos por seus assessôres, poucos instantes antes de falar.

O sec. de Estado, Sr. Dean Rusk, fala ao ouvido do Presidente Johnson, dente do Equador, que causou grande impacto e surprêsa entre os delega

O presidente do Chile, Sr. Eduardo Frei, discursou acompanhado por todos com grande atenção. O Chile ficou numa posição avançada, porém cautelosa.

Em cima, fala o Pres. Arosemena, do Equador, e Johnson escuta. Após o Club, os presidentes posaram em grupo para os fotógrafos. Johnson con

durante o discurso do presidos dos países americanos.

almôço informal no Country versa com o Presidente Frei.

O presidente do Brasil fêz o menor discurso – 500 palavras. Em vez de pedir ajuda, ofereceu cooperação

● A Declaração dos Presidentes das Américas agradou ao Brasil, que nela viu consagrados vários dos pontos de vista que defendeu em Punta del Este. As estréias do Marechal Costa e Silva e do Chanceler Magalhães Pinto no plano internacional foram plenamente satisfatórias, pois já não existem dúvidas sôbre a diplomacia autônoma que está sendo executada.

● Foi a delegação brasileira que levou o presidente dos Estados Unidos a declarar-se disposto a um esfôrço comum com os demais países americanos na exploração da energia nuclear. O Marechal Costa e Silva havia sugerido essa integração e ficou satisfeito ao receber o apoio do Presidente Johnson.

● Uma ajuda de 30 milhões de dólares será fornecida aos países produtores de café (Brasil, Colômbia, Guatemala, Honduras e Salvador), que voltarão a reunir-se em junho a fim de fixar os pontos comuns de suas reivindicações junto aos Estados Unidos.

● O Departamento de Estado parece agora preocupado com as depressões na economia latino-americana, pela deterioração dos preços das suas matérias-primas. Os países situados abaixo do Rio Grande estão exportando um volume cada vez maior de produtos agrícolas e recebendo um volume cada vez menor de dólares.

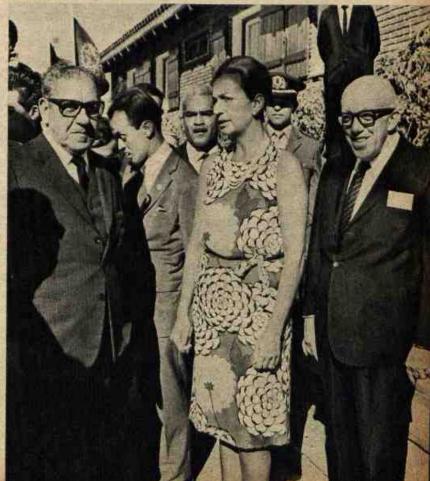
● A diplomacia americana prometeu atuar junto às chancelarias européias no sentido de abrir aos países latino-americanos a possibilidade de tarifas preferenciais temporárias, além de enfatizar o esfôrço a favor de programas de ciência e tecnologia, agricultura, saúde e educação, para caracterizar a chamada Década da Urgência.

● Todos êsses acenos encontraram acolhida na delegação brasileira, que entretanto preferiu sempre sustentar a tese de que a recuperação e o desenvolvimento da América do Sul são problemas dos sul-americanos e que por êles apenas têm de ser resolvidos. Vale dizer: deve contar apenas com a assistência, mas não com a ajuda de Washington.

● O instrumento dessa redenção poderá ser o Mercado Comum, para integrar tôda a economia do Continente, através de um esfôrço de industrialização que compense a queda dos preços dos produtos primários.

● Êsse Mercado Comum ficou inscrito na declaração final dos presidentes, como uma meta a ser atingida nos próximos quinze anos. A declaração não foi unânime porque o presidente do Equador, após pronunciar um discurso ouvido com irritação por seu colega dos Estados Unidos, recusou-se a assiná-la, considerando o documento insuficiente e ineficaz.

O Capitão Ariel e o Major Vale ficaram à porta enquanto os Presidentes Costa e Silva e Stroessner conferenciaram, numa casa chamada Brasília.

O presidente brasileiro cumprimenta o chileno, e com o Chanceler Magalhães Pinto posa ao lado da sua anfitrioa, Sra. Marilene Kipp.

Cem mil brancos e negros se uniram, numa grande demonstração contra a guerra

ÊLES QUEREM A PAZ

Os manifestantes que protestaram dias atrás contra a guerra no Vietnã, num desfile que se iniciou no Central Park de Nova Iorque e terminou diante do edifício das Nações Unidas, na Rua 42, tinham prometido reunir 400 mil pessoas nessa passeata. Mas os jornais locais divergiram nos seus cálculos sôbre a multidão de pacifistas. Para o **World Journal Tribune,** desfilaram 125 mil pessoas diante de 3.500 policiais, que se limitaram a velar pela ordem pública, sem intervir e sem praticar a menor violência. Já o **New York Times,** ainda mais rigoroso em sua estimativa, reduziu a passeata a 100 mil pessoas. E assinalou que, enquanto os manifestantes deblateravam contra a guerra no Sudeste da Ásia, outras pessoas protestavam contra o desfile, atirando-lhes ovos das sacadas dos edifícios.

Reportagem e fotos de SÉRGIO ALBERTO (Do Bureau de MANCHETE nos EUA — Via Varig)

Os manifestantes, concentrados no Central Park, para o protesto contra a guerra do Vietnã. Êles desfilaram, depois, pela Quinta Avenida e Rua 42, com destino à ONU.

Veteranos judeus testemunharam seu apoio ao esfôrço pacifista do reverendo Martin Luther King Jr.

Jovens protestaram contra os pacifistas. O cartaz diz:

As mesmas garantias asseguradas aos manifestantes pela paz foram dadas aos grupos que, nas ruas, defenderam a continuação da longa luta no Vietnã

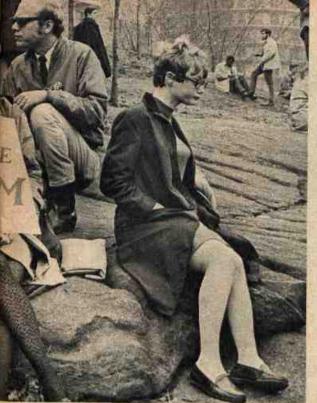
Reconheceu o *New York Times*, no entanto, que essa foi "a maior demonstração pacifista levada a efeito nas ruas nova-iorquinas desde o início da guerra do Vietnã". Três eram as notabilidades que abriam o cortejo: o pastor protestante negro Dr. Martin Luther King Jr., detentor do Prêmio Nobel da Paz; o Dr. Benjamin Spock, famoso pediatra, e o cantor negro Harry Belafonte. Os jovens cantavam: *"Hell, no, we don't go (Pro inferno, não, nós não iremos)*. Isto é, não irão para a guerra do Vietnã. E, na verdade, uma das principais características da demonstração acabou sendo a queima de convocações para a prestação do serviço militar, no Columbus Circle, no canto Sul do Central Park.

Quem viu êsse desfile, como eu, não pode ter deixado de ficar surpreendido com a extrema tolerância das autoridades. Tolerância bem típica da democracia norte-americana. Até o Partido Comunista dos Estados Unidos mandou delegações para o desfile, com cartazes alusivos, e nenhuma violência sofreram as pessoas que os conduziam. Foi total o respeito às opiniões expressadas na manifestação, embora em frontal desacôrdo com a política de Washington. Os registros da imprensa, por seu lado, foram respeitosos e não houve grande jornal que não concedesse largo espaço ao acontecimento em suas primeiras páginas. Aliás, o *New York Times* fêz em quase três páginas o seu registro, acompanhado de numerosas fotografias. Êsse órgão diz que só cinco pessoas foram detidas, porque estavam "promovendo desordens". Três jovens contrários à manifestação ficaram, também, em custódia, quando tentavam fazer subir ao ar uma espécie de balão que reproduzia a estátua da Liberdade.

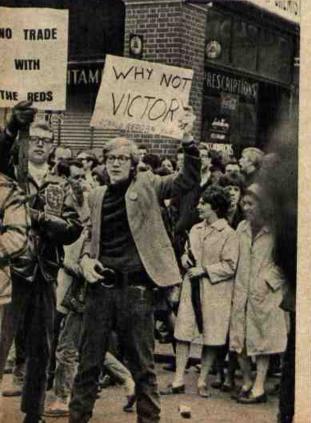
O mais impressionante de tudo é o fato de terem sido desfraldadas, na Praça das Nações Unidas, bandeiras dos vietcongues e do Vietnã do Norte. O Dr. King ali falou sôbre "a necessidade de parar com os bombardeios" e destacou uma comissão de cinco pessoas para levar uma nota ao Dr. Ralph Bunche, subsecretário de Assuntos Políticos Especiais das Nações Unidas, pedindo que "a ONU, de acôrdo com os têrmos de sua carta, violada pelos Estados Unidos, intervenha decisivamente para restaurar a paz". O mesmo jornal diz, ainda, que a manifestação despertou demonstrações em sentido contrário, de muitos jovens, que ficaram nas calçadas, com bandeiras americanas desfraldadas, dirigindo insultos aos pacifistas. Contra êstes foram atirados também cartuchos de tintas, que, quando atingiam o alvo, deixavam as roupas dos manifestantes pintadas de vermelho. Em meio a isso, um rapaz da Luisiânia, que tudo observava, declarou: *"It's a Mardi Gras!"* — o que equivale a dizer "Isto é um carnaval!" — alusão à famosa festa de têrça-feira gorda de Nova Orleãs. Mas para os manifestantes era uma coisa muito séria. Sobretudo para Harry Belafonte, dos mais entusiasmados, que dizia: "Tôdas as guerras são imorais e esta mais do que tôdas."

O Prêmio Nobel Luther King Jr. falou em frente à ONU.

"Obrigado, vermelhos, mas nós preferimos a liberdade."

A delegação do Partido Comunista de Nova Iorque não dissimulou a sua filiação no protesto.

Os manifestantes descendo do Central Park para a ONU. Embaixo, à esquerda, jovens que são a favor da guerra. À direita: uma das delegações negras.

JACQU

rom

John Carl Wernecke, famoso arquiteto, tem sido o par constante da ex-primeira dama americana

DESDE a morte do Presidente Kennedy, existe uma pergunta em todos os cérebros. Jacqueline, môça e bonita, irá se casar ou não? Quando ela aparece duas vêzes, em público, com o mesmo acompanhante, logo surgem rumôres. Se dança, se faz uma excursão, se vai a uma festa, imediatamente romances são imaginados. O fato real é que a opinião pública, debruçando-se sôbre o resíduo romântico que existe em tôdas as almas, deseja que isso aconteça. Seria o casamento do século — a mais sensacional manchete da imprensa mundial, nos tempos modernos.

Neste momento, levanta-se o véu que encobre mais um dêsses romances. A notícia vem do Canadá e foi divulgada pelo jornal **Midnight**, que se publica naquele país. Robert Poole, um dêsses bisbilhoteiros internacionais, é o responsável pelo "furo". Tudo se passou numa boate, tipo hi-fi, em Nova Iorque, e que tem o expressivo nome: Signo da Pomba.

Ali se encontrava Jacqueline e, em tôrno dela, viam-se diversos dos seus familiares: a Princesa Lee Radzwill, sua irmã; Bob Kennedy, seu cunhado; Pat Kennedy, sua cunhada, e o ex-marido dessa última, Peter Lawford. O ambiente era alegre e todos procuravam se divertir. A um canto, o jornalista Robert Poole observava, com displicência, o que se passava na sala.

De repente, porém, um fato chamou-lhe a atenção. Jackie, desde que chegara, só dançara com uma pessoa. E a dança não era formal, cerimoniosa, dessas que se desenvolvem numa atmosfera de cordialidade — natural, mas sem outra significação. Era uma dança de namorados. O par girava pela sala, envolto numa aura de ternura que lhes iluminava as fisionomias.

O jornalista observou, ainda, com atenção, a curiosa figura do cavalheiro. Era alto — um colosso de homem — com um metro e noventa centímetros de ossos e músculos. Quem seria? Era elegante e estava rigorosamente bem vestido. A uma e meia da manhã, embora a festa prosseguisse, aquêle homenzarrão colocou uma capa sôbre os ombros de Jacqueline. O jornalista percebeu que se aproximava a hora da saída. Tinha que identificar o par da ex-primeira dama. Olhou em tôrno e viu Killer Joe Piro, professor de dança de Jacqueline. Correndo ao seu encontro, solicitou que lhe apresentasse sua famosa aluna. A apresentação foi feita e Jackie, virando-se para o cavalheiro que fôra o seu par durante tôda a noite, disse, simplesmente: "Este é um grande amigo meu". E docemente pronunciou-lhe o nome: "John Carl Wernecke." Em seguida, saíram juntos.

Robert Poole sentiu-se ansioso. Quem era John Carl Wernecke? Perguntando aqui e ali, logo descobriu tudo. Aquêle "grande amigo meu", que ela chamava de "Jack" — exatamente o mesmo diminutivo que sempre dera a Kennedy, é um grande arquiteto, com 48 anos de idade, dono de invejável fortuna e excelentemente situado na profissão. Foi o autor do projeto para o monumento, em homenagem a Kennedy, que, neste momento, está sendo construído no cemitério de Arlington.

John Wernecke, arquiteto americano que, segundo se afirma, está noivo de Jacqueline. É rico e tem 1,90 m.

As aparências, às vêzes, enganam e Robert Poole não se satisfizera, apenas, com o que vira. Teria que fazer perguntas. Indagar. Tirar a limpo o que poderia ser uma falsa impressão. Ao lado dêle, estava a Princesa Radzwill, irmã da própria Jacqueline. "Acha possível que sua irmã se case com o Sr. Wernecke, caso seja pedida em casamento?" Foi a pergunta que lhe dirigiu. A princesa sorriu e respondeu: "Minha resposta é sim." E acrescentou: "Eu e Jackie já discutimos êsse assunto muitas vêzes. Ela me confessou que está apaixonada por Jack. Por motivos óbvios, não deseja, porém, que o assunto seja divulgado."

Não longe da Princesa Radzwill, encontrava-se o famoso escritor Truman Capote, amigo íntimo de Jacqueline e de John Wernecke. Capote, interrogado, revelou-se compreensivo: "Aquêles dois, pràticamente, têm tudo em comum. Gôsto pela arte, cultura, paixão pelos esportes e alegria. Adoram estar juntos e cada um gosta das mesmas coisas que o outro. Acredito que se casarão dentro de dezoito meses, no máximo."

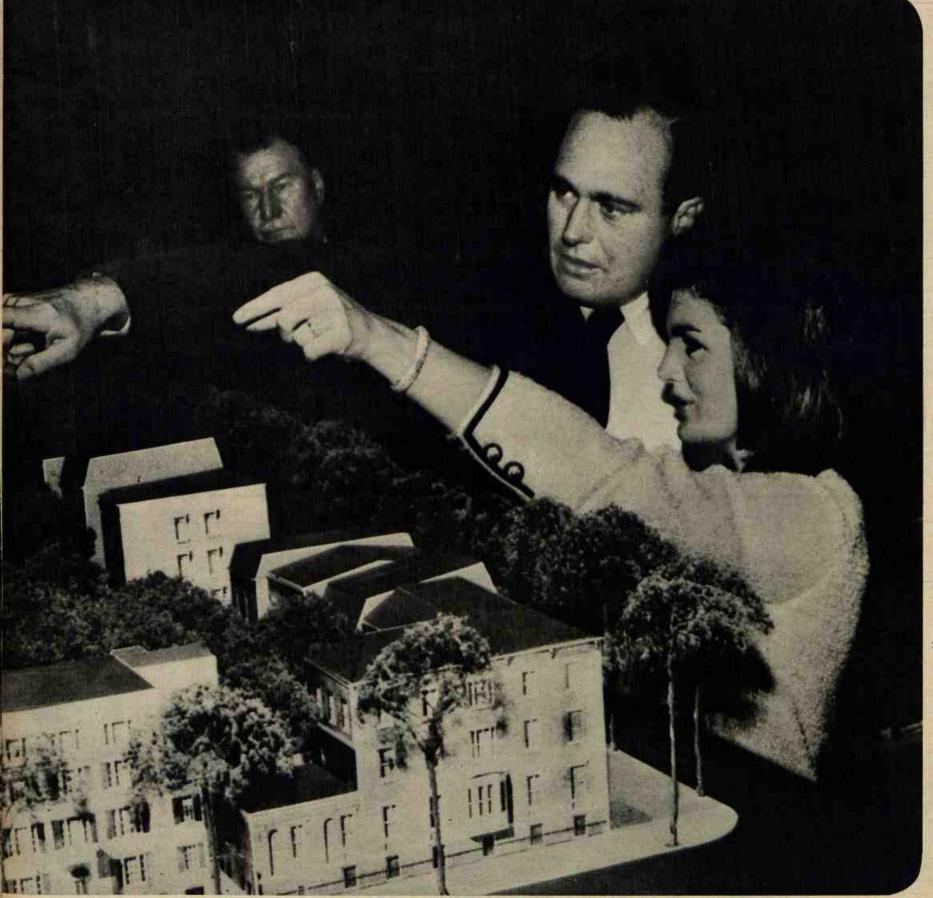
Robert Poole não se deu por vencido. Tinha nas mãos um assunto sensacional. Não iria perdê-lo. Dois depoimentos valiosos já haviam sido colhidos. Poderia, entretanto, ainda ampliar suas pesquisas. Do outro lado da sala, encontrava-se Peter Lawford, ex-cunhado de Jackie e astro de cinema. Lawford, igualmente, não se fêz de rogado: "Jackie é um amor de mulher e Jack Wernecke é um excelente tipo de homem, não acha? Então, porque não chegarão a um acôrdo? Se olhasse na minha bola de cristal, poderia fazer esta previsão — não será surprêsa se, abrindo, brevemente, um jornal pela manhã, você leia esta manchete: "Casaram-se, hoje, Jacqueline Kennedy e John Carl Wernecke."

Tudo isto foi revelado pelo jornal **Midnight**, do Canadá. Os fatos parecem suficientemente eloqüentes para exigir explicações. Qual será a reação da opinião pública norte-americana, levando-se em conta que apenas três anos se passaram desde a tragédia de Dallas? Nos Estados Unidos, porém, diversos inquéritos já foram realizados. O objetivo: justamente o de averiguar se os americanos aprovam ou desaprovam um nôvo casamento de Jackie. Os resultados dêsses **gallups**, entretanto, têm sido desconcertantes. 50 por cento a favor e 50 por cento contra. A opinião pública está dividida. Há os que pensam que Jackie deve continuar a ser a expressão, digna e respeitável, da viúva de um grande presidente. Entre êsses, encontram-se os que, como o colunista Bob Considine, do **New York Herald Tribune**, julgam que ela dificilmente poderá se casar, pois seu futuro marido será "automàticamente o homem mais cordialmente detestado do mundo". E há os que acham que, aos 37 anos de idade, ela tem o direito de refazer a sua vida e de criar um nôvo lar.

Na verdade, o problema não está sendo considerado à luz da verdadeira realidade. O **France-Dimanche**, por exemplo, jornal parisiense especializado na invenção de fantásticos romances, discute o assunto sob diversos ângulos. Se Jackie, realmente, se casar — comenta êsse jornal — a opinião pública não será levada em conta. Será a política. Não resta dúvida que, para o clã dos Kennedys, que se lança à reconquista do poder, a imagem de uma Jacqueline, viúva trágica e digna, pode ser um fator de relevante importância no seio do eleitorado. Por outro lado, existe, ainda, a questão religiosa. E aí — será necessário reconhecer — se ocultam grandes dificuldades. Jack Wernecke é divorciado e possui quatro filhos. Jacqueline, como se sabe, é católica praticante.

De qualquer forma, os dados estão lançados. As opiniões se dividem. Entre tantos pontos de vista antagônicos, porém, cresce o número daqueles que desejam a felicidade da jovem e encantadora viúva e esperam com ansiedade que ela refaça, o quanto antes, sua vida. Nessas condições compete a Jacqueline Kennedy — e tão-sòmente a ela — tomar a grande iniciativa.

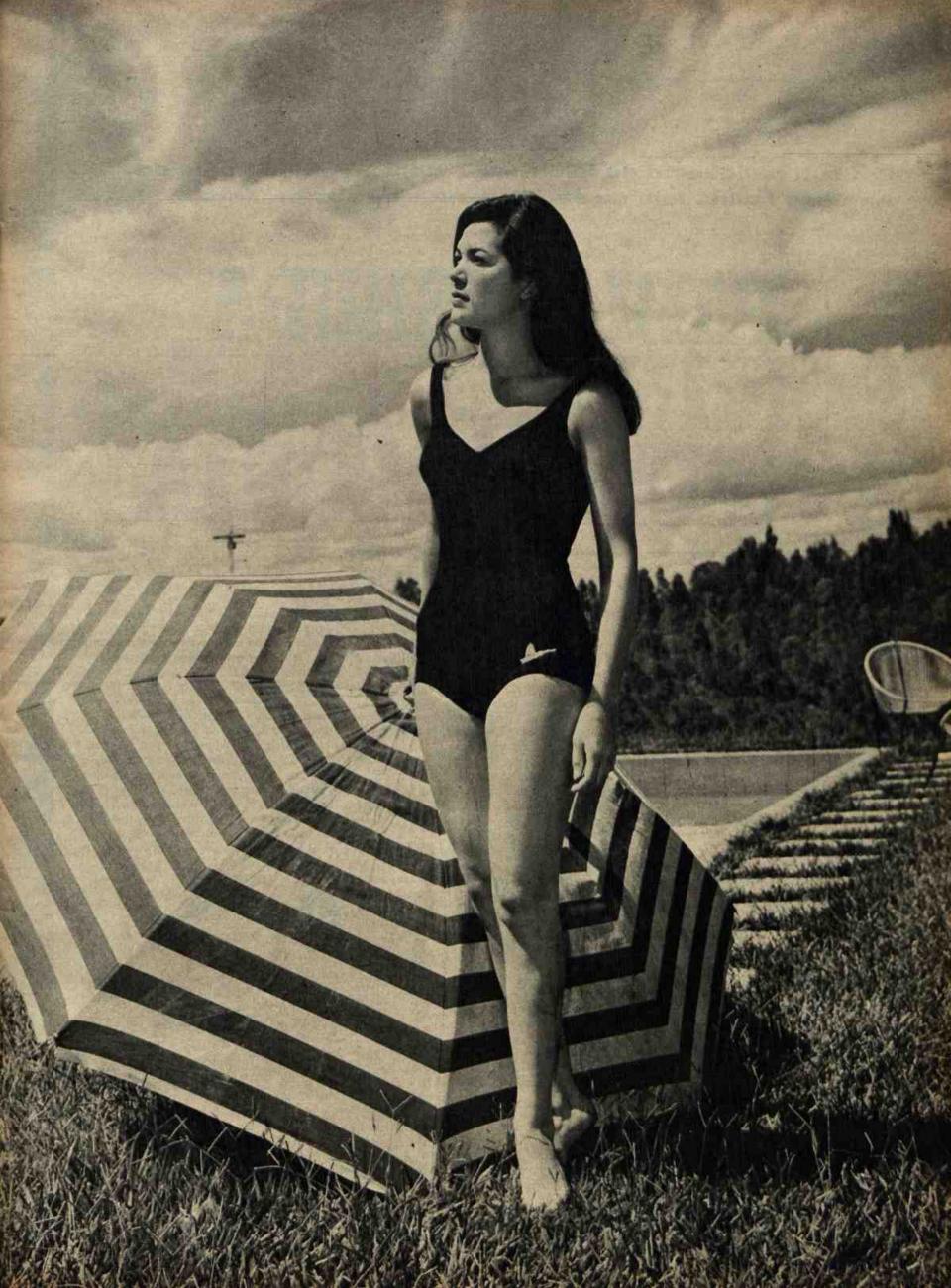
ELINE

ance em Nova Iorque

Wernecke mostra a Jackie a maquete do seu plano de renovação de Washington. Êle é o autor do monumento a Kennedy, em Arlington. **Fotos AP**

VIRGÍNIA NOSSA MISS EM LONG BEACH

Fotos de ESKO MURTO

DESCONFIADA, falando pouco, morena de olhos castanhos, muito simples de vestido azul, Virgínia Barbosa, Miss Minas Gerais-1966 e quarta colocada no concurso Miss Brasil, seguiu para Long Beach, onde disputará o título de Miss Beleza Internacional. Ela se tornou Miss Brasil número 3 a partir do dia da renúncia de Miss Ceará, Franci Nogueira, que preferiu o casamento a uma viagem pelos Estados Unidos. Sempre ao lado do pai, mineiro de Montes Claros que não deixa a filha sair sòzinha (nem para ser fotografada), Virgínia — com um metro e 72, 20 anos de idade — é fã dos Beatles e acha que não é bem uma môça moderna, embora não pertença à Tradicional Família Mineira. Paraibana de nascimento, traz o sotaque inconfundível de Montes Claros (um pouco de mineiro, muito de baiano). Como a quarta colocação não lhe garantia a viagem, ela acha que nenhuma miss até hoje viveu um sonho tão dourado como o seu.

DE UMA CIDADE onde os vaqueiros são reis, Montes Claros, Norte de Minas, Virgínia Barbosa saiu para uma viagem de sonho; descobriu o Rio ao lado do pai, Humberto Barbosa, e treinou ao sol um estilo diferente de beleza para assombrar os jurados de Long Beach. Virgínia Barbosa é a nova Miss Brasil número 3, com muita justiça.

Em sua residência da Isla Negra, Chile, o maior poeta da América Latina fala de seus poemas e seus amôres

PABLO NERUDA 'MINHA LUTA É PELA ALEGRIA'

Entrevista a Abreu Teixeira • Fotos de Hans Ehrmann

PABLO Neruda vive em Isla Negra, uma praia do Pacífico a duas horas de Santiago. Impossível falar do poeta sem falar de sua casa, da grande âncora enferrujada que descansa no jardim, da bandeira azul com um peixe horizontal, desproporcionado, num mastro altíssimo. E o locomóvel, uma espécie de paquiderme de ferro, de chaminé e rodas imensas, bem à sua porta. Ao lado da casa, a biblioteca, comprida, de portas largas e teto de zinco. Neruda passeia comigo em meio dessa coleção rara e para cada uma delas tem uma palavra. Apenas se interrompe uma vez para fazer a pergunta:

— E Tiago? Onde anda Tiago de Melo?

Paramos diante da enorme âncora enferrujada e é o próprio Neruda quem esclarece:

— A âncora chegou de Antofagasta. De algum barco muito grande, daqueles que carregavam salitre para todos os mares. Ali estava, dormindo nos áridos arenais do Norte Grande. Um dia ocorreu a alguém que eu poderia ficar com ela. Está enferrujando. Não importa. É poderosa e calada como se continuasse em seu navio, e não vai desgastá-la o vento corrosivo. Gosto dessa escória que a vai recobrindo com infinitas escamas de ferro alaranjado. Cada um envelhece à sua maneira e a âncora se mantém na solidão como em sua nave, com dignidade.

A casa de Neruda tem o seu pedaço de praia em Isla Negra. No verão, fica repleta de môças e rapazes que não se importam com a corrente de Humboldt e enfrentam suas águas geladas. Então, Neruda emigra para Santiago, num protesto mudo contra os que rompem a solidão de Isla Negra. Agora, no outono, a praia está deserta e o poeta retorna à sua tôsca escrivaninha — um tronco de árvore — bem junto às areias da praia. E fala do mar:

— O oceano Pacífico saía do mapa. Não havia onde colocá-lo. Era tão grande, desordenado e azul que não cabia em nenhuma parte. Por isso, deixaram-no em frente à minha janela. Os humanistas se preocupam com os pequenos homens que o oceano devorou. Mas não falam daquele galeão carregado de cinamomo e pimenta que perfumou as águas no naufrágio. Nem da embarcação dos descobridores, que rodou com seus famintos, frágil como um berço desmantelado no abismo. Não. O homem no oceano se dissolve como um ramo de sal. E a água não sabe disso.

O poeta também fala da areia de Isla Negra:

— Estas areias de granito amarelo são privativas, insuperáveis. (A areia branca, a areia negra, aderem à pele, ao vestido, são impalpáveis e intrusas.) As areias douradas de Isla Negra são feitas como pequeníssimos penhascos, como se procedessem de um planêta demolido que ardeu, longe, lá em cima, remoto e amarelo.

Tento fazer com que o poeta retorne às coisas mais objetivas de sua própria existência. O Prêmio Nobel, por exemplo. É verdade que Neruda espera o Prêmio Nobel, que uma vez os acadêmicos suecos outorgaram à sua conterrânea Gabriela Mistral?

— Quando pelo rádio disseram, repetindo várias vêzes, que meu nome figurava entre outros candidatos ao Prêmio Nobel de Literatura, Matilde e eu colocamos em prática o Plano n.º 3 de Defesa Doméstica. Cerramos com um velho cadeado o portão de Isla Negra e nos apetrechamos com alimentos e vinho tinto. Agreguei algumas novelas policiais e estas perspectivas de enclausuramento. Os jornalistas chegaram imediatamente. Tratamos de mantê-los a distância. Não puderam ultrapassar aquêle portão. O grande cadeado de bronze não é sòmente belo, mas também poderoso. Atrás dêle, rondavam como tigres. A que se propunham? Que podia eu dizer de uma discussão em que só tomavam parte acadêmicos suecos no outro extremo do mundo? Contudo, os jornalistas ali estavam com disposição de tirar água de um pau sêco. Depois, emigraram. Justamente nesse momento, o rádio nos anuncia que um bom poeta obteve o renomado prêmio. Então, Matilde e eu ficamos tranqüilos. Com solenidade, retiramos o grande cadeado do velho portão para que todo mundo continue entrando sem bater às portas de minha casa. Sem anunciar-se, Como a primavera.

DISSEMOS a Pablo Neruda que seus leitores do Brasil querem saber em que trabalha êle atualmente e como vai a poesia. O poeta responde aos arrancos:

— Acabo de escrever um longo poema sôbre a vida de um bandido romântico, cuja lembrança vive na memória dos chilenos: Joaquim Murieta. Os fatos se passam na época do descobrimento do ouro na Califórnia, em meados do século passado. Esta lenda ou esta verdade, que tem elementos poéticos de uma grande tragédia, será posta em cena pelo Teatro da Universidade do Chile, em setembro próximo. Não sei o que vai acontecer, porque não sou um autor teatral, e sim um poeta a quem não interessa outra coisa senão escrever seus versos. Também concluí um extenso livro de poemas sob o título *La Barcarola,* que entregarei à Editorial Losada, de Buenos Aires, para publicação ainda êste ano.

A pequena e feliz família Neruda: Pablo, Matilde e Guau-Guau, cachorrinho de estimação.

"Minha mulher é provinciana como eu. A terra e a vida nos reuniram. Tudo o que escrevo é dedicado a ela."

BEM defronte à porta principal da casa de Isla Negra, está o imenso locomóvel de Neruda, uma antiquíssima máquina a vapor que se empregava nos trabalhos agrícolas, em princípios do século. Dêle o poeta fala com muito carinho:

— Tão poderoso, tão trigueiro, tão procriador e silvador e rugidor e tronador! Trilhou cereais, talhou bosques, serrou dormentes, cortou tábuas, lançou fumo, graxa, chispas, fogo, deu apitos que estremeciam as pradarias. Gosto dêle porque se parece com Walt Whitman.

E por falar em Walt Whitman, o que o poeta Neruda pode dizer de sua última viagem aos Estados Unidos?

— De minha presença no Congresso Mundial do PEN Clube, celebrado em Nova Iorque, ao qual fui especialmente convidado, recolhi uma importante experiência, porque tive ocasião de falar com meus leitores, com os estudantes e com o povo dos Estados Unidos. Também ali, em mesa redonda, expusemos os problemas da América Latina com escritores como Carlos Fuentes, do México, Martínez Moreno y Onetti, do Uruguai, Nicanor Parra, do Chile, Sábato, da Argentina, Mário Vargas Llosa, do Peru, etc. Além disso, conheci muitos jovens poetas e voltei a ver velhos escritores norte-americanos.

Digo a Neruda que gostaria de fazer uma pergunta específica para as brasileiras: o que pensa o poeta da crescente participação da mulher na vida moderna?

— Eu preconizo a igualdade, quer dizer, a alegria. Já sabemos que a desigualdade significa, pelo menos, injustiça. E a igualdade de direitos, de possibilidades, para as mulheres, é parte da luta mundial pela alegria. Não há humanismo sem a participação criadora da mulher no mundo que se está liberando de oxidadas cadeias. Nada está completo se uma mulher não compartilha nossos descobrimentos, nosso mundo, nossa sorte, nossas dores. O pão não está completo, nem a poesia está completa, nem o entardecer está inteiro, se a mulher não está no pão, na poesia, no entardecer, na vida.

Pergunto a Pablo Neruda por sua militância política. Como chegou a ela?

— Eu tinha 16 anos quando troquei a província por Santiago. Na capital me esperava uma mudança total de vida. A universidade e a massa estudantil na qual florescia a agitação do mundo daqueles anos. Era o ano de 1921 e entrei, como se houvesse saído de um longo sonho, na vida sonora de uma juventude rebelde. Predicávamos o apoliticismo e éramos antiburgueses em seu sentido estético e político. Por êsses anos, regressou da União Soviética, que recém-nascia, um chileno extraordinário: Luiz Emílio Recabarren. Sua titânica personalidade mudou a corrente ideológica de minha geração. Em contato com êle, compreendemos que nossos vagos sentimentos deviam ser dirigidos a uma mudança real da vida social na humanidade. A utopia dava lugar à criação de uma sociedade nova, e não duvidamos. Nossa juventude estava preparada para compreender e escolher entre o passado estéril e as possibilidades da plenitude humana. E, jovens estudantes e poetas do ano 1921, compreendemos que tínhamos que nos ligar à causa do povo.

Neruda se volta para o jornalista com o ar de quem vai entrevistá-lo. Insiste:

— Onde anda Tiago de Melo, êsse transformador da alma? Em Santiago não havia um só adido cultural que não tivesse inveja dêle. De seu trabalho, de sua alegria. Tiago, o poeta que canta o selvagem e largo rio Amazonas!

Junto à lareira sempre crepitante — o verão não dura muito em Isla Negra — Neruda firma um autógrafo em seu último caderno de poesias, *Canciones Cerca de Osorno*, e oferece aos jornalistas. Depois, nos acompanha até o portão de cadeado de bronze e de lá mirando o mastro altíssimo de sua bandeira, êle divaga:

— Minha bandeira é azul e tem um peixe horizontal. No inverno, com muito vento e sem ninguém por êstes andurriais, eu gosto de ouvir a bandeira estralejar e o peixe nadar no céu, como se estivera vivo. Perguntam-me porque êsse peixe. É místico? Sim, lhes digo, é o simbólico ictiomin, o precristense, o cisternário, o lucicrático, o fritango, o verdadeiro, o frito, o peixe frito. Nada mais. Mas no mais alto inverno, ali em cima, se debate a bandeira com seu peixe no ar, tremendo de frio, de vento e de céu.

Pablo Neruda entrou pelos caminhos da poesia falando de amor. Foi em 1923, com *Farewell*: *Yo no lo quiero, Amada./ Para que nada nos amarre/ que no nos una nada.*

Cinqüenta anos depois, a mesma voz prodigiosa segue falando de amor. Em seus *100 Sonetos*, aparecidos em 1965, Neruda diz: *Amor, cuántos caminos hasta llegar a un beso,/ que soledad errante hasta tu compañia.*

Meio século de poesia do chileno Pablo Neruda, meio século de amor.

E quantas musas?

Quando lhe fiz essa pergunta, êle sorriu. E recordou que foi a filha de um ferreiro, Blanca Wilson, em Temuco, no extremo Sul do Chile, quem primeiro inspirou sua obra literária. Um de seus companheiros de escola estava perdidamente apaixonado por Blanca e pediu a Neruda que escrevesse algumas cartas de amor.

— Não recordo o que escrevi nas cartas, mas foram elas, talvez, minha primeira obra literária. Certa vez, ao encontrar-me com a colegial, esta me perguntou se era eu o autor das cartas que lhe entregava seu namorado. Não me atrevi a renegar minha obra, e muito encabulado respondi que sim. Então, Blanca Wilson entregou-me um marmelo, que evidentemente não quis comer e guardei como um tesouro. Deslocando, assim, meu companheiro do coração da môça, continuei escrevendo-lhe intermináveis cartas de amor e recebendo marmelos...

Nos primeiros anos da década de 20, Neruda deixa a pequena Temuco e vai tentar a universidade em Santiago do Chile. Ingressa no curso de francês do Centro Pedagógico, mas a poesia continua sendo sua única preocupação. Em 1921, o semanário literário *Claridad* publica em sua primeira página uma poesia completa de Neruda: *La Canción de la Fiesta*. Dois anos depois, em 1923, vê surgir o seu primeiro livro, *Crepusculário*, com o famoso poema *Farewell*. Era o tempo do amor ardente da adolescência: *Amo el amor que se reparte/ en besos, lecho y pan.*

Em 1924, Pablo Neruda concluiu os *20 Poemas de Amor y una Canción Desesperada*. Êle rompe com tôda uma tradição estética e fala do "corpo de mulher, brancas colinas, músculos brancos". Para os críticos, é o livro que constitui o núcleo central de tôda a obra do poeta. Para os enamorados de todo o mundo, a melhor obra de Pablo Neruda, e para os editôres, que no ano passado comemoraram a edição de um milhão de exemplares, o seu livro mais vendido.

Puedo escribir los versos más tristes esta noche.

Pensar que no la tengo. Sentir que la he perdido.

Pergunto a Neruda qual a musa inspiradora dos *20 Poemas de Amor y una Canción Desesperada*. Sentado junto ao seu mar de Isla Negra, êle responde:

— Me perguntam sempre qual é a mulher dos 20 poemas, coisa difícil de responder. Duas ou três que se entrelaçam nesta melancólica e ardente poesia correspondem, digamos, a Marisol e a Marisombra. Marisol é o idílio da província encantada, com imensas estrêlas noturnas e olhos escuros como o céu molhado de Temuco. Ela figura com sua alegria e sua vivaz beleza em quase tôdas as páginas, rodeada pelas águas do pôrto e pela meia-lua sôbre as montanhas. Marisombra é a estudante da capital. Boina cinza, olhos suavíssimos, o constante olor a madressilva do errante amor estudantil. O sossêgo físico dos apaixonados encontros nos esconderijos da cidade.

Ya no la quiero, es cierto, pero tal vez la quiero.

Es tan corto el amor, y es tan largo el olvido.

OS *20 Poemas de Amor* reafirmaram o êxito que Neruda tivera pouco antes com sua jóia, o *Farewell*. Tôdas as portas se abriram ao poeta, inclusive as do Ministério das Relações Exteriores, do Chile, cujo chanceler decidiu oferecer-lhe um consulado de pouco

Neruda escreve num tronco de cedro, diante do mar.

trabalho, para que o jovem Neruda pudesse escrever mais. Em junho de 1927, êle partiu para a Birmânia, levando no bôlso a nomeação de cônsul do Chile en Rangun. Nessa viagem, como o próprio Neruda conta, seus olhos se enredam nos olhos de uma passageira:

— Deixei de ver o mundo e o monótono Atlântico para só contemplar os olhos largos e escuros de uma jovem brasileira, infinitamente graciosa, que subiu ao barco no Rio de Janeiro, com seus pais e seus dois irmãos. Aquêles olhos escuros, que só ao passar se enredavam com os meus, duraram muito tempo em minha lembrança.

Na Birmânia, Neruda se encontrou com o colonialismo, e aos seus olhos surgiu a desolação de um povo submetido. Começou êle então a transformar a sua poesia, antes hermética e voltada para si mesmo, numa "obra de comunicação, clara e combatente", como dizem seus críticos. *Residencia en la Tierra* é o início dessa transformação. Em Rangun, Neruda conheceu uma nativa, Josie Bliss, que, apesar de seus costumes ocidentais, levou o poeta a defrontar-se com uma realidade selvagem e misteriosa. Como êle ainda hoje recorda, Bliss era uma espécie de pantera birmana, e inspirou boa parte do cancioneiro *Residencia en la Tierra.*

— Acho que devia ter continuado sempre junto a ela. Sentia ternura por seus pés desnudos, as brancas flôres que brilhavam sôbre sua cabeleira escura. Mas seu temperamento a levava a um paroxismo selvagem. Sem razão nenhuma, tinha ciúmes e aversão às cartas que me chegavam do Chile, aos telegramas — que me escondia — ao ar que eu respirava. Às vêzes, eu despertava à noite com a luz acesa e acreditava ver uma aparição atrás do mosquiteiro. Era ela, vestida de branco, brandindo seu largo punhal indígena, afiado como navalha de barba, passeando por horas em redor de minha cama sem decidir-se a matar-me. Com isso — é o que me dizia — terminariam seus temores. No dia seguinte, preparava curiosos ritos para assegurar minha fidelidade.

O poeta conta que um dia decidiu-se "a escapar da pantera birmana", e, mal o navio começou a sacudir-se, êle se pôs a escrever um de seus mais famosos poemas, *Tango de Viudo*, segundo êle, "trágico pedaço de minha poesia dedicado à mulher que perdi e me perdeu, porque em seu sangue apaixonado crepitava sem descanso o vulcão da cólera": *Oh Maligna, ya habrás hallado la carta, ya habrás llorado de furia, / y habrás insultado el recuerdo de mi madre / llamandola perra podrida y madre de perros, / ya habrás bebido sola, solitaria, el té del atardecer / mirando mis viejos zapatos vacios para siempre / y ya no podrás recordar mis enfermedades, mis sueños nocturnos, mis comidas, / sin maldecirme en voz alta como si estuviera allí aún / quejandome del trópico, de los coolies corringhis, / de las venenosas fiebres que me hicieron tanto daño / y de los espantosos ingleses que odio todavía.*

Mas a pantera birmana não se deu por vencida e outra vez voltaria aos braços de Neruda:

— Inesperadamente — conta o poeta — meu amor birmano, a torrencial Josie Bliss, voltou à minha casa. Havia viajado até Ceilão, desde o seu longínquo país. Como pensava que não existia arroz senão em Rangun, chegou com um saco de arroz às costas, com nossos discos favoritos de Paul Robeson e com um longo tapête enrolado. Desde a porta da rua, observou um pouco e logo insultou e agrediu a quanta gente me visitava, consumida por seus ciúmes devoradores, ao mesmo tempo em que ameaçava incendiar-me a casa. Nossa existência era impossível, e um dia, enfim, partiu.

Daría este viento del mar gigante por [tu brusca respiración
Oida en largas noches sin mescla de [olvido,
Uniéndose a la atmósfera como el [látigo a la piel del caballo.
Y por oírte orinar, en la oscuridad, [en el fondo de la casa,
Como vertiendo una miel delgada, [trémula, argentina, obstinada.

As musas chegam e saem da vida do poeta. Em 1930, cônsul do Chile na Indonésia, enamora-se da holandesa Maria Antonieta Agennar Vogelzanz, com quem se casa. Em 1934, nasce sua filha Malva Marina, que morreria aos 8 anos. Em 1936, em Madri, em plena guerra civil, conhece a argentina Delia del Carril, irmã do famoso ator e cantor Hugo del Carril. A guerra, o fascismo, a Espanha em sangue transformam-no num poeta combatente, e com sua poesia participa do drama espanhol. O assassinato de García Lorca, amigo e companheiro, vai ligá-lo definitivamente à causa do povo. A Embaixada do Chile, em Madri, por determinação de Neruda, abre suas portas a centenas de exilados. Um grande presidente chileno, Pedro de Aguirre Cerda, apóia o trabalho do poeta em favor dos perseguidos da Espanha. Contudo, Neruda continua falando às suas musas: *Hoy, copa de mi amor, te nombro apenas, / título de mis días, adorada, / Y en el espacio ocupas como el día / Toda la luz que tiene el universo.*

Vai começar para êle um grande período de combate. Sua paixão é a terra, e seus temas o homem, o tempo, as cidades, o litoral e as vinhas. Não olha mais para o céu, esquece as estrêlas e se ocupa do homem. De seu suor e de seu sangue: segunda e terceira *Residencia en la Tierra, Las Furias y las Penas, Canto General.* Uma poesia que, não sendo política, sem cheiro de manifesto, é combatente.

Nos primeiros anos da década de 50, na cidade do México, quando varava mundo acossado pelo Sinistro (o ex-presidente chileno Gonzales Videla), Neruda conheceu Matilde Urrutia, uma sua compatriota do extremo Sul, Chillan, terra famosa pelos terremotos e pelas mulheres vulcânicas. Então, não por acaso, nascem *Los Versos del Capitan*, e Neruda volta ao amor: *Yo te he nombrado reina. / Hay más altas que tu, más altas. / Hay más puras que tu, más puras. / Hay más bellas que tu, hay más bellas. / Pero tu eres la reina.*

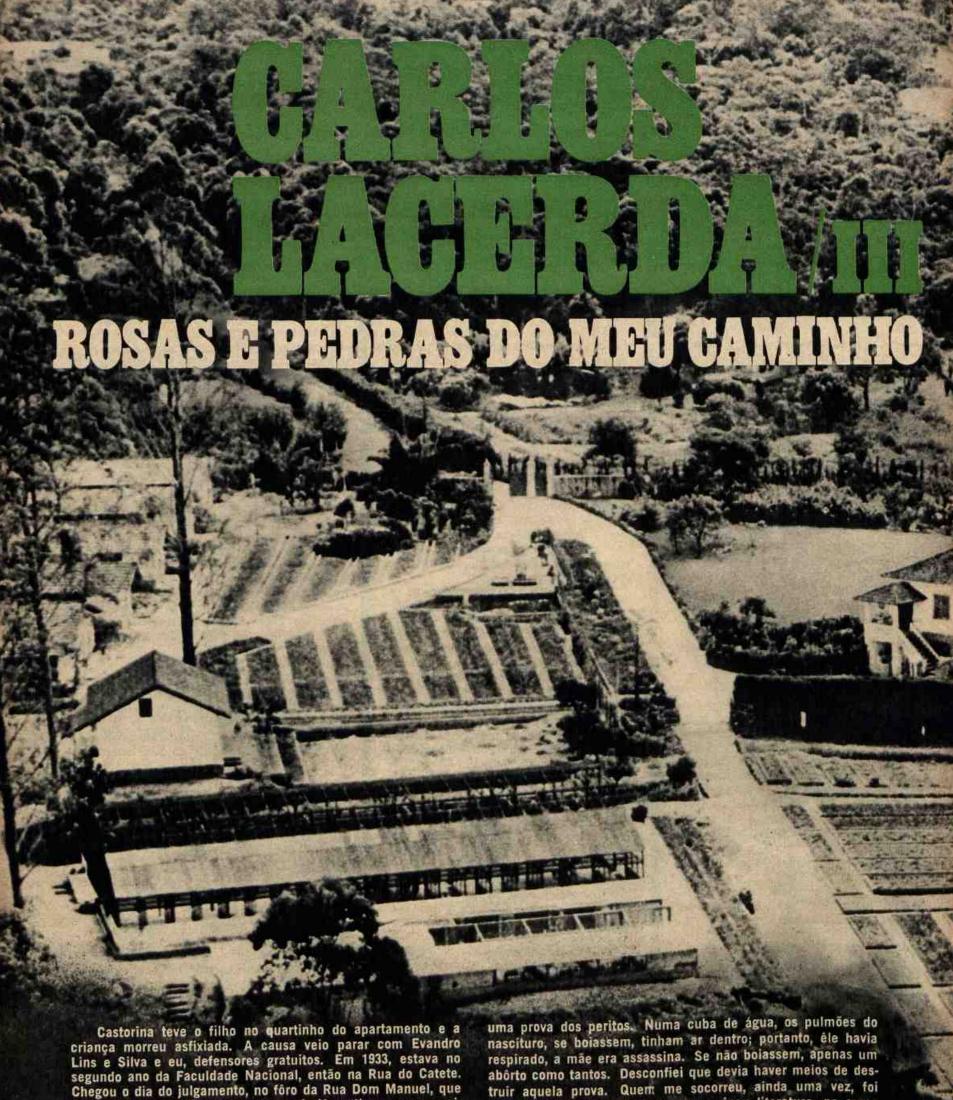
Já não era, então, como dizem seus críticos, o enamorado romântico, o poeta de uma *Canción Desesperada*, mas o vate de depurado ofício: *Antes de mi no tengo celos. / Vén con un hombre / a la espalda, / vén con cien hombres en tu cabellera, / vén con mil hombres entre tu pecho y tus pies, / vén como un río / lleno de ahogados / que encuentra el mar furioso, / la espuma eterna, el tiempo! / Tráelos todos / adonde yo te espero: / siempre estaremos solos, / siempre estaremos tu y yo / solos sobre la tierra / para comenzar la vida!*

Em outubro do ano passado, na presença de uns poucos amigos, Neruda casou-se com sua conterrânea de Chillan. E é o próprio poeta quem a apresenta agora aos leitores de MANCHETE:

— Minha mulher é provinciana como eu. Nasceu numa cidade do Sul, famosa por sua cerâmica camponesa e por seus terríveis terremotos. Ao falar para ela, lhe disse em meus *100 Sonetos de Amor*: *Vienes de la pobreza de las casas del sur, / de las regiones duras con frío y terremoto / que cuando hasta sus dioses rodaron a la muerte / nos dieron la lección de la vida en la greda. / Eres el pobre Sur, de donde viene mi alma: / en su cielo tu madre sigue lavando ropa / con mi madre. Por eso te escogí, compañera.*

NERUDA continua falando de sua musa: — Talvez estas linhas definam o que ela significa para mim. A terra e a vida nos reuniram. Embora isso não interesse a ninguém, somos felizes. Dividimos nosso tempo com longas permanências na solitária costa do Chile. Algumas vêzes, subimos do selvagem e solitário oceano para a nervosa cidade de Santiago, na qual juntos padecemos com a complicada existência dos demais. Matilde canta minhas canções com voz poderosa. Eu lhe dedico tudo quanto escrevo. Não é muito, mas ela está contente. Agora, vejo-a enterrando os sapatos minúsculos no barro do jardim, e logo enterra também suas minúsculas mãos na profundidade da planta. Da terra, com pés e mãos e olhos e voz, trouxe para mim tôdas as raízes, tôdas as flôres, todos os frutos flagrantes da sorte.

CARLOS LACERDA/III

ROSAS E PEDRAS DO MEU CAMINHO

Castorina teve o filho no quartinho do apartamento e a criança morreu asfixiada. A causa veio parar com Evandro Lins e Silva e eu, defensores gratuitos. Em 1933, estava no segundo ano da Faculdade Nacional, então na Rua do Catete. Chegou o dia do julgamento, no fôro da Rua Dom Manuel, que para Evandro não tinha segredos, pois já praticava com o criminalista Romeiro Neto. Levantei-me, as mãos frias. Não me lembro do rosto obscuro de Castorina, mas não esqueço o seu ar alheio a tudo aquilo, como se fôsse outra Castorina. Entrei pelo social adentro. Disse que a sociedade havia condenado à prostituição seis mil mulheres, total registrado pela polícia na Zona do Mangue. Como tantos estudantes daquele tempo, conhecia a Zona do Mangue, onde viveu Castorina, que depois passou para lugares mais caros, tinha um fraco pela cultura universitária e um dia "ateou fogo às vestes".

Saber se foi Castorina que asfixou a criança dependia de uma prova dos peritos. Numa cuba de água, os pulmões do nascituro, se boiassem, tinham ar dentro; portanto, êle havia respirado, a mãe era assassina. Se não boiassem, apenas um abôrto como tantos. Desconfiei que devia haver meios de destruir aquela prova. Quem me socorreu, ainda uma vez, foi mestre Afrânio Peixoto, que nos ensinou literatura, no curso anexo à faculdade. Lá estava, na sua Medicina Legal, a relação de muitas provas que se podem fazer para apurar se um recém-nascido respirou. Desfiei a lista:

Prova métrica, de Daniel e Bernit. E descrevi como era. Prova hepática de Butner — e tome descrição. Prova cardiovascular. Prova ótica ou aditiva, de Wreden-Wendt. Dava a ésses nomes a ênfase correspondente. Prova radioscópica de Bordas. Prova química de Zaleski. Castigava na pronúncia. Prova estática de Ploucquet. Prova ótica ou docimásia visual,

Manchete
exclusivo

"...começou um período em que descobri a vida rural, numa fazenda de verdade."

CARLOS LACERDA

Prova docimásia histológica, de Balthazard e Lebrun. Prova gastrointestinal ou docimásia de Breslau. Provas de Icard, ótica, hidrostática e química. Docimásia de Daniel, com dupla pesada. Pneumo-hepática de Orfila. Pneumocardíaca de Puccinotti.

E outras! E outras, senhores jurados! Mais de 22! E só se fêz uma, a dos pulmões boiando!!! E tome autor em cima dos jurados. Muitos ressaltam que, com tôdas as provas feitas, é perigoso afirmar com segurança. Castorina teve o filho na vergonha e no desespêro. É uma das muitas empregadas sem lugar para o amor e a família. Terá ou não, no mêdo e na dor, asfixiado involuntàriamente a criança que lhe descia pelas pernas? A acusação não tem testemunhas nem confissão. Tem uma cuba de água e dois pulmões — e basta?

Carlos e Letícia Lacerda, em 1938, quando nasceu Sérgio. Nesta ocasião, residiam em Ipanema.

Senhores jurados, Castorina depende da vossa certeza sôbre uma prova que os entendidos, os mestres, consideram apenas uma, quando mesmo tôdas juntas são precárias.

Castorina foi absolvida. Evandro falou, como sempre no júri, muito bem. (Até hoje, provecto ministro do Supremo Tribunal, não devolveu o 1.° volume das orações forenses de Berryer, que ficaram incompletas na minha estante.) Êsse Berryer já dizia: "O gênero de eloqüência dos povos jovens reveste caráter diferente do que observamos. As artes e as ciências começam a fazer sentir os seus efeitos. A eloqüência já se apóia nos fatos. Para chegar ao coração, ela tomará os caminhos da observação do que ocorreu, da previsão do que acontecerá." Eis uma lição que os autores de discursos alheios, muito numerosos hoje, devem aprender. Já é tempo. O homem disse isto em 1838.

Magarinos Tôrres, apóstolo do júri, da cadeira da presidência me animava com o olhar. Na saída, o Promotor Carlos Sussekind de Mendonça, que pràticamente pediu a absolvição da ré, me abraçou mas deu um conselho: "Nunca cite estatísticas sem quebrados. Seis mil mulheres no Mangue, ninguém acredita." "Mas é o que está registrado oficialmente na polícia!" — "Não importa. Na próxima vez, diga 6.456, todo mundo crê." Lembrei-me muito disso ao ler o Plano de Ação Econômica do Govêrno (PAEG) Castelo Branco. Números quebrados, com antecedência de dez anos. Sussekind tinha razão...

Em Vassouras, um ladrão roubou o promotor. Eu passava uns tempos com meu pai, que era prefeito, em 1933, e acabava de descobrir a delícia torturante do namôro pelo telefone. Impedido porque era o queixoso, o promotor foi substituído por um advogado encantador, o fino e espiritual Miranda e Horta, com o qual eu tomava umas cachaças ligeiras no café do Mandaro. Com o mesmo ímpeto com que acabava de escrever uma tese, *Educação e Latifúndio*, impingida a um Congresso de Educação em Petrópolis e outro em Campos, enumerei os objetos roubados: duas colchas, um leque, uma caixa vazia, um alfinête de gravata... Senhores jurados: isto vale a liberdade? O ladrão, manso e macio, saiu livre. No dia seguinte, no trenzinho da Linha Auxiliar, o promotor também ia viajar para o Rio. Um alegre caixeiro-viajante saudou-o e perguntou: "Aquela pretinha que vai na 2.ª classe é sua empregada?" "É, disse o promotor, estou levando para nossa casa do Rio." "Puxa, quase lhe roubei ela, minha mulher vive me amolando pra arranjar uma aqui!" O promotor olhou duro para mim e respondeu ao cometa: "É natural, aqui agora se rouba todo mundo e não acontece nada!"

Depois foi em Santa Teresa, Rio das Flôres de hoje. Meu primo Nestor Barbosa me pediu para defender um motorista de caminhão que matou não sei quem. O motorista foi absolvido. A seguir, foi em Valença. Quatro colonos, irmãos. Os quatro estavam na sala do tribunal, na sede da prefeitura, onde o antigo Ministro Oliveira Figueiredo, valenciano, doou a sua biblioteca, com a velha *Revue des Deux Mondes*, encadernadinha, mais uma parte da biblioteca francesa de Guizot, que êle arrematou em Paris e eu cataloguei nas horas vagas, estudando as preferências dos consulentes, que certamente não eram pelos livros de Guizot. Meu concunhado Osvaldo Fonseca comandou a defesa. Os réus eram magros, fracos, amarelos. O capataz provocava todo dia, os homenzinhos se acovardaram, êle tripudiou, os quatro se juntaram e acabaram com o homem a pau.

O latifúndio entrou no debate, a socialização da propriedade, o destino do cristianismo, etc. Ganhei uns queijos de Minas e um jacá de galinhas, presente dos quatro colonos magros, fracos, amarelos.

Mas quando Letícia foi ter nosso primeiro filho, em 1938, na Santa Casa de Valença, ganhei mais. Osvaldo, calmo, lógico, experiente, entrou com o jôgo forense. O motivo do crime era uma môça bonita e risonha com a qual, poucos anos antes, eu dançava nos bailes do Clube 31 de Março, de Santa Teresa. Casou-se com um fazendeiro que deu para beber e brigou com o cunhado pela causa do costume: o inventário do sogro. Maltratou muito a môça, que afinal fugiu da fazenda numa charrete e foi se asilar na do irmão casado. Uma tarde o marido montou a cavalo e foi buscá-la. Ao vê-lo, as mulheres se apavoraram. O irmão foi ao encontro do cunhado no terreiro da fazenda. Começou uma discussão, um a cavalo, outro a pé. O irmão agarrou-se às rédeas do cavalo e acabou com o cunhado a tiros.

Desta vez o que entrou na arenga foi o divórcio, o drama dos mal-casados, os deveres da fraternidade, o antagonismo social colono — capataz. E um a cavalo, outro atirou de baixo para cima a pé. A balística, etc. Vêde, senhores jurados! Com a absolvição, no dia 12 de dezembro, ganhei 500 cruzeiros, com os quais paguei o quarto da Santa Casa em que meu primeiro filho nasceu, no dia de Natal, daquela môça que deu jeito na minha vida. Aqui terminam minhas atividades de rábula criminalista. Pois já não era estudante e nunca fui bacharel.

Nem por isto participo do horror ao bacharel que se apossou dos brasileiros, como se o maior de todos não fôsse senão o bacharel Rui Barbosa. Gosto do advogado que resolve, não do que cria as dificuldades. No entanto, haverá homem mais necessário ao Brasil do que o incômodo e admirável bacharel Sobral Pinto? Tenho um acôrdo com êle, para não me escrever cartas. Tôda carta que me escreve, êle começa lembrando que está violando o acôrdo, porém.

Conclui, certo ou errado, que as causas que mais interessam não dão para ganhar a vida e as que dão dinheiro são, pelo menos, monótonas. Se é para advogar causas grandes, porque não preferir grandes causas? Preferi ser advogado de todos — até dos que tantas vêzes me condenam. Mas tenho muito respeito pelo jurista que se incumbe de pôr ordem na liberdade, sempre que não a sufoque em nome da ordem. Na Câmara, um dia, com aquêle ar insolente que êle tem de ser amável, Aliomar Baleeiro insistiu para que eu voltasse à faculdade, inclusive para aprender com êle, que lecionava Finanças. Então, eu era seu líder na bancada da UDN. O líder do PTB, Fernando Ferrari, estudava com êle na faculdade, que então cursou. Baleeiro talvez tivesse razão.

CL, em 1936, foi obrigado a refugiar-se da polícia política. Era, então, acusado de comunista.

rosas e pedras do meu caminho

Mas era longo contar porque deixei a faculdade.

O motivo imediato foi a revolução comunista de 35. Mas creio que tenho tendência, há quem não se canse de lembrar, para mudar de assuntos sem sair do tema. É um excesso de interêsse por tudo, uma curiosidade insaciável. Assim aprendi a tratar com especialistas e técnicos sem ser uma coisa nem outra. Meu trabalho consiste em entendê-los com relativa facilidade, de modo a saber quando estão certos, ou não, no que fazem ou propõem. E desconfiar dos medalhões, que são primos dos charlatães; ainda prefiro êstes últimos, ao menos são mais divertidos. Gosto de saber o essencial de tudo. Os pormenores deixo aos outros. É preciso deixar alguma coisa aos outros... O segrêdo de fazer muita coisa não é entender de tudo, é se interessar pela razão de ser de cada coisa. E aprender a mais necessária das técnicas, que é a de pensar. Não a conheço bem. Mas, francamente, pelo que tenho visto, até que sou um técnico razoável. O último sestro dos que procuram não reconhecer que tenho razão, quando isto ocorre, consiste em dizer que é impossível discutir comigo porque ganho mesmo sem razão. Isto afaga a vaidade, mas não é verdade. A minha vaidade só se satisfaz com a verdade.

Em matéria de aprender, tive desde cedo idéias caprichosas. Aritmética, por exemplo. Não sei, até hoje, extrair uma raiz quadrada e a cúbica, então, é uma ficção científica. Mais depressa me interesso logo pela Astronomia, sôbre a qual comprei uns livros elementares e uma luneta alemã para ver a Lua. Mas, a luneta é pouco. Pretendo visitá-la pessoalmente, quando ela começar a receber representantes de países em desenvolvimento. Trato com distante cerimônia as frações, não saberia distinguir a própria da imprópria. Minha incapacidade resistiu aos mais sinceros desejos de reconciliação, tentada por meu primo Hugo Melo Matos de Castro, engenheiro da Mogiana, que me abrigou em sua casa de Uberlândia, quando a polícia fechou no Rio o *Jornal do Povo*, onde trabalhava. No dia do *habeas corpus* para o jornal poder circular, nas vésperas da eleição à Constituinte de 34, chegaram ao tribunal as informações da polícia, sublinhando na coleção do jornal os trechos de comunicados do PCB, seção brasileira da IC, e do CC da região, que alertavam a FJC e o CCPP contra os fracionistas trotskistas, denunciavam a defecção dos zinovievistas e renegados bukarinistas contrários ao glorioso camarada Dimitroff, ao ainda mais glorioso camarada Stálin e às resoluções do Bureau Central, ratificadas pelo Presidium do glorioso PC da URSS. Viva, viva, viva, abaixo, abaixo, abaixo. O Juiz José Duarte, relatando o processo, folheou as informações e disse: "Isto é briga entre êles." Enquanto distraíamos os funcionários com as piadas do Barão de Itararé, o venerável humorista Aporelly, diretor ostensivo do jornal, ali presente, um rapaz do CC da Seção Regional do PCB da IC, apelidado de Baby Face porque era homem feito com cara de garôto, sublinhou a lápis vermelho,

Maurício de Lacerda em 1922. Dois anos após, no govêrno de Bernardes, êle seria levado às prisões.

além do que a polícia já assinalara, tudo quanto era notícia do jornal: *Faz anos hoje o Prefeito Pedro Ernesto. Falta água no Catumbi.* O juiz-relator impacientou-se e disse: "Não vejo mal nenhum nessas notícias!" Foi concedido o *habeas corpus.* Mas a polícia também se impacientou, varejou a tipografia onde íamos, tôda madrugada, paginar o jornal; e começaram as prisões.

Em Uberlândia conheci uma linda menina que me fazia atravessar tôda a cidade até a ladeira em que ela morava, onde ia tomar café com bolinhos de fubá mimoso, feitos pela mãe que também adorava a filha. O engenheiro me emprestou um livro sôbre as graças e encantos da Matemática. Mas preferi a môça — e os bolinhos. Por isto não sei multiplicar número que tem muito zero. Ponho ou não ponho no resultado todos os zeros do multiplicando e do multiplicador? Cautelosamente começo a multiplicar por 10, depois por 100, ouso a chegar a 1000, até conseguir o resultado. Peço a outro pra conferir; geralmente está errado. Nas alturas de 1930, no Ginásio Pio Americano, fui apresentado a uma tábua de logaritmos. Creio que mais depressa entenderia uma estela de hieróglifos. Não me gabo; mas acontece a qualquer família ter um filho que prefere, aos da Matemática, encantos mais tangíveis.

Já com a Gramática, as queixas são recíprocas. É um caso de incompatibilidade de gênios. Escrevo de ouvido, como toco no piano os primeiros acordes da ária do Guarani: "Sinto uma fôrça indômita." Forçado, para passar no exame, a fazer a anatomia de umas estrofes dos Lusíadas, pareceu-me que estava eviscerando o poeta. Na gruta de Camões, em Macau, o ano passado, pedi desculpas ao seu busto, enquanto uns chineses jogavam caxangá em chinês. Afinal, Camões não fêz os Lusíadas para desemburrar meninos e sim para inspirar um povo. Eis tôda a diferença entre alfabetização e educação.

Na Geografia fiquei em casa, isto é, estamos quites; contanto que não me obriguem a desfiar, pela ordem de entrada em cena, os afluentes do Amazonas ou as nascentes do Ganges.

Na História, em que mergulhei, nunca me interessaram datas e batalhas. Tôda batalha, no fundo, é igual, o que interessa é saber quem ganhou — e para quê. Todo general que vence é heróico, todo vencido que morre, também. Sôbre quem é vencido e não morre, é que variam as opiniões. São os grandes escritores que fazem as grandes batalhas, como a que Churchill descreve em Ondurman, na *Minha Mocidade*, por mim traduzida, e que é como um quadro colorido e repleto de vida, ou por outra, de mortes. Às vêzes o vencedor da batalha é o próprio escritor. Então se chama Júlio César. Meu avô Sebastião contava a estória do menino que não sabia nada, mas acertou quando o examinador perguntou: "Qual foi o fim de Carlos I?" — "Não foi bom." — "Porquê?" — "Porque fim de rei, quando se pergunta, é porque foi ruim."

Do Latim só tirei um proveito, conhecer o Professor Cândido Jucá, filho, primeira pessoa que vi assinar o nome de filho com minúscula, o que me pareceu uma notável inovação. Eutrópio, o da *Epítome*, não precisou se incomodar por minha causa. Associei-o com heliotrópio, uma flor. Fixei-me na frase *puella cantabat et dansabat;* agradou-me a idéia das meninas dançando e cantando, e a gente a decliná-las suavemente. Mas, porque havia de ser em latim? Entendo muito bem a reação de Churchill, menino, quando o professor disse que *mensa* é o vocativo de mesa — *ó mesa!* — e êle estranhou: "Mas eu não falo com a mesa!"

Os gramáticos, com boa vontade a gente consegue entendê-los, embora êles se desentendam. O que não entendo é como se pode ser gramático-amador. Quando saiu minha tradução de *Júlio César*, de Shakespeare, um baiano inteligente mas ranheta quis fazer comigo o que Carneiro Ribeiro fêz com Rui Barbosa; na briga dos baianos, o primeiro levou com a *Réplica* na cabeça. Mas, prefiro aprender Rui a aprender Gramática. Gostei, sim, de ler alguma coisa da *Crestomatia Arcaica*, os *Cantares de Dom Diniz*, essa língua arcaica que é a do povo de outrora, seu recado através dos séculos. Um desconhecido também me escreveu apontando vários cacófatos na tradução. E Camões que dizia: "Alma minha gentil que te partiste?" E Filinto Elísio: "Lá trinam as aves"?...

O que me apaixona é a história das palavras, símbolo e sons, história de muitos mundos, o de cada povo, o de cada tribo ou povoado, a gíria e a língua erudita, como se formam, se expandem, decaem na bôca do povo e renascem na dos artistas. Cada palavra é parte de um sistema, sol e outras estrêlas, tudo sofrendo a erosão pelo uso e a invenção pela necessidade. Procuro aprender com os escritores que renovam o

nosso instrumental; no Brasil, Machado de Assis, Monteiro Lobato, Mário de Andrade, o difícil Guimarães Rosa, Gilberto Amado — que tem um raro aprêço pela palavra exata; em Portugal, os clássicos, que só se tornaram clássicos quando passaram a ser lidos cerimoniosamente, como certas pessoas passam a virtuosas depois que ninguém as quer; e ùltimamente, Fernando Pessoa e Aquilino Ribeiro, o autor de *Quando ao Gavião Cai-lhe a Pena*. Um dia hei de promover um recital de Fernando Pessoa, por gente que saiba ler para gente que saiba escutar. *Ah, o Grande Cais donde Partimos em Navios — Nações!* Não é só porque minha filha o adora, é porque — bem, ela me deu um curso de Fernando Pessoa e eu fiquei tão pedante que me atrevi a ler alto a *Ode Marítima* a Amália Rodrigues, êste ano, aqui em casa. Quando Amália canta, tudo pode acontecer. Um dia lhe pedirei para cantar em grego, e todos vão entender. A não ser nessas condições, acho difícil gostar das línguas mortas. Não gosto da morte, em geral. Não só porque é triste, também porque dá certa encabulação, como se quem fica tivesse mêdo daquele que vai perguntar: porque eu e não você?

"A revolta do Forte, tida como um episódio na história dos golpes, mudou o rumo do País.

Não gosto das línguas mortas, pela mesma razão que não gosto de ver as pessoas mortas. Quando vi o primeiro defunto recebendo visitas na sala da Rua Alice, tive uma impressão que sempre se repete. O morto tende a julgar com severidade os sobreviventes. A alguns pergunta, entre uma coisa e outra: "Que veio fazer aqui?" Aos que demoram pouco, interpela: "Já vais?" A outros, estranha: "Há quanto tempo não te via!" Desculpa-se com as pessoas importantes: "Não precisava se incomodar!" Já vi um morto dizer a um sujeito com o qual tinha contas a ajustar: "Agora é que você me aparece!" No meio da noite, os vivos começam a se preocupar uns com os outros — *devia se deitar um pouco, tome ao menos um cafèzinho* — enquanto o morto, que passa para segundo plano, espera a hora de o livrarem daquele constrangimento. Já houve quem lembrasse a raça esquisita dos que têm inveja do morto porque é o dono da festa. Os que morrem nôvos sempre me dão pena. Por mais que os animemos com a promessa do paraíso, ninguém sabe se leva o enderêço certo, ao passo que a vida, sabemos como é; e é boa.

Há pessoas, porém, que nascem para sofrer e, por isso, não se importam de morrer. São as que mais pena me dão, porque não sabem o que a vida vale quando se descobre que a melhor razão de viver é viver. Aos 20 anos cortei o pulso para acabar com a vida, porque tudo parecia acabado. E aí, tudo começou. Tudo o quê? Tudo. As pessoas sem imaginação não entenderiam. Mas é para as outras que escrevo. Não escapei sòmente a atentados dos outros, senão também ao que cometi eu mesmo. Penso que escapei porque encontrei boas razões para viver. São tantas que dariam para várias vidas. Gosto da vida que Deus criou. O trabalho não é um castigo, é um treino para a bem-aventurança. Não lhe peço o que desejo, mas simplesmente o que Êle me queira dar. E me tem dado tanto que fico sem saber se é modéstia ou orgulho dizer. Mas, nem tudo é para ser contado, como fêz certa poetisa, da qual Cecília Meireles e eu ríamos tanto, na salinha junto do elevador do *Diário de Notícias*, sede da *Página de Educação*, em 1931. Era uma dama recatada que declarava dedicar todos os versos ao marido, um senhor calvo e tranqüilo. Não sei como se sentia ao ler: "Provaste meu corpo. Disseste: é capitoso."

As pessoas de muita idade me dão ainda mais pena dos que não morreram antes delas, pois freqüentemente os velhos carregam consigo a chave da casa, por assim dizer, o centro do sistema que por antiguidade presidem, e todos ficam ao relento, na rua da amargura; começam as brigas, quem se visitava por causa do velho passa a ignorar os almoços de família. Os velhos acham que são inúteis porque são velhos. Mas, quando morrem, os moços só se habituam a dispensá-los quando por sua vez envelhecem.

Em resumo: o mistério da morte não é, para mim, figura de retórica. Desde cedo me convenci de que um dia Deus nos deixará decifrá-lo. Mas, não tenho pressa. Por mim, a charada pode esperar.

Por essas e outras considero com pouca melancolia e muita curiosidade o espetáculo dos que se apegam demais a certos triunfos momentâneos e gemem ao menor sinal de vicissitude ou percalço. A vitória me faz tanto bem como a derrota, pois se a primeira me pacifica, a segunda me estimula. Nenhuma me faz perder a cabeça porque, afinal, vitoriosos ou vencidos acabamos sempre perdendo o corpo inteiro. E o que fica não é o que se ganha, é o que se dá.

Nem todos pensam assim. Para dar um exemplo mesquinho: já vi gente perder eleições e atribuir ao meu apoio a sua derrota; e gente ganhar com o meu apoio e pelas mesmas razões atribuir a si mesma a sua vitória. O cômico é que todo mundo sabe quais são — menos os próprios. É como se saíssem de casaca — com a braguilha aberta.

Fêz-se um grande bem traduzir, embora mal, os *Caractères*, de La Bruyère, publicados com o pseudônimo de Luís Fontoura, em 1936. Estava refugiado da polícia como comunista, na casa de meu primo Heitor Monteiro Espínola, então diretor de Sêlo, no Ministério da Fazenda, e simpatizante do integralismo. Nessa casa em Santa Teresa, num remanso de carinho, vivi alguns meses. Do terraço nos fundos, via o Catumbi e a Zona Norte, as luzes piscando; e ali dei aulas de Francês aos filhos do Heitor; e um seu cunhado, dentista da Fôrça Pública do Paraná, me tratava os dentes com uma broca movida com o pé, na qual pedalava enquanto eu gemia — e pedia que os arrancasse para não doerem mais. Era um pouco como aquêle meu companheiro de escola que foi tratar umas complicações dolorosas; enquanto o urologista o fazia sofrer, murmurava: "Não conto, não sei, não confesso." Treinava para o dia em que fôsse hàbilmente interrogado, como se diz.

Os editôres do La Bruyère que massacrei eram dois italianos antifascistas, Petracconi e Tamagni, os primeiros intelectuais italianos que conheci. Um, depois

"Um capitão de engenharia levantou o batalhão e aderiu à revolução paulista. Começou a marcha da coluna de revoltados. Prestes, barbado, foi o herói daqueles meus dias de protesto e de esperança.

se alistou, em 1936, na Brigada Internacional, na guerra da Espanha. Haviam fundado a Editôra Athena e, comigo, em 1934, uma Associação Antifascista num sobrado da Rua Teófilo Otôni. A associação tinha tantas correntes quantos italianos a ela se filiaram. Levamos serões inteiros só discutindo os estatutos. Os comunistas ficaram em minoria e, por isto, liquidaram-na, isto é, deixaram de pagar o aluguel do sobrado.

Já havia passado da idade em que escrevia tudo em letras de pauzinhos, aos cinco anos, e do caderno de caligrafia, no qual a babá domava entre pautas os meus chucros garranchos; tinha oito anos quando chegou à Rua Alice a notícia de que o Forte de Copacabana estava rebelado. Ouvi os estrondos no longe, os táxis da esquina tiveram muitos fregueses, as pessoas iam e vinham na calçada, os desconhecidos se falavam, como formigas, baixinho, apressados. Logo de tarde, tudo voltou à calma. As formigas se recolheram, ao anoitecer a rua se acendeu, os namorados vieram, como de costume, sentar na cantaria da grade do jardim de Iaiá. O Forte de Copacabana, que até hoje se nega a deixar de ser uma fortaleza para ser alguma coisa mais útil à segurança nacional, um grande hotel atrás e um museu-escola na frente, a 5 de julho de 1922 fêz o que pôde. Chegou a acertar uma bruta mecha na tôrre do Ministério da Guerra, nesse tempo mais baixinha, lá na Praça da República.

Será por isto que a altura dos prédios de Copacabana é regulada pela linha de tiro das fortalezas que ocupam o lugar de dois hotéis de turismo, um no Leme, outro no Pôsto 6, cada um dos quais pode render ao Brasil milhões de dólares por ano? Individualmente, cada um concorda. Coletivamente, ninguém. E essa *paúra* que deu nas pessoas de dizer a verdade aos militares, nascida do mêdo e do inconfessado desapreço que têm por êles, precisa dar vez a uma linguagem franca de quem não menospreza nem tem mêdo de ninguém.

No Govêrno Jânio Quadros, em 1960, o hoteleiro Conrad Hilton insistiu em fazer um hotel, com museu militar, salão Caxias, baile internacional em benefício das obras sociais do Exército, etc., na ponta do Arpoador. O Presidente Jânio, a quem falei, disse que aprovava, mas me pediu para obter a concordância do ministro da Guerra. O Marechal Denis, como eu esperava, concordou. O Coronel Heitor de Caracas Linhares foi incumbido de tratar do assunto. Mas o comandante da Artilharia de Costa achou ruim. Nada feito. É que, parece, se para uma guerra internacional o forte não serve mais, e não serve mesmo, para golpes é considerado excelente. Ao menos para ser tomado, como fêz no golpe de 64 o valente Coronel Montanha, que saltou de um táxi e conquistou a fortaleza com uma tapona, vários palavrões e um (1) revólver. Até para guerra civil tenho dúvidas fundadas, pois ao sairmos no *Tamandaré*, na chuvosa manhã de 11 de novembro de 1955, os dois fortes, o do Leme e o de Copacabana, atiraram em vão. Na volta, o Almirante Pena

"Apertei a mão do Presidente Artur Bernardes, apesar de tudo o que êle nos fêz sofrer. Tínhamos em comum a noção do dever."

Bôto fêz questão que o cruzador passasse rente à praia, com todos os alto-falantes de bordo tocando o *Cisne Branco*, o hino lírico dos marinheiros; mas já havia ordem de não atirar. Quando passamos pela Fortaleza São João, escondida no morro, visto apenas pelo lado do mar, havia um sinal de bandeiras que o Almirante Sílvio Heck me deu a espiar no seu binóculo. As bandeiras, enfileiradas, compunham a frase: VIVA A MARINHA. Mas o General Lott, ministro da Guerra, chefe do golpe legalista, já mostrara que tinha maioria; e tôda a questão se resume numa contabilidade cívico-militar: quantos tanques você tem? E você? Poucos, mas quero brigar. Não faça isso, pense na família! Somados os tanques, recolhem-se todos e começam os almoços de confraternização, após os quais se encerra o expediente, e se dá partida à decepção. É isto que se tem chamado de revolução. O principal herói dos golpes no Brasil é o telefone. Creio que por isto é que a Light é tão admirada e foi tão beneficiada pelo golpe de 64, a ponto de lucrar mais em três anos do que em 30. E sem aumentar de um centavo o capital de seus acionistas, fêz o maior banco de investimentos — só com o lucro dêsses três anos de govêrno "revolucionário".

Em 1922 não foi assim. Os rapazes da Escola Militar brigaram para valer. E os 18 do Forte, depois de mandarem embora quem quiser, repartem a bandeira nacional em pedacinhos, cada qual leva um retalho junto ao peito. Seu comandante, Euclides Hermes da Fonseca, o Xiru, é prêso quando vai parlamentar com o govêrno. Êles não querem bombardear a cidade inùtilmente. Estão perdidos, a turma do muro garante a vitória ao govêrno de Epitácio Pessoa. Então, para deixar um exemplo, uma semente de protesto, êles saem pela Avenida Atlântica, como estavam, um sem perneiras, outro de dólmã desabotoado, um de fuzil, outro de revólver. No caminho, um môço gaúcho chamado Otávio Correia, que dizem rico e solteiro, entusiasma-se e, de chapéu, paletó e gravata, como se fôsse para uma festa, junta-se aos moços fardados que caminham para o sacrifício.

Na esquina de Hilário de Gouveia, dizem lá em casa, mais de mil soldados do govêrno começaram a atirar. Os nossos caíram na areia, mortos uns, como o Tenente Carpenter, e o paisano Correia, feridos outros, como o Tenente Eduardo Gomes. Siqueira Campos, que sobreviveu, veio a morrer no acidente de avião no Uruguai, quando preparava, com o bravo e sentimental João Alberto, em 1930, a frente entre os "tenentes", a juventude militar e os comunistas, que afinal desistiram, a união com a dissidência da oligarquia política, chefiada por Getúlio Vargas na Aliança Liberal, que era uma frente amplíssima.

Depois do massacre da Avenida Atlântica, o Presidente Epitácio Pessoa foi visitar os feridos no hospital. Junto à cama de Newton Prado, gravemente ferido, comentou: "Tanta bravura mal empregada!" O môço cuspiu, virou-lhe as costas e pouco depois morreu. A filha de Epitácio Pessoa, hoje num convento, dá uma versão diferente. Newton Prado teria dito: "São coisas da vida, Sr. Presidente." E morreu.

De tudo isto parecia não ter ficado nada, a não ser um longo poema de circunstância, publicado no *Correio da Manhã* e atribuído a Olegário Mariano. Colecionei recortes, fiz um álbum com a fotografia famosa dos 18 caminhando pelo asfalto junto à areia. Há pouco tempo o Brigadeiro Eduardo Gomes revelou que os 18 do Forte eram 12. Porque nunca disse antes? — perguntou-lhe Afonso Arinos. "Porque nunca me perguntaram."

A revolta do Forte, que na ocasião passou como um episódio a mais, na longa história dos golpes e intentonas, mudou o rumo do Brasil. Acirrou-se, por um lado, a reação da oligarquia que o domina. Aperfeiçoaram-se os processos de contrôle policial, de domínio político, de sufocação econômica pelo processo de encolhimento do Brasil, ùltimamente tão bem sucedido. Deu-se ênfase ao complementar, que é a moralização dos costumes políticos, etc., menosprezou-se o principal, que é a consolidação nacional no plano cultural e econômico. Mas a semente do protesto germinou. Nunca mais o Brasil se conformou, por muito tempo, com a continuidade da inércia e o êxito da mediocridade.

Sôlto, meu pai ficou em casa de meu avô, na Rua do Leão, onde a polícia não ousava ou não quis ir buscá-lo. Como um bicho enjaulado, êle andava de um lado para outro, subia e descia a escada, desinquieto; e eu subia e descia com êle a tôda hora. Até que exclamou: "Pára, meu filho! Que menino agitado!"

Da tensão do Rio me afastaram. Começou um período em que descobri a vida rural, numa fazenda de verdade, não uma chácara de mangas, a fazenda de minha tia,

CARLOS LACERDA

Reunião da UDN, ao ser fundado o partido, em 1945. Aparecem Flôres da Cunha, João Machado, Raul Fernandes, Otávio Mangabeira, Virgílio Melo Franco e José Augusto. Em pé, atrás, Odilo Costa Filho.

a Forquilha, depois vendida ao Sr. Vicente Meggiolaro.

Nem tudo na fazenda era vida rural. Fizemos um teatro, onde fui empresário, autor, ator, ensaiador, ponto e tudo mais. Dancei no palco, com minha irmã, o tango que aprendemos no Uruguai, em 1930, *La Cumparsita*, caprichada, armei cenários, apanhei os lírios do brejo, com que enchi o palco para o bailado das primas esvoaçantes; e meus primos mais velhos, o pacato "tio" Sílvio, com sua filharada, que adorava, e o João, o padrinho de crisma que escolhi, de quem outro dia não ousei me despedir porque prefiro conservar a imagem do belo galã, modêlo de todos nós, que êle era, animavam com um dinheirinho para comprar os pertences e acessórios.

Fundei também um jornal manuscrito, *O Forquilhense*, exemplarmente cabotino, misto de manifesto e fôlha humorística, em tôrno do qual surgiram brigas, risos, amôres. Organizamos — tão numerosos éramos — dois times de futebol. Cheguei a jogar regularmente, descalço ou de botinas, até encerrar minha carreira, já míope e confinado ao gol, quando o Terezense, enxertado com jogadores do Rio, vazou sete vêzes as nossas traves. No campo inimigo, junto do Fôro, defronte da prefeitura, pela qual lutavam o meu padrinho João, na oposição, e o Coronel Ladislau Guedes, chefe do partido governista e empreiteiro da estrada estadual, ao entrar o sétimo gol, de pênalti, um sujeito antipático que ficou encostado na trave me disse: "Menino, quem foi que disse que você é goleiro?"

Assim passei aquêles tempos, agitados e densos, entre uns meses e outros de vadiagem no colégio, na relativa paz da nossa Verona rural, onde aprendi muito sôbre a vida. "Fora de Verona o mundo não existe", diz Shakespeare em Romeu e Julieta. "Na bela Verona, onde armamos o nosso cenário."

Mas longe dessa vida agro-hipo-lítero-dançante-sentimental, progrediam os resultados do levante do Forte de Copacabana. Numa carta de 1923, meu tio Fernando escreve a meu avô:

"O Maurício prossegue de fato na sua duvidosíssima faina de querer endireitar os politiqueiros do Brasil. São todos homens barbados que se afizeram às tricas e futricas em que se chafurdam, para seguirem as trilhas mais limpas. Penso que o só caminho a seguir pelos que não pactuam com êsses descritérios seria a abstenção, se acaso não representasse talvez uma falta de ânimo indigna da idade e da têmpera de Maurício."

Fernando passou, mais tarde, da abstenção ao comunismo.

Artur Bernardes veio de Minas, eleito presidente. Minha mãe tinha levado meu irmão para comprar uma roupa na A Capital, dos irmãos Carvalho, do meu muito querido Lauro de Sousa Carvalho, renovadores do comércio carioca, criadores da loja de varejo moderno, na Avenida, esquina de Ouvidor. De repente, uma zoada na rua levou todo mundo à sacada. O cortejo do presidente eleito apontava na Avenida. E tôda ela zumbia, rugia, silvava, vaiando Bernardes. Cuspiram-lhe no carro aberto, gritaram-lhe impropérios, a polícia impotente e o povo triunfante. Os 18 do Forte, na Avenida Rio Branco, já não eram 12, eram milhares. Nilo Peçanha, até então tido por hábil político, à moda tradicional, transfigurou-se no candidato da Reação Republicana, que meu pai levou para as ruas. Maurício era utilizado pela oligarquia, na dissidência que então se abriu, mas nem ela o estimava nem êle a poupou. Sua palavra era um protesto nôvo, que alteava o tom e dava às mofinas querelas um ritmo de revolução. O Partido Comunista fôra fundado a 25 de março de 1922, mas consistia num grupo de intelectuais sem maior expressão, e um grupo de líderes sindicais ainda influenciados pela tradição anarco-sindicalista portuguêsa, italiana e espanhola.

Meu pai introduzia no debate político a questão social que Leão XIII trouxera ao mundo em 1891, depois de Marx em 1848-49, mas em têrmos atualizados e positivos, em vez de têrmos polêmicos do marxismo — embora tolhidos por não lhes poder dar sentido de organização política. Só os ateus e os fariseus, êstes mais numerosos do que aquêles, se espantam com a recente encíclica de Paulo VI, que é o desenvolvimento lógico da *Rerum Novarum*. O Presidente Artur Bernardes encarnava a ordem constitucional, mais do que isto, a ordem dominante. O seu estilo autoritário não era do gôsto dos políticos, cevados no jeitinho e na manemolência. Mas engoliam-no, porque era o condestável da salvação do que havia de estático, de imóvel, de estagnante na vida nacional.

Aos meus olhos, Bernardes era o anti-Cristo. Conspirava-se por tôda parte. Dona Nuta Bartlett James, filha de Vitorino Monteiro, imprimia clandestinamente e conseguia fazer distribuir um jornalzinho revolucionário, *O Cinco de Julho*. Agora tudo conspirava, tudo passava a boatos. A boataria que atormentava o govêrno mobilizou uma polícia requintada na delação e na violência. Na Chácara do Comércio, um grupo meio estourado convenceu tio Fernando a deixá-los armar ali uma conspiração de opereta, cheia de idealismo, mas vaga e desatinada. Meu avô, já doente, nada via de anormal na casa, sempre cheia de moços, de visitas e hóspedes, num vaivém constante pelo qual eu transitava, transido e tenso, aprendendo pelos olhos e pelos ouvidos. Certa madrugada, Rosalina — aquela que meu tio Chapot-Prevost operou em 1905, viu pela veneziana do sobrado estranho movimento em volta da casa. Na meia-luz da manhãzinha, vultos amarelos cavavam trincheiras, uma ambulância militar estava junto do depósito das mangas, havia fuzis e armas ensarilhadas sob as árvores, as fardas cáqui do Exército tomavam posição. Rosalina despertou a casa. Era o cêrco militar para prender os conspiradores. Dizia-se, no Rio, até que o Capitão Chevalier descia de avião no terraço da casa, um recorde de boato. Um oficial apresentou-se e o ministro do Supremo foi recebê-lo à porta da sala de visitas. Trazia ordem de revistar a casa. "Depois que me matar" —, disse o ministro. O oficial hesitou, começou uma negociação difícil, meu avô não cedia, até que alguns rapazes fugiram pelo morro e outros resolveram se entregar.

A indignação nacional contra o estado de sítio, que durou todo o quadriênio de Bernardes, traduzia-se por tôda parte em anedotas e conspirações. Em 5 de julho de 1924, estoura a revolução de São Paulo, chefiada pelo General Isidoro Dias Lopes. Mas as grandes questões nacionais resolviam-se em valsa lenta para piano, cartas de recomendação, conversas de banqueiros internacionais que vinham fiscalizar as finanças nacionais. E a interminável parolagem da

politicagem, que sobrevive a todos os golpes, e dura até hoje.

Os presos amontoavam-se nas cadeias, eram mandados para Clevelândia, perto da Güiana, onde muitos morreram de febres, e para a ilha da Trindade, quando não ficavam na "geladeira", ou morriam, como o negociante Conrado Niemeyer, defenestrado na Rua da Relação por policiais. Nosso vizinho João Daudt Filho subia no muro que separava da nossa a sua casa na Rua Alice, antes de ir para o laboratório em que fabricava o Bromil, a Saúde da Mulher e a Pomada Boro-Borácica. Fazia comigo como o tronco de árvore em que o gato nôvo afia as unhas: "O Bernardes é que é presidente! Mete a canalha na cadeia! Presidente batuta!" Podem imaginar o trôco que eu dava. Minha mãe me ralhava: — "Não se diz isto a uma pessoa mais velha!" "Mais velho, mas sem-vergonha!" E tome desafôro na Pomada Boro-Borácica. Êsse bom gaúcho, que deixou um simples delicioso livro de memórias, pioneiro do anúncio comercial no Brasil antes do desembarque das agências americanas de publicidade, pirraçava assim mas gostava de mim e eu dêle, a vida tôda.

Na esquina, o Massaruca, um motorista italiano, comprou depois um táxi Studebaker "tomara que chova", de capota dura, que era o nosso orgulho, como se fôsse da família, que nunca teve automóvel. Meu irmão servia de ajudante e fazia as corridas com êle; por isto estava informado de tôdas as estórias da rua: o deputado paulista que tinha um amor lá em cima, a costureira que ia experimentar o vestido da embaixatriz, o casal de pazes feitas na curva da Travessa Fernandina, hoje Rua Mário Portela. E as estórias, do repertório particular do Massaruca, que começavam tôdas assim:

— Chovia...

Sempre chovia nas estórias do Massaruca, como na peça de Somerset Maugham. Acho que chovia nas suas estórias porque dia de chuva é de muita freguesia. O Massaruca fêz ponto na esquina da Rua Alice mais de trinta anos. Quando morreu, por volta de 51, fiz a *Tribuna da Imprensa*, que acabávamos de fundar, inaugurar na fachada do café da esquina uma pequena placa em memória do motorista que cumpre os seus deveres como um estadista deve cumprir os seus.

Quando, mais tarde, em 42, Letícia chamava o Massaruca para levar o menino ao médico, êle contava a estória favorita, a do dia em que meu pai saiu da prisão, eleito vereador:

— Chovia...

Meu pai ficou prêso dois anos e quatro meses, a partir de 1924, sem processo, interrogatório, defesa ou acusação definida. Passou de cadeia em cadeia, da Casa de Correção para a ilha do Bom Jesus, daí para o Quartel dos Barbonos, depois sede da Polícia Especial. Ali lhe deram uma injeção que infeccionou, êle quase morreu: quando parecia agonizante foi permitido, mediante empenho, que minha mãe e nós lhe fizéssemos uma visita à guisa de despedida. O cartão do Ministério da Justiça dizia: *uma* visita. Sobreviveu, porém, e foi para a Casa de Saúde São Sebastião, onde ficou prêso sob vigilância, até que meu avô morreu, acabou o dinheiro e êle não pôde pagar o hospital, apesar da amizade e boa-vontade do diretor, o Dr. Simões Correia. Foi então para um quarto em cima da cozinha do quartel da Polícia Militar na Rua São Clemente. Íamos visitá-lo, não, íamos suar em família, era um forno. Depois, para o quartel-general do Corpo de Bombeiros. O prêso ficava de pijama sempre limpo, sempre escanhoado, lendo, lendo, lendo, rabiscando comentários na margem branca dos livros. Eu chegava, tagarelava, filava umas frutas, depois ia para o parque, onde andavam loucos mansos e operados convalescentes. Voltava para casa, *seu* Daudt no muro: "O Bernardes é que é batuta!" — e eu dizia quem era o batuta. "O pirralho é dos bons", dizia êle satisfeito. Bom era êle, pois esta era a sua forma de me fazer desabafar aquela mágoa, aquela aflição.

O exército batia continência a Bernardes, que encarnava a Constituição e as leis. O General Santa Cruz era chamado o Rapa-Côco, o General Potiguara recebeu uma bomba pelo correio, a encomenda postal estourou, levou-lhe um braço. A moeda estava firme, o estado de sítio garantia a normalidade aparente, que era a mediocridade real. Seguro de sua autoridade, guardava-se distância do povo, salvava-se a pátria da anarquia. Era a sincera convicção do presidente, a ela serviu com irrepreensível coerência.

Isidoro saiu de São Paulo para a cidade não ser mais bombardeada. Em Santo Ângelo, um capitão de engenharia levantou o batalhão e aderiu à revolução com um manifesto de fundo positivista: "A ordem por base e o progresso por fim." Chamava-se Luís Carlos Prestes. Começou a marcha da coluna de revoltados que recebeu o nome do seu comandante. Juarez Távora, Osvaldo Cordeiro de Farias, Filinto Müller, e os que morreram, e outros que depois conheci, como Trifino Correia — que me deu um pente de balas de um fuzil da coluna —, levaram pelo Brasil a revolução, isto é, a ânsia de reforma e de progresso, que hoje têm, ambas, um só nome: desenvolvimento. Prestes, barbado, foi o herói daqueles meus dias de protesto e esperança.

Lá em casa, com a morte de meu avô, meu pai prêso e outras dificuldades, acabou o dinheiro para o colégio. O Grande Oriente do Brasil, através do nosso prestimoso vizinho, que tinha uma filha chamada Nereide, pagou minhas roupas e algumas mensalidades escolares. Quando governador, compareci a duas sessões públicas da maçonaria, houve quem estranhasse, não entendi porquê.

Foram os dias de nossa pobreza envergonhada, essa em que as mulheres entram em pânico com a idéia de não pagar uma conta. Minha mãe começou a levar as jóias de família ao prego; o anel que foi da tia Laura, o presente de Iaiá, a pulseira do casamento. Uma a uma. Escondia dos filhos, mas criança sabe tudo. Vi pela primeira vez as "cautelas" do Monte-Socorro, com as quais se pagava o colégio e se reforçava a pequena pensão da Marinha, do pai Caminhoá, da qual vivia minha avó, Delmirinha, que sustentava o casarão. Depois, o montepio de meu avô Sebastião ficou para sua irmã. E a tia Vinoca, míope, baixinha, piscando sempre os olhos pequeninos, generosamente pagou o Pio Americano para mim.

Crescia em nós a revolta. A pátria, a meus olhos, tornou-se uma criatura a salvar, literalmente amada e idolatrada. Os políticos, com raras exceções, viviam dos empregos que arranjavam, conseguindo votos, fazendo-se favores uns aos outros para sustentar a curriola. Os remediados, ainda mais do que os pobres, quando os filhos chegavam à idade de trabalhar, saíam atrás de um empenho, uma carta de apresentação. Os pobres, êsses, não tinham relações, portanto não se empregavam, alugavam-se. "Você o que sabe fazer, rapaz?" "Qualquer coisa." — o que significava *coisa nenhuma*. "Tem carteira de eleitor?"

A pátria tornou-se a Dulcinéia de um Quixote de calças curtas. Até naqueles brinquedos grotescamente heróicos, em que arrumava dois baralhos como dois reinos ri-

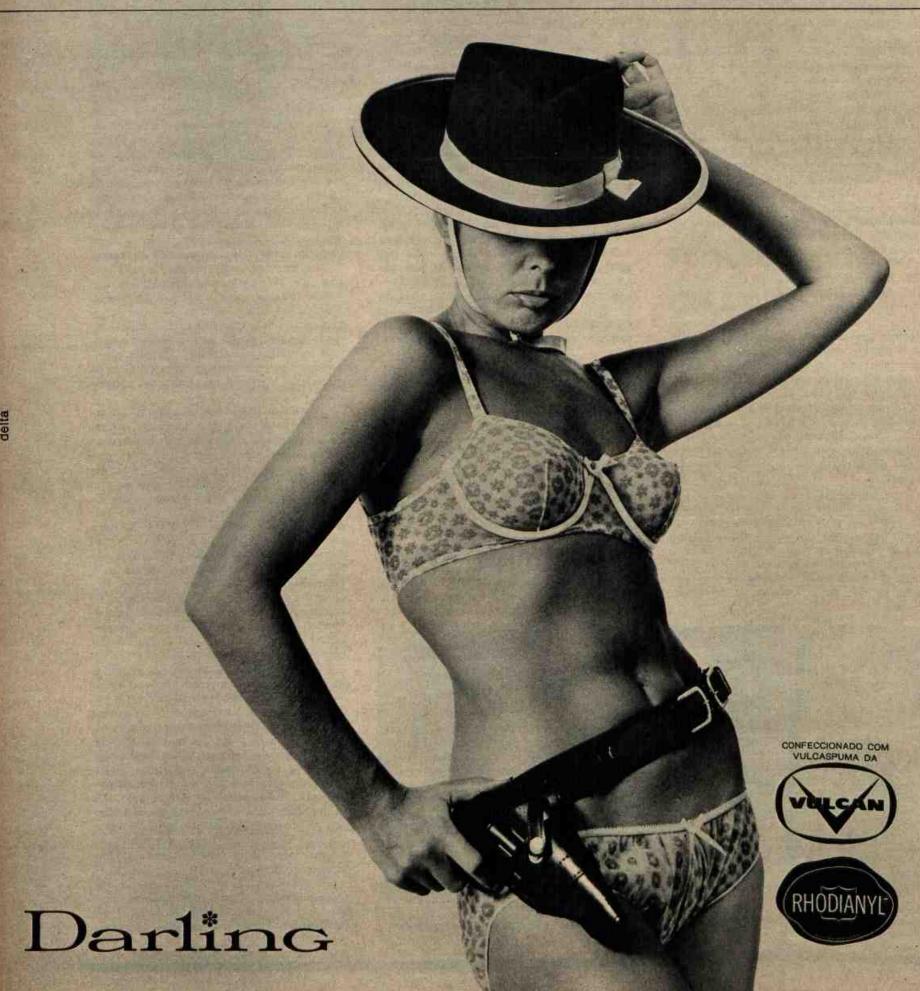
Afonso Arinos, Lacerda e Artur Bernardes F.º. Sôbre êste, CL diz: "Superei graves ressentimentos, referindo-me à posição de Bernardes face à ditadura. Depois, a simpatia pessoal de seu filho fêz o resto."

Calma!...

Os novos soutiens Darling são mais leves, quase transparentes.

se adaptam naturalmente ao seu corpo.

é a nova maneira de torná-la mais jovem e atraente.

é certo que V. terá que se defender! (mas não exagere!)

CARLOS LACERDA
rosas e pedras do meu caminho

vais. O exército de peões eram as cartas de 8 para baixo; o 9 e o 10 eram oficiais. O Valete de Espadas apaixonava-se pela Dama de Copas, filha do rei inimigo de sua família, amantes juvenis reunidos num coração de criança. A invejosa Dama de Ouros intrigava o Rei seu pai para se aliar ao Rei de Paus e invadir o país de Copas. O pai da mocinha caía prisioneiro e era guardado pelos dois Curingas. O Príncipe de Espadas, a galope sôbre a mesa da sala de costura, salvava a sua Dama e a sua Pátria, após sangrentos combates nos quais morriam as cartas que caíam de costas e ficavam vivos os soldados de cara, isto é, de naipe para cima. O naipe que tinha mais cartas de cara para cima era o vitorioso. Sempre que a conta era a favor do Rei de Paus, o maior vilão, a batalha recomeçava até dar certo. Proclamada a vitória, havia a solene procissão do casamento do Valete de Espadas com a Dama de Copas. O malvado Valete de Ouros era prêso sob a guarda *dos mesmos dois Curingas*, que aderiam ao nôvo govêrno. Quanto à Dama de Ouros, era perdoada e ia ser camareira da outra. Mas solteirona. Era assim que eu representava a versão infantil do sonho de justiça e liberdade pelo qual nós sofríamos. E Bernardes era o Rei de Paus.

Quando se fundou a UDN, numa assembléia na ABI, em 1945, não havia meio de começar a sessão. Pedro Aleixo, hoje vice-presidente da República, foi escalado para presidi-la, em homenagem à extinta Câmara dos Deputados da qual êle foi presidente até o dia do golpe de 37. No referido dia do referido golpe, encontrando a Câmara ocupada pelo Exército, o presidente Aleixo, revoltado, tomou um táxi e mandou tocar para Belo Horizonte.

O auditório estava impaciente, quase duas horas de espera. Afinal, Virgílio de Melo Franco, com um sorriso amargo, explicou-me: o ex-Presidente Artur Bernardes, figura indispensável por ser o ex-presidente, estava em casa, na Rua Valparaíso, dizia que não ia se *o* Pedro Aleixo presidisse. O Pedro Aleixo não cedia, achava um desafôro, etc. Um dentista, na platéia, interrompeu um orador improvisado e gritou: "Chega de gaúcho!" Injustiça ao Rio Grande, mas explosão contra alguns gaúchos de exportação, que desde 1930 ocupavam tudo o que se pode obter com pistolão. Luís Camilo de Oliveira Neto — um dêsses intelectuais que, possuídos de paixão cívica, fazem tudo o que os políticos não fazem, depois os políticos o tratam como um amador importuno — aplaudiu o aparte. Um filho do General Flôres da Cunha quis puxar revólver para Luís Camilo, foi preciso levar o mineiro para o Café Vermelhinho até os ânimos se acalmarem. E nada de Artur Bernardes. Os emissários sucediam-se, da cidade à Tijuca, sem êxito. Afinal, começou-se sem Bernardes a UDN: depois êle reabriu o Partido Republicano, espécie de propriedade sua. Um dia, convocada a Constituinte de 46, publiquei um artigo com justa referência à atuação do ex-presidente contra a ditadura que o prendeu, confinou e desterrou, em 32 e em 37. Como se compreendesse o que aquilo significava de superação de graves e justos ressentimentos, o Deputado Artur Bernardes, quando entrei na sala do escritório em que Virgílio, para custear as despesas da luta contra a ditadura, ia vendendo tudo o que havia ganho trabalhando em terrenos e seguros, Bernardes fêz um gesto solene, mandou-me sentar defronte da sua poltrona e disse, presidencialmente:

— Quero lhe agradecer a generosa referência.

Fêz um gesto majestático, como quem encerra a audiência. Ouvi-o falar algum tempo. Todo o seu ser vivia, ùnicamente, de espírito público. Fora daí, pouco sabia das encrencas do mundo, aquêle homem que levou às últimas conseqüências a certeza de que encarnava a Lei, a ponto de prender e de ser prêso, de fazer sofrer e de sofrer, para defendê-la. Um homem sem nenhuma experiência da vida, pois sua vida foi do Colégio do Caraça, dos jesuítas da serra, à política, dentro da qual viveu. Era um senso de missão que êle tinha? Em todo caso, não era mistificação.

Mais tarde, em 1955, fomos colegas na Câmara. Procurei-o para pedir que assinasse um requerimento de criação de Comissão Parlamentar de Inquérito sôbre a greve da Panair, cujos grevistas eu apoiava. Êle estava transformado no porta-bandeira do nacionalismo, festejado pelos comunistas e respeitado por tôda gente. Entre nós dois, da minha parte, os nossos tormentos e privações, o direito que me arrebatou de ser um menino como os outros; mas o respeito à coerência com que serviu às suas certezas. De sua parte, o justo, o necessário revide de meu pai, que falou por nós e por muitos, não era fácil de esquecer, ainda mais num homem tido como rancoroso. Estava, como na última vez em que o vi no plenário da Câmara, de terno branco, o colarinho luzidio de goma, de uma elegância de velho, empertigado, cioso de sua aparência. Não parecia ter um minuto de hesitação acêrca do passado.

Assinou o meu requerimento. Por sua causa outros assinaram e pude constituir a comissão. Depois, a irresistível simpatia pessoal de seu filho Artur, a bondosa amizade de sua nora, Dona Sofia, fizeram o resto.

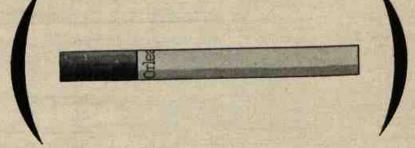
Quando mais uma vez, êle já morto, acusaram-no de ter impedido o Brasil de exportar minério de ferro, pelo contrato com o grupo representado pelo inglês Percival Farqhuar, que conheci transformado quase num maníaco da sua malfadada concessão, pedi a Bernardes Filho que me desse as provas, que alegava ter, justificativas da atitude do pai. Publiquei-as. Na realidade, o Presidente Artur Bernardes não foi contra a exportação de minério de ferro. Apenas, o contrato Farqhuar continha uma cláusula pela qual êste *se obrigava a construir* uma usina siderúrgica em contrapartida da concessão para exportar minério. Ao ser publicado, o contrato não continha a cláusula primitiva. Bernardes cobrou a usina. Teria feito a siderurgia no Brasil muitos anos antes de Volta Redonda. Foi acusado, a vida tôda, de ter impedido, por mero capricho e falta de visão, a exportação de minério. Como eu fui chamado de imbecil e meu filho Sérgio, que jamais se meteu nesse assunto, acusado de participar da compra, que o meu govêrno fêz diretamente à fábrica, de dois geradores a óleo para a Guanabara. Eu sabia que "só há uma energia cara, é aquela que não se tem".

Quando lutávamos contra o grupo Hanna, que aplicou no Brasil, sem freios, os métodos de corrupção de que foi acusada nos Estados Unidos, e procurávamos implantar na Guanabara a usina siderúrgica da COSIGUA, em vão, desde 1961 a 1965, essa Hanna que o Govêrno Castelo Branco favoreceu, pensei no Presidente Artur Bernardes e no apêrto de mão que lhe dei, apesar de tudo o que a sua mão nos fêz sofrer. Tínhamos em comum a noção dos nossos deveres. E a preservar, um bem de família: o Brasil.

Carlos Luz, deposto, no Tamandaré. Na volta ao Rio, Pena Bôto mandou tocar o Cisne Branco.

No próximo número, 4.° capítulo: "A gente passa a metade da vida se preparando para a outra metade."

um cigarro de qualidade excepcional

FÁBRICA DE CIGARROS FLÓRIDA S. A. - FABRICANTES DE CIGARROS DE ALTA QUALIDADE

RUBEM BRAGA

Mudam-se os vizinhos

Mudam-se meus vizinhos. Não sou hipócrita: isso não me entristece. São vizinhos incômodos. É verdade que não tenho, dêles, nenhuma queixa particular. Um amigo, vendo-me trabalhar diante da janela aberta para o morro, me perguntou se eu não temia que viesse algo de lá: um tiro ou pelo menos a pedra de um estilingue. Tiro porquê? — perguntei. Êle respondeu vagamente que podia ocorrer a um daqueles favelados miseráveis, entre os quais nunca deixou de haver alguns malandros e assaltantes, mandar uma bala em direção ao boa-vida do apartamento vizinho — por bebedeira, por ressentimento social, por desfastio. Respondi-lhe que mais de uma noite ouvi barulho de tiros na encosta do morro, mas nunca imaginei que pudessem ser contra mim. Êles sempre pareceram me ignorar.

Assaltos lá embaixo, nas duas esquinas do quarteirão, sempre houve. Contam-me casos de assaltos com morte, aos quais se seguiram expedições de policiais e militares com metralhadoras, entre os barracos. Já vi dois negros ensangüentados serem metidos em um carro da polícia, aos pescoções. Uma senhora minha conhecida parou o carro, há tempos, na esquina da direita. Aproximou-se um moleque de ar ingênuo:

— Ei, môça, seu pneu está vazio.

Ela debruçou-se na janela do carro, tentando ver o pneu — enquanto outro moleque metia a mão pela janela do outro lado e apanhava a bôlsa que ela deixara sôbre o assento. Em menos de um minuto os dois garotos já tinham sumido no alto do morro, entre os barracos.

Um mês depois dêsse caso houve outro, absolutamente idêntico, com outra jovem que viera em um grupo, à minha casa. Com certeza os mesmos dois pequenos assaltantes...

Não, não são vizinhos exemplares. A encosta do morro está sempre cheia de sujeira e lixo. Há gritarias de moleques, e também muita cachorrada. Às vêzes, no silêncio, late um cachorro — e logo outro o imita, e outro, e mais outro, e dentro de alguns minutos a impressão que se tem é de que o morro inteiro está latindo.

Agora os barracos estão sendo demolidos. Os moradores remancham o quanto podem, mas a ordem é para ser cumprida. Dois ou três são derrubados por dia. Só no último instante as famílias resolvem retirar suas coisas — e fico admirado ao ver como cabem coisas em alguns dêsses barracos. Entre os miseráveis há um certo número — não pequeno — de moradores que possuem geladeiras, sofás, camas, colchões de mola, penteadeiras, televisões, armários, além dos fogões a gás, com seus bujões. As telhas ou fôlhas de zinco das coberturas são retiradas e empilhadas para o transporte. Tôda tábua, todo pedaço de madeira que possa ser aproveitado é trazido para baixo. O resto é queimado em uma fogueira. Isso diverte extraordinàriamente as crianças, que saltam e gritam em volta do fogo. Quando se cansam de jogar coisas às chamas, voltam ao seu brinquedo predileto do momento: empinar papagaios de papel. O morro inteiro está coroado dessas pipas humildes, coloridas, que tremem no ar. lavam roupas no último instante, ou cozinham,

No meio da mudança há mulheres que ou se penteiam, numa calma impressionante. Apenas uma teve de ser retirada de seu barraco à fôrça, aos berros — não queria sair.

Vão-se-me os vizinhos. A morte os espreitava na encosta, no bôjo das noites de chuva em que os barracos se esbarrondam nos barrancos. Uma negra velha arruma seus vasos e latas de flôres — seu luxo de pobre. Partem. Vejo-os partirem sem alegria e sem pena.

Êle agora é poeta. **Não dos melhores, porém dos mais expostos à galhofa...** Todos pensavam que Roberto Carlos só tinha com a literatura a afinidade de ser primo de Rubem Braga. Enganavam-se todos: o jovem ídolo, desde menino, cultivava as musas, e esta semana será oficialmente promovido a poeta, com o lançamento do seu primeiro livro: **Roberto Carlos em Prosa e Verso.**

ROBERTO CARLOS
O POETA BARRA LIMPA

Reportagem de CARLOS ACUIO • Fotos de MITUO SHIGHIHARA

De sua prosa, êle nos dá, logo no início do volume, uma amostra interessante:

"Eu acredito que você que é jovem vai ler meu livro. Vai ler o meu livro o brotinho, e se a notícia escorrega por tôda a cidade todo mundo vai ler meu livro. A onda vai ser boa. Vai ser uma brasa, mora. Para estar na onda, redonda, todo mundo vai ler, principalmente os brotos. E você, você precisa estar dentro da jogada, não pode ficar por fora. Sabe, meu papo vai ser firme e vai lhe agradar. Vou fazer do meu livro uma tribuna, a tribuna da juventude, a tribuna da Jovem Guarda. Uma tribuna de amor, de poesia, uma tribuna da Jovem Guarda. Uma página cantada, mora."

Como se vê, pode não ser um clássico, mas dá para o gasto. O rei do iê-iê, quando troca os poemas em prosa pelos versos livres, demonstra que continua fiel ao menino Roberto Carlos, que lá em Cachoeiro do Itapemirim vivia lendo Castro Alves, Fagundes Varela, Gonçalves Dias, Raimundo Correia e mesmo alguns modernistas, como Manuel Bandeira. Quando chega a inspiração, êle faz, por exemplo, êste ingênuo e delicado elogio da fumaça:

"Tudo é calma, tudo está inerte./ Nada se move, além da fumaça/ que se desprende preguiçosa/ de uma chama rubra/ de um cigarro inacabado.../ E sobe para o alto, numa dança vagarosa./ Sua côr, cinza azulada,/ é côr da tranqüilidade./ É uma felicidade que descansa,/ que traz poesia, traz romance,/ traz à alma uma esperança."

Êle é jovem. Canta e escreve para os jovens. Os jovens provàvelmente encontrarão algum secreto encanto em declarações juvenis de amor inconstante, como estas:

"Não te amo, acho.../ Mas eu gosto de você./ Ciúmes, tenho sim./ Mas... não é amor o que sinto./ Prêso, tu me tens,/ mas... adoro a liberdade./ Falta, tu me fazes.../ Mas não é saudade./ Por que será que ao cantar/ a tôdas um pouco me entrego/ e, pois, a você também?/ Mas, sempre, em Nossa Canção,*/ penso em tôdas com amor/ e, afinal, não penso em ninguém."*

Êsses versos deixam claro que o poeta Roberto Carlos é hábil, no sentido psicológico da palavra. Tôdas as fãs se sentirão amadas. Mas, voltando à prosa, êle se debruça sôbre um tema que é, na vida prática, a sua obsessão primeira: os automóveis, principalmente quando velhos:

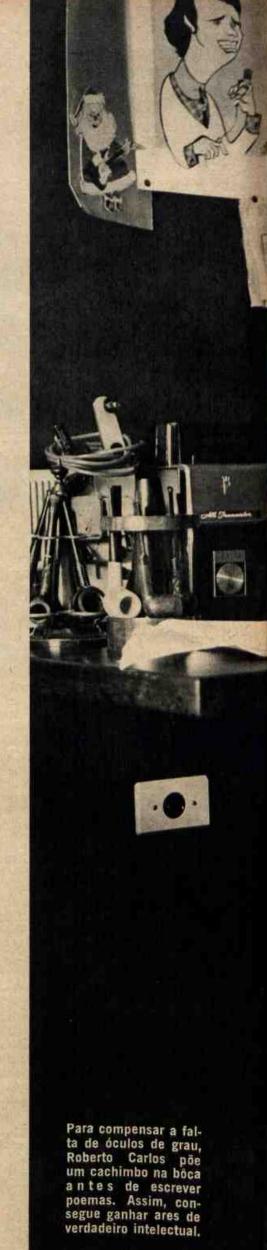
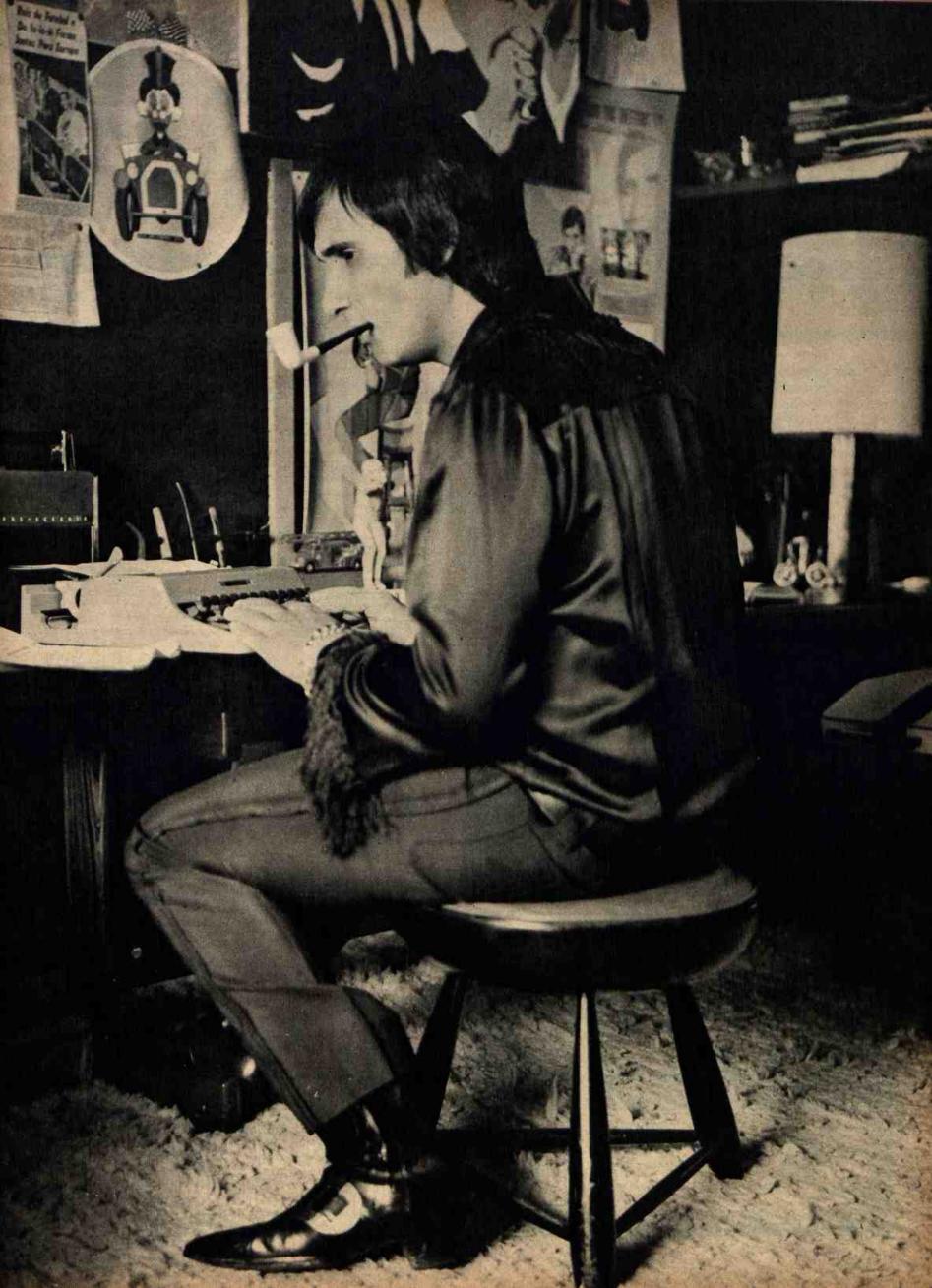
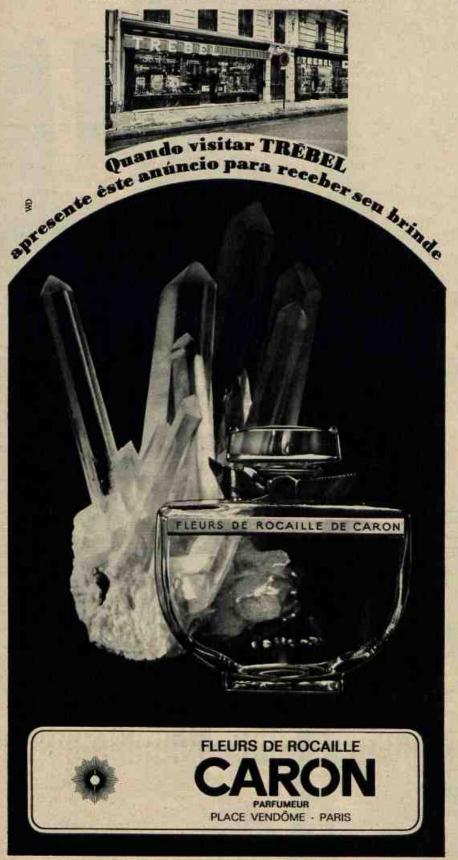
"Se eu tenho saudades do que não vi no passado, daquela modinha cantada: *Oh jardineira, por que estás tão triste...*

Saudades maiores eu tenho, que hoje satisfaço, do calhambeque gostoso, barulhento, roncando pelas avenidas, assustando a passarada. O calhambeque agora é um animal pré-histórico, rosnando pelas ruas, com alegria e algazarra da eterna mocidade. É a Jovem Guarda."

A imagem do calhambeque barulhento, que ronca pelas avenidas, deixa entrever que o jovem poeta iê-iê nada teme — nem mesmo o Coronel Fontenele, que ainda dirigia o trânsito em São Paulo quando êsse poema foi escrito...

Roberto Carlos é rico, bem-amado das multidões. Mas os ídolos também choram, a julgar por esta longa confissão que figura no livro:

"Lágrima. Uma gôta que desce do meu rosto, vai descendo, muito macia e delicadamente, que mesmo sem ser do nosso gôsto lava sempre o coração da gente...

Desça, lágrima, lava-me, limpa o meu coração, desça calmamente e acaricia-me o rosto marcado de desilusão. Talvez desilusão de um dia triste. Mas passa que passa e se vai sem deixar marca.

Para compensar a falta de óculos de grau, Roberto Carlos põe um cachimbo na bôca antes de escrever poemas. Assim, consegue ganhar ares de verdadeiro intelectual.

Roberto Carlos pode não ser, e seguramente não é, um grande escritor. Mas é sem dúvida alguma o mais bem pago, em todos os tempos. Seus direitos autorais fariam dez milionários se fôssem divididos entre os nossos dez maiores poetas

Será. Lágrima. Água santa e cheia de beleza, água do mais fundo do meu ser, gôta que alivia a tristeza que limpa tudo que em meu coração aparecer.

Lágrima. Que bom tê-la assim, pronta para o que eu precisar, sempre junta de mim, sempre amiga a ajudar...

— Você gosta de mim?

— Não.

— Que importa, eu vou derramar uma lágrima e tudo passa; você passa rolando no rio das minhas lágrimas. Mas, por certo, você machuca, mas você passa no mar salgado que brota dos meus malferidos olhos, olhos que se acostumaram a ver o clarão do luar."

Nesse poema se encontra uma pérola de metáfora: "água santa e cheia de beleza." Desta forma, Roberto Carlos coloca a lágrima na categoria dos *preciosos líquidos*...

Para a esquerda festiva, *Roberto Carlos em Prosa e Verso* contém uma surprêsa especial. Trata-se de um poema de cunho social, que provàvelmente será aplaudido por Tiago de Melo, Evtuchenko, Ferreira Gullar, Pablo Neruda e outros menos votados. Chama-se *Suor*. Leiam:

"Preciso cantar numa voz de luta, num ritmo de fábrica, num compasso de trabalho. Estive numa indústria e vi môças e rapazes trabalhando com ardor. Eu passei e senti que iluminavam os seus olhos e me mostraram o que sabem fazer. Gostaram de me ver do jeito que sou, assim como sou.

Transportaram para mim o entusiasmo dêles. É como se quando canto — êles cantassem. Quando sorrio — êles sorriem dentro de mim. Até se aventuras eu tenho, não são minhas, são dêles. Para êles eu canto, para levar-lhes após o basquete do dia um som alegre do iê-iê, com bela orquestra da Jovem Guarda."

Depois disso, ninguém mais poderá chamar Roberto Carlos de alienado. Nem dizer que é um rapaz sem erudição, pois na *Carta a uma Garôta Barra Limpa* êle cita — imaginem o quê? O *Eclesiastes!* Aqui está:

"Acho que você não pode se precipitar. Há o tempo do amor e o tempo do desamor. Há o tempo da alegria e o tempo da tristeza — como dizia o sábio Salomão.

Por enquanto, você está na fase da alegria e do amor. É jovem, entende? Todos os caminhos do mundo estão à sua espera, para serem trilhados com aquela confiança e aquela certeza da vitória, muito bacanas. Uma pequena contrariedade deve servir de incentivo para todos nós, e não de desalento, penso eu. Outra coisa, olha: se você olhar só para dentro de si mesma, vai ficar ainda mais triste. Nós, os jovens, acho que precisamos olhar a vida sem mêdo, procurando em tudo uma razão a mais para a luta, para a vida, para o amor. A sua carta demonstra preocupação do futuro. Vou dizer uma coisa que aprendi com os poetas, sabe? Nós, como os poetas, somos o presente e o futuro. Esses poetas são uns *bidusões*, você não sabe? Firme nos estudos, firme na música jovem... e aquêle abração do RC."

O livro é dedicado a todos aquêles "que são barra limpa". A expressão não se encontra nos dicionários: foi inventada pelo próprio poeta. Com algum sacrilégio, Roberto Carlos pode, assim, dizer como Carlos Drummond de Andrade: "Inventei novas palavras, e tornei outras mais belas"... Outra coisa êle pode dizer, que Drummond, o grande Drummond, em sua austera e digna solidão, jamais diria: "Eu, Roberto Carlos, sou o mais bem pago dos poetas brasileiros." É verdade. Êsse rapaz, que completa 25 anos esta semana, recebeu antecipadamente, de seu editor, mais de 100 milhões de cruzeiros velhos pelos direitos autorais de seu primeiro livro. Para o editor, o investimento será largamente compensatório: a juventude compra tudo o que diz respeito a Roberto Carlos.

Vinicius de Morais trocou a poesia pela música popular. Roberto Carlos parece disposto a acumular: canção sempre, poesia às vêzes. O nosso mundo é feito com essas ilusões...

De repente, a família dobrou. Ah, se o refrigerador Consul não tivesse sido feito pensando no futuro...

O refrigerador CONSUL de 270 litros tem capacidade suficiente para acompanhar o crescimento da família — mas não ocupa espaço desnecessário na copa ou na cozinha. É que o refrigerador CONSUL foi feito pensando no futuro. Nada fala tão bem da sua qualidade como a garantia que oferece — 5 anos! E tem assistência técnica permanente e perfeita em todo o país. E o preço? É menor que o dos outros de igual categoria. Aliás, Você mesmo pode comprovar isso em qualquer loja.

Características: Modelos ET-2705 - Super Luxo e ET-2707 - Super 270 litros. Prateleiras deslizantes e reguláveis. Porta-garrafas de altura variável. Pedal para abrir a porta. Patins rolantes de nylon. Exclusivo Frio Circulante.

IA-55.015

BRASÍLIA ANO 7

luzes e côres da cidade

Coragem para tornar a vida melhor: assim pode ser definida a criação, sete anos atrás, de Brasília. Não é apenas uma cidade, é uma obra onde se unem arte e humanismo, progresso e visão do futuro. Brasília surgiu de uma ideia, logo se tornou uma realidade em movimento. Para muitos, não passava de um sonho no papel. Mas o ex-Presidente Juscelino Kubitschek mostrou que era possível, num país que buscava desesperadamente o seu desenvolvimento, fazer de uma capital um exemplo para todo o mundo.

Fotos de Nicolau Drei e Carlos Botelho

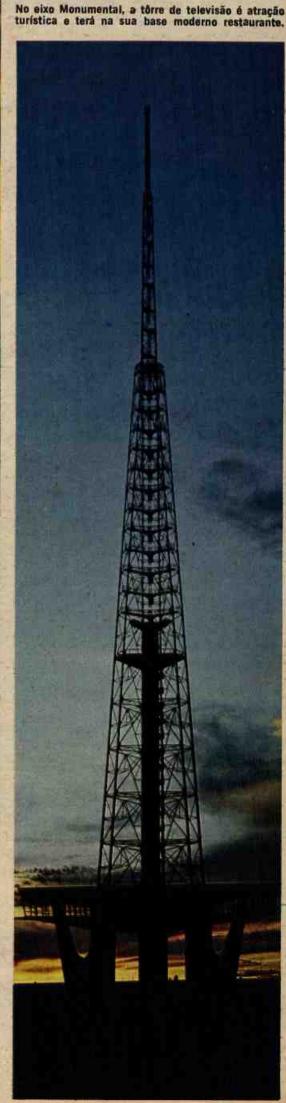
A beleza da capital se renova sempre.

As luzes, no planalto, batem contra um céu nítido. Na terra, um nôvo ponto de beleza: Fonte Sonora, águas que mudam de côr e fazem música.

No eixo Monumental, a tôrre de televisão é atração turística e terá na sua base moderno restaurante.

Além de centro político, a cidade é arte em movimento

A história de Brasília é curta. Sete anos, vistos agora, até que passaram depressa. Foram, porém, sete anos de uma luta diária, que os artífices de uma ação pioneira souberam levar com amor desde o princípio. Poucas cidades puderam oferecer aos seus habitantes o espetáculo de Brasília, onde cada amanhecer traz um nôvo sinal de conquista. Viver, na jovem capital brasileira, significa construir, e até o fim. Não há meios-têrmos para o trabalho, que se prolonga no convívio familiar e até mesmo nas festas (as comemorações, em Brasília, sempre marcam um nôvo projeto, ou a conclusão de um esfôrço).

É também uma cidade voltada para sua própria beleza, e para o descanso. Apesar do seu caráter trepidante — as mais importantes decisões políticas são tomadas nos seus edifícios — Brasília é serena, observa seu horizonte sem pressa, confia no tempo e nos seus valôres. E, o que é importante, sempre consegue manter-se original: a paisagem de hoje nunca será a de amanhã.

As superquadras constituem, em grupo, os centros habitacionais de Brasília, que se multiplicam por tôda a extensão da Avenida Monumental. Há sempre jardins.

Em 1966, foram construídas 2.841 novas unidades residenciais, compreendendo apartamentos e casas. Para êste ano as obras previstas atingem o dôbro.

Uma nova área de diversões surgiu entre a tôrre da televisão e a Praça dos Três Podêres. Nela estão a Fonte Sonora, rinques de patinação e pistas de aeromodelismo.

Nos grandes espaços, multiplicam-se as áreas verdes onde o ar é puro

MORAR em Brasília significa conviver com os grandes espaços. A natureza invade as ruas, praças, avenidas. O dever de cada um se confunde, assim, com o prazer de andar entre côres vivas, num ambiente que forma a vanguarda urbana de todo um continente. Ar puro, menos pressa, vizinhança dos serviços essenciais, comunicação mais humana, alegria constante. Nada é monótono, porque ela cresce entre a infância e a adolescência, ou seja, no deslumbramento do encontro com novas maneiras de sorrir. E todos sabem que existe uma esperança coletiva: vencer.

Da Praça dos Três Poderes ao Eixo Rodoviário, tudo corre rápido sôbre o asfalto

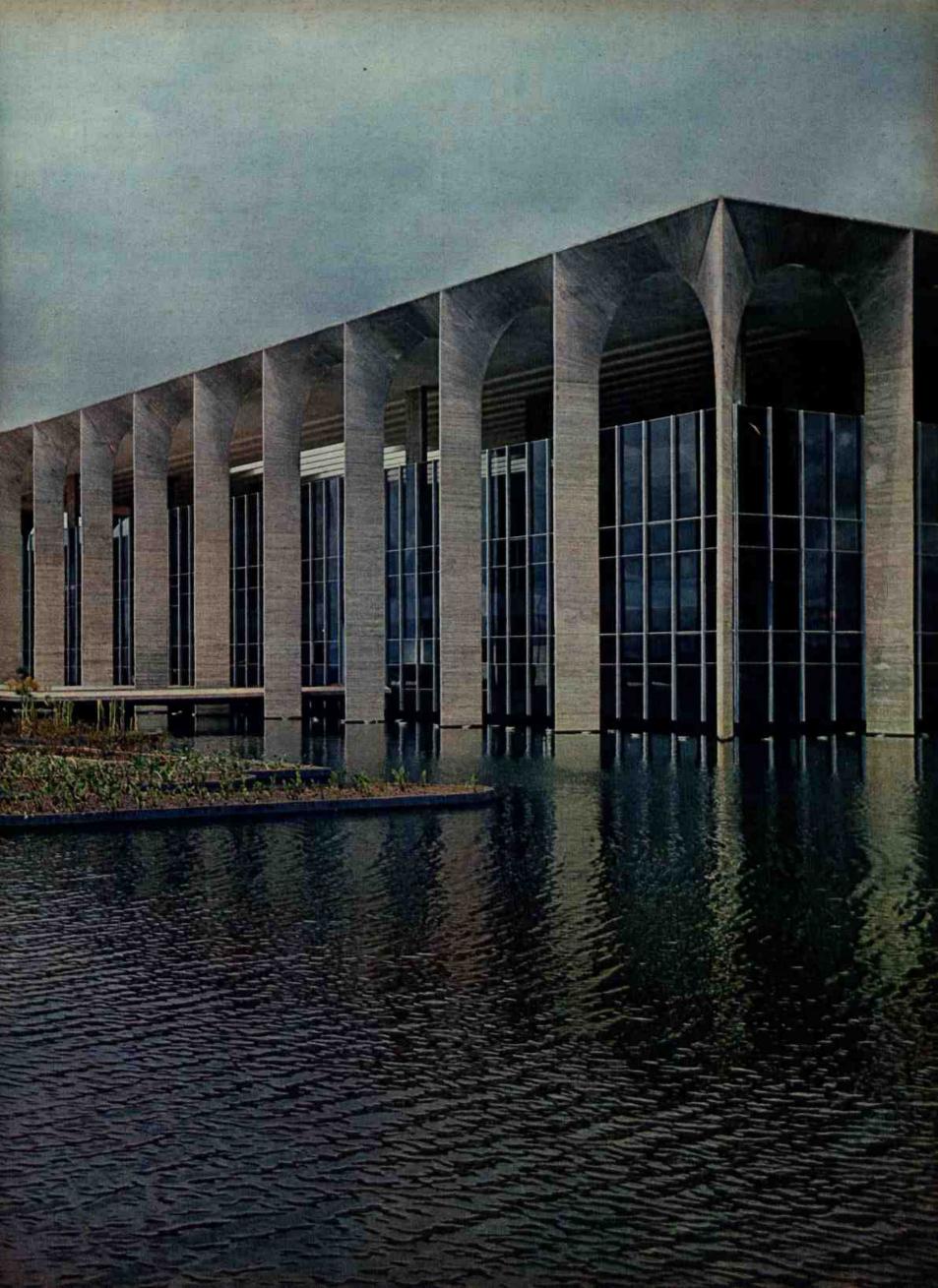
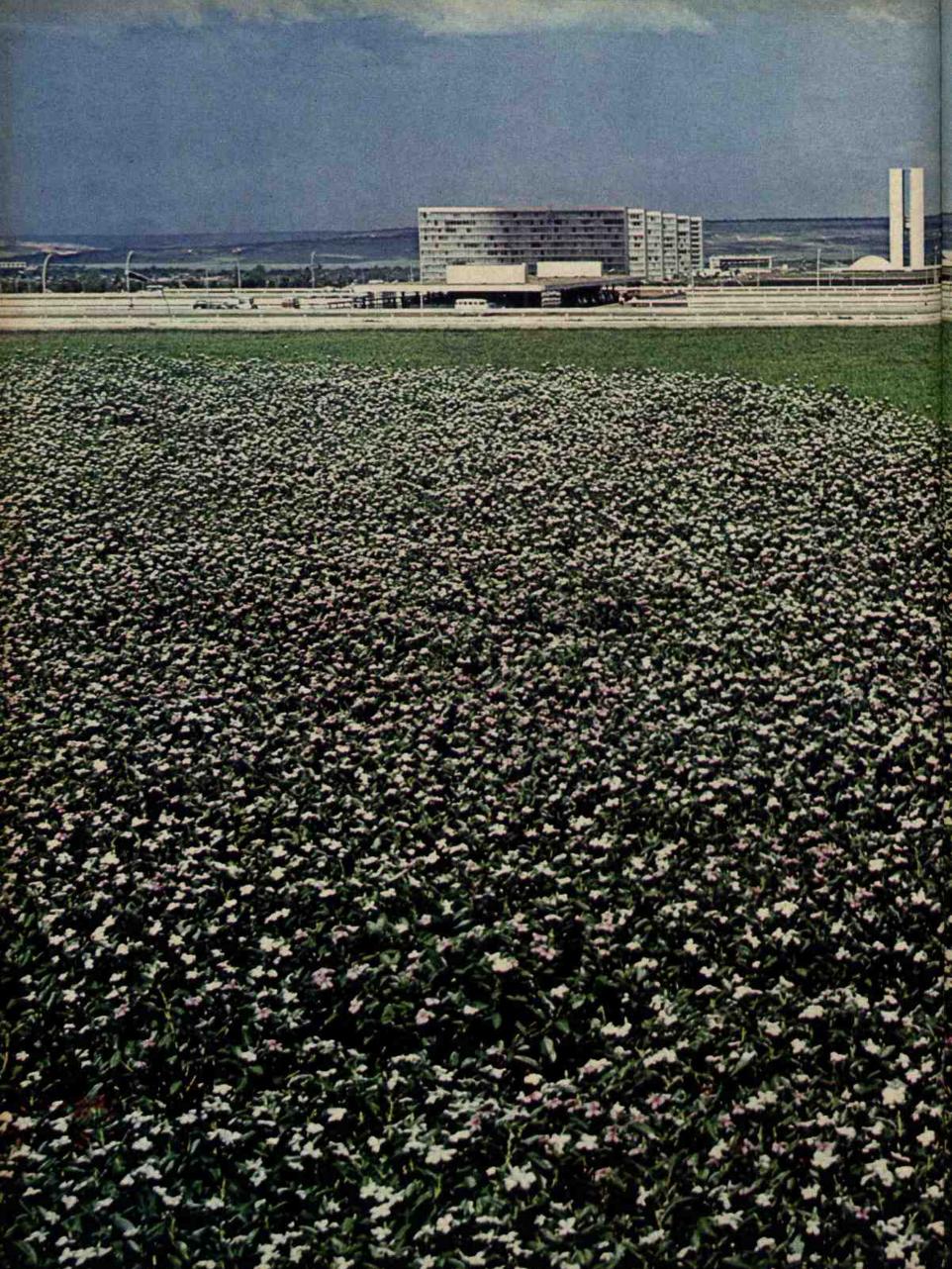
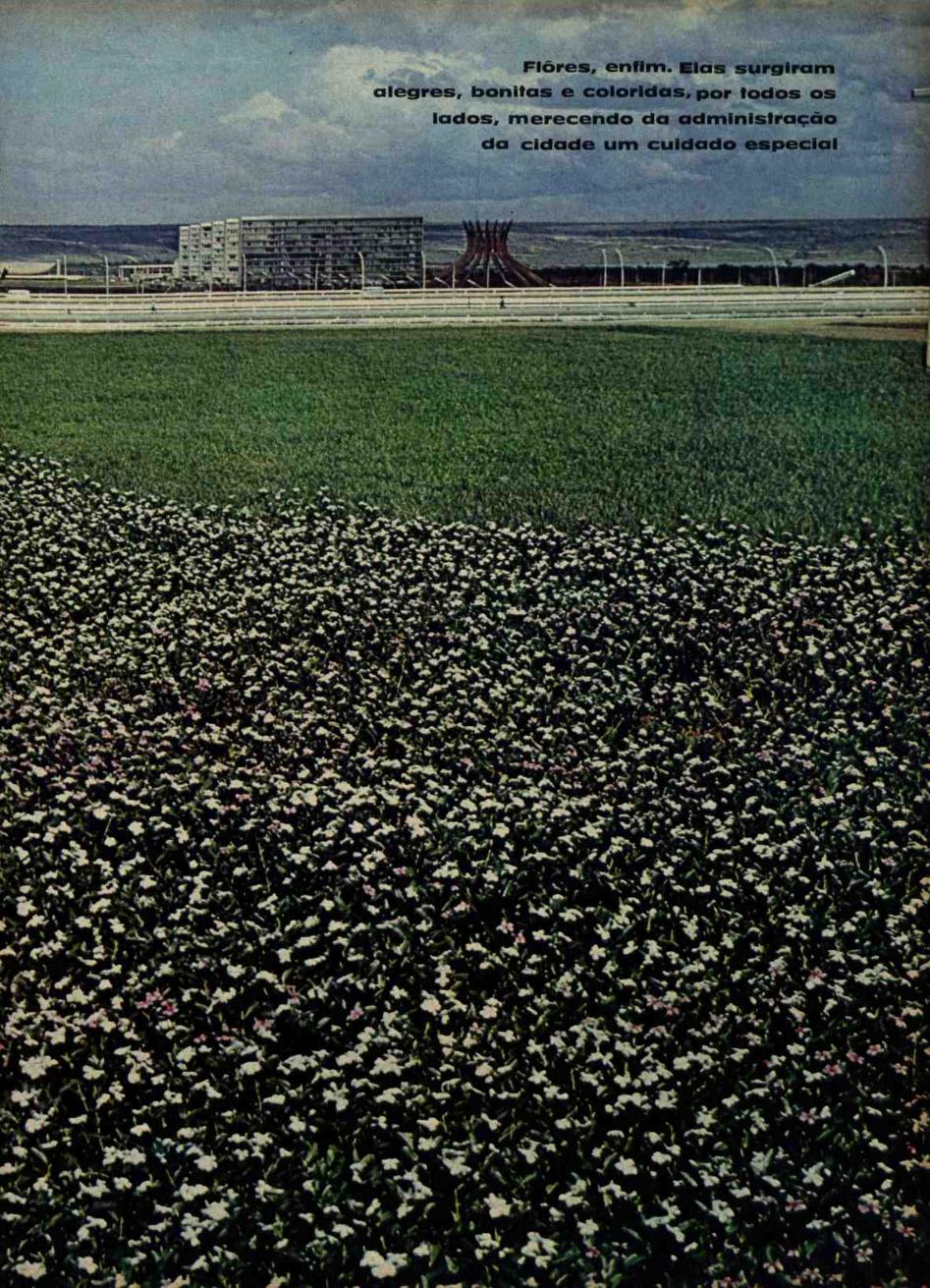
O coração político do Brasil soma-se ao centro das comunicações por terra: o Congresso e o Eixo Rodoviário registram um movimento constante, que chega a mais de cinco mil pessoas por dia. As pistas de acesso a êsses dois pontos fundamentais já estão tôdas pavimentadas, e um problema que é a tortura das grandes metrópoles não existe: o do estacionamento. Os trevos — marca constante na paisagem da capital — tornam o fluxo do tráfego mais rápido, e ao anoitecer o brasiliense pode ir para casa sem enfrentar os terríveis engarrafamentos.

Entre as várias igrejas da Asa Sul do Plano Pilôto de Brasília, destaca-se a que está sendo erguida na Avenida W-3. Também moderna, mas em linhas rígidas, ela receberá os fiéis da maior concentração habitacional da cidade.

A meta constante é concluir as mais belas obras da arquitetura brasileira

UMA das mais belas obras de Brasília permanece inacabada: a catedral. À frente de um grupo que inclui o Bispo D. José Newton e o Prefeito Vadjô Gomide, D. Iolanda Costa e Silva resolveu apelar a todos os brasileiros para que ajudem a terminar a construção. MANCHETE apóia com todo entusiasmo essa campanha, contribuindo com cinco milhões de cruzeiros antigos para que em muito breve fique terminada uma das obras-primas da moderna arquitetura.

A catedral inacabada espera, agora, os resultados da campanha lançada pela primeira dama do país, que visa a recolher fundos para o término das obras. À direita, o Palácio dos Arcos, onde estará o Itamarati ainda em 1967

Flôres, enfim. Elas surgiram alegres, bonitas e coloridas, por todos os lados, merecendo da administração da cidade um cuidado especial

Na superquadra do Banco do Brasil funciona um jardim de infância, para o estudo dos filhos de todos os funcionários.

Os setores comerciais estão sempre ao lado das moradias, e assim todos os problemas se reduzem ao mínimo

Uma superquadra não reúne apenas blocos de concreto e nem abriga só o trabalho. Pátios arborizados marcam a distância entre os edifícios, e oferecem descanso para as horas de folga. E há sempre belos ipês-amarelos.

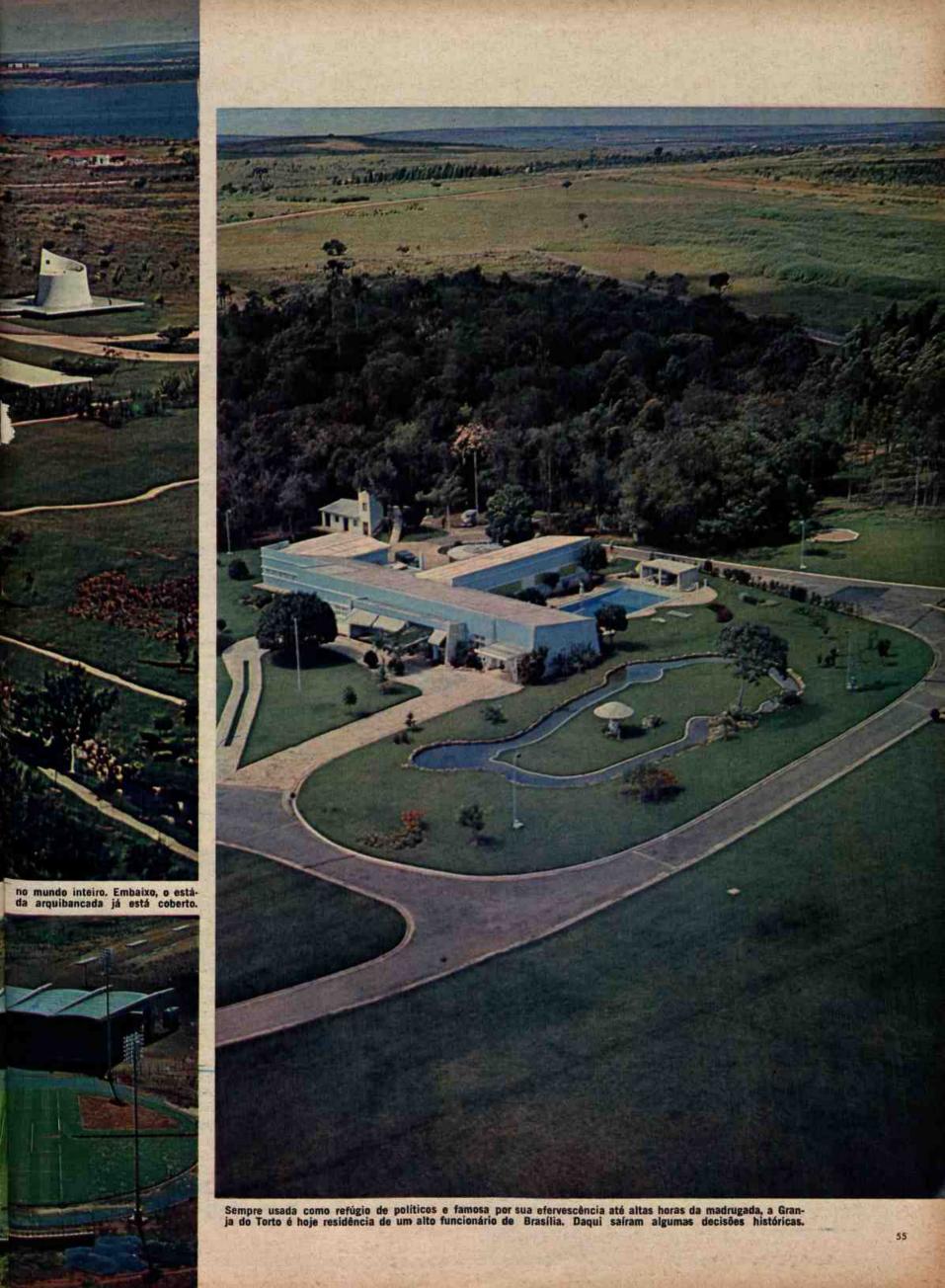
Na área comercial, as lojas e supermercados estão próximos de cada residência. Butiques e cabeleireiros são, assim, vizinhos das donas de casa. À direita, trecho da rodovia que leva ao aeroporto, quase tôda ajardinada.

Um dos horizontes da capital é o Palácio da Alvorada, fotografado de todos os ângulos e admirado
dio de futebol moderno e funcional, com capacidade para mais de 60 mil pessoas. Um dos lances

A vida da cidade estende-se à periferia, onde há política e também futebol

FORA do Plano Pilôto, o espaço disponível daria para erguer inúmeras outras Brasílias. A capital está com 300 mil habitantes, e sua população naturalmente logo dobrará. Apesar disso, ela nunca terá os problemas angustiantes das metrópoles modernas: sua perspectiva é livre, há lugar para tudo e para todos. Marco pioneiro fixado no imenso planalto, Brasília é generosa em seu progresso.

no mundo inteiro. Embaixo, o estádio da arquibancada já está coberto.

Sempre usada como refúgio de políticos e famosa por sua efervescência até altas horas da madrugada, a Granja do Torto é hoje residência de um alto funcionário de Brasília. Daqui saíram algumas decisões históricas.

hevea

O pessoal da Hevea vai resolver todos os problemas de sua casa.
(Perdão... quase todos)

Pelo menos eles garantem
que V. terá uma casa muito
mais organizada.
Por exemplo:
onde V. guarda suas
garrafas de bebidas?
E os remédios que ficam
espalhados pelo banheiro?
Uma cesta de roupa de bom
aspecto até que iria bem.

Enfim são pequenos objetos
criados para resolver
grandes poblemas.
É a linha de utilidades
domésticas fabricada
pela Hevea.
Mas êles não param aí...
Mensalmente V. terá
novidades Hevea
para uma casa melhor!

plásticos
hevea s.a.

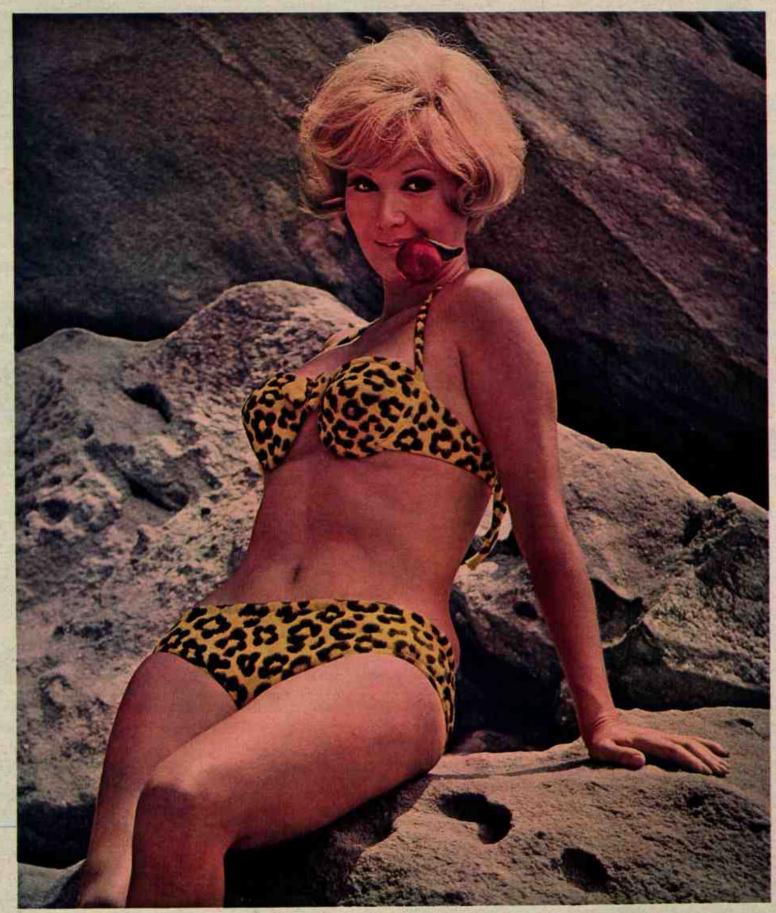
r. Bixira, 234
tel. 93-8108
São Paulo - SP
av. Polonia, 160
Pôrto Alegre - RGS

delta

Beleza, em Brasília, é fator de multiplicação. Na nova capital cresce uma geração de espírito forte, inspirada nos exemplos dos pioneiros que a construíram.

Na ausência da praia, o brasiliense se alegra com clubes, piscinas, o lago, ar puro e bonito sol aberto

EM Brasília há também fins-de-semana, há verão, mulheres lindas e muita conversa boa. Tudo é jovem: são os estudantes, filhos de senadores, altos funcionários com menos de 30 anos que acompanham o crescimento da "nossa cidade" e sabem escolher as horas de diversão. Os clubes se multiplicam, a vida noturna é cada vez mais intensa, embora sem os excessos das grandes metrópoles. Cinema, teatro, boates, e um estilo todo diferente de comunicação: festinha em casa, mesmo.

A piscina do Brasília Palace Hotel é sempre muito bem freqüentada. O Iate Clube possui uma piscina moderna e sofisticada, junto ao lago do Paranoá.

SE VOCÊ QUISER COMEÇAR COM UMA TERRÍVEL VANTAGEM, EXISTE O NÔVO TALCO LUX.

ÊLE DEIXA SUA PELE VIOLENTAMENTE FEMININA, ATRAENTEMENTE MACIA E COM UM PERFUME ENCANTADOR.

AFINAL, NUNCA FOI PECADO SER MULHER.

TALCO
LUX

Lintas

Manchete
exclusivo

JUSCELINO KUBITSCHEK escreve ASSIM NASCEU BRASÍLIA

Assumi a Presidência da República no dia 31 de janeiro de 1956, e já no dia 9 de fevereiro, um sábado, véspera de carnaval, explodia a rebelião de alguns poucos oficiais da Aeronáutica, em Jacareacanga. Durante quinze dias fiquei no Catete, sem me afastar um só instante, dia e noite, procurando debelar o movimento; mas, ao mesmo tempo, preocupava-me com os compromissos que havia assumido quando da campanha eleitoral. Temendo que aquêle movimento se alastrasse, como muitos acreditavam, e pudesse chegar à deposição do govêrno, resolvi enviar ao Congresso, naquela fase agitada, as mensagens correspondentes às promessas que havia feito ao povo nos comícios eleitorais. Pedi a San Tiago Dantas que fizesse o esbôço da mensagem que eu deveria remeter ao Congresso, tarefa da qual o saudoso mestre, em apenas três dias, se desincumbiu, com a genialidade que todos lhe reconheciam. Assim procedendo, obedecia ao seguinte raciocínio: se a rebelião prosseguisse e, alastrando-se, causasse a queda do govêrno, eu pelo menos não teria faltado ao povo brasileiro, consumando em mensagens do Executivo as promessas que fizera em praça pública.

A mensagem foi enviada ao Congresso e logo, como não poderia deixar de ser, surgiram as objeções dos meus adversários políticos. Mas, por outro lado, havia um fator altamente positivo para que o projeto da construção de Brasília fôsse aprovado exatamente como eu o remetera: a descrença total que existia, não sòmente na oposição, mas mesmo entre elementos do govêrno, em relação ao dispositivo da Constituição (ou melhor, das várias constituições brasileiras do período republicano) que recomendava a mudança da capital para o planalto goiano. Mas o fato é que só consegui que o projeto fôsse aprovado no dia 18 de setembro de 1956 e, para isso, tive que convocar várias bancadas, principalmente a bancada federal de Goiás, à qual pedi que lutasse com tôdas as fôrças em favor daquela proposição. A todos os parlamentares eu repetia sempre, com firmeza: "Se o projeto não fôr aprovado êste ano, de maneira alguma eu iniciarei a construção de Brasília, pois entendo que a obra tem de ser iniciada e completada no meu qüinqüênio. Porque se não fôr assim, a construção da nova capital será paralisada logo que eu deixar o govêrno." E estava certo — sabia-o por experiência. Se, nove meses antes de passar a Presidência, eu não tivesse deixado Brasília concluída e inaugurada, com o govêrno lá instalado e diversas repartições importantes já funcionando, os que vieram depois teriam, sem dúvida, liquidado o projeto. E hoje existiria no planalto central não uma cidade florescente e linda, mas uma série de esqueletos de ferro, a dar a impressão de irresponsabilidade por parte daquele que se havia atirado à obra.

Aprovada a lei, sancionei-a discretamente, no dia 18 de setembro, durante um jantar em

21 de abril de 1960 — o maior dia na vida de JK. Brasília é inaugurada. Um sonho se torna realidade.

"Como ninguém acreditava na mudança da capital, aconteceu no Congresso o inesperado: o projeto que criou Brasília foi aprovado por unanimidade"

companhia apenas de membros de minha família. E, já no dia 2 de outubro, convoquei alguns dos meus ministros e poucos governadores de estados para visitar o local onde seria erguida a nova capital do país.

Eu, que percorrera o Brasil quase todo, ainda não havia estado naquela região. Conhecia, na zona, algumas cidades — como Formosa, Planaltina e outras —, mas no local exato onde Brasília seria construída nunca estivera. Para que eu lá pudesse descer com meus acompanhantes, um trator improvisou, no chão fácil da planície, um arremêdo de campo, onde o DC-3 aterrissou, aos sacolejos. A minha primeira decisão foi a de erguer no local uma casa provisória que pudesse me abrigar durante os dias iniciais da construção de Brasília. A essa determinação, anteciparam-se alguns amigos meus, entusiastas da mudança da capital, que por conta própria fizeram o Catetinho — a primeira residência oficial levantada em Brasília. Seus nomes lá estão, numa das paredes do improvisado "palácio do govêrno", hoje uma relíquia da nova capital. Ali fiquei alojado nos primeiros meses da sua construção, e foi naquela casa que vi se acender, pela primeira vez no planalto central, uma lâmpada elétrica — e confesso que essa foi uma das maiores emoções que tive em tôda a minha vida. Quem visita o Catetinho, hoje, pode ler, no quarto que servia ao presidente da República, uma placa com êstes dizeres: "Aqui se acendeu, pela primeira vez no planalto, uma lâmpada elétrica."

O planalto estendia-se, reto, infinito e calado como no Gênesis. Brasília pertence à série de quinze cidades que, de cinco mil anos para cá, foram construídas pelo homem para sedes de govêrno. E entre estas, é a mais recente. Tôdas as outras capitais, a começar pela do Egito, foram levantadas em pontos próximos a localidades que lhes servissem de apoio. Brasília é uma exceção. Quando se iniciou sua construção, nenhuma estrada a ela conduzia. Não se contava, sequer, com um pequeno arraial nas vizinhanças que pudesse servir a seus construtores. Nem pontes havia ligando as margens dos rios. Era um sacrifício tremendo atingir, naqueles dias, o isoladíssimo ponto do planalto, o que só poderia ser feito pelo ar. Daí a razão por que levei para lá, por avião, umas poucas coisas — fato que imediatamente suscitou uma implacável onda de acusações e de críticas, tôdas a afirmarem que Brasília seria construída com a ajuda apenas do transporte aéreo. Tratava-se, é claro, de uma acusação improcedente. O que, no início, para lá se levou de avião, foram pequenos volumes que cabiam dentro de um Douglas, tipo de aparelho de que o presidente da República dispunha na época.

Durante a minha campanha eleitoral, eu era constantemente interrogado, nos comícios, se iria construir Brasília. A primeira vez que me fizeram tal pergunta foi precisamente no comício inaugural de minha candidatura à presidência, na cidade de Jataí, em Goiás. Da assistência, levantou-se uma voz, a me perguntar se estava disposto a fazer cumprir o dispositivo da Constituição referente à mudança da capital do país. Todos sabem que êsse dispositivo sempre existiu nas sucessivas Constituições brasileiras do período republicano.

Mas todos sabem igualmente que ninguém acreditava mais na possibilidade de a capital federal ser transferida para o planalto central. Nos mapas do Brasil, sempre aparecia um retângulo colorido, com a seguinte indicação: "Ponto destinado à construção da futura capital." Durante anos, o brasileiro teve diante dos olhos aquêle retângulo colorido, acabando por se convencer de que a função do mesmo era apenas a de enfeitar os mapas do país.

Na verdade, ninguém acreditava na possibilidade da mudança da capital. O Rio de Janeiro, com o seu extraordinário fascínio, que tanto tem encantado brasileiros e estrangeiros, parecia haver sepultado definitivamente a idéia da transferência da sede do govêrno federal para o longínquo planalto goiano. Eu dizia sempre, nos comícios, que meu govêrno tinha um objetivo básico — o de respeitar fielmente a Constituição, em todos os seus artigos. Ora, na Carta Magna de 1891, Lauro Müller incluíra o artigo que mandava fôsse a capital transferida para o planalto central, artigo que fôra mantido nas diversas Constituições que sucederam à primeira da República. O que significava dizer que faltava apenas alguém com coragem e disposição suficientes para levar a tarefa a cabo.

Mas foi precisamente a descrença geral, em relação à transferência da capital, que fêz com que acontecesse, na história do parlamento brasileiro, o que jamais acontecera antes: o projeto foi aprovado por unanimidade.

Todo mundo estava certo de que Brasília não seria construída. Os meus adversários chegavam a afirmar — alguns em tom de pilhéria, outros falando com seriedade — que o que eu pretendia era jogar nas costas da oposição o problema de Brasília. E raciocinavam da seguinte maneira: "Devemos aprovar o projeto, porque se não o aprovarmos, êle dirá que não construiu a nova capital porque o Congresso não deixou. Vamos aprová-lo. Depois, então, cobraremos rigorosamente a sua execução." E quando perceberam que Brasília estava sendo realmente construída, e que o avião do presidente decolava tôdas as noites do Aeroporto Santos Dumont, com destino àquela longínqua região do Brasil, começaram a ter mêdo. Ao mesmo tempo, meus adversários iam tomando conhecimento das estradas que começavam a ser abertas, no rumo do planalto, o que lhes deu motivo para novas inquietações. Logo, a oposição se levantava, num bloco violento, contra o meu govêrno. Os fatos de então são do conhecimento de todos, e eu compreendo muito bem que êles tenham ocorrido. Não é fácil deixar uma cidade com os encantos do Rio de Janeiro para ir residir no deserto do planalto, nas vizinhanças da **jungle** amazônica, distante de todos e de tudo.

"Só da inteligência de Lúcio Costa poderia surgir a maravilha que é Brasília"

Lembro-me perfeitamente do dia em que um figurão nacional teceu uma série de críticas amargas contra Brasília. Minha resposta foi esta: "Tenho pena dos que tomam tal atitude de descrença. E contra êles minha vingança será simples: estou mandando guardar todos os ataques que vêm sendo feitos a Brasília e que a imprensa registra. Vou guardá-los no futuro museu de Brasília, e quero que os filhos dêsses que combatem a nova capital julguem, mais tarde, a visão estreita dos próprios pais." E hoje eu sei que já existem muitos temendo aquêle julgamento. Um dêles chegou a me confessar pessoalmente êsse temor, receoso do julgamento que os filhos fatalmente irão fazer sôbre a perspectiva acanhada do pai em relação a Brasília e sua significação nos destinos do Brasil.

A princípio, confesso — e tudo isso rememorarei num livro em elaboração —, pensei em instituir um concurso internacional para a construção de Brasília. É que eu tinha mêdo que um arquitéto nacional fôsse elaborar um projeto para Brasília à maneira dos que presidiram outras cidades do Brasil, criadas já velhas, sem perspectivas no tempo e no espaço. Cidades precocemente envelhecidas que, por terem sido construídas antes do advento do automóvel, vivem hoje emaranhadas em terríveis e insolúveis problemas de tráfego. Não queria que o mesmo acontecesse à futura capital do Brasil. Brasília deveria ser uma das expressões novas do urbanismo mundial. A justa reação dos arquitetos brasileiros me levou a desistir do concurso internacional. E foi uma sorte que isso tenha acontecido — reconheço — porque o autor do projeto vitorioso, Lúcio Costa, é uma das maiores, senão a maior figura do moderno urbanismo mundial. E só da inteligência e do poder criador de Lúcio Costa poderia surgir o projeto que fêz de Brasília uma cidade sem paralelo no mundo. Ainda há poucos dias, em Houston, onde minha filha Márcia se encontrava hospitalizada, fui convidado a um banquete e, ali, intimado a fazer de improviso um discurso sôbre Brasília. De minhas rápidas palavras, o que senti ter ficado mais gravado na memória dos presentes, foi o fato de eu ter declarado que nas ruas de Brasília não se encontrava um só sinal luminoso. Brasília tinha sido criada na era do automóvel, mas, apesar disso, o seu tráfego era absolutamente livre, o que, nesse sentido, fazia dela a mais notável cidade do mundo. Ao término do banquete, muitos me vieram perguntar como fôra possível fazer o milagre de não fincar em Brasília um só poste com sinal luminoso. Respondi-lhes: "Acho melhor vocês visitarem Brasília, porque sòmente vendo-a de perto poderão perceber a beleza e tecnicidade do seu funcionamento, bem como outros **milagres** devidos ao gênio de Lúcio Costa."

"Quando Niemeyer me apareceu pela primeira vez ainda tinha cara de menino"

Além de Lúcio Costa, convoquei para a construção de Brasília uma outra figura, hoje considerada a maior expressão da arquitetura mundial: Oscar Niemeyer. Quando deixou, já formado, a Escola de Arquitetura, Oscar ainda tinha uma cara de menino — e foi assim que êle me apareceu, certo dia, em Belo Horizonte, levado pelo Rodrigo Melo Franco. Eu era, então, prefeito de Belo Horizonte, e tinha planos de transformar o alagadiço da Pampulha num local aprazível. Melo Franco, ao saber dos meus projetos, sugeriu: "Conheço um arquiteto ainda muito jovem e cheio de talento. Você não quer experimentá-lo?" Concordei, e êle me levou o Oscar Niemeyer. Fui com Oscar, no dia seguinte, à Pampulha, disse-lhe de minhas intenções, êle examinou atentamente todos os detalhes do local, e recolheu-se depois ao Grande Hotel, onde se hospedara. Trabalhou tôda a noite e no dia seguinte, antes das dez da manhã, me procurou na Prefeitura, convidando-me a ir ver os planos que traçara e que, por serem volumosos, não pudera trazer consigo. Acompanhei-o até o hotel, e, embora não lhe tivesse percebido todo o alcance, achei o projeto para a Pampulha uma maravilha. E foi exatamente êsse projeto de Oscar Niemeyer que serviu de semente, de ponto de partida para o advento da nova arquitetura brasileira, hoje de fama universal. Pela primeira vez, Oscar Niemeyer revelava o seu extraordinário gênio inventivo.

Eu me encontrava em Paris, no ano passado, quando Le Corbusier morreu. André Malraux, ministro da Cultura da França, fêz o elogio fúnebre do grande arquiteto morto, pronunciando, diante do seu túmulo, um discurso de extraordinária beleza. Nêle, por diversas vêzes, Malraux se referiu a Oscar Niemeyer e também a Juscelino Kubitschek, "o criador de Brasília", exaltando o gênio admirável de Niemeyer e a influência que eu havia tido na projeção de tão notável figura brasileira. Proclamava-se, ali, diante do túmulo de Le Corbusier, que Niemeyer se tornara o substituto daquele que, naquele instante, estava sendo glorificado pela cultura e pela arte da nação francesa.

Quando convoquei Niemeyer para a construção de Brasília, disse-lhe o seguinte: "Você terá tôda liberdade para construir Brasília, mas quero que tenha uma coisa sempre em

OBRIGADO PAPAI! QUE PRESENTE "LEGAL" O SENHOR ME DEU!

Apesar do tamanho é um eletrofone de verdade. O eletrofone PHILIPS portátil, transistorizado, é alimentado por pilhas comuns e possui toca-discos com tôdas as rotações. Autônomo: funciona em qualquer lugar. Eletrofone PHILIPS Modêlo GF-410, pequeno formato, grande musicalidade!

ELETROFONE **PHILIPS** GF-410

Conte com **PHILIPS** *para viver melhor!*

Promo

"Durante mais de dois anos, viajei 204 vêzes entre o Rio e Brasília. E como de dia estivesse ocupado, voava sempre à noite"

vista: é meu objetivo que, daqui a cem anos, os pósteros, diante da cidade que vamos construir, digam: "Os que levantaram Brasília, há cem anos passados, tiveram uma grande visão do futuro desta cidade e do futuro do Brasil, porque a construíram à altura de uma nação que êles sabiam viria a ser uma das mais poderosas do mundo."

Entre os mais sérios problemas que enfrentei, na construção de Brasília, o principal foi o do transporte. Brasília fica a 1.200 quilômetros do Rio, a 700 de Belo Horizonte e a 1.100 de São Paulo. Como, então, não houvesse uma só estrada conduzindo até o local onde a nova capital seria erguida, tivemos que fazê-la. O problema foi enfrentado com coragem, e mesmo audácia, e para a sua solução contei com a colaboração de extraordinários auxiliares. Um dêles foi Régis Bittencourt, então diretor do DNER, que alcançou um verdadeiro recorde ao construir, em tempo mínimo, duas extensíssimas estradas asfaltadas, ligando Brasília ao Rio e a São Paulo. Essas duas estradas foram de importância fundamental para a construção de Brasília.

No início, tudo foi terrivelmente difícil. Um exemplo: tínhamos necessidade de transportar para lá um enorme gerador, pesando mais de 70 toneladas, e não dispúnhamos de meios para fazê-lo. Entreguei o problema ao Exército, já que se tratava de uma verdadeira operação de guerra. O Exército cumpriu galhardamente a missão — mas houve um imprevisto amargo. Quando, em balsas improvisadas, já que não existiam pontes nos rios caudalosos que se situam entre Brasília e o litoral, o gerador ia sendo levado de uma margem à outra de um curso fluvial, uma das balsas virou, e o gerador mergulhou no rio. Um verdadeiro desastre, que doeu profundamente em cada um de nós. Foram precisos quatro meses para arrancarem-no do leito onde afundara. Mas no dia em que o gerador foi plantado lá em cima, no planalto, iluminando os pontos principais da cidade que nascia, bem como a Cidade Livre e também as repartições federais já instaladas, êsse dia foi para nós de louvação a Deus e também de louvor à coragem e ao esfôrço dos brasileiros que haviam realizado a tarefa — verdadeira epopéia — de transportar um gerador de 70 toneladas através de caminhos improvisados na hora, em muitos dos quais algumas casas de aldeias tiveram que ser derrubadas para que o trator que puxava o gigante pudesse passar.

Agora, um outro aspecto da construção de Brasília. Logo que se espalhou a notícia de que uma cidade ia ser construída no planalto, acorreram ao local trabalhadores vindos de todos os pontos do Brasil. Uma coisa verdadeiramente extraordinária. E vimos como aquêles homens que ali haviam chegado descalços, bisonhos, sem qualquer aprendizado ou técnica, se transformaram logo em operários especializados, realizando suas tarefas como se tivessem freqüentado uma universidade.

Durante mais de dois anos viajei 204 vêzes entre o Rio e Brasília. Como de dia estivesse ocupado, eu viajava sempre à noite. E mal desembarcava em Brasília, corria aos canteiros de obras para conversar com os trabalhadores. Era a maneira que encontrava de ajudá-los na sua dura tarefa. Dizia-lhes: "Esta obra não é minha, nem de vocês — esta obra é do Brasil. Temos de entregá-la no prazo fixado por nós mesmos, e por isso é que peço a vocês, encarecidamente, que cumpram, cada um, a sua tarefa." E era de ver o devotamento com que aquêles homens trabalhavam. Vi coisas que me comoveram até às lágrimas. Muitas vêzes os surpreendia cantando, no trabalho que continuava noite adentro, e lhes perguntava: "Porque vocês estão cantando? Estão alegres?" E êles me respondiam: "Não, presidente. Estamos cantando para espantar o sono."

Também a San Tiago Dantas — ao seu vasto conhecimento das leis e da hermenêutica legislativa — ficamos devendo os recursos financeiros necessários para a construção de Brasília. Foi êle quem, no projeto aprovado pelo Congresso, estabeleceu os princípios que permitiram a Brasília dispor daqueles recursos, através de operações com órgãos de crédito e também através da venda dos terrenos em tôrno da futura capital — fórmula esta que contribuiu em grande escala com o dinheiro investido na construção da nova capital. Brasília — é bom que eu repita aqui — custou infinitamente mais barato do que, posteriormente, procuraram fazer crer, inclusive querendo atribuir-lhe a culpa da inflação brasileira. Basta dizer que o preço de Brasília — e isto é verdade fácil de ser comprovada — foi o correspondente a um ano de deficit da Rêde Ferroviária Federal.

"Brasília é uma obra poética — mas poética no sentido grego da palavra"

Devo, ainda, a San Tiago Dantas a solução de um outro problema, igualmente sério. Disse-lhe, certa vez: "Meu caro San Tiago, se eu tiver que bater às portas do Congresso pedindo novas leis e créditos que me permitam concluir Brasília, não os terei. Porque quando, no Congresso, a oposição perceber que Brasília vai ser mesmo construída, reagirá contra a minha pretensão da maneira mais implacável. Não posso correr tal risco — nem eu, nem Brasília, e daí a necessidade de que você me dê uma lei qualquer que me libere do Congresso." Poucos dias depois San Tiago me trazia a lei, mas disse, em tom de advertência: "Aqui está a lei. Mas o senhor terá de voltar ao Congresso de qualquer maneira, pois só o Congresso poderá marcar a data da inauguração da nova capital." Aquilo me surpreendeu. Mas logo encontrei a solução. Chamei ao Catete o Deputado Emival Caiado, eleito por Goiás, e lhe disse: "O senhor poderá prestar um grande serviço ao seu estado e a todo o Brasil, conseguindo do Congresso uma lei marcando a data em que Brasília deve ser inaugurada."

Corria, então, o ano de 1956. No chão de onde surgiria a nova capital ainda não havia um só poste, um só caibro fincado, uma só estaca. Quando o Congresso tomou conhecimento do projeto do deputado goiano, marcando a inauguração de Brasília para o dia 21 de abril de 1960, recebeu-o como se fôsse uma pilhéria. Mas o projeto foi aprovado — e a partir dêsse dia senti que Brasília era uma realidade, que não havia mais nada que pudesse impedir a sua concretização. Disse comigo mesmo: "Tudo dependerá, agora, apenas da minha ação, do meu entusiasmo. Mas hei de trabalhar dia e noite até alcançar êsse grande objetivo."

Para julgar os projetos, constituí uma comissão de três técnicos: um inglês, o mais famoso de todos, um francês e um norte-americano. No dia do julgamento, o arquiteto inglês me chamou de lado e, apontando um dêles, disse: "Êste é o que vai ganhar, o que deve ganhar. É o que tem genialidade." Os outros projetos, cêrca de sessenta, ocupavam espaços enormes nas paredes do Ministério da Educação, muitos apresentando desenhos lindíssimos. E o projeto que o arquiteto inglês me mostrava era apenas um pedacinho de papel, com rabiscos desenhados à mão. Procurei saber quem o assinava. E li, no rodapé do pergaminho, êste nome: Lúcio Costa. Declarei ao arquiteto inglês que Lúcio Costa era muito respeitado no Brasil por sua capacidade e inteligência. O inglês me respondeu: "O projeto já pode ser considerado aprovado. Não precisamos mais de cinco minutos para escolhê-lo."

As emoções que senti, no dia em que Brasília foi inaugurada, ainda as guardo, tôdas, no coração e no espírito. Pelo menos trezentas mil pessoas acorreram de todos os pontos do Brasil para assistir ao acontecimento. Presenciamos, então, o espetáculo de milhares e milhares de pessoas estendidas sob as árvores e debaixo das pontes, dormindo ao relento ou nos carros que as haviam trazido, ansiosas por serem testemunhas de um episódio que já adivinhavam histórico. É que o povo pressentiu logo o que seria, o que já era Brasília. E hoje ninguém mais discute que Brasília foi construída com cem anos de atraso. Uma das razões pelas quais os Estados Unidos progrediram de maneira tão assombrosa, é que êles conseguiram, cem anos atrás, dominar e integrar as vastas terras do seu Oeste, criando novas fontes de riqueza em longínquas partes do país. No Brasil, até o advento de Brasília, dispúnhamos apenas do litoral, faixa litorânea onde se acotovelavam milhões de brasileiros, enquanto que o centro do país permanecia deserto. Ao construir Brasília, vi logo que era imprescindível, também, construir estradas que ligassem a nova capital às demais regiões do país. Daí a Brasília—Belém, a Brasília—Acre, hoje já reconhecidas como das mais avançadas obras do século. Aí está a Belém—Brasília, realidade poderosa, às margens da qual já vivem mais de um milhão de pessoas em cidades improvisadas, algumas nascidas da noite para o dia, frutos do progresso, mudando radicalmente a fisionomia da selva despovoada. Ainda há pouco li, no discurso de um senador, hoje ministro, a declaração de que "Brasília foi uma aventura com êxito". Êle tem razão — e o nome "aventura" é o que mandamos colocar na placa de inauguração de Brasília. Brasília e a Belém—Brasília foram duas grandes, fabulosas aventuras cada vez mais dignas da grandeza do nosso país. Li, também, não faz muito, uma referência a Brasília como sendo "uma obra poética". Sim, uma obra poética, mas poética no sentido grego da palavra, para os quais poesia era ação. E Brasília é ação guiada por um sonho que os brasileiros alimentavam há mais de duzentos anos.

"A nova capital é antes de tudo um poderoso instrumento de integração nacional"

O mundo inteiro já sabe da importância de Brasília nos destinos do Brasil. Hoje, com mais de 300 mil habitantes, a nova capital aglutina em tôrno de si mais um milhão de pessoas, residentes nas várias pequenas cidades das vizinhanças, gente vinda de todos os pontos do Brasil. Naquilo que, pouco antes atrás era um deserto plano, êrmo e de vegetação rasteira, brota hoje uma vida nova. Muito antes do que esperávamos, Brasília já está dando os frutos que — sabíamos — haveriam um dia de nascer naquele chão que domamos.

Brasília completa agora apenas sete anos de idade — a idade em que geralmente a criança ingressa na escola primária — e, no entanto, já está fornecendo ao Brasil um dos mais poderosos instrumentos para a integração do imenso território que recebemos como herança dos portuguêses e do qual, até a construção da nova capital, não havíamos tomado posse completa. Êste o objetivo para o qual Brasília foi criada, e que Brasília começa a cumprir: o da integração — o Centro e o **hinterland** numa só consciência nacional e numa só civilização. ■

Manchete

A fase do pioneirismo terminou. Sete anos já se passaram, e Brasília é, hoje, uma grande cidade. Contemplando-se o perfil aquilino da metrópole, uma pergunta germina em nosso cérebro: como vive a juventude de Brasília?

No mundo inteiro, a mocidade atravessa uma fase de inquietação. Há os **beatniks.** Há os **provos.** Há os **modes.** E há os **rockers.** E, em Brasília, que haverá? De fato, a juventude do planalto vive e se diverte. Sua existência, porém, está condicionada às próprias peculiaridades da cidade-modêlo. Essa juventude se divide em dois grupos: os filhos de Brasília e os transplantados — isto é, os que foram levados pelas famílias que lá se radicaram.

A GERAÇÃO DE BRASÍLIA

Texto de DEOCLECIANO ROCHA
Fotos de ROBERTO STUCKERT

Brasília é essencialmente uma cidade de gente môça. Lá, a criança é livre

COMO Brasília é uma cidade funcional, onde tudo foi planejado na banqueta do arquiteto, é possível que alguém julgue que a geração autóctone tenha surgido através de processos científicos, no Hospital Distrital ou numa das duas únicas maternidades locais. Nada disso. Os representantes dessa geração vieram ao mundo segundo o método convencional. Apenas, a vida que levam é, de alguma sorte, diferente da dos moços de outras cidades. Quanto aos transplantados, houve, naturalmente, necessidade de um período de adaptação. Hoje, porém, os dois grupos já se encontram fundidos. Vivem no planalto. Têm os olhos cheios daquela enormidade de céu. E sentem a alma flutuar em face das solicitações, que a cidade moderna e ultra-anticonvencional lhes atira no rosto.

Mas como vive essa mocidade? Brasília não possui praias e nem montanhas. Por isso, a horizontalidade do cenário influiu nas preferências dos moços. Derivaram para os clubes. Há trinta dêles na cidade, e quase todos dispõem de piscinas. É a vida ao ar livre, sob o sol causticante de uma altitude de 1.200 metros. A vida de clube tem desenvolvido nesses jovens evidente sentimento de convívio humano. Os moços não vivem só entre moços, mas participam das diversões dos adultos. E essa convivência empresta-lhes maturidade, situando-os mais próximos das coisas sérias. Daí a razão por que os jovens de Brasília, em sua quase totalidade, ocupam seu tempo nas escolas, na universidade ou nas bibliotecas. Será, por isso, uma juventude taciturna? Longe disso. O que acontece é que êsses moços despertam cedo para a vida. Apenas, em face das condições geográficas da capital, aprendem a viver um pouco fora do tempo. "Ontem" significa, para êles "hoje". E isso porque os jornais, os programas de televisão e os capítulos de novelas sempre lhes chegam com atraso. Essa intemporalidade serve-lhes, entretanto, de freio às emoções. Não se assustam quando a mais estarrecedora notícia do mundo lhes chega ao ouvido, pois sabem que ela "aconteceu" pelo menos vinte e quatro horas antes.

NA cidade, há sòmente quatro cinemas. Num dêles, pelo menos, o filme muda quase diàriamente e, não raro, se trata de um lançamento de filme inédito em todo o país. Isso representa um fator de compensação. No que diz respeito às cenas, gravadas em celulóide, os moços de Brasília dão-se ao luxo de estar à frente dos seus colegas das outras cidades. Além disso, há a Escola Parque, onde se realizam, com freqüência, festivais italianos, franceses, russos e tchecos. É uma visão do mundo, comprimida num espetáculo. Será suficiente para quem, vivendo no planalto, está habituado aos panoramas amplos?

De qualquer forma, a juventude de Brasília não se isolou no tempo. Se formos à porta dos cinemas, antes e depois das sessões,

e sadia; e os adolescentes levam uma vida sem excessos, voltados para as coisas importantes. Fulgurante sob o sol, Brasília é uma cidade sem portões.

sentiremos a presença do mundo moderno. São os automóveis, de descarga aberta, que assustam a vizinhança. São os "cabeludos", em sua ruidosa inquietação, que provocam muxoxos nas senhoras respeitáveis. São as mini-saias que emprestam uma nota *sexy* à placidez da existência na capital.

Nesse cenário de elementos estáveis e convencionais, a universidade desempenha um papel de relêvo. Em seu *campus*, que se estende por mais de um quilômetro na parte inferior da Asa Norte, mais de mil rapazes e môças, vindos de todos os estados da Federação e representando diferentes categorias sociais, misturam-se no intervalo das aulas. Há algazarra. Há tumulto. Mas, sobretudo, há espírito de compreensão. Riem, trocam impressões, discutem assuntos de estudo, criando o ambiente de despreocupação que se faz necessário, para contrabalançar a severidade da atmosfera do Congresso, dos tribunais e dos palácios do govêrno.

ESSA democratização da juventude é indispensável e higiênica. Brasília é o centro das decisões políticas do país. Ali, sempre se respira política. Nessas condições, a juventude, sem o querer, deixa-se impregnar de govêrno. O govêrno está em tôda parte. O pai, o tio, o primo distante de muitos é ministro, é senador, é deputado. Quando o govêrno não está na família, implanta-se na vizinhança. O vizinho da direita é um dos conselheiros do presidente; e o da esquerda está sendo falado para um dos ministérios. Essa situação resulta num processo de politização em massa. Môças e rapazes discutem política, como seus irmãos do Rio brigam por futebol. Será um mal? Cremos que não. É na mocidade que se forjam as qualidades dos verdadeiros homens públicos. A proximidade do exemplo dá origem a emulações.

E as crianças? Sadias, queimadas pelo sol, têm um mundo em suas mãos. Podemos vê-las, brincando nos gramados, balançando-se nas gangorras dos *playgrounds*, fazendo a sesta nos pátios das escolas, cortando e armando figurinhas, mexendo na areia. São felizes, porque os pais moram ao lado da escola, e estudam com prazer, porque a escola, em vez de um local de aborrecimento, é um recanto de diversões.

Assim vive a mocidade de Brasília. É a nova geração que cresce e se educa, sob a proteção do Estado, para dirigir o Brasil de amanhã. Brancos, prêtos e amarelos — crianças e adolescentes — num tocante espetáculo de convivência democrática! Enquanto as crianças se dedicam aos jogos pueris, os adolescentes levam uma existência sem desregramentos e quase sempre voltada para as coisas sérias, já que a cidade, por suas peculiaridades arquitetônicas, não permite conversas na esquina — não há esquinas — e não admite namôro de portão — porque Brasília não tem portões, mas pilotis.

PAIS DE TODO O BRASIL VELAM POR ÊSTE SONO

Mais de duzentos e setenta mil. Em todos os Estados. São os associados do Grêmio Beneficente de Oficiais do Exército, unidos como uma só família zelando indiretamente pela tranqüilidade dos filhos de cada um dêles.
Ao associar-se ao Grêmio Beneficente de Oficiais do Exército, o pai desta criança (qualquer criança brasileira, do Amazonas ao Rio Grande do Sul) adquiriu mais que um simples plano de pecúlio:
tomou para si e para sua família a tutela da maior sociedade brasileira de beneficência, que trabalha, diuturnamente, fiel ao lema:
no amparo ao associado, dedicação absoluta!

GRÊMIO BENEFICENTE DE OFICIAIS DO EXÉRCITO

Sede: Rua dos Andradas, 904 — Pôrto Alegre
Agentes, representantes e prestação de serviços em todos os Estados da Federação.

AS CIFRAS NOTÁVEIS DO PECÚLIO INTEGRAL GBOEx:

PECÚLIO	SEGURO FAMÍLIA	ACIDENTE				AUXÍLIO DOENÇA	PREMIO MENSAL
		Morte	Invalidez	Despesas Médicas	Diária Hosp.		
Grupo Base 10.000 NCr$	400 NCr$	5.000 NCr$	4.000 NCr$	100 NCr$	4 NCr$	1.000 NCr$	6 NCr$
Grupo Duplo 20.000 NCr$	800 NCr$	5.000 NCr$	4.000 NCr$	100 NCr$	4 NCr$	2.000 NCr$	11 NCr$

O govêrno soviético vai distribuir nas escolas um livro contendo trechos da Bíblia e reproduções de obras de arte religiosa dos museus russos. O escritor Tchukovski, que o organizou, frisou, porém, que se destina "ao ensino artístico e não de religião".

★ BAILARINAS DE **STRIP-TEASE** RECUSARAM VESTIR-SE como modelos do costureiro Rivière e lançá-los, num desfile original, sem se despir, no **Crazy Horse**, "templo" dos espetáculos de nu, em Paris, onde atuam. Consideraram a proposta do costureiro uma "inversão e verdadeira ofensa" à sua arte.

★ CORAÇÕES ARTIFICIAIS SERÃO FABRICADOS EM SÉRIE, nos Estados Unidos, daqui a dois ou três anos. Foi o que anunciou o médico americano Dr. Wilhelm Kolff, num congresso mundial de 500 especialistas, em Hesse, Alemanha. Adiantou, inclusive, quanto custará cada unidade: um milhão de cruzeiros antigos.

★ AS CONSEQÜÊNCIAS SOCIAIS DA AUTOMATIZAÇÃO foram tema de um encontro internacional de médicos, universitários e representantes sindicais de 15 milhões de trabalhadores europeus, em Grenoble, França. Principal conclusão: a automatização envelhece o homem aos 40 anos, e a mulher, a partir dos 30.

★ BOB DYLAN VAI PROTESTAR PERANTE O MUNDO OFICIAL, pela primeira vez, com suas canções contra a bomba atômica e a guerra do Vietnã. Êle será a atração da festa dêste ano em benefício da Cruz Vermelha, em Monte-Carlo, a que comparecem sempre os príncipes do Mônaco e autoridades de outros países.

★ O FILME SUECO **MINHA IRMÃ, MEU AMOR**, que relata um caso real de união entre irmãos ocorrido recentemente na Suécia, foi liberado pela justiça da austera cidade de Boston (EUA), onde a censura o interditara. "A descrição das mazelas da vida é própria das grandes obras de arte", sentenciou o juiz.

★ UMA INFORMAÇÃO DE ACIDENTE CHEGA A CADA SEGUNDO de cada dia útil às companhias de seguros automobilísticos da França. Ao revelar êste espantoso cálculo, acrescentam tais emprêsas que os desastres de automóveis naquele país duplicaram, entre 1961 e 66, de 3 milhões e 600 mil para 7 milhões por ano.

O produtor do célebre filme Rififi, **Auguste Le Breton, está processando as cadeias de televisão americanas, que já exibiram sua película 32 vêzes sem lhe pagarem um centavo sequer. "Isto é assalto a mão armada", exclama êle, exigindo a fortuna que lhe devem.**

★ UM TRANSATLÂNTICO AMERICANO APORTOU NA RÚSSIA, pela primeira vez nestes 50 anos de regime comunista. O **SS Independence**, em cruzeiro pela Europa, desembarcou em Odessa 535 passageiros, duzentos dos quais aproveitaram a estada para irem, de avião, conhecer Moscou.

★ UMA QUADRILHA DE FALSIFICADORES DE QUADROS, com ramificações internacionais, começou a ser desbaratada pela polícia francesa, quando a cópia de uma tela de Derain foi vendida como autêntica por uma galeria de Cannes. Outras especialidades dos falsários: Vlaminck, Raoul Dufy e Van Dongen.

★ UM DESFILE DE CALHAMBEQUES RENAULT comemorou, em Paris, os 66 anos da indústria automobilística francesa e de sua exportação. Quarenta modelos, de 1899 a 1939, passaram majestosamente sob o Arco do Triunfo, trazidos todos da Inglaterra por seus proprietários.

★ HEDDY LAMARR VIROU MESMO ESCRITORA. A grande estrêla do cinema das décadas de 30 e 40 está terminando seu segundo livro, que promete causar tanta sensação quanto o primeiro: trata-se de outro volume de memórias, intitulado **Os Homens de Minha Vida** e contendo chocantes revelações.

★ DOIS MIL INDUSTRIAIS INGLÊSES APRENDEM FRANCÊS num curso especial para homens de negócios recentemente instituído em Londres. Farão, depois, outro curso intensivo, de alemão. Motivo: o ingresso bem provável da Grã-Bretanha no Mercado Comum Europeu.

★ SEVERA CRÍTICA À ELEGÂNCIA DE JOHNSON foi feita pela revista **Men Wear**, a "bíblia" da indústria americana de roupas para homens. "Seus ternos, comprados prontos, são sem graça", comenta a revista, "e, embora o presidente tenha vários chapéus, insiste naqueles horríveis, de aba larga, do Texas."

Sucessos dos Beatles foram gravados, na França, por uma famosa cantora lírica, em versões de música de câmara. É ela Cathy Berbérian, para quem Stravinski escreveu a Elegia a John Kennedy **e muitos outros grandes autores têm-lhe dedicado composições.**

★ A ALEMANHA REINGRESSA NA ERA ESPACIAL, de que foi pioneira com os mísseis V-2, de Von Braun, na Segunda Guerra, agora, usando foguetes americanos e a base européia de Kiruna, na Suécia. Dali, cientistas de Bonn lançarão cinco **Nike Apache**, cedidos pela NASA, para estudos na estratosfera.

★ O NÔVO AMOR DA EX-PRINCESA SORAIA, segundo a imprensa européia, é o milionário suíço Barão Heinrich von Thyssen. Foram vistos juntos durante todo o último inverno europeu, em Saint Moritz; Soraia já visitou o castelo da família Thyssen; e consta que viajaram agora para as ilhas Baamas.

★ O ESCÂNDALO NA ELEIÇÃO DE MISS FRANÇA 1961 encerra-se agora, na justiça. O presidente do júri, Poirot de Fontenay, recusara o título à eleita, Luce Auger, revelando ser ela casada e mãe. Era verdade. Mas Luce provou que não havia tal impedimento no regulamento do concurso, falsificado por Fontenay para proteger outra candidata. O homem condenado a dois meses de prisão.

★ IRMÃ "SORRISO" FAZ ESCOLA. A exemplo da freira que ficou famosa como cantora e guitarrista, e depois deixou o convento, outra religiosa belga, Irmã Claire, acaba de gravar seu primeiro disco. Todo o lucro da venda da gravação reverterá para um hospital público, onde ela trabalha.

★ PROIBIDOS MINI-SAIAS e DECOTES NO PARLAMENTO da Holanda. Justificando tal ordem drástica, dirigida às funcionárias daquela câmara de deputados, afirmou seu presidente que "êsses atuais recursos da moda feminina distraem os parlamentares, impedindo-os de poder trabalhar pelo povo".

★ AO COMPLETAR 75 ANOS, O CARDEAL MINDSZENTY declarou que não pretende acolher a sugestão do Papa Paulo VI de que os cardeais deixem suas funções nessa idade. Contudo, como se sabe, Mindszenty encontra-se há dez anos fora do cargo, refugiado na embaixada americana de Budapeste desde sua participação na fracassada revolta de 1956, na Hungria.

A sêda da China adere à Revolução Cultural. A nova moda, em Pequim, são estampados dêsse tecido reproduzindo páginas do livrinho de pensamentos de Mao Tsé-Tung e retratos do dirigente chinês. Môças da Guarda vermelha já começaram a usá-los, como lenços.

★ TRÊS MIL CONDENADOS AGUARDAM VAGA NA PRISÃO do Estado de Renânia, na Alemanha Ocidental, que se encontra superlotada. Para resolver parte do problema, o secretário de Justiça do estado converteu em multa diversas penas de detenção.

★ LANÇADA NA RÚSSIA **A CANÇÃO DE LARA**, do filme **Dr. Jivago**, proibido de exibição naquele país e cujo romance original, como se sabe, custou dissabores a Bóris Pasternak. A melodia, com letra em russo, foi apresentada pela cantora francesa Teresa, num recital em Volgogrado, ex-Stalingrado.

★ MOSCOU TORNOU-SE A CAPITAL DO CINEMA FRANCÊS, na semana passada, ao realizar-se ali uma mostra de filmes da França, prestigiada com a presença de artistas famosos. Entre outros, compareceram Yves Montand, Simone Signoret, Lino Ventura, Claudine Auger, Marie-José Nat e Claude Rich.

★ **NOUVELLE-VAGUE** PARA MENINA-MÔÇA: Jean-Luc Godard vai levar para o cinema o famoso romance **Memórias de um Burro**, da Condêssa de Ségur, enquanto Eric Rohmer pretende filmar **As Meninas Exemplares**, outra história para adolescentes da mesma célebre autora.

Peter O'Toole foi convidado pela Rádio Luxemburgo a transmitir, da Irlanda para tôda a Europa, os jogos do mais importante campeonato internacional de rugby, **o Torneio das Cinco Nações, em Dublin. O ator, praticante dêsse esporte, aceitou com prazer.**

★ Sinatra e o baterista Do-Um
★ José Ermírio: tecnicismo
★ O ministro e o secretário são primos
★ Uma cachoeira no planalto

Com o apoio do Marechal **Eurico Dutra**, o Ministro **Pereira Lira**, do Tribunal de Contas da União, é forte candidato à vaga que se abrirá em julho no Supremo Tribunal Federal, com a aposentadoria do Ministro **Pedro Chaves.**

Atravessando a Avenida W-2, em Brasília, o líder da oposição na Câmara, Deputado **Mário Covas**, salvou seu colega de bancada **Antonio Anibelli** de ser atropelado por um táxi — chapa 5-81-31 — que trafegava em alta velocidade. Na Câmara, o líder oposicionista justificou seu ato: "Preciso preservar meus votos, custe o que custar."

O chefe da Assessoria Parlamentar do presidente da República, o ex-Deputado **Geraldo Ferraz**, teve sua residência no Rio Comprido assaltada por dois gatunos. O fato não se revestiu de maiores conseqüências, porque os ladrões foram surpreendidos pela polícia antes que pudessem fugir com os objetos furtados, mas êle acha que a responsabilidade, no caso, cabe às notícias que revelaram sua transferência para Brasília.

O ator de cinema **Alberto Ruschel** vai passar para trás das câmaras, produzindo com a companhia norte-americana Waica-Film um documentário colorido de longa-metragem sôbre os índios do Parque Nacional do Xingu. Êle acaba de passar um mês nas selvas estudando com os irmãos **Vilasboas** o roteiro da fita e realizou tomadas de cenas que, exibidas em Nova Iorque, foram consideradas de grande beleza e interêsse.

O Coronel **Tancredo Joubé**, ex-assessor parlamentar do Ministério da Guerra e atual assistente da Casa Militar da presidência da República, está pràticamente lançado candidato ao govêrno de Goiás, em 1970. Deverá ter como adversário o Sr. **Iris Resende,** prefeito de Goiânia.

Do Senador **Carvalho Pinto:** "Austeridade e rigor excessivos também são formas de demagogia."

O Ministro **Hélio Beltrão** apelidou de O Elefante o enorme organograma sôbre os diversos órgãos do govêrno, que se encontra prêso à parede do seu gabinete no Palácio do Planalto.

★ **Frank Sinatra** mandou seu avião particular a Chicago a fim de buscar ali o baterista brasileiro **Do-Um.** Foi **Tom Jobim** quem fêz êsse pedido para gravar o disco mais discutido do ano, que já está na rua: **Francis Albert Sinatra & Antônio Carlos Jobim.**

Do nôvo presidente do IBC, Sr. **Horácio Coimbra,** explicando suas ligações com Brasília: "Já construí, inclusive, um edifício nessa cidade, em sociedade com um amigo. Chama-se Coivanca. O **Coi** sou eu."

O Presidente **Costa e Silva** recomendou aos copeiros do Planalto e do Alvorada a que não mais coloquem açúcar nos sucos de laranja que toma tôdas as manhãs. Está usando um adocicador artificial. Quer perder alguns quilos.

★ Do Senador **José Ermírio de Moraes:** "Aplaudo o tecnicismo, mas detesto o tec-cinismo."

O Deputado **David Lerer** (MDB-SP) afirmou que há uma expectativa "simpática" pelo nôvo govêrno, nas classes trabalhadoras paulistas. Dias depois, retirou o adjetivo: "Há uma expectativa, apenas."

A Fundação Getúlio Vargas inaugurou o primeiro curso de aperfeiçoamento de professôres de administração pública no Brasil. Coordenado pelo Professor **Cléber do Nascimento,** corresponde ao **master** nas universidades americanas.

Os Deputados **Tourinho Dantas, Magalhães Melo, Flaviano Ribeiro** e **Alves Macedo** lamentam que as lideranças da Câmara não tenham seguido o exemplo do Marechal **Costa e Silva,** que substituiu todos os ministros e o segundo escalão. "Na Câmara, disseram, foram mantidos todos os presidentes das comissões técnicas. Na de orçamento há relatores no cargo desde 1946."

Em carta enviada ao diretor-geral da Câmara, Sr. **Luciano Alves de Souza,** o Embaixador **Bilac Pinto** disse que, apesar dos encantos de Paris e da atividade diplomática, sente saudades da Câmara e de Brasília.

A escultura "Meteoro", do nôvo Itamarati em Brasília, foi rebatizada pelo Senador **Vasconcelos Tôrres:** "Monumento ao diplomata desconhecido."

Por intermédio de **Dorival Caími,** o escritor **Jorge Amado** enviou a orelha do próximo livro de poesias "Sarandalhas", da poetisa amazonense **Mady Benoliel.**

O Deputado **Souto Maior** queixava-se do esvaziamento das comissões técnicas do legislativo, devido à Constituição. Concordando, disse o Senador **Eurico Rezende:** "A única comissão que não foi esvaziada foi a de Redação. . ."

★ Para acertar uma efetiva colaboração entre os governos federal e estadual, o Ministro **Tarso Dutra** e o Secretário **Benjamim Moraes** tiveram um encontro no fim do qual, entre os planos aprovados, descobriram também, através de uma pesquisa feita pelo jornalista **Hermenegildo Sá Cavalcante,** que são primos por parte da família Moraes.

Do Deputado-Padre **Godinho,** ao dar um recado ao Deputado **Djalma Marinho:** "Setenta e cinco por cento da Guarda Vermelha estão lhe esperando na saída da Câmara." Referia-se ao Deputado **Rafael de Almeida Magalhães,** que aguardava o chefe da Guarda. . .

★ Aproveitando uma cachoeira de 168 metros de altura no rio Itiquira, a poucos quilômetros de Brasília, o Sr. **Antônio de Oliveira Rocha,** pioneiro da construção da capital, está começando a construir ali um maravilhoso centro turístico, com hotel, casas de campo, lago para pesca e área para caçadas.

De 6 a 8 de maio, estará reunido no Rio o III Congresso Interamericano de Administração de Pessoal. Vem gente de todo o continente. A coordenação geral está entregue ao Sr. **Antônio Guimarães.**

Fernanda Montenegro está preparando um espetáculo originalíssimo, que apresentará no Rio, em maio, sòmente às segundas-feiras: uma adaptação teatral do romance "A Paixão Segundo G. H.", de **Clarice Lispector.** A escritora está entusiasmada com o projeto.

A campanha pelas eleições diretas não ficará restrita na área da oposição. Os Srs. **Magalhães Pinto, Nei Braga, Abreu Sodré, Carvalho Pinto** e **Paulo Pimentel** também participarão.

No dia da inauguração de seu vernissage, em Paris, o pintor brasileiro **Jenner Augusto** vendeu quase todos os 29 quadros que levara do Brasil. Recebeu um convite para expor na Bélgica, mas não tem mais o que vender.

Do Presidente **Costa e Silva** ao Ministro **Magalhães Pinto,** quando da sua primeira visita ao nôvo Palácio do Itamarati, em Brasília: "Assim também já é demais".

O conhecido químico, professor e escritor **Henrique de Paula Bahiana** recebeu, há dias, no Rio, do govêrno do Paquistão, representado pelo Embaixador **Iftikhar Ali,** a condecoração referente à data nacional daquele país. Esta é a primeira vez que uma personalidade brasileira recebe tal distinção.

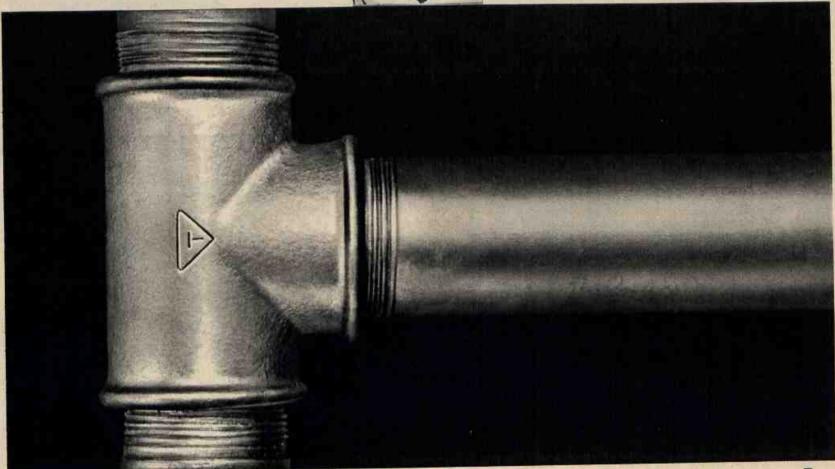
O escritor **Carlos Heitor Cony** anda muito entusiasmado com as guerrilhas de Caparaó. Mas seus motivos não são políticos. É que o personagem central de seu nôvo romance, "Pessach — A Travessia", é um intelectual guerrilheiro. O livro sairá em maio pela Civilização Brasileira.

Alcançou extraordinário êxito a noite de inauguração da exposição de **Carlos Scliar,** na semana passada, marcando o início da nova fase da Galeria Santa Rosa (Ipanema). Na Galeria Goeldi, no mesmo bairro, numeroso público tem prestigiado a mostra de Eduardo Asensio.

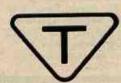
Lançamentos na praça: "Tempos de Plantar", de **Fernando Levisky;** "Treva", de **Flávio do Nascimento;** "Em Poucas Mãos", de **Estes Kefauver.**

Com a experiência adquirida no gabinete do Ministro **Carlos Medeiros** e nos cursos de especialização que fêz no Exército, o Coronel **Uracy Benevides** assumiu a subchefia do gabinete do Ministro **Mário Andreazza.**

O Deputado **José Sabiá** (MDB-São Paulo) resolveu dedicar-se a um esporte perigosíssimo: o de anotar diàriamente as presenças e ausências dos seus colegas da bancada paulista. Como se sabe, pela nova Constituição, o deputado faltoso demais pode perder o mandato. E o Deputado **Sabiá** já está cantando: "Vamos cumprir a Constituição."

Como evitar abrir paredes para trocar instalações hidráulicas?

Pense na durabilidade das conexões de ferro maleável Tupy

Feitas para durar anos e anos, as conexões de ferro maleável Tupy resistem muito mais à corrosão, ao desgaste e à oxidação. Suportam pressões internas elevadas, são indeformáveis e oferecem mais de 800 tipos diferentes à sua escolha. Agora com RR* para ficar sempre dentro das paredes.

*RR - Rebôrdo de Refôrço, maior resistência na bôca da conexão, de acôrdo com padrões internacionais.

FUNDIÇÃO TUPY S.A.

Joinville – Santa Catarina

Pioneira do ferro maleável na América Latina

venan - s.p.

A Companhia Gillette orgulhosamente lança no Brasil a lâmina Gillette Super Inoxidável.

Ela faz mais barbas do que qualquer outra lâmina do mundo.

Por que a lâmina Gillette Super Inoxidável é tão durável? Porque ela é feita de micro-aço inoxidável.

Porque é temperada 1.100° acima de zero e 55° abaixo de zero. Porque seu fio é revestido com Polymer, um processo exclusivo da Gillette.

Sem contar que é polida 12 vêzes e passa por 76 testes de qualidade.

O resultado é que a lâmina Gillette Super Inoxidável faz mais barbas do que qualquer outra lâmina do mundo.

Sempre com a mesma suavidade.

E sempre gastando menos cruzeiros por barba.

Experimente a nova lâmina Gillette Super Inoxidável.

Aí você vai entender por que ela já é conhecida como

a intermináaaaaaaaavel!

Mod. Patenza
Ref. 71

Mod. Caserta
Ref. 51

Mod. Lugan
Ref. 33

Olha só o que acontece quando

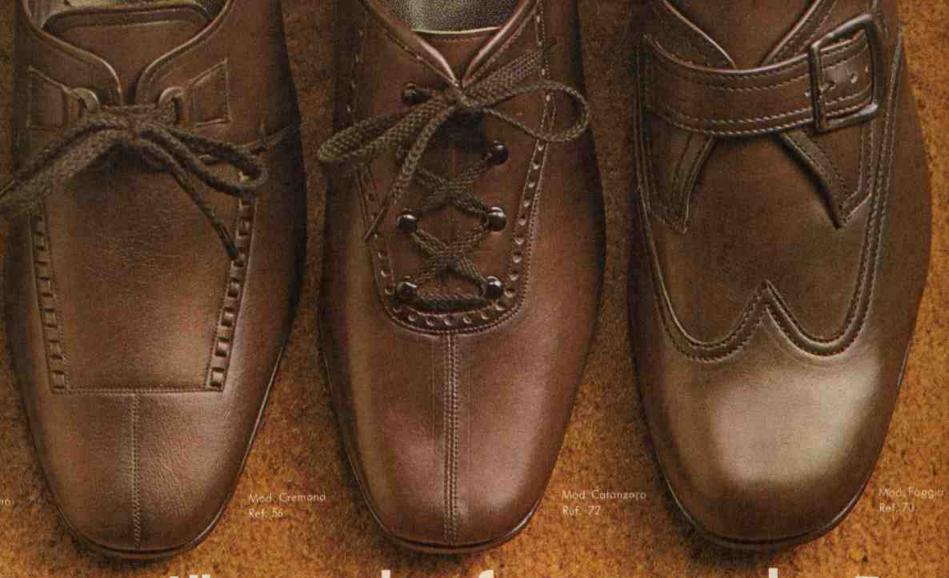
Mod. Monza
Ref. 78

Mod. Potenta
Ref. 54

Mod. Verona
Ref. 201

Mod. Cremona
Ref. 56

Mod. Catanzaro
Ref. 72

Mod. Foggia
Ref. 70

Samêllo resolve fazer revolução:

Mod. Brescia
Ref. 900

Mod. Viterbo
Ref. 26

Mod. Ferrara
Ref. 52

Você começa a calçar hoje modelos de 1970. Linha Samêllo 70. Samêllo

Agora o Karmann Ghia está 16 HP mais perto dêle.

Mas não se assuste.
Nenhum carro de corrida vai ser alcançado pelo nôvo Karmann Ghia.
O motor 1.500 apenas o tornou um carro mais esportivo.
E não um carro esporte.
A velocidade máxima aumentou em alguns quilômetros por hora, e isso, naturalmente, vai fazer as paisagens passarem um pouquinho mais depressa.

Em compensação, v. poderá ver mais paisagens em menos tempo.
E com aquela vantagem do motor refrigerado a ar: nunca precisar parar para colocar água.
Quando a paisagem na sua frente fôr a traseira de um caminhão, v. pode trocá-la mais ràpidamente.
O motor responde no mesmo instante em que v. pisa no acelerador.

E o motor também vai ajudá-lo quando v. estiver curioso para ver o outro lado de uma montanha.
Em menos tempo v. estará vendo todo o panorama lá de cima.
Com os 16 HP a mais, o Karmann Ghia ficou um pouco mais perto dos carros de corrida.
Mas não se preocupe.
A distância ainda é bastante grande.

PAULO MENDES CAMPOS

SHAKESPEARE & COMPANHIA

Os industriais orgulham-se muito das famílias sustentadas por seus empreendimentos. E eu penso sempre, ao ouvi-los, em Shakespeare & Company. Não a livraria de Sylvia Beach em Paris, que tinha êsse nome, mas a máquina de fazer dinheiro que foi o poeta inglês. Podia pensar em outro artista, mas fico em Shakespeare por uma obsessão de meu espírito.

Uma indústria cria riquezas enquanto permanecem certas condições sociais e técnicas de determinada época: Shakespeare continuará dando lucro até a consumação dos séculos. O mundo é acionado por energia elétrica e derivados de petróleo; descoberta uma forma de explorar econômicamente a energia nuclear, essas riquezas serão relegadas a segundo plano e, quem sabe, esquecidas; mas não surgirá nunca o gênio literário que diminuirá Shakespeare como fonte financeira. Sòzinho, obscuro, sem capital, o rapaz de Stratford montou uma indústria extremamente diversificada, ecumênica, intemporal, sem distinção de classe, religiosa, política ou racial.

É absolutamente impossível fazer uma estimativa do que vem rendendo Shakespeare, em dólares ou cruzeiros novos, através de quatro séculos. Uma fábula, sem dúvida. Que fortuna inimaginável jorrou de suas representações teatrais?! Só na Inglaterra e nos Estados Unidos passou pelas bilheterias uma frota de caminhões carregados de cédulas. Viveram temporàriamente dessas peças empresários, diretores, atôres importantes, extras em penca, carpinteiros, eletricistas, maquinistas, porteiros, operários. E outros continuarão a viver. Quantas voltas daria em tôrno da Terra o papel utilizado na impressão das obras de Shakespeare ou sôbre Shakespeare?! Quantas árvores foram consumidas na confecção dessas bobinas?! Madeireiros, fabricantes de cola, de tecidos, de tintas, trabalhadores de matérias-primas e trabalhadores manufatureiros, quantos levaram para casa o pão-de-cada-dia através dêsse fantástico labirinto econômico que é Shakespeare?! O caudal shakespeariano inunda o mundo: não há língua civilizada que não haja imprimido os seus livros. Editôres, livreiros, tradutores, linotipistas, tipógrafos, ilustradores, corretores, quase todos êles, em todos os países, devem um pouco ou muito a Shakespeare.

Em que proporção o turismo na Inglaterra é motivado por Shakespeare? Que seria de Stratford-on-Avon se Shakespeare houvesse morrido na infância? Só em um setor industrial modesto — o de bustos, estatuetas, ladrilhos, pratos, cinzeiros — a queda econômica já seria considerável.

As companhias de transportes, terra, mar e ar, faturam bastante por causa de Shakespeare; combustíveis são consumidos por causa de Shakespeare; motoristas ganham por causa de Shakespeare; restaurantes e bares registram despesas por causa de Shakespeare; figurinistas, costureiros, coreógrafos, bailarinos, compositores, músicos, pintores, escultores, jornalistas, críticos, cofres públicos de tôdas as nações, todos passam na caixa inesgotável de Shakespeare & Companhia. Quanto já deram as exibições cinematográficas (uma ou mais versões) de *Romeu e Julieta, Sonho de uma Noite de Verão, Como Quiseres, Henrique V, Hamlet, Júlio César, Macbeth, Otelo* e outras?! Cada invenção nova é outra oportunidade econômica para os acionistas de Shakespeare: o rádio e a televisão, por exemplo. Até na tevê brasileira uma tragédia de Shakespeare foi encenada. E dos discos, quantos discos de peças e poemas de Shakespeare foram prensados no mundo?! E as peças musicais de Purcell, Mendelssohn, Verdi, Goetz, Gounod, Prokofiev e muitos outros?! E as bibliotecas, as universidades?! Quantos eruditos vivem exclusivamente de Shakespeare?! Quantas edições já teve um único livro — *Os Contos de Shakespeare*, de Mary e Charles Lamb. Não há pràticamente um único intelectual que não haja produzido alguma coisa a propósito de Shakespeare, desde Ben Jonson, passando pelos nomes famosos de Milton, Dryden, Addison, Pope, Johnson, Coleridge, Hazlitt, De Quincey, Landor, Shaw, Pound, Eliot, Auden, Chateaubriand, Stendhal, Goethe, Schiller, Vigny, Victor Hugo, Diderot, Voltaire, Tolstoi, todos entraram na seara imensa. Só em um país, cultural e econômicamente subdesenvolvido como o nosso, a bibliografia registra centenas de livros e periódicos que tratam de Shakespeare. Só Machado de Assis fala de Shakespeare em 30 obras. Já em 1835 o *Hamlet* era encenado em nossa terra.

Tôda a literatura seria diferente e menos numerosa sem Shakespeare. Romances como o *Ulysses*, de Joyce, ou *Admirável Mundo Nôvo*, de Huxley, ou não existiriam ou teriam uma estrutura inimaginável. E milhares de outros.

Se amanhã fôr inventado qualquer nôvo mecanismo que possibilite a divulgação cultural, Shakespeare estará presente. Se a civilização fôr destruída, logo nos primeiros passos da reconstrução do mundo, Shakespeare será lembrado. Neste instante há milhares de pessoas vivendo de Shakespeare, há pinheiros a crescer, que darão papel para edições que serão lançadas daqui a um século; há meninos nos parques que serão especialistas em Shakespeare dentro de 20 anos; há um mundo shakespeariano nascendo a cada minuto.

E em Stratford-on-Avon é muito provável que um comerciante de gado, amigo da família, tenha comentado com desânimo e lástima que aquêle rapaz, o William, tão talentoso, em vez de fazer dinheiro, perdesse seu tempo com essa bobagem de teatro e poesia.

Aos 70 anos, Vladimir Bernardes, ex-campeão de halterofilismo e jornalista que foi mestre na polêmica, ensina o á-bê-cê do bom-humor

UM DICIONÁRI

A

A — Início das dificuldades na alfabetização de um país.
ABSURDO — Tudo que a razão repele e a Segurança Nacional impõe.
ADULADOR — Homem prático que, em vez de abraçar uma carreira, corre a abraçar os poderosos.
ALPINISMO — A estupidez em ascensão.
AMIGOS — Raça sublime de maus sujeitos.

B

BADALO — Atributo másculo dos sinos, sem o quê não passariam de mini-saias de bronze.
BÍGAMO — Marido de uma mulher bela e inteligente ao mesmo tempo.
BOATEIRO — Pessoa bem informada que conta o que ouve e não o que houve.
BOÊMIO — Tipo original que dorme de dia e não trabalha de noite.
BUROCRACIA — A inércia em movimento.

C

CANHOTO — Aleijado que nasceu com a mão direita no braço esquerdo.
CÉTICO — Indivíduo que não acredita ser possível alguém enriquecer fora do govêrno.
COMPLEXIDADE — Feijoada completa servida à francesa.
CRÉDITO — Cochilo da desconfiança.
COOPERAÇÃO — Modo de intrometer-se em negócios alheios seguindo à risca a lei do menor esfôrço.

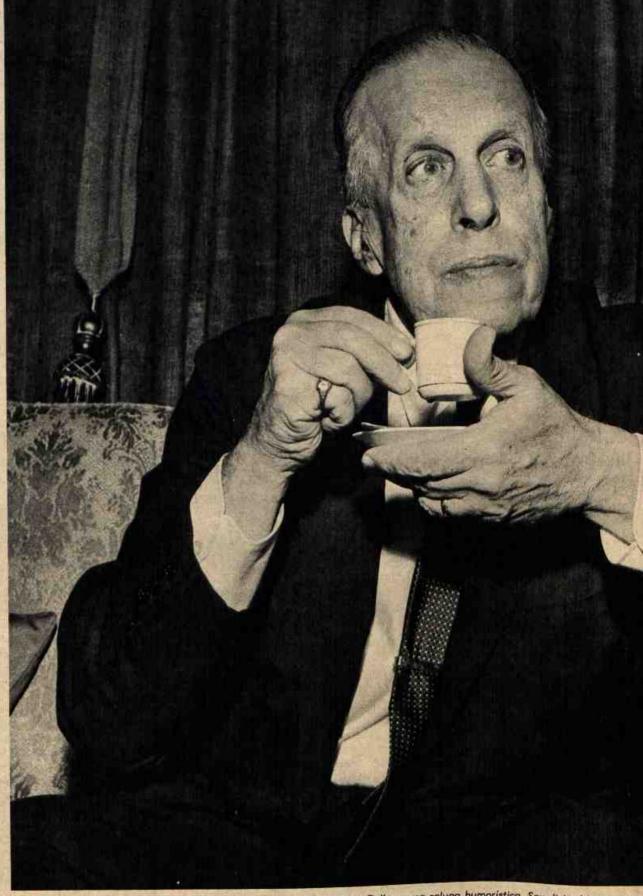
D

DECOTE — Limite entre o bem público e o bem privado. Onde êle pára, a imaginação continua.
DENTISTA — Profissional que tira o pão para o seu sustento da bôca dos outros.
DEMOCRACIA — Regime político aparelhado a funcionar para o povo, pelo povo, com o povo e mesmo sem o povo.
DOENTE — Sujeito que só fala a respeito da sua saúde.

E

ENCARGO — Tudo que deve ser evitado no gôzo de um cargo público.
ESPÍRITO — Camarada teimoso, que morreu e não se convenceu.
ESPERANTO — Idioma universal que todo o mundo ignora.
ESTÓICO — Tipo algo faquiriano, dotado de tôdas as qualidades inerentes aos joelhos das beatas.

F

FIEL — Ponteiro de balança, ou

Há uns 40 anos, Vladimir Bernardes usava o pseudônimo de João Sem Telha numa coluna humorística. Seu dicionário jocoso

Campeão de remo nos idos de 1918, halterofilista aposentado, advogado, jornalista de grande tirocínio, comerciante, poeta (inédito) — eis alguns títulos que **Wladimir Bernardes** conseguiu acumular ao longo de sua vida, além da paternidade do filho famoso, o arquiteto Sérgio Bernardes. Agora, aos setenta anos de idade, êle representa uma nova facêta: humorista didático. De suas monótonas viagens de ônibus pelas ruas da cidade, o Dr. Bernardes guardou as idéias que se formavam em seu cérebro e que mais tarde viriam a se transformar em aforismos humorísticos. Hoje êle trabalha num dicionário em que para cada letra há sempre uma frase hilariante do qual aqui publicamos uma pequena amostra. Amigo dos jovens, elegante, não perdeu ainda aquela compleição atlética adquirida nas águas da baía da Guanabara, onde por quatro vêzes foi o campeoníssimo nas competições a remo. Casado há 48 anos com D. Maria de Almeida, conseguiu, segundo êle próprio, "sobreviver à chatice do matrimônio", graças ao seu constante bom-humor. Além de Sérgio, é pai de Regina Bittencourt, casada com Aloísio Régis Bittencourt, atual embaixador do Brasil em Israel.

O HILARIANTE

mostra que mantém a verve da mocidade.

ajudante de tesoureiro. Ambos não devem ser viciados. **Mulher fiel** — a que se dedica a fazer sofrer um único homem.
FORÇA DE VONTADE — Predicado esporádico de bebedores incorrigíveis e de fumantes inveterados.
FRANQUEZA — Boa disposição para indispor-se com os amigos. Excesso de sinceridade ou falta de educação.

G

GENEROSIDADE — Imprudência no dar, que os mais vivos inculcam como virtude aos mais trouxas — para levar vantagem.
GRATIDÃO — Espera de novos favores.
GUERRA-FRIA — Sistema empregado para semear ventos sem colhêr tempestades.
GORILA — Brutamontes das florestas africanas, mal visto quando aparece nas metrópoles da América Latina.
GATUNO — Marginal primário que ainda rouba arriscando a pele.

H

HERDEIRO — Cavalheiro para o qual a morte sorriu.
HEREDITARIEDADE — Modo velhaco de atribuir aos nossos antepassados as culpas de nossos erros e defeitos.
HUMILDES — Sempre por baixo. Como a marca dos pratos.
HERÓI — Sujeito imprudente, que foi ao encontro da morte e encontrou pela frente um bom repórter.

I

INTELIGÊNCIA — Dom divino que não evita o terra-a-terra do convívio com os imbecis.
INTRANSIGÊNCIA — Teimosia mais burrice, com aparência de austeridade de caráter.
INDECISO — Camarada que recua antes de avançar e não avança com mêdo de ter que recuar.

J

JEJUM — Fome programada por motivos de devoção ou indigestão, que é quase a mesma coisa.
JUSTIÇA — Tudo que é a favor dos nossos interêsses. **Justiça divina** — às vêzes parece mal distribuída, mas não adianta reclamar.
JORNALISTA — Profissional que, geralmente, se orienta pela opinião pública.

L

LEÃO-DE-CHÁCARA — Desordeiro encarregado de manter a ordem nas boates.
LEVIANDADE — Flêrte de mulher casada, soprado no ouvido do marido, à guisa de comentário risonho.
LIBERDADE — Ideal que todo homem tem de fazer o que bem entender, sem dar satisfações a ninguém. Costuma dar cadeia, mas a cadeia ainda é o melhor lugar para se sonhar com a liberdade.

M

MILIONÁRIO — Cavalheiro que não precisa roubar para passar por ladrão.
MOCIDADE — Moléstia longa que só tempo cura.
MODESTO — Vaidoso manso.
MORAL — Arte de praticar atos censuráveis salvando as aparências.
MULATA — Maravilha da arte lusa, que a hipocrisia social obriga a ver, sentir e calar.
MONOGAMIA — Obrigação de viver com uma mulher só — em cada casa.

N

NEURASTÊNICO — Sujeito de sorte, que encontrou alguém para aturá-lo.
NINHO — Lugar aconchegado, onde os jovens casais põem ovos na geladeira.
NEGOCIATA — Negócio lucrativo no qual não se obteve uma beirada.

O

OPINIÃO — Coisa que até os avarentos gostam de dar.
ORELHA — Petrecho anatômico para captar lisonjas e rejeitar conselhos.

P

PRUDÊNCIA — Forma elogiável de covardia.
PROMESSA — Sinfonia inacabada.
PRECOCE — Jovem que ultrapassa o que é normal e que tem a sorte de não ser considerado anormal.
POPULARIDADE — A glória trocada em miúdos.
PASQUIM — Jornal do partido contrário.

Q

QUIABO — Salivação extrabucal acondicionada em pequenos cubos felpudos e verdes, contendo algumas reticências sôbre o seu valor nutritivo.

R

RECALQUE — Retraimento do ego com retirada da psique para o interior do id. Origem do espírito-de-porco.
RURALISMO — Cultivo do homem do campo para fins eleitorais.
REMORSO — Azar de quem tem boa memória.

S

SÁBIO — Cidadão cuja soma de conhecimentos lhe permite nada dizer sôbre assuntos que não entende.
SELF MADE MAN — Homem que, mesmo sem falar inglês, venceu na vida por si só e tem orgulho do seu criador.
SONHO — Conversa mole do subconsciente com um inconsciente.
SOUTIEN GORGE — Peça íntima do vestuário feminino, também usada como maiô de banho pelas mulheres mais recatadas.
SAÚVA — Formiga que, aliada à incompetência do **homo publicus** brasileiro, e já com alguns êxitos apreciáveis, tem o propósito de acabar com o Brasil.

T

TÉCNICO — Especialista que se especializou em ignorar as outras coisas.
TESTAMENTO — Presunção simplória de que ainda se manda no seu dinheiro depois de morto.
TÍMIDO — Tipo encabulado que fica vermelho quando vê tudo azul na sua frente.
TRANSEUNTE — Sujeito que anda a pé ou de ambulância.
TRONO — Móvel antigo, sem nenhuma utilidade funcional, ao alcance de qualquer comprador de trastes velhos.
TURISTA — Vagabundo com passaporte.

U

UTILIDADE — Tudo que é suscetível de ser tomado por empréstimo.
UNIVERSO — Um todo que ignora um tudo de todos.
UMBIGO — Ôlho-mágico por onde se pode ver a espécie de mulher que está por dentro de um biquíni.

V

VERDADE HISTÓRICA — Mentira que vem de longe.
VÍCIOS — Bons momentos com os maus costumes.
VIDA — Pau-de-sebo com uma nota falsa no tope. **Artificial** — processo científico para adiar enterros.
VELHICE — Mau costume de dizer aos outros a idade que se tem.
VEGETARIANO — Camarada que corta na própria carne para poder comer só legumes.

Z

ZAS-TRÁS — Tempo que se leva para assinar decretos e leis num govêrno dinâmico e reformador.
ZIGUEZAGUE — Quebra de compromisso da linha reta com a geometria, para deixar de ser o caminho mais curto entre dois pontos.
ZURRADOR — Todo aquêle que contesta os nossos argumentos com energia.

Foto de TARCÍSIO RAMOS

O BRASIL EM MANCHETE

SEMINÁRIO ITINERANTE ● A Fundação Ensino Especializado de Saúde Pública realizou, na primeira semana de abril, no Rio de Janeiro, um seminário itinerante de diretores de escolas de saúde pública dos Estados Unidos e Canadá. O encontro foi promovido sob os auspícios da Organização Pan-Americana de Saúde. Após a sessão inaugural, presidida pelo Ministro Leonel Miranda, da Saúde, os presentes debateram temas relacionados com a organização e a administração das escolas de saúde pública e sôbre o ensino da Epidemiologia.

POSSE NO SIA ● Em cerimônia realizada na sede da entidade, na semana passada, o Sr. Rufino de Almeida Guerra entregou ao Sr. Enoch Lima Pereira o cargo de diretor do Serviço de Informação Agrícola do Ministério da Agricultura. O nôvo diretor do SIA é jornalista, tendo exercido por oito anos a chefia de reportagem de **O Estado do Paraná**.

CONVÊNIO BMMG — BNH ● O Banco Mercantil de Minas Gerais acaba de firmar convênio com o Banco Nacional da Habitação para receber os depósitos devidos ao Fundo de Garantia do Tempo de Serviço. Na solenidade de assinatura, presentes os Srs. Vicente de Araújo, pres. do BMMG, Mário Trindade, pres. do BNH, e Hélio Goepfert, coordenador geral do FGTS.

UNIVAC NO BMP ● O Banco Mineiro da Produção acaba de adquirir um sistema eletrônico Univac 418-1004, para o processamento simultâneo de dados de todos os seus departamentos. O contrato foi assinado com a presença dos Srs. Paulo Veiga Salles, Maurício Chagas Bicalho, Geraldo Mascarenhas, Adolfo de Albuquerque Mayer e Amos R. Hodge.

NOVA TV EM S. PAULO ● No próximo dia 13 de maio, os paulistas ganharão mais uma emissora de televisão — a TV Bandeirante, Canal 13. Na semana passada, a imprensa foi convidada para um almôço, durante o qual o diretor-superintendente do Canal 13, Sr. Murilo Leite, ao lado dos Srs. Samir Razuk e João Saad, expôs os planos e programas da nova emissora.

HENRIQUE PONGETTI

The Great Jânio

RECEBI convite para a **Noite das Ilusões,** organizada no auditório da Associação Brasileira de Imprensa pelo Clube de Ilusionistas da Guanabara. Com verdadeiro pesar — confesso — vi-me impedido de comparecer. Desde menino tive grande admiração por êsses habilíssimos, às vêzes geniais, empulhadores do respeitável público. Meu primeiro sonho consciente creio haver sido o de pedir emprestado um relógio de ouro, quebrá-lo em mil pedacinhos num pilão, e depois restituí-lo intacto, fulgindo, com seu pequenino atraso misteriosamente corrigido.

Gostei também do local escolhido pelos ilusionistas. Nós, da imprensa, somos também profissionais da ilusão. Oitenta por cento do que se publica diàriamente nas páginas opinativas e informativas de certos jornais são mágica, ou seja, maior ou menor poder de embromar os leitores.

Tira-se o coelho do nariz da opinião pública e faz-se com que suma nos absconsos da consciência da coletividade. Jornalista que uma vez, pelo menos, não praticou o ilusionismo, atire a primeira pedra. Atire-a nos coelhos e nos pombos que se mancomunaram com tanta docilidade e se fartam de nos fazer de bobos, associados no palco aos magos do ilusionismo.

Também na política tivemos ilusionistas, alguns desastradíssimos. Relembrem-se por favor de **The Great Jânio.** Pediu as esperanças do povinho miúdo, a confiança das classes dirigentes, as aspirações da cultura nacional, a fé das Fôrças Armadas, os sonhos da juventude, botou tudo no pilão, socou, socou, socou, e quando se esperava ver sair de tanta socação uma bandeira verde-amarela tremulada por um vento ancho de felicidade nacional, saiu uma bandeirinha branca e chôcha de trânsfuga pedindo substituto e salvo-conduto aéreo para a volta ao marco zero, ao ostracismo.

Foi a mágica mais bêsta da nossa história republicana. Lembrou-me imediatamente a primeira do Zé Bacurau como me foi contada por êle mesmo durante uma estada em Caxambu onde se apresentava como humorista caipira num dos hotéis de maior freqüência.

Zé Bacurau mambembava pelo interior do Ceará quando conheceu no trem um mágico mambembe. Fizeram essa camaradagem imediata, compreensiva, de companheiros da mesma desgraça. Tempos ruins, público arisco, hoteleiros abrindo as malas, antes de dar a chave do quarto, para ver quantos dias o conteúdo podia cobrir o preço da hospedagem. O mágico achou que o programa humorístico do nôvo amigo ficaria melhor com alguns números de prestidigitação, e generosamente ensinou-lhe os truques mais fáceis, de imediato aproveitamento. Separaram-se numa estação. Magros, desalentados abraços:

— Boa sorte.

— Para você também.

O teatro era velho, o chão cheio de frestas: quando Zé Bacurau ia fazer a aliança de noiva (cedida gentilmente pela professôra da primeira fila) seguir os trâmites da trapaça, a desgraçada escorregou entre seus dedos cheios de dedos, entrou numa das frestas, sumiu no báratro de um porão negro, úmido, cheio de teias de aranhas, sem luz, insondável. O seu auxiliar desceu disfarçadamente de vela em punho, escafandro do incognoscível. O tempo passava e Zé Bacurau enchia-o declamando sem a menor graça, lívido, versos caipiras. Aí os estudantes nas gerais combinaram o côro e irromperam implacáveis:

— A li an ça ! A li an ça ! A li an ça !

Zé Bacurau recorreu ao fino do repertório, à graça do Ascenso Ferreira:

— **Seu vigário!**
Está aqui esta galinha gorda
que eu trouxe pro mártir São Sebastião!
— Está falando com êle!
— Está falando com êle!

— A li an ça ! A li an ça ! A li an ça !

Zé Bacurau refletiu bem na situação — tinha uma longa tarimba de palco — e viu que a melhor saída seria desmaiar, desmaiar patèticamente, como quem desmaia de fome velha, e não de mágica nova. A professôra ficou sem a aliança, mas, boazinha como era, organizou-lhe um espetáculo de beneficência sem mágicas, com os bilhetes passados no comércio pelos estudantes. Um casão!

O êrro de **The Great Jânio** foi não desmaiar em grande estilo, no aeroporto, quando esperava ver sua carta de renúncia rasgada ao som do Hino Nacional pelas duas câmaras. O Brasil está até hoje aperreando-o com o fracasso da mágica, o sumiço da aliança, que no caso era tôda nossa esperança... esperança... esperança...

Boletim TOURING CLUB DO BRASIL

MENSAL INFORMATIVO DO PLANO DE EXPANSÃO NACIONAL

Nº 41

TOURING INICIA CONSTRUÇÃO DO MOTEL DE PETRÓPOLIS

Vai ser iniciada a construção do Motel do TOURING CLUB DO BRASIL em Petrópolis. Concretiza-se, pois, gigantesco passo do soberbo empreendimento, pelo qual a tradicional Entidade se propôs estender por todo o País, vasta rêde de motéis e com a qual atingirá os principais Estados. Idêntica obra será executada em Atibaia, em enorme área, na qual já foram concluidos estudos de solo e feitos todos os levantamentos necessários à concretização dos projetos aprovados.

O contrato para a execução das obras do Motel de Petrópolis foi celebrado com a firma Albatroz, do grupo Incorpal, de São Paulo. No clichê, flagrante da solenidade, que contou com a presença dos Srs. Hugo Previato, José Ferreira Pinto Filho, Américo Egidio Pereira, Mário Previato e Roberto Favali, da firma construtora, Hélio Ribeiro da Silva e Edgar Caiuby Ariani, da Companhia Brasileira de Empreendimentos Sociais, e José Juiz Gonçalves da Silva e Arlindo Alves Rodrigues Neto, do Touring Club do Brasil. A Amob-TOUR - Associação de Metelistas do Brasil esteve representada pelo seu Presidente, sr. Marcelo Ribeiro da Silva Caracciolo.

SERVIÇOS PERMANENTES DO T. C. B.

São os seguintes os serviços, em pleno funcionamento, oferecidos pelo TOURING CLUB DO BRASIL aos seus associados, na Matriz, nas Seções Estaduais e nas Delegacias Regionais:

ASSISTÊNCIA ADMINISTRATIVA - **Licenciamento de veículos. Pagamento de multas. Tranferência de propriedade. Mudança de endereço. Baixa de reserva de domínio. Licença para mudança de côr. Carteira de habilitação. Passaporte. Carteira internacional. Embarque e desembarque de automóveis.**

ASSISTÊNCIA JURÍDICA - **Plantão permanente gratuito, para atender a eventuais chamados, providenciando, também, pagamento de fiança e imediata liberdade, bem como para acompanhar os processos até o final. Os advogados estão à disposição para os imprevistos de acidentes, choques, atropelamentos, roubos etc.**

ASSISTÊNCIA MÉDICA - **Postos médicos na Guanabara. Hospitais, casas de saúde, clínicas especializadas, médicos etc., mantêm convênios com o Touring, concedendo aos seus associados descontos especiais.**

ASSISTÊNCIA TURÍSTICA - **Excursões, no Brasil e exterior, com planos especiais de pagamentos para os associados. Serviço especial para confecção e distribuição de mapas, roteiros e guias. Bureaux de informações. Completo serviço informativo sôbre rodovias, ferrovias, navegação aérea e marítima. Convênios com hotéis, em todo o País e principalmente nas estações de veraneio, concedem substanciais descontos aos associados do Touring. Lançamento de vasta rêde de motéis, congregando exclusivamente sócios. Sinalização nas cidades e nas estradas.**

ASSISTÊNCIA MECÂNICA - **Frota de carros-guincho, em número bastante elevado, totalmente aparelhados e contando, inclusive, com serviços de rádio-comunicações. Postos de Serviços, com completo e perfeito atendimento. Oficinas especializadas. Casas de auto-peças, acessórios, pneumáticos, câmaras de ar, baterias, óleos, lubrificantes e combustíveis, mantêm convênios com o T.C.B., concedendo especiais descontos aos seus associados.**

ANIVERSÁRIO DO GENERAL BERILO NEVES

Pela passagem de seu aniversário natalício, ocorrido dia 21 de março próximo passado, foi alvo de expressivas homenagens o General Berilo da Fonseca Neves, Professor do Colégio Militar do Rio de Janeiro, Presidente do TOURING CLUB DO BRASIL, membro da Associação Brasileira de Imprensa, crítico literário e conhecidíssimo homem de letras. O dinâmico e dedicado dirigente do TCB, uma das mais expressivas personalidades do nosso mundo cultural e social, recebeu, também, manifestações de júbilo dos Delegados da Entidade que preside, dos Diretores da Cia. Brasileira de Empreendimentos Sociais e de todos os funcionários dos escritórios do norte ao sul do País.

SEDE PRÓPRIA EM PÔRTO ALEGRE

Numa área de três mil metros quadrados, com 35 metros de frente para a Avenida João Pessoa, o TOURING começou a erguer sua sede própria na capital gaúcha. Será um centro assistencial de primeira ordem, para total atendimento aos associados nos setores turístico, administrativo, mecânico e jurídico. O prédio terá três pavimentos, comportando amplos salões, nos quais se localizarão, também, serviços gerais para completa cobertura ao turismo, automobilismo, rodoviarismo e trânsito. A sede do TOURING em Pôrto Alegre recebeu o nome de Carlos Maria Bins, merecida homenagem ao ilustre Diretor Seccional da Entidade no Rio Grande do Sul.

Um notável pesquisador trata os indígenas com muito amor e compreensão

Dois grossos volumes, com mais de 800 páginas e farto material ilustrativo, tanto em fotografia como em desenhos e mapas, eis o que dá uma idéia geral do esfôrço realizado pelo estudioso brasileiro Nunes Pereira em seu **Morunguetá — Um Decameron Indígena,** lançado há pouco pela Civilização Brasileira, graças à colaboração de um mecenas que se chama Flodoaldo Pontes Pinto. O livro traz um erudito prefácio de M. Cavalcanti Proença, ilustre figura do nosso meio intelectual recentemente desaparecida. Nesse prefácio, o autor de **O Manuscrito Holandês** faz o elogio da tenacidade e da dedicação de Nunes Pereira, ao realizar "êste longo e proveitoso estudo", que vem coroar os seus 74 anos de vida e mais de quarenta de convívio com os nossos indígenas da região amazônica.

Desde a publicação de **O Selvagem,** de Couto de Magalhães, e de **Rondônia,** de Roquete Pinto, não aparecia no Brasil livro tão cheio de informações sôbre os silvícolas brasileiros. Livro escrito com curiosidade, espírito de pesquisa e, sobretudo, com compreensão e com amor. Confessa o autor, aliás, ter sido movido por "irresistível geotropismo", estimulado por fôrças peculiares à sua própria origem. Quem, na verdade, o conheça pessoalmente, nêle identificará, sem dúvida, traços pronunciados de uma ascendência cabocla não muito distante. Técnico do Ministério da Agricultura, despachado para a região amazônica, Nunes Pereira se tornou, em pouco, uma das maiores autoridades brasileiras em assuntos referentes aos nossos índios.

O Morunguetá, **de autoria de Nunes Pereira, revela as fascinantes lendas dos índios brasileiros.**

Aprendeu muito, num porfiado autodidatismo, na leitura de centenas de livros publicados sôbre os índios, sua língua, seus padrões de cultura, suas lendas e suas crenças, mas aprendeu mais ainda no contato direto com homens e mulheres das tribos taulipangue, macuxi, uapixana e xirana, do vale do rio Branco (Território de Roraima), das tribos baré, tucano, tariano, jibóia-tapuia e cobéua, do vale do rio Negro, das tribos tucuna e uitoto, do vale do rio Solimões, das tribos cauiua-parintintim, do vale do rio Madeira, da tribo maués, do vale dos rios Andirá e Maués (tôdas do Estado do Amazonas). Graças a isso, Nunes Pereira recolheu centenas de interessantíssimas histórias indígenas: lendas que procuram explicar a origem das próprias tribos, a do peixe-boi, do aparecimento do fogo, dos insetos importunos, da criação do mundo, do guaraná e uma infinidade de outras. Entre as versões recolhidas sôbre a origem do fogo, uma tem certa semelhança com a do mito grego de Prometeu. Outra das histórias, a lenda do **carriço de Iaucanã** — tocador de uma flauta de sons melífuos, a que nenhuma mulher podia resistir —, repete a flauta de Pã e lembra, ainda, o mágico instrumento do gaiteiro de Hamelin, no conto popular germânico recolhido pelos Irmãos Grimm. Mas o livro não é apenas uma coletânea dessas histórias. Traz também em cada uma de suas diversas partes introduções repletas de valiosas informações, além de vários glossários que esclarecem os textos das narrativas indígenas e facilitam a sua melhor compreensão. Glossários que, no entanto, não obedecem a uma ordem alfabética, nem a chamadas numéricas e que, a nosso ver, poderiam ser metodizados e reduzidos a um único, em um só apêndice. É o que esperamos que o autor faça nas novas edições que o valioso livro certamente há de ter.

R. M. J.

Os filmes que o mundo vê

Paris

* **Os Fuzis** — Os críticos e espectadores franceses mostram, esta semana, um entusiasmo sincero pelo segundo filme que Rui Guerra realizou no Brasil. Depois de **Os Cafajestes,** que era apenas um ensaio rebuscado na aurora do cinema nôvo, Guerra levou a uma aldeia do Nordeste o argumento que pretendia filmar no interior da Grécia. Mesmo com os naturais desencontros de tema e ambiente, **Os Fuzis** conseguiu atingir a fôrça dos melhores depoimentos sôbre um tipo especial de realidade brasileira. O simples folclore, em **Os Fuzis,** cede lugar à inteligência: não vemos mais o exotismo baiano fragmentado em cartões turísticos por um paulista **(O Pagador de Promessas),** nem as lembranças geográficas e musicais de uma figura cômica lançada no mercado por Lima Barreto, o Capitão Galdino **(O Cangaceiro).** Guerra pediu a um grande fotógrafo, Ricardo Aranovich, que captasse a verdadeira luz de uma região queimada pelo desespêro, e fêz de excelentes jovens atôres (Hugo Carvana, Nélson Xavier) as figuras torturadas de uma situação ambígua, quase alegórica.

É o que também sente, em **Le Nouvel Observateur,** o crítico Jean-Louis Bory. Para êle, os gritos de protesto ou de denúncia emitidos pelos europeus "são geralmente produtos de um sangue frio glacial". Continua: "Não se pode esperar semelhante fleuma de um brasileiro. Para falar de um problema que lhe parece mais grave do que o terror atômico — a fome — Rui Guerra escolhe a exaltação poética. Imagens de um esteticismo atormentado são acompanhadas por discursos que têm a violência amarga dos profetas bíblicos. A fome, para Rui Guerra, é um apocalipse permanente, uma catástrofe imobilizada sob um sol impiedoso. A única política social imaginada por um govêrno distante (o Brasil é imenso, e tudo se passa nas terras do Nordeste, o famoso sertão dos cangaceiros) consiste em domar a fome, reduzindo-a ao silêncio. Em **Os Fuzis,** a trepidação e uma eloqüência trêmula — mesmo próximas do melodrama — formam o tom da obra, sempre entre uma histeria contida e transbordante. Os excessos traduzem as estridências do calor e de um sofrimento insuportáveis. Há coisas de que não se pode falar em calma e com equilíbrio."

Nova Iorque

* **A Idade das Ilusões** — Em tôda a Europa avança um movimento renovador fora dos grandes centros cinematográficos (França, Itália, Inglaterra). É verdade que a Suíça continua neutra (e silenciosa) e que a Áustria só fêz exportar os grandes talentos da "escola de Viena" (Otto Preminger, Billy Wilder, Fritz Lang). Mas a Alemanha Ocidental já fala por Jean-Marie Straub e Volker Schlendoerff, jovens autores de **Nicht Versohnt** e **Der Junge Toerless,** estimulados pelo grupo teórico **Kritik,** de Munique, sob a liderança do crítico Eno Patalas; a Tchecoslováquia lança os nomes (ainda inéditos no Brasil) de Milos Forman **(Os Amôres de uma Loura, O Ás de Espadas)** e Ewald Schorm **(Coragem para Cada Dia);** a Iugoslávia revela Miklos Jancso; a Grécia sugere Nikos Coundouros **(Mikres Aphrodites)** para derrubar o falso talento de Michael Cacoyannis **(Zorba, o Grego);** Portugal e Espanha tentam formar seu jovem cinema sob os olhos de Salazar e Franco; a Polônia começa uma revolução com Jerzy Skolimowsky **(Ryzopis, Walkover).** E os Estados Unidos recebem positivamente o filme de um jovem (26 anos) realizador húngaro, István Szabó. **A Idade das Ilusões** é considerado pelo crítico de **Newsweek** "uma conseqüência do prolongamento da **nouvelle vague** aos países socialistas". Szabó narra a luta de um engenheiro, saído da universidade, contra os esquemas burocráticos que freiam seus planos, sacrificados em nome da História e da tradição. "Como os cineastas tchecos e poloneses, como Evtushenko e os novos poetas soviéticos, Szabó pertence a uma vibrante geração da Europa Oriental que procura aplicar as conquistas da arte ocidental na execução do retrato de um mundo ansioso e inquieto."

M. G. L.

Novas ações de cervejaria

Liderando o mercado de ações em Minas Gerais, que vem ganhando revigoramento neste início do ano, a Companhia Mineira de Cervejas prepara-se para o lançamento de novos papéis, destinados à ampliação de sua fábrica, localizada próximo a Belo Horizonte. Em 1966, a emprêsa pagou **24% em dividendos** aos seus acionistas.

Destaque à madeira em Hanôver

Um dos setores que terá maior projeção na Feira de Hanôver (Alemanha) dêste ano, a se inaugurar no próximo dia 29, será o da indústria madeireira: **404 expositores e 13 representantes, de quase todo o mundo, exibirão ali as mais modernas máquinas do ramo.** Também estarão em destaque, na mostra, os setores de hidráulica pneumática, com 119 expositores, bombas e compressores, com 110, e válvulas e acessórios, com 92. Mais de cinco mil emprêsas, de cêrca de 30 países, inclusive do Leste europeu, participarão da 21.ª Feira de Hanôver.

Babaçu na mesa

A Oleama-Oleaginosas do Maranhão S/A lançará, em breve, no mercado do Norte e Nordeste, **óleo comestível de babaçu.** A firma, ligada ao grupo da União Fabril Exportadora, é uma das principais indústrias extrativas de subprodutos do babaçu, no país.

Primeiro Hílton no Brasil

Será construído, finalmente, no Rio, o Hilton Internacional Hotel, primeiro estabelecimento da famosa cadeia mundial de hotéis a ser instalado no Brasil. O incorporador Santos Badur, nome conhecido nos meios imobiliários por marcantes realizações, tomou a si o empreendimento da construção, antes tantas vêzes protelado, e as obras terão início em breve. O Hílton, que **contará com 720 apartamentos de luxo e categoria internacional, será erguido por sôbre o Túnel Nôvo, de onde se tem magnífica vista panorâmica, junto de Copacabana e bem próximo do centro,** no local do antigo Hospital dos Estrangeiros.

Banco promove funcionários de carreira

Vindos de cargos modestos e galgando gradativamente postos elevados por sua capacidade e dedicação, **dois funcionários de carreira do Banco Andrade Arnaud acabam de chegar à diretoria,** por eleição dos acionistas do estabelecimento. São os Srs. Álvaro Molinaro e Sebastião Jessel da Fonte, antes, respectivamente, inspetor-geral e gerente da Filial de S. Paulo, agora nomeados diretores-adjuntos.

O segundo banco que mais cresce

Em seu último número, a **Revista Bancária Brasileira** aponta o Banco de Crédito Territorial como o segundo estabelecimento do ramo que apresenta maior crescimento no país. Esta expansão é resultado natural do principal objetivo de sua diretoria, que tem como presidente o banqueiro Artur Ribeiro Júnior: **alicerçar ainda mais a infra-estrutura da organização, considerada das mais sólidas do Brasil.**

Hotel em Urubupungá

O Prefeito Michel Tomé, de Três Lagoas, Mato Grosso, entrou em entendimentos com a Matotur S/A., de Cuiabá, para a construção de um hotel turístico junto à maior represa hidrelétrica que se ergue, no momento, no país: Urubupungá. O local, **além de sua beleza natural, oferece aos visitantes a pesca no rio Paraná,** a caça e outros esportes e diversões. A emprêsa Arídio Orestes Marinho deverão caber o planejamento, a execução e a futura venda de cotas do hotel.

Computadores farão reservas em aviões

A Air France está montando em Paris dois computadores eletrônicos Univac 1108-A, que constituirão a central de um sistema de reservas de passagens em aviões da empresa, no mundo inteiro. Previsto para ser ligado a 561 postos periféricos, em sua primeira fase, e a 1.105, numa segunda fase, em 1970, **o sistema abrangerá 49 das principais cidades servidas pelos jatos da Air France, inclusive brasileiras.**

Sigilo ajudará desenvolvimento

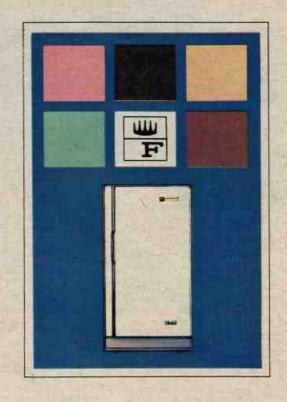
O Sr. Lair Bocaiúva Bessa, presidente da Associação dos Bancos do Estado da Guanabara, mostra-se otimista com a possível instituição do sigilo bancário no Brasil, que, em sua opinião, **levará a um aumento substancial nos depósitos, fazendo com que os bancos venham a poder atender ao desenvolvimento nacional com recursos não inflacionários.** Como exemplo de sua convicção de que o país retomou o desenvolvimento, revelou que a agência inaugurada em Copacabana, no Rio, pelo Banco Bordalo Brenha, que também dirige, superou em poucos dias a expectativa de movimentação

HOLLYWOOD 67

OS VITORIOSOS DO OSCAR

Reportagem de Sérgio Alberto, do Bureau de MANCHETE em Nova Iorque — Via VARIG

Marcada pelo bom-humor, a voz de Bob Hope era o único sinal de tranqüilidade no Santa Mônica Auditorium. Hollywood estava tensa: dentro de poucos minutos, seriam entregues os *Oscars* de 1966. Hope, como mestre-de-cerimônias, disse uma piada e algumas pessoas riram. Mas nervosamente. Forte concorrente ao *Oscar* de melhor atriz, Elizabeth Taylor não compareceu (estava rodando um filme em Nice). Mas na oitava fila podia ser visto, muito otimista, o diretor francês Claude Lelouch (*Um Homem, uma Mulher*). Êle torcia pelo seu filme e por sua atriz, Anouk Aimée, protegida na semana anterior por amplas reportagens na grande imprensa de Paris. O silêncio se tornou mais pesado quando Bob Hope começou a ler a relação dos premiados. E só houve um grande alívio quando as câmaras de tevê começaram a transmitir para todos os Estados Unidos a entrega dos ambicionados prêmios.

Por sua forte interpretação em O Homem que Não Vendeu sua Alma (A Man for All Seasons), **o ator inglês Paul Scofield ganhou o** Oscar **1966: melhor ator. Paul Scofield vive, em** O Homem que Não Vendeu sua Alma, **o papel de Sir Thomas More, atormentado pela dúvida entre servir o rei ou a igreja.**

Não era possível fazê-lo mais perfeito. Então o fizemos mais bonito. Quem vai protestar se Frigidaire está agora mais colorido?

Frigidaire V. compra porque confia. Sabe que é o melhor, o mais durável, perfeito. Sabe o que êle representa em estilo, classe, qualidade. Mas, V. se espantaria se nós o fizéssemos ainda mais bonito? Se nós o fizéssemos ainda mais colorido? Não? Então V. vai gostar de saber o que há de nôvo com a linha Frigidaire "Première".

Frigidaire em côres... do modêlo De Luxo ao mais popular! Primeiro lançamos a côres o Frigidaire "Première" De Luxo. Rosa, azul-turquesa, bege-caramelo, amarelo e cinza grafite. As mulheres adoraram. Ou elas não se preocupam com decoração? Pois gostaram tanto que, afinal, fizemos em côres também outros modelos. Côres modernas, fascinantes. E como são 8 modelos diferentes, em 5 côres (além do clássico branco brilhante), podemos oferecer agora 32 variações de escolha. Há sempre um Frigidaire ao seu alcance. E V. tem direito a êle, não?

A intuição feminina escolheu Frigidaire. Os engenheiros precisaram de milhares de testes para concluir: Frigidaire é perfeito. As mulheres... essas descobrem à primeira vista. Elas não precisam entender de técnica para saber da qualidade de Frigidaire. Se entendessem, poderiam falar sôbre o compressor poupa-corrente (o que há de mais avançado e econômico), o teste rigoroso de cada peça, uma liderança de mais de meio século. Tudo isso quer dizer perfeição, explica os 5 anos de garantia. Mas elas não sabem muito a êsse respeito. Sabem apenas o suficiente sôbre a qualidade, o estilo do refrigerador Frigidaire. E é exatamente o que elas querem.

Os inglêses brilharam, êste ano, na festa do *Oscar*, recebendo a maioria dos prêmios de Hollywood

O Homem que Não Vendeu Sua Alma **acumulou vários prêmios da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas, ganhando** Oscars **para melhor diretor, ator, fotógrafo, adaptação e guarda-roupa.**

⊞ O ano foi, decididamente, dos inglêses. O *Oscar* de Melhor Filme de 1966 foi entregue a *A Man for All Seasons* (*O Homem que Não Vendeu Sua Alma*), de Fred Zinnemann, produção britânica distribuída pela Colúmbia. O melhor documentário também veio da Inglaterra: *The War Game*, de Peter Watkins, produzido para a British Broadcasting Corporation. E inglêses são os atôres laureados, Paul Scofield (*A Man for All Seasons*) e Elizabeth Taylor (*Quem Tem Mêdo de Virginia Woolf?*). O francês Claude Lelouch, porém, conseguiu confirmar o que anunciara dias antes: "Seguramente, *Un Homme et une Femme* ganhará o *Oscar* para Melhor Filme Estrangeiro." Fred Zinnemann, cineasta austríaco que fêz sua carreira em Hollywood, foi considerado Melhor Diretor (*A Man for All Seasons*). Aos norte-americanos "puros", o *Oscar* 1966 não foi muito generoso.

O diretor Fred Zinnemann buscou a história de O Homem que Não Vendeu Sua Alma **na peça de Robert Bolt, grande êxito nos teatros de Londres. O ator principal, Paul Scofield, é considerado hoje superior a Laurence Olivier e Richard Burton, na interpretação dos grandes textos shakespearianos.**

enfim, ROMA

"Roma" é o Nôvo Motivo em Melcrome Decorado. Para quem todo Melcrome já era motivo de alegria, êste será um complemento. Para quem ainda não viu Melcrome Decorado, "Roma" era o que faltava. Melcrome resiste ao tempo, à água, aos talheres. A decoração é indelével. Feita pelo processo Ornamin*. "Roma" tem 43 peças, para 6 e 12 pessoas. Mas a você pode agradar ir comprando aos poucos. Nesse caso, é só pedir peças avulsas. "Roma" é vendido também assim.

Conheça o Nôvo Motivo em Melcrome Decorado "Roma", aparelhos de jantar.

PRODUTO **GOYANA S.A.** INDÚSTRIAS BRASILEIRAS DE MATÉRIAS PLÁSTICAS — RUA TITO, 215 — SÃO PAULO

*Melcrome Decorado e Ornamin são marcas registradas. Patentes n.°s 51.305 e 75.930, de propriedade da Ornapress Ag., Suíça, e de sua licenciada no Brasil, Goyana S.A.

Grandes atôres internacionais completam o elenco de O Homem que Não Vendeu sua Alma: **Orson Welles (acima) vive o Cardeal Wolsey, num trabalho de grande vigor, e Vanessa Redgrave, filha de Michael, é Ana Bolena, em aparição marcante. Vanessa é uma das grandes revelações do cinema atualmente.**

1966, para o cinema, foi um ano marcado por grandes interpretações de fascinantes personagens

A grande noite era simpática e mundana. Para tornar ainda mais brilhante a festa, a Federação de Artistas da Radiotelevisão dos Estados Unidos encerrou a greve que mantinha há vários dias. Dessa forma, a cerimônia pôde ser assistida por 80 milhões de pessoas. Como Elizabeth Taylor estava ausente, o *Oscar* de Melhor Atriz foi recebido, em seu nome, pela grande estrêla do cinema e teatro Anne Bancroft. O diretor de *Quem Tem Mêdo de Virgínia Woolf?*, Mike Nichols, sorria sempre. E Liz Taylor, em Nice, deu um pulo quando soube que havia derrotado Anouk Aimée.

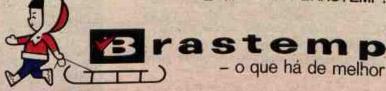
Qualidade BRASTEMP

Quantas vêzes você pensou para comprar um refrigerador?
Quatro? Quinze? Quinhentas?
Sim, porque a compra de um Refrigerador de categoria não é uma compra comum. Envolve decisões baseadas em **fatos**. O que leva qualquer dona-de-casa (e o marido também) à BRASTEMP é sempre **qualidade**! comprovada no dia-a-dia, no abre-fecha - abre-fecha do seu Refrigerador.

✓ O Duplex BRASTEMP (modêlo apresentado) conjuga em um mesmo aparêlho Refrigerador e Congelador - solução a mais avançada e completa para o seu problema de conservação e refrigeração de alimentos.

✓ O Duplex pode ser equipado com ICE-MAGIC, aparêlho que produz gêlo contínua e automàticamente, dispensando as tradicionais gavetas. O gêlo, à medida que se forma, vai sendo armazenado no recipiente plástico e lá permanece, sêco, sôlto, pronto para usar. Só BRASTEMP tem Ice-Magic.

✓ Existem na linha BRASTEMP, outros modelos à sua escolha e todos êles são produzidos segundo especificações da WHIRLPOOL CORP., indústria líder nos EE.UU., vendendo mais de um milhão de Refrigeradores por ano.

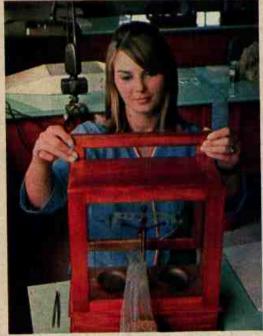
✓ Quinquênio Brastemp. Cinco anos de garantia que não é uma garantia qualquer; É GARANTIA BRASTEMP!

Ao saber, em Nice, que tinha derrotado Anouk Aimée, Elizabeth Taylor deu um salto de alegria

Elizabeth Taylor usou todo o seu talento no papel de Marta, em Quem Tem Mêdo de Virgínia Woolf?

⊞ O filme de Fred Zinnemann, *O Homem que Não Vendeu sua Alma,* conseguiu mais três *Oscars*: Melhor Adaptação (por Robert Bolt, que trabalhou seu próprio original, uma peça de teatro); Melhor Guarda-Roupa para Filme em Côres e Melhor Fotografia. *A Man for All Seasons* conta a dramática história de Sir Thomas More, que foi canonizado em 1935 pelo Papa Pio XI, quatro séculos após ser decapitado pelo Rei Henrique VIII. Em 1962, a vida de More inspirou a Robert Bolt uma peça teatral que fêz grande sucesso em Londres. Como a peça, o filme narra o grave conflito entre More e o rei, que era seu amigo e patrono. Casado com a Rainha Catarina, que não lhe podia dar um herdeiro, por ser estéril, o Rei Henrique VIII pede a Thomas More — seu chanceler — que lhe conceda o divórcio, tornando assim possível um segundo casamento com a jovem Ana Bolena. More queria atender ao pedido do rei, e tenta achar uma fórmula capaz de satisfazer Henrique VIII, sem a necessidade de atentar contra os princípios teológicos. A conciliação, porém, se revela impraticável. Surge logo um clima de tensão, e More se sente torturado pela dúvida entre servir ao poder temporal e ao secular. A pressão contra More aumenta e, já vítima de fortes intrigas, é denunciado por alta traição. Sua cabeça, assim, deverá rolar — e o filme termina numa repetição da tragédia do Arcebispo Thomas Beckett, já vista na tela.

AS SEMENTES DA ALIANÇA

AS sementes são um fator básico na agricultura. Em comparação com as sementes de baixa qualidade, o plantio de sementes altamente selecionadas não exige melhores terras, melhores fertilizantes nem mais trabalho. Assim, quando um agricultor planta uma outra semente que não a da melhor qualidade possível, está perdendo dinheiro e prejudicando a economia do seu país. O laboratório de análises de sementes situado em Pelotas, Rio Grande do Sul, pertence ao Ministério da Agricultura. É naquele laboratório que técnicos brasileiros e norte-americanos — sob os auspícios da Aliança para o Progresso — trabalham incessantemente no sentido de aperfeiçoar cada vez mais as sementes de que nossos agricultores precisam. No momento, um destaque todo especial é dispensado às sementes de trigo.

Dr. Wolney Geraldo Flório, Dr. J. A. Beck, Sra. Odete Liberal — chefe do Laboratório de Análises de Sementes — e Dr. C. H. Andrews. Os Drs. Beck e Andrews são da Universidade de Mississípi.

A seleção de sementes é feita exclusivamente por moças, pois requer muita paciência.

Esta é a máquina que separa as sementes segundo o comprimento de cada uma. O laboratório de análises de sementes de Pelotas dispõe do mais moderno equipamento para realizar a sua tarefa.

Em cima: aqui será levantado um nôvo laboratório para o aperfeiçoamento de sementes. Ao lado: o Dr. Ottoni Rosa de Souza, do Instituto Agrícola de Pelotas, inspeciona uma plantação.

Fotos USAID

Quando, na época da "cheia", que vai de novembro a abril, os rios saltam dos seus leitos, no Alto Xingu, é também tempo de festa. A pesca é abundante e a ela os índios da região se entregam, afanosos, armados de arcos e flechas. Aqui, pescadores curicuras procuram, nas águas fabulosamente piscosas, o *matrinchã* e o *tucunaré*, os mais saborosos peixes da região. No texto que termina esta reportagem, o indianista Orlando Vilasboas nos introduz no maravilhoso mundo ritual das tribus do Alto Xingu.

XINGU O PARAÍSO DOS ÍNDIOS

Fotos de ORLANDO VILASBOAS e ALBERTO RUSCHEL

Quando se pintam para o URUÁ, as donzelas da tribo Iualapiti se tornam ainda mais graciosas e bonitas

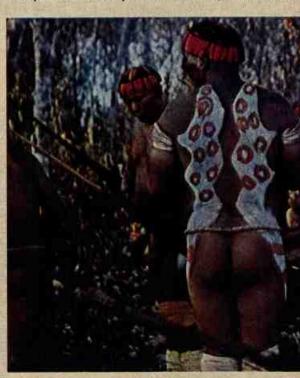
As donzelas da tribo Iualapiti, no Alto Xingu, são consideradas as mais belas mulheres indígenas do Brasil. Na foto, em cima, duas delas se preparam, pintando as faces de côres vivas, para a dança *uruá*, que executam, graciosas e flexíveis, durante horas seguidas. As enormes peneiras que aparecem na foto acima são utilizadas na secagem da massa de mandioca, o alimento matriz da tribo. À esquerda, um jovem casal de índios iualapitis num flagrante idílico.

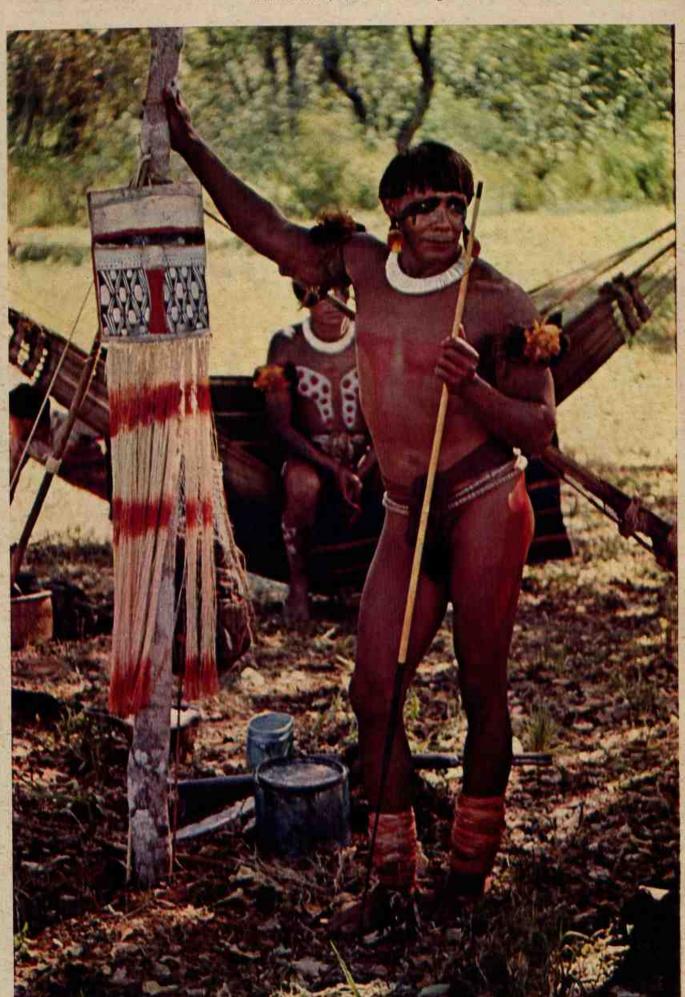
Na aldeia curicuru, depois de uma das cerimônias rituais, os campeões se aprestam para a luta, ao final da qual o vencedor, cavalheiresco

Os homens iualapitis na cerimônia do javari, que simboliza a guerra entre duas tribos.

Outra fase do javari. Nas costas, os guerreiros

mente, pede desculpas ao vencido.

ostentam magníficos desenhos.

No Parque do Xingu, ritos e tradições são preservados

OS índios do Alto Xingu, muitos dêles ainda totalmente isolados da civilização, mantêm vivas tôdas as suas tradições, e seus ritos são sempre uma demonstração coral ou coreográfica de velhas lendas que se perdem na poeira dos tempos. Para que êsses ritos fôssem preservados, criou-se na vastíssima área do Alto Xingu, considerada uma das mais ricas e interessantes do continente americano, o Parque Nacional do Xingu. Lá, numa região paradisíaca, os rios formam um verdadeiro emaranhado fluvial; e, sob o solo virgem, se escondem riquezas incalculáveis.

A máscara está pronta. Agora só resta dançar o jacuí, em louvor do "protetor" das curas.

Quando o Sol se põe, a môça Iualapiti começa a dançar o URUÁ

SÃO graves e impregnados de profundo sentido simbólico os ritos da tribo dos iualapitis. Quando entoam o ritmo do *jacuí*, a dança sagrada, só os homens têm permissão de olhar para a flauta tocada pelos guerreiros. A mulher que o fizer sofrerá terrível castigo, conforme a lei nativa, velha de séculos. Nos cerimoniais iualapitis, predominam as côres mais vivas, particularmente o vermelho, de particular agrado das formosas donzelas e dos hercúleos guerreiros da tribo.

No dia do amaricumá, as mulheres aurá, enfeitadas com o canitar, assumem as funções desempenhadas pelos homens da aldeia.

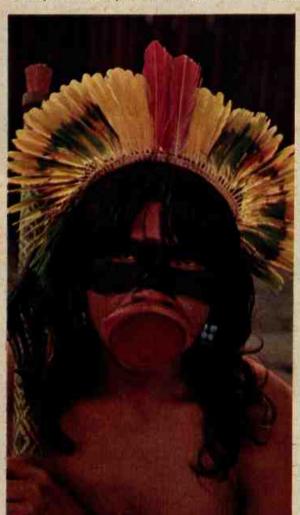
Um índio iualapiti toca a flauta do jacuí, cuja visão é proibida às mulheres.

Um guerreiro da tribo iualapiti dança o uruá.

Índios iualapitis dançam em conjunto o uruá, rito do qual as mulheres só podem participar depois que o Sol se põe por trás da selva

A maioria das índias do Parque Nacional do Xingu é de pouco falar, com exceção das *Camaiurás*, para as quais todo dia é dia de festa

Uma jovem mãe juruna e seu filhinho. No cabelo, as jurunas usam cêra ou resina.

As índias do Parque Nacional do Xingu não são de

Penacho feito com penas de papagaio e, no rosto, uma máscara de tinta preta. Assim é o "uniforme" o f i c i a l dos jê-botocudos.

O Parque Nacional do Xingu — para cuja criação tanto se esforçaram os irmãos Vilasboas — é hoje o centro aglutinador de várias populações indígenas do Brasil. Essa variedade de origens resultou na formação de um verdadeiro mosaico de línguas, o mais interessante de todo o continente sul-americano. Lá estão representantes das grandes famílias lingüísticas — como a Tupi, a Caribe, a Aruaque e a Jê, não contando os grupos lingüísticos isolados, como o Juruna, o Exicão, além do estranho Trumaí.

São belas as môças indígenas do Alto Xingu, mas beleza que fenece ràpidamente, mal a mulher ultrapassa a fronteira dos vinte anos. A maioria delas se casa aos 15 anos — ou mesmo antes. Suas habilidades caseiras se restringem a preparar a comida e a tecer rêdes. São caladas, cismarentas, mas alegres nos dias de festa. Como vestimenta usam apenas o *uluri*, uma membrana feita de casca de árvore que lhes cobre o púbis. A maioria usa os cabelos longos e, em tôrno do pescoço, um vistoso colar de conchas colhidas nas margens dos rios. As crianças são vivas, de olhos obliquamente rasgados no rosto redondo, e passam mais da metade do dia dentro da água. Aos dois anos de idade, um indiozinho do Alto Xingu nada como um adulto. E aos cinco, já pesca na companhia dos pais.

fácil convivência, excetuando-se as camaiurás (na foto), cuja desinibição é conhecida. Em tôdas é pronunciado o amor maternal.

À esquerda, menino suiá-moti. Em cima, um tipo moirave, oriundo do vale do Tapajós. À direita, uma velha índia da tribo dos tuxucarramãe.

a grande vantagem da torneira Deca é custar mais caro.

Ainda existem pessoas que preferem economizar comprando torneiras que não são da Linha Deca.

Geralmente, essa economia é gasta logo depois.

Na hora de chamar encanador, pedreiro...

Na hora de quebrar azulejos, tirar o cano, trocar torneira, consertar vazamentos, curar insônias...

Enfim: resolver todos êsses "probleminhas" que as torneiras Deca - jamais causaram.

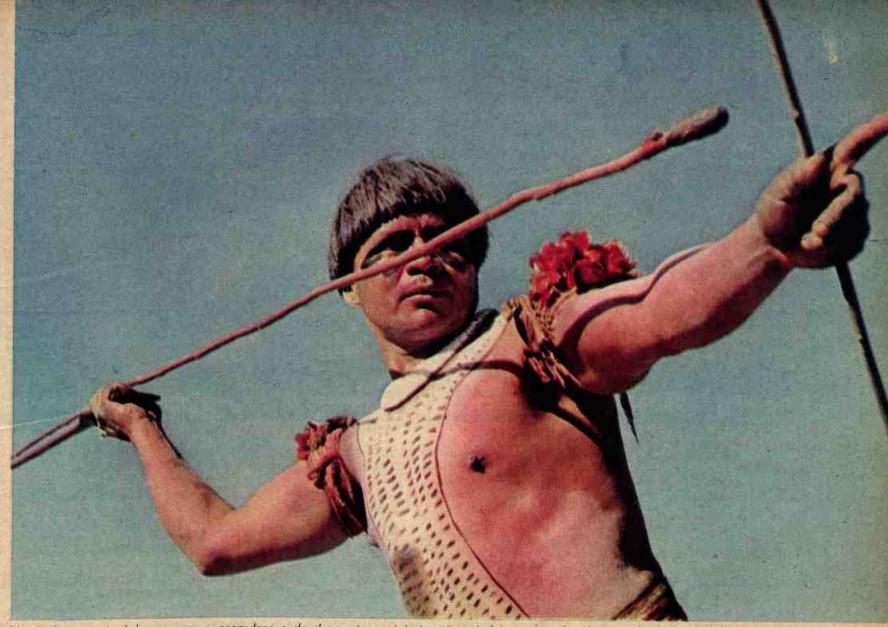
Com metais Deca você gasta mais, porém compra a sua tranqüilidade.

Se custassem menos, as torneiras Deca - não seriam as mais modernas e aperfeiçoadas

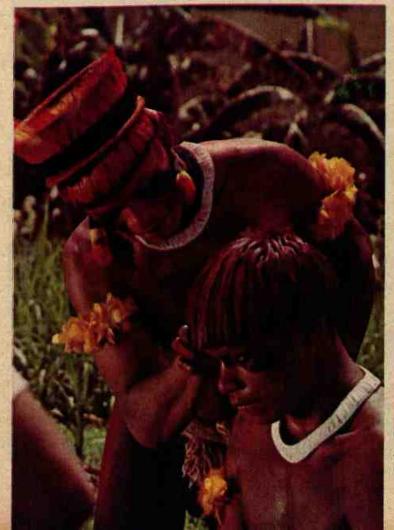
Nem as mais eficientes.

Nem as mais duráveis.

(Não esqueça esta importante diferença)

qualidade é DECA

Um índio camaiurá lança com o propulsor o dardo contra o inimigo imaginário, num dos lances da luta simbólica do Javari.

A tradição entre os índios do Xingu — seguida religiosamente — ensina que os homens devem ser mais vaidosos do que as mulheres

EM tôdas as tribos do Alto Xingu, os homens — particularmente os másculos e ágeis guerreiros — são sempre mais vaidosos do que as mulheres. Por isso é que consomem mais urucum e mais óleo de pequi — ingredientes embelezadores — do que as môças índias. Sempre foi assim na história dos silvícolas do verdadeiro continente que é hoje o Parque Nacional do Xingu, o maior território "tombado" do continente.

À esquerda, índios curicurus se pintam para um cerimonial da tribo. Em cima, Ulutsi, índio curicuru, pintado de urucum, aguarda a "luta".

É muito difícil contentar as pessoas de bom gôsto.

São muito exigentes.

Preocupam-se com detalhes. Conhecem de longe o que é bom.

Querem saber tudo a respeito do que compram.

Sabem escolher.

Gostaram muito do Itamaraty, o primeiro carro brasileiro classe "A", justamente porque o Itamaraty tem luxo e confôrto, classe e apuro técnico em cada um dos seus detalhes.

O Itamaraty 67 tem mais um detalhe exclusivo: ar condicionado, clima a seu gôsto*.

Ainda mais: nôvo motor de 3.000 cm³, nova grade, novas maçanetas, novas calotas, novas lanternas traseiras, painel totalmente reestilizado, nôvo estofamento.

Mais luxo e confôrto: tapetes de veludo, aplicações de Jacarandá legítimo no painel e nas portas, luz de leitura com foco dirigível, acolchoamento de lã de rocha sob o capô para absorver os ruídos do motor.

O Itamaraty é o único carro brasileiro com garantia de 20.000 km.

Só assim é possível contentar as pessoas de bom gôsto.

ITAMARATY 67

Produto da Willys-Overland
Fabricante de veículos de
alta qualidade.

*opcional

XINGUANO significa o homem absoluto, pleno e livre, profundamente integrado na natureza, que habita as enormes distâncias do Alto Xingu. ORLANDO VILASBOAS, autor dêste texto, é o melhor conhecedor daquela região, da qual fêz o seu quase **habitat**, ali convivendo com as populações indígenas que, ao lado do seu irmão, Luciano, tanto tem ajudado. Aos irmãos Vilasboas se deve em grande parte a criação do Parque Nacional do Xingu, extenso território no qual as tribos locais, livres da cobiça do invasor branco, hoje se sentem seguras, cultivando em paz tradições e ritos que até bem pouco tempo tendiam a desaparecer. Em breve, cineastas inglêses vão filmar a vida dos irmãos Vilasboas entre os índios do Xingu. E o govêrno britânico acaba de conceder-lhes uma medalha em reconhecimento ao grande trabalho civilizador que êles têm desempenhado durante mais de duas décadas naquela região.

XINGU uma terra de homens livres

Texto de ORLANDO VILASBOAS, especial para MANCHETE

O observador, da barranca alta da margem direita do rio das Mortes, divisa lá do outro lado do rio o cerrado grosso, nascido do solo sêco do chapadão. Vez ou outra, uma mancha alagada circunda uma moita de buriti. Acidente vagabundo, sem importância.

Bem lá adiante, onde a vista mal alcança, o perfil dos contrafortes do Roncador faz sombra no horizonte.

Um cidadão chegado da cidade grande, eufórico ante aquela natureza bruta, vendo lá embaixo as águas claras do rio das Mortes, tenta puxar conversa com um sertanejo casmurro que está ao seu lado:

— Terra sêca, não?

— É.

— Será que dá alguma coisa nisso aí?

— Sei não. *Prantano* dá um nadinha.

— No duro, pra que serve uma terra dessa?

— *Óia*, môço, pra *falá* a verdade, ela só serve pra *fazê* longe.

Lá atrás dêsse "longe", lá onde o cerrado acaba e a mata começa, crespa, compacta e escura, está o Xingu.

Xingu da gente que canta e se pinta, dos velhos pajés que em roda do fogo fumam e conversam. Que contam histórias aos meninos travessos que, quietos, sentados, ouvem o *tamoin* (avô). Histórias bem longas de tudo que foram, de quando eram muitos. Histórias que falam das fugas, das lutas sem fim. Histórias que chamamos lendas. Que contam do velho que era dono do rio, do fogo e do sol. Que andava na mata, vadeava rios, rompia na aldeia, era velho, era bravo, mas manso também. Assim é o Xingu.

As matas que cobrem a região se enquadram, por sua exuberância e coloração, no tipo amazônico. Vista de cima, da janelinha de um avião, a mata parece um mar que se estende para todos os lados. Aqui e acolá, principalmente na parte Sul da planície xinguana, avistam-se clareiras, às vêzes extensas, chamadas varjões. Outras menores, no Centro-Norte da região, indicam o lugar de antigas roças e aldeias de índios. Mas o que predomina mesmo é a grande mata verde-escura, cortada por rios sinuosos, de águas mansas: o Culuene, o Batovi, o Ronuro. Três rios que têm suas origens nas fontes e filêtes de água que brotam dos espigões e das chapadas que se desdobram ao Sul e que depois se ajuntam em determinado ponto da planície para formar o Xingu.

Sob o ponto de vista faunístico, o Alto Xingu é rico. Isto quer dizer que lá estão todos os animais que ocorrem no Brasil Central e na Amazônia: onças pintadas, pardas e pretas, antas, porcos-do-mato, veados, capivaras, cotias, lontras, ariranhas, pacas, enormes tatus-canastra e uma grande variedade de macacos. A lista de bichos de pena, grandes e pequenos, não é menor: — mutuns, jacobins, jacus, jacamins, araras azuis e vermelhas, patos, marrecões, garças, jaburus, manguaris, colhereiros, socós, biguás, anhumas, gaviões e outros mais.

Tudo isso existe no Xingu, em maior ou menor quantidade, *de acôrdo com o grau de incidência de cada espécie*, como sentenciava de dedo em riste um pedantíssimo zoólogo que andou por lá.

No Xingu, o ano se divide em dois períodos distintos: o "inverno", que principia em outubro e termina em março, e o "verão", que vai de abril a setembro.

O "inverno" é a estação das águas, o "verão" é o período da sêca. No meio, intercalado na estação chuvosa, há o "veranico" de janeiro, uns escassos dias de sol que mal chegam para matar a saudade do bom tempo.

Mas vamos começar pelo "inverno". Diversos sinais anunciam a sua chegada. Em primeiro lugar, a bruma sêca de agôsto, aquêle manto espêsso que envolve a região inteira e acaba pesando nos nervos, na alma das pessoas, e criando problemas para a navegação aérea. Depois vêm outros sinais: muriçocas (pernilongos), piuns, mormaço, pressão e de vez em quando o eco dos trovões que reboam ao longe.

No fim de setembro, ou pouco mais tarde, cai a primeira chuva. Chuva refrescante, que limpa os ares e acaba de vez com a bruma sêca. Vêm depois alguns dias de sol, de bom tempo, três ou quatro, no máximo. Em seguida, surgem outras nuvens carregadas, volta o mormaço, voltam os piuns e a pressão vai aumentando até que outra chuva, mais forte que a primeira, desaba com estrondo, acompanhada de trovões que sacodem os ermos e de faíscas que resvalam para todos os lados. É o comêço do "inverno". Daí para a frente, o céu permanece encoberto por uma grossa camada de nuvens bojudas, côr de chumbo, enquanto aqui embaixo os piuns iniciam sua festa e as águas começam a subir de nível.

Em novembro e dezembro, as chuvas caem pesadamente; em janeiro pode ocorrer o "veranico", mas depois dêle o "inverno" retorna com mais vigor. Chuva triste, chuva branca escorrendo pela palha dos ranchos, pelo sapé das malocas. Lá dentro, o índio jururu espera a volta do sol. O peixe escasseia, as aves desaparecem, os bichos também. Nessa altura, os rios transbordam e entram pela mata. Então o índio pega sua canoa de casca, um chuço de pau, algumas flechas e envereda pela mata alagada à procura de peixes que lá estão para abocanhar os pequenos frutos que caem das árvores.

Paisagem fantástica, principalmente ao anoitecer. O que se vê são duas matas: a verdadeira e uma outra, refletida em posição inversa, tremulando ao mais leve movimento das águas.

Transcorre assim o mês de fevereiro e a primeira metade de março. No dia 19 de março, dia de São José, o nível das águas atinge seu ponto máximo. Depois disso é a vazante.

Em abril, as chuvas começam a rarear, o sol reaparece; em maio chega o "verão". Alegres sinais anunciam o "verão" xinguano: garças altíssimas em vôo sereno, formações de jaburus, bandos de araçaris, tuins, maracanãs, tirivas, papagaios, periquitos. Periquitos que chegam em bandos enormes, tomam de assalto uma árvore, envolvendo-a por todos os lados, e de repente, como se ouvissem alguma ordem misteriosa, abandonam o pouso e lá se vão em tremenda algazarra.

Às praias de areia branca que pouco a pouco vão ressurgindo, afluem de nôvo as gaivotas, os bacuraus-de-coleira, os patos e os marrecões, enquanto lá no fundo da

Índios camaiurás se preparam para uma das festas rituais da numerosa tribo do Alto Xingu.

Os txucarramães, ontem adversários temíveis, são hoje amigos e aliados do homem branco, que tratam com requintada fidalguia

mata os tucanos-reais de enorme bico amarelo e prêto sentam nos galhos mais altos e ficam horas a fio soltando assobios e dando meias-voltas de um pulo só. E assim, o Xingu entra pelo "verão". Em maio, junho e julho, sucedem-se os dias azuis, com rajadas de vento sacudindo as folhagens, toques de flautas e pés descalços batendo nos terreiros de aldeia ao compasso dos maracás.

No finzinho de agôsto, a bruma sêca retorna para anunciar a estação chuvosa.

Êste, em linhas gerais, o território ocupado por várias tribos indígenas, algumas tão intimamente interligadas que poderíamos considerá-las uma única "nação", embora cada qual mantenha sua aldeia e sua própria língua. Seus hábitos são os mesmos, organizam-se idênticamente; possuem em comum as mesmas crenças e superstições; realizam festas e ritos cerimoniais, no fundo e na forma perfeitamente semelhantes, e têm sôbre tôdas as coisas e aspectos da vida e do mundo as mesmas concepções. O ritmo, a natureza e o ciclo das atividades, em geral, são pràticamente um só em tôdas as aldeias. Há até mesmo uma estreita semelhança psicológica e temperamental entre os membros de umas e de outras.

Quinze aldeias, ao todo, falando oito línguas, ocupam a região.

Os pesquisadores etnólogos não deram, ainda, muita importância aos movimentos migratórios que levaram ali para a área do Alto Xingu essa variedade de povos e línguas. As causas são conhecidas. Aquela região tornou-se o refúgio seguro de populações indígenas de procedências geográficas várias.

Não há dúvida de que essa variedade de origens resultou na formação de um mosaico lingüístico dos mais interessantes da América.

Lá estão os tupis, os caribes, os aruaques, os jês e os isolados e estranhos trumais, vivendo todos êles na fôrça da sua cultura

Na maloca dos xinguanos, só pode morar quem é parente do dono da casa

Há no Xingu duas concentrações de índios, aquêles do alto rio e outros do quase meio curso. Lá em cima estão os aurás, os meinacos e os iaulapitis, falando o aruaque; os auetis e camaiurás, de língua tupi; os calapalos, cuicurus, naupuas e matipus, do tronco caribe. Lá embaixo, na área da cachoeira de Von Martius, estão os txucarramães e suiás, de língua jê. Pouco acima, os jurunas e trumais, de falas isoladas. Chegados de longe, recentemente vindos do Tapajós distante, estão os caiabis — tupis, de língua geral.

Com exceção dos jê-txucarramães, que eram seminômades e terríveis andejos — caçadores e coletores — todos os outros são tradicionalmente afeitos à lavoura e à pesca.

As coisas que cultivam são aquelas de antes de Cabral. A mandioca, o milho, o cará e a batata dominam suas lavouras. O algodão perene é encontrado nas roças. A variedade da agricultura caiabi impressiona. Além das espécies acima, cultivam em boa escala o cará-gigante, o mangarito, a batata-roxa e uma dezena de tipos diferentes de amendoim.

Os índios do alto são comedidos na sua alimentação. A base alimentar dêsses índios é a mandioca e o peixe. Quase nenhuma carne comem além do peixe e êste, assim mesmo, muito selecionado. Rejeitam os de couro, preferindo os de escama. Dentre os animais de pêlo, não vão além do macaco. Das aves, só duas ou três espécies são por êles apreciadas: mutum, jacobim e jacu. Os velhos, principalmente os pajés, comem muita pimenta.

A mandioca, sob a forma de beiju, entra na dieta diária. Trazem-na da roça e, uma vez ralada e apurada a massa, nessa altura ainda venenosa (mandioca brava), levam-na ao fogo, renovando algumas vêzes a água, até apurar o polvilho.

Os índios aproveitam todos os frutos silvestres. Há dêles uma variedade imensa. É o índio mesmo quem diz: "A fruta que a gente encontra comida pelo macaco, serve para nós também."

Os xinguanos moram bem. Suas aldeias são amplas, levantadas em terreno firme, livre das enchentes, e, muitas delas, fora do alcance das muriçocas (pernilongos). As malocas são espaçosas, medindo, às vêzes, 24m de comprimento, 14 de largura por 7 de altura. A cobertura é de sapé, prêsa sôbre uma rija estrutura de varas bem amarradas. Tem duas portas de 1,50m de altura, abertas em lados opostos, uma bem defronte da outra.

As moradas são construídas em tôrno de um pátio extenso. Ali se passam tôdas as festas e os ritos das cerimônias. É ainda nesse pátio, em frente às moradas, que sepultam seus mortos.

As casas são habitadas por grupos aparentados.

As rêdes, feitas pelas mulheres, são tecidas de algodão nativo com fibras do brôto da palmeira buriti e são dispostas dentro da casa de maneira a deixar a área central livre para a circulação. À noite, à altura de cada rêde, brilha um fogo tanto mais intenso quanto mais frio estiver.

Cada casa tem uma espécie de responsável que é o chefe econômico do grupo. É êle quem lidera os serviços da roça; quem escolhe o lugar, anima a derrubada e procede ao plantio.

O chefe geral da aldeia não tem autoridade física sôbre nenhum índio. É um patrocinador de festas e cerimoniais. É êle que, orientado pelos pajés, fala à aldeia, convida para as festas coletivas, sugere o *moitará* (comércio de trocas), a mudança de aldeia e, ainda, é quem procura manter vivas as tradições da tribo. A fala do chefe para tôda a aldeia é feita de madrugada, da porta da sua maloca, empunhando o arco com um molho de flechas.

Ninguém deve tropeçar diante de um índio: êle pode morrer de tanto rir

O índio age por si. Ninguém determina o que êle deve fazer. É um homem livre. O que mantém a unidade tribal é a fôrça da cultura e das suas tradições. Não reconhece ninguém com fôrça para lhe impor penas e castigos.

Cedo o menino se compenetra de sua posição dentro da comunidade e passa a agir como adulto. Na altura dos doze anos, é dono de todos os conhecimentos e das tradições do seu povo.

Os pais não castigam os filhos. Respeitam-nos. Meninos e meninas, por sua vez, não fazem travessuras que possam magoar seus pais.

Certa feita uma criança pôs fogo na aldeia. Houve correrias, gritos, risadas, mas nenhuma reprimenda à criança. O prejuízo foi grande. Perguntado se o pai castigaria o filho, responderam surpresos:

— Como? É uma criança, ela pode fazer isso.

Passaram a chamá-la, por brincadeira, de *conomet aratá* (menino do fogo).

O índio é alegre. Quase nada o entristece. Ri dois terços do dia. Tudo é motivo de graça, principalmente o civilizado quando chega e, desajeitadamente, procura fazer alguma coisa que é do seu hábito — lançar uma flecha, tocar na sua flauta etc. . .

O índio é caçoísta. No civilizado que chega, às vêzes êle delicadamente amarra na cabeça um enfeite de penas. O *caraíba* (branco) sai vaidoso, coroado. Quase sempre êsse "coroamento" é o riso da aldeia.

Procure não tropeçar e cair perto de um índio: êle pode morrer de tanto rir. Seu tombo, à noite, quando deitados, é narrado, comentado e tremendamente "gozado".

Sabemos da história de um cineasta alentado de corpo, dono de seus cento e tantos quilos, que tinha no seu roteiro a figura de um índio nu correndo frente à objetiva. Era na ilha do Bananal, entre os carajás, que usam calções, falam bem o português e conhecem dinheiro. O cineasta chamou um rapagão e fêz a proposta:

— Você tira o calção, passa correndo em frente da máquina e eu lhe dou 100 cruzeiros.

O índio parou, olhou o rotundo cineasta e respondeu:

Olha, melhor eu dou 150 pra te vê pelado.

No Xingu, um cidadão, membro de uma comitiva, chegou a um grupo de índios e, querendo presenteá-los, mas tendo um só sabonete, não teve dúvida — tirou da faca e o cortou em três pedaços iguais, dando um a cada um. Na hora da saída, manifestou vontade de levar uma flecha. Um dos contemplados prontamente resolveu atendê-lo, pegou uma de suas flechas, quebrou em três pedaços e deu uma das frações ao espantado *caraíba*.

Os índios são muito aferrados às suas tradições, aos seus hábitos. Nada acontece na aldeia que não tenha sido previsto. No casamento, por exemplo, não pode haver consangüinidade. O enlace, o primeiro, vem sempre de um ajuste prévio entre os pais. Assim é que vemos uma menina de 2 ou 3 anos já comprometida com um rapazinho de 12. A mulher, entre os índios, tem uma vida mais breve que a do homem. Quando noivos, o namôro é comedido, sem a "exuberância" do namôro civilizado. O beijo faz

A maior parte do tempo, as indígenas do Xingu ficam em casa, cozinhando ou tecendo rêdes.

parte do namôro do índio, mas sempre na face, sem os arroubos dos nossos namorados.

A menina-môça, quando entra na puberdade, o que constitui uma alegria para os pais, é recolhida a um canto da maloca, num pequeno espaço em tôrno do qual fazem uma tapagem, lá ficando até que o cabelo, franja, cresça e atinja o queixo, de forma a cobrir todo o rosto. A prisão é rigorosa. Ela, durante a reclusão, só pode ser vista pelos parentes. Não pode falar e, quando o faz, tem que ser em voz baixa, cochichado. É ali mesmo na clausura que toma seus banhos. Durante êsse período, recebe da mãe e parentes ensinamentos que lhe serão úteis no casamento.

Atingidas as condições exigidas para o casamento, ela sai no primeiro cerimonial que houver e, sentada em um pequeno banco no centro da aldeia, submete-se ao corte da franja até a altura das sobrancelhas e, nesse mesmo dia, casa.

O rapaz, tal qual a môça, é também recolhido em idênticas condições, com a exceção dos cabelos, que continua cortando. Dêste, o período de reclusão é mais longo. Depende do pai. Se êste quiser fazer do filho um grande lutador, essa reclusão se estende por longos períodos anuais, durante dois ou três anos.

Realizado o casamento, vai o môço morar com os pais da espôsa e a êles prestar serviços por um espaço de tempo de aproximadamente um ano. Terminado êsse prazo, pode êle voltar à sua casa, ou à sua aldeia quando fôr de outra tribo, levando a mulher e o filho, se houver.

O avô paterno volta no primogênito do seu filho. Daí o respeito que tem o pai pelo filho. É o seu próprio pai que está voltando. Acontece, às vêzes, ao atender uma criança, darmos também remédio, pois é êle quem está doente...

No ato do casamento deve o genro presentear o sogro com um colar *urapei*. Constitui êsse colar uma jóia valiosa para os índios e que requer muito trabalho. Das dezenas de caramujos recolhidos, escolhem os mais brancos e finos. Cuidadosamente tiram uma pequena lasca que aparelham na pedra (cada caramujo dá uma lasca) para, em seguida, justapondo as lâminas trabalhadas, menos de um centímetro de largura por dois de comprimento, irem num semicírculo formando o colar. Trabalho cuidadoso e demorado (mais de um mês).

Ao ir para a casa do sogro, passa o genro, nôvo membro da família, a conduzir-se por normas rígidas de conduta durante todo o convívio. Não pode falar o nome do sogro, nem com êle conversar de frente. Não pode rir perto do cunhado, é desrespeito. Não pode olhar para a sogra, mas a ela dar o melhor peixe sempre que voltar de uma pescaria. A sogra, às vêzes, tal como acontece entre os civilizados, é um pesadelo para o pobre genro. Ela está sempre de guarda, esperando o mais ingênuo motivo para virar "onça".

Todo casal deve ter filhos. Normalmente, decorridos dois anos do casamento, não havendo filhos, é êle desfeito, indo os dois, em novos enlaces, tentar aquilo que não tiveram no primeiro.

A índia pratica o abôrto, quando grávida recente, se sobrevier uma desavença séria no casal; se o sogro se indispuser com o genro ou, também, por influência da sogra.

Nenhuma criança pode vingar, se nascida de mãe solteira ou viúva.

Os índios não abrem mão dessas normas que constituem o equilíbrio da sua comunidade.

As atribuições do homem e da mulher são bem distintas. Um não invade o terreno do outro. Os objetos de cada um são estritamente privativos. No que é dêle, ela não toca; no que é dela, êle não mexe. A mulher cozinha o peixe, é sua atribuição. Assar o peixe é função do homem e isto porque assar implica em jirau e é dêle a obrigação de cortar madeira no mato.

A panela grande de barro é da mulher, logo é dela a função de buscar água.

Nas cerimônias do *moitará* (comércio entre aldeias) só os objetos de sua exclusiva propriedade, de um e de outro, podem ser negociados. O *moitará* dos homens é organizado quase sem barulho e segue normas estabelecidas. O *moitará* das mulheres é confuso, barulhento e elas fazem o que os homens são incapazes de fazer: depreciar o objeto da outra parte.

Mulher nunca é convidada às pescarias isoladas das tribos xinguanas

Nas pescarias coletivas, as mulheres tomam parte. Os homens fazem as tapagens, cortam o timbó, maceram e lavam as fibras na água cercada. Na colheita e no assamento dos peixes, em jiraus prèviamente construídos, as mulheres e as crianças ajudam. Da pesca isolada, com arco e flecha, só o homem participa.

Na confecção do sal, só as mulheres trabalham. Colhem as fôlhas do aguapé, secam-nas ao sol, para depois queimá-las. Das cinzas apuram uma potassa que substitui o sal. Disto não fazem uso diário, mas só a consomem em certas épocas do ano.

Os xinguanos revivem em alguns dos seus cerimoniais algumas das suas lendas. O seu grande mito, no qual está baseado quase todo o rito da sua religião, teve por cenário a confluência dos formadores do Xingu, lugar que todos os índios denominam de Morená. É a terra sagrada dos xinguanos. Ali residia o seu grande herói Maivutsinin, autor da mãe do Sol e da Lua, os gêmeos lendários. Mas Maivutsinin fêz as gentes também. Fêz todos, fêz os bons e os maus. Os bons são êles, os donos da lenda, os maus são os seus inimigos, tendo na frente os jê-botocudos.

Os txucarramães são os jê-botocudos da lenda. Sem agricultura e sem casas, os txucarramães — caçadores e coletores — cobriam distâncias enormes da planura espêssa da Amazônia.

Quando as matas começaram a ser invadidas pelos homens da indústria extrativa, o choque tornou-se inevitável.

Nos seringais, nos castanhais, chamam-nos de caiapós.

São terríveis, dizem os homens da seringa. Êles se pintam de prêto, rastejam na mata, desaparecem na folhagem e quando surgem estão rentes da vítima.

O grito "caiapó" eletriza os castanhais. A notícia de alguém que tenha visto um "beiço de pau" é motivo de alarme.

A fama vem de longe. O etnólogo Von den Steinen, referindo-se a êles, escreveu: "Hordas terríveis de índios inferiores."

Que engano!

Lutaram e ainda lutam, é verdade, na defesa daquilo que constitui o seu único bem — a terra.

Que histórias que contam!

Talvez sejam os jês, dizem os etnólogos, a primeira camada povoadora da América. São os dolicocéfalos da lagoa Santa.

Quando os encontramos, trazíamos de cima, dos índios caribes, a advertência: *aveotó* — homem sem arco.

Foram os jurunas, seus inimigos ferrenhos, que nos disseram: *txucarramãe* — significando também "homem sem arco".

Foi numa margem alta, lá embaixo, perto da cachoeira de Von Martius, que tivemos o primeiro contato com êsses índios. Eram no início uns 40 que, inquietos e curiosos, se aglomeravam na barranca. Não vimos mulheres nem crianças. Devia, sem dúvida, tratar-se de um grupo de caça. Tinham êles o lábio inferior exageradamente deformados por enormes botoques de madeira. As orelhas traziam-nas rasgadas e os cabelos raspados acima da fronte e, para trás, crescendo livremente. Estavam, quase todos, enegrecidos com jenipapo. Tempos depois, vimos as mulheres. Eram altas e fortes, falavam macio e, quase tôdas, numa faixa a tiracolo traziam uma criança.

Da alimentação dêsses índios chamou-nos a atenção um tipo de fruto colhido da bananeira brava. Não era pròpriamente um cacho, mas penca de um fruto de casca muito dura, com um remoto formato de banana, que êles assavam, quebravam com pedras e comiam as sementes.

Os txucarramães, hoje, são nossos grandes amigos, embora, no passado, quando na marcha da aproximação, tivéssemos sido por êles aprisionados e empurrados mata adentro até um acampamento distante. Lá fomos jogados junto a um fogo e por êles cercados. Nessa noite, escura e ameaçadora, estavam êles pintados de prêto, portando pesados tacapes, visìvelmente zangados. Havia uns 400 homens.

Tudo isso passou. Hoje são dóceis e,

INVESTINDO NO NORDESTE OU NA AMAZÔNIA SUA EMPRÊSA PODE USAR METADE DO SEU IMPÔSTO DE RENDA EM BENEFÍCIO PRÓPRIO!

Você tem de fazer apenas isto:

Na Declaração de Impôsto de Renda (que precisa ser entregue até 30 de abril), faça opção pelos benefícios do artigo 18, letra "b", da Lei 4239, ou do artigo 7 da Lei 5174.

Deposite o correspondente a 50% do Impôsto no Banco da região em que sua emprêsa vai investir: Banco do Nordeste do Brasil S.A. ou Banco da Amazônia S.A.

O que fazer em seguida

Entre em contato com a SUDENE ou a SUDAM. Decida como aplicar êsse dinheiro em depósito: se em projeto próprio ou em de terceiros (todos êstes, estudados e aprovados pela SUDENE ou SUDAM e, portanto, prioritários e de interêsse para o desenvolvimento do Nordeste ou da Amazônia.)

Agora veja algumas das vantagens que os empreendimentos prioritários poderão gozar no Nordeste e na Amazônia:

1) Isenção de Impostos e Taxas Federais sôbre equipamentos importados;
2) Isenção de até 100% do Impôsto de Renda (por 10 anos);
3) Prioridade para financiamento ou aval do BNDE. Além de outros incentivos Federais e dos incentivos Estaduais e Municipais.

Tudo isto significa que a sua emprêsa, ao utilizar 50% do seu Impôsto de Renda em investimentos no Nordeste ou na Amazônia, está aplicando vantajosamente êsse dinheiro! Negócios vantajosos não são exatamente o que qualquer emprêsa deve fazer?

Não perca tempo.

A 30 de abril encerra-se o prazo para a entrega de Declarações de Impôsto sôbre a Renda. Procure imediatamente os escritórios da SUDENE, SUDAM ou as agências do Banco do Nordeste S.A. ou do Banco da Amazônia S.A., para obter todos os detalhes necessários.

Nêstes endereços:

BANCO DO NORDESTE DO BRASIL S.A.

BANCO DA AMAZÔNIA S.A.

Matriz: Travessa Frutuoso Guimarães, 90 — Belém
Agências: Rua da Assembléia, 62 — Rio de Janeiro • Rua José Bonifácio, 192 — São Paulo • Av. Borges de Medeiros, 646 — Pôrto Alegre

SUDENE Palácio da Fazenda — 6.º andar — Grupo 611 — Tel. 42-3764 — Rio de Janeiro • Rua Conde de Pinhal, 80 — 1.º andar — Tel. 34-3081 — São Paulo • Esplanada dos Ministérios — Bloco 9 — Brasília

SUDAM Av. Franklin Roosevelt, 39 — 8.º andar — Rio de Janeiro

No extenso território do Alto Xingu, o homem é realmente livre e fauna e flora continuam intocadas

Dois guerreiros jarunas medem as fôrças numa luta simbólica que pode demorar horas seguidas.

quando chegamos lá, nos cumprimentam chorando — a "saudação lacrimosa".

Mas não são só os txucarramães que estão na concentração de baixo. Lá estão ainda os jurunas, os suiás, os caiabis.

Os jurunas, no primeiro encontro, nos mantiveram a distância com seus arcos retesados. Aos nossos chamados, a velha Jacuí, com 70 anos de idade e mais de 100 quilos de pêso, soubemos depois, respondia baixinho: "Aunque" (Não).

Na aldeia suiá entramos de chôfre. Reagiram à aproximação.

Agitados de início, ameaçavam com os arcos à nossa chegada. Houve correria, gritos e fugas. As mulheres, algumas, estavam vestidas com saias de entrecasca de árvore. Fugiram pro mato.

— Tahaha, tahaha, caraí itahaha (Bom, branco bom) — gritávamos.

De nada adiantaram os gritos que demos. Lembramos, então, o que havia nos ensinado o velho Caratsipá.

— Tacará, Tacará (nome do velho chefe suiá).

Da confusão estabelecida um índio voltou. Batia no peito: "Eu sou Tacará." Era o avô que tinha voltado no neto.

Tudo ficou bem. Abraçamos os suiás.

Os caiabis vieram de longe. Seguiram o nosso rastro na marcha para o tapajós. Lá no Paranatinga, Teles Pires ou São Manuel, êles, do outro lado do rio, olhavam desconfiados e às vêzes gritavam:

— Tapuin tsi, tapuin tsi (Tapuia branco).

Para preservar êstes índios e estas culturas, foi criado naquela região do Brasil Central o Parque Nacional do Xingu. O móvel da idéia foi um zêlo sincero de livrar de uma fatal desintegração remanescentes dos nossos indígenas, aos quais tanto deve a nossa formação histórica. Foram êles uma das matrizes raciais do nosso povo. Perderam em nosso favor quase tôda a sua terra, e nos legaram o mais marcante traço da sua índole, a altivez. Por tudo isso, êles hoje se impõem a nós como sagrada relíquia da civilização brasileira.

Cabe ao parque promover uma assistência médico-sanitária adequada às necessidades daqueles índios. Isto vem sendo feito, com surpreendentes resultados no terreno da medicina preventiva, pelas Unidades Sanitárias Aéreas, orientadas pelo sanitarista Dr. Noel Nutels, do Serviço Nacional de Tuberculose, do Ministério da Saúde, e, ainda, por médicos da Escola Paulista de Medicina, através da Cadeira de Medicina Preventiva daquela escola. Cabe, ainda, ao parque defender a área contra a intrusão de estranhos, capazes de perturbar o equilíbrio social daquelas tribos.

Sòmente com medidas defensivas e acauteladoras poder-se-á: preparar aquêle silvícola para um futuro contato com a sociedade brasileira; assistir ao seu desenvolvimento cultural, permitindo que sua evolução se processe em ritmo natural, a salvo de mudanças bruscas e fatais; garantir a continuidade do processo de adaptação ecológica, o qual vem se desenvolvendo há séculos.

Ao lado da sua realidade humana, a região do Alto Xingu — área do parque — é a zona de transição do Brasil Sul e Centro para a Hiléia amazônica. Ali a fauna e a flora continuam intocadas, guardando, para o futuro, um testemunho do que teria sido o Brasil na era do Descobrimento.

Deixamos, propositadamente, para o fim desta reportagem os nossos respeitos e as nossas homenagens, ao aproximar-se a Semana do Indio, ao insigne brasileiro Marechal Rondon. A êle, batalhador incansável da causa indígena, implantador da política humanitária que hoje vigora, o preito da nossa admiração.

Pierre Salinger, ex-secretário de imprensa da Casa Branca, dá a sua

PORQUE OS KENNEDYS LUTARAM CONTRA MANCHESTER

TUDO parece tão distante agora! Era outra a época, outro o local, outro o estado de espírito quando o livro *A Morte de um Presidente* foi imaginado. Menos de um mês se passara desde o atentado contra Kennedy e os caçadores de revelações sensacionais, os curiosos que se aproveitam da morte e da controvérsia já se acotovelavam em tôrno de Jacqueline Kennedy. Os três dias de luto nacional, cheios de pompa e de dignidade, iam sendo esquecidos naquela corrida confusa dos que pretendiam capitalizar a tragédia por variadas, múltiplas formas. A cidade de Dalas era inundada por jornalistas e pseudojornalistas, vindos de todo o mundo, para ali desencavar uma história — qualquer história. A verdade, naqueles dias, era o mínimo denominador comum, o que menos se buscava. E mesmo no entorpecimento daqueles dias dolorosos, tanto a Senhora Kennedy como o ministro da Justiça, Robert Kennedy, tinham plena consciência da teia de deformações e de exageros que tendia, inexoràvelmente, a ampliar-se.

Naqueles dias eu ainda trabalhava na Casa Branca, dependência do Presidente Johnson, êle próprio também preocupado em substituir a caça ao sensacional por um inquérito honesto e sério. Eu vivia assediado por escritores que queriam entrevistar Jacqueline Kennedy, alguns para escrever um artigo, outros para escrever um livro. Uns eram desconhecidos, outros famosos como Jim Bishop, que havia construído uma reputação e ganhara muito dinheiro escrevendo sôbre a morte de personagens universalmente célebres. Nesses dias, a idéia de permitir tais entrevistas não era admissível, mas o problema se tornava cada vez mais agudo. E eu sabia perfeitamente bem que, a certa altura, seria impossível controlar a situação. Sobretudo, me parecia inconcebível que a Senhora Kennedy tivesse que repetir a cada momento, a um grupo indefinido de entrevistadores, a narrativa sôbre os trágicos acontecimentos do dia do assassinato. Mas, por outro lado, igualmente, sabia que nada se poderia fazer para impedir o dilúvio de livros que seriam escritos sôbre o atentado.

UM fato importante aconteceu pouco depois, no início de 1964: a decisão da família Kennedy de levar avante um projeto de história oral, *Oral History*. Tratava-se de filmar e de gravar em fita magnética o pensamento e as reações de todos aquêles que tinham conhecido John Kennedy: desde Nikita Kruchev e Charles de Gaulle ao barbeiro particular e ao criado de quarto do presidente. Uma das entrevistas-chaves da *Oral History*, evidentemente, seria feita com a sua viúva. O projeto foi concebido de modo que a pessoa entrevistada tivesse completo e absoluto contrôle sôbre o material fornecido e que pudesse, também, decidir quando e de que modo essas informações deveriam ser transmitidas ao público. Exatamente nessa ocasião, sugeri pela primeira vez a Robert Kennedy que escolhesse, juntamente comigo, um escritor para entrevistar a Senhora Kennedy, fôsse para um livro destinado a pôr em foco os fatos que rodearam o assassinato, fôsse para a gravação destinada a figurar na *Oral History*. O autor do livro devia ter plena liberdade para escrever o que quisesse. Não me ocorria, nesse tempo, que tal livro se poderia tornar uma "versão autorizada" do assassinato. Nenhuma dúvida tinha, no entanto, de que, com o acesso à Senhora Kennedy (acesso que nenhum outro escritor havia conseguido), o livro representaria uma contribuição única e definitiva para a história do assassinato.

Três escritores foram propostos para essa tarefa. Eram Theodore White, autor de *Making of a President*, 1960 (Como Foi Feito um Presidente, 1960); William Manchester, autor de um livro sôbre Kennedy, *Profile of a President* (Perfil de um Presidente); e Walter Lord, que havia escrito numerosos livros, entre os quais uma fascinante narrativa sôbre o afundamento do *Titanic*.

Teddy White foi o primeiro a recusar a oferta. Assim procedeu por motivos inteiramente pessoais. Havia escrito depois do assassinato um artigo, muito belo e comovente, em *Life*, e me disse que não se sentia inclinado a reviver os episódios da tragédia de Dalas na medida necessária para

Salinger, assessor de JFK, foi o homem que idealizou suas notáveis entrevistas coletivas à imprensa. É autor do livro Com Kennedy.

versão sôbre a controvérsia em tôrno de *A Morte de um Presidente*

(Exclusividade de MANCHETE no Brasil. Reprodução proibida. Tradução de R. MAGALHÃES JÚNIOR.)

um livro. Procurou-se, então, contato com Walter Lord. Não me recordo quem foi encarregado disso. Lord mostrou interêsse, mas nunca mais foi procurado, porque logo se tornou claro que o livro seria escrito por William Manchester. Uma coisa é certa: nem White, nem Lord, se recusaram a escrever o livro por lhes terem sido impostas condições ou limitações pela família Kennedy. Com nenhum dêles foram discutidas condições ou limitações da liberdade de que gozavam como escritores.

EU conhecia Bill Manchester há algum tempo. Exatamente, desde maio de 1961, quando me escreveu de sua casa, em Middletown, Connecticut, pedindo-me que o ajudasse a preparar uma série de três artigos sôbre o Presidente Kennedy para o semanário *Holiday*. "Excetuadas algumas reportagens que fiz em Washington", dizia êle, "jamais escrevi sôbre fatos ou pessoas ligadas à presidência e sinto o que definirei como uma espécie de temor reverencial. Compreendo perfeitamente que todos na Casa Branca estejam por demais atarefados para receber-me, mas gostaria que acreditasse que tenho a intenção de fornecer ao público, nesses artigos, uma boa imagem do presidente. Gostaria muito de submeter à sua aprovação os fatos apresentados no texto definitivo. Quero também declarar que não pretendo citar sem permissão aquêles que me concedam uma entrevista. Essa já é, decerto, a prática habitual. Contudo, creio que um acurado contrôle seria oportuno para salvaguardar as fontes das minhas informações e (o que me parece ainda mais importante) o assunto de que trato."

Depois dessa carta e de uma outra, de Ted Patrick, diretor de *Holiday*, o qual confirmava a tarefa confiada a Manchester, organizei entrevistas do escritor com o presidente e com outras pessoas que conheciam Kennedy. Os seus artigos, mais tarde publicados no livro *Profile of a President*, foram terminados no verão de 1962. No dia 25 de maio, Manchester me escreveu: "A primeira parte do rascunho lhe será enviada diretamente, e ao mesmo tempo o editor me informará sôbre a data em que poderão ser remetidas as correções. Logo depois, eu lhe telefonarei. Estou comunicando ao meu agente que os artigos não podem ser publicados, nem aqui nem na Europa, sem que o presidente primeiro tenha feito as suas correções."

Essa carta ajuda a bem compreender o comportamento, inteiramente diverso, de Manchester, nas duas ocasiões: quando escreveu *Profile of a President* e quando escrevem *A Morte de um Presidente*. E é claro que a primeira atitude foi ditada pelo autor a si mesmo. Foi por decisão inteiramente pessoal que êle resolveu submeter o seu texto. Não houve nenhuma solicitação da Casa Branca. Seu comportamento nessa ocasião foi muito diverso. E influiu para que êle fôsse chamado, no início de 1964. Éramos, então, amigos — quer dizer, êle me chamava Pierre e não Mr. Salinger. Ao telefone, Manchester ouviu com extrema atenção o projeto que lhe era exposto, em linhas gerais. Disse-me que estava trabalhando num livro sôbre outro assunto, mas a obra por mim proposta lhe parecia tão importante que o levaria a examinar a possibilidade de pôr de parte o que estava escrevendo para dedicar-se à nova tarefa. Sugeri-lhe que viesse a Washington, para discutirmos o assunto mais amplamente, e êle aceitou vir encontrar-se comigo em meu escritório, na Casa Branca.

Antes de vir a Washington, êle havia estudado maduramente e com muita cautela a minha proposta, mas ao encontrá-lo, naquele dia, pareceu-me de tal modo entusiasmado com a idéia de escrever o livro que hoje pergunto a mim mesmo se tal entusiasmo não era um tanto fabricado. Discuti com êle o esbôço do projeto, explicando-lhe que, se tivesse acesso ilimitado à Senhora Kennedy, êle devia ser escoltado. Respondeu que compreendia isso muito bem e que não via como se pudesse proceder de outra forma. Acrescentou que, se não houvesse uma escolta, êle próprio a pediria. Concluiu afirmando que a Senhora Kennedy tinha todo o direito de ser protegida, que êle nada faria que pudesse ofender a sua sensibilidade, que tanto ela quanto Robert Kennedy tinham, sem a menor dúvida, o direito de ler o livro, para dar a sua aprovação. Devo sublinhar que a nossa conversa se concentrou sôbre o fato de que Manchester seria recebido pela Senhora Kennedy para uma entrevista. Não discuti com êle o problema de ler e aprovar o texto do livro. Ficou entendido que tôdas as possíveis correções feitas pelos Kennedy de nenhum modo alterariam os fatos ou as conclusões a que Manchester tivesse chegado através do seu inquérito.

Manchester pareceu irritado porque eu insistentemente defendi a exigência de que o livro só fôsse publicado cinco anos depois do assassinato do presidente. Pareceu, todavia, de acôrdo, quando lhe declarei que poderia falar mais livremente se o livro fôsse publicado à maior distância possível dos acontecimentos. Mas, sôbre êste ponto, não fui inteiramente persuasivo. Uma carta de Manchester a Bob Kennedy, escrita depois da nossa conversa, revela que êle esperava obter um limite de três anos, em vez de cinco. "Resta sòmente o problema da data da publicação", dizia êle a Bob, nessa carta. "Sugiro que no *memorando de entendimento* seja estipulado que o livro não será publicado antes de três anos. Digamos: não antes de 22 de novembro de 1966. Mas isso, repito, é apenas uma sugestão. Se o senhor prefere cinco anos, serão cinco anos mesmo." O acôrdo, finalmente assinado, estabeleceu que seriam cinco anos.

OUTRA parte da nossa conversa referiu-se ao pagamento. Manchester concordou em que tal livro não devia constituir uma especulação financeira. Os proventos conseguidos em excesso seriam destinados à John Kennedy Memorial Library (Biblioteca em Memória de John Kennedy). Discutimos amplamente qual seria a justa compensação para escrever o livro e, finalmente, ficamos de acôrdo: 250 mil dólares. À base dessa estimativa, Manchester receberia 50 mil dólares por ano, durante cinco anos de trabalho, até ser o livro publicado.

Feito, em princípio, tal acôrdo, deixei que Manchester elaborasse com Bob Kennedy o contrato final. Eu, Manchester e Bob nos encontramos pela última vez em meu escritório de Washington a 26 de fevereiro de 1964. A 19 de março, pedi demissão do cargo de secretário de Imprensa da Casa Branca, para apresentar a minha candidatura ao Senado pelo Estado da Califórnia. Antes de partir, recebi de Manchester a cópia de uma carta que êle escrevera a Bob Kennedy, lembrando que o acôrdo não tinha sido ainda assinado. Insistia na necessidade de concluí-lo quanto antes, a fim de que pudesse anunciar o livro projetado. Manchester escrevia: "Quanto ao memorando, creio que o nosso consenso é total. Concordo que é importante dar o manuscrito a ler seja ao senhor, seja à Senhora Kennedy. Se o senhor não houvesse sublinhado essa necessidade, eu mesmo o teria feito." O acôrdo, finalmente concluído e assinado a 26 de março, confirmava os pontos que eu expusera a Manchester com uma única exceção: não aludia ao problema financeiro.

COM muita clareza, no entanto, êsse acôrdo especificava que o livro não podia ser publicado sem o consentimento de Jacqueline e de Bob Kennedy, nem podia ser lançado antes de 22 de novembro de 1968. Mas o comunicado à imprensa que acompanhava o documento divergia dêste em dois pontos. O primeiro dizia que "a publicação do livro não pode ser feita antes de *três* ou *cinco* anos." O outro se referia aos ganhos pecuniários de Manchester, omitidos, como já disse, no memorando. Eis as palavras exatas do comunicado à imprensa: "O livro será publicado por Harper & Row; os lucros, retiradas as despesas e um ganho razoável sôbre a primeira edição, serão doados pelo autor e pelo editor à Biblioteca Kennedy, de Boston, Massachusetts." Quanto ao árduo trabalho de Manchester, não é necessário recordá-lo. Foi enorme o seu esfôrço de pesquisa. A sua entrevista com a Senhora Kennedy se realizou em abril. Mas centenas de outras pessoas foram entrevistadas por êle, quer em Washington, quer através do país.

A notícia sôbre a complexidade do livro chegou aos Kennedy através de duas pessoas. A primeira foi Evan Thomas, vice-presidente de Harper & Row, que escreveu a Robert Kennedy a 18 de fevereiro de 1966, anunciando que o texto final do livro estava quase terminado. "A finalidade desta carta", dizia êle, "é perguntar-lhe se pode indicar alguém que se empenhe na leitura do texto, do fim de março ao início de abril, enquanto eu leio a minha cópia." Thomas sugeria um leitor da escolha de Bob, para evitar a êste último "a angústia de reviver através dessas páginas os vários momentos do assassinato". Thomas sugeria os nomes de dois possíveis leitores: Ed Guthman, redator político do *Los Angeles Times*, e John Siegenthaler, redator do *Nashville Tennesseean*. Ambos eram amigos íntimos de Bob, que, por isso mesmo, aceitou a sugestão.

A outra pessoa foi o próprio Bill Manchester quem a indicou, numa carta tão longa quanto desconexa, enviada a Jac-

"A ação judiciária de Jacqueline Kennedy só foi iniciada quando tôdas as tentativas amigáveis falharam. Muitas correções propostas — e antes aceitas — não tinham sido respeitadas."

queline Kennedy. Essa carta deixava evidente que o extenuante trabalho, o prolixo viver e reviver os acontecimentos de 22 de novembro de 1963, tinha afetado o equilíbrio de Manchester. "No início, eu não imaginava deveras que o trabalho seria tão longo. Mas em breve vi que os aspectos que essa tarefa envolvia eram muito mais numerosos do que eu poderia supor", disse êle na carta a Jacqueline Kennedy. "Êstes dois últimos anos foram os mais difíceis de minha vida. A crise se declarou no Dia de Graças. A 26 de novembro, eu saía, recuperado, de um hospital, para onde entrei depois de um colapso por exaustão. Durante doze dias, permaneci imóvel. Mesmo nas seis semanas seguintes, continuei hospitalizado, embora escrevendo oito a nove horas por dia. O manuscrito foi terminado em oito semanas explosivas, em que não tive tempo nem para respirar. Esta manhã, acordei bem cedo e vi o sol raiar. Nunca vi alvorada tão bela, nem mesmo quando estive na Baviera, em 1963."

A carta de Manchester a Jacqueline deixava claro que êle considerava o livro como um produto de seus juízos pessoais. "Não fui brando em meus julgamentos. A cidade de Dalas, por exemplo, vai ficar furiosa comigo. Mas investiguei com escrupuloso cuidado aquela estranha comunidade e tudo quanto descrevo repousa sòlidamente nos fatos. Na introdução afirmo isso e portanto sou eu, e apenas eu, o responsável pelo livro. Declaro, e isso é verdade sob todos os pontos de vista, que as minhas relações com as pessoas que entrevistei foram sempre inteiramente profissionais, que ninguém me sugeriu o que nem como escrever, e que as conclusões tiradas dêsses encontros são sòmente minhas. Na verdade, até o momento em que os datilógrafos tomaram nas mãos o manuscrito, jamais quem quer que seja leu uma só palavra do meu livro. Dalas não conseguirá fazer mal nenhum, nem a mim, nem a Harper & Row. A amplitude de minha pesquisa, a profundidade da documentação se revelam com tanta evidência que todos os leitores reconhecerão e aceitarão a plena responsabilidade do autor." Manchester incluía, depois, uma estimativa pessoal sôbre o valor de seu livro: "Essa obra, a meu ver, eclipsa tudo o mais que até hoje escrevi."

Imediatamente depois dessa carta a Jacqueline Kennedy, cópias do manuscrito foram expedidas a Guthman e Siegenthaler. Nos três meses seguintes, êles trabalharam sôbre o texto, discutindo aqui e ali as alterações, com Evan Thomas e com Manchester. Os encontros de Manchester, Guthman e Siegenthaler ocorreram em Nova Iorque. As coisas prosseguiam de modo tão macio que nenhuma suspeita surgiu na mente de ambos sôbre a serenidade de suas relações com Manchester. Thomas, por seu lado, estava tão contente com a ajuda de Siegenthaler que chegou a lhe oferecer um pagamento, em dinheiro ou mediante descontos na aquisição de livros. Educadamente, Siegenthaler recusou.

Surgiu, depois, uma outra carta de grande interêsse, escrita por Thomas a Siegenthaler e a Guthman, referindo a opinião da direção de Harper & Row sôbre o livro de Manchester. Tal opinião era a de que o livro "é de tal modo gratuito e maldosamente insultuoso ao Presidente Johnson que, por essa mesma razão, desserve à memória do Presidente Kennedy. Se bem que ao mesmo tempo constitua um considerabilíssimo trabalho e, quase se pode dizer, uma grande obra... É como se Manchester se tivesse embaraçado de tal modo nessa trágica narrativa, a ponto de não poder ao menos transformá-la num triste conto de fadas." Quando a Senhora Kennedy descreveu o livro como "desagradável e gratuitamente insultuoso", alguns a atacaram, alegando que ela não lera o manuscrito. Mas a ilustre senhora havia apenas adotado a opinião dos próprios editôres.

As coisas se aclararam no ano passado. Mais precisamente: em julho de 1966. No início do mês, numerosas correções sugeridas por Siegenthaler foram ainda transferidas para o texto. Siegenthaler falou com Thomas e Manchester, os quais lhe asseguraram que não haveria nenhuma dificuldade para contentá-lo. Mas, em conversação posterior, sucedeu algo diverso. Os diretores de Harper & Row pediram a Siegenthaler que obtivesse de Bob Kennedy uma carta na qual fôsse indicada a data de publicação do livro. Tal carta, disse Thomas, era necessária para desfazer os receios de Manchester de que o livro jamais seria publicado. Além disso, dizia Thomas, a carta permitiria que fôsse contratada, com várias revistas ilustradas, a serialização de um resumo do livro.

Thomas se tornou cada vez mais insistente a respeito da necessidade dessa carta, à medida que os dias e as semanas se passavam. Repetia a Siegenthaler que estava extremamente preocupado com a saúde física e mental de Manchester. Dizia que o escritor estava "louco de dor", e concluiu afirmando temer que Manchester perdesse definitivamente a razão, caso não obtivesse a carta tranqüilizadora, assinada pelo já então Senador Bob Kennedy. O próprio Manchester falou, no mesmo sentido, com Siegenthaler. Confiou-lhe os seus temores de que o livro jamais fôsse publicado e explicou que êsse mêdo estava arruinando a sua saúde mental. Mas, nesse meio tempo, na ignorância de todos os que participavam de tais conversações, já o agente literário de Manchester, Don Congdon, distribuía cópias do original, a revistas ilustradas e ao Clube do Livro do Mês.

É objeto de controvérsia o número de cópias que foram distribuídas. Congdon afirma que foram sete. Outros dizem que chegaram a vinte. Fôsse como fôsse, em poucos dias o original estava nas mãos de uma porção de pessoas, antes que o Senador Kennedy ou Jacqueline Kennedy lhe tivessem dado a necessária aprovação. Bob Kennedy só soube dessa distribuição de cópias através de um artigo do *The New York Times*.

No dia 26 de julho de 1966, Siegenthaler, capitulando à pressão de Thomas e de Manchester, telefonou à secretária particular de Bob Kennedy, Angela Novello, e lhe ditou a minuta de uma carta que deveria ser enviada ao editor. No mesmo dia, a Senhorita Novello colocou a minuta da carta sôbre a mesa do Senador Bob Kennedy, mas êste só a encontrou ao fim do dia 28 de julho. Na véspera, Thomas havia telefonado à Senhorita Novello, para saber o que havia acontecido com a carta. No dia 28 de julho, foi o próprio Manchester quem telefonou, pedindo as mesmas notícias. A secretária particular do senador escreveu um memorando sôbre essa conversação: "Falei com Bill Manchester, que não dorme há três noites, preocupado com a carta. John (Siegenthaler) lhe assegurara que tinha sido expedida. Expliquei a Manchester que eu ainda não tinha podido expedi-la, que estava ansiosa para fazê-lo etc. etc. Manchester respondeu que amanhã se encontrará com representantes de *Look* e de *Life*, e que escolheu essas duas revistas porque lhe parecem as melhores, nos Estados Unidos, para a divulgação do resumo do livro. Confia em que não tarde a sua decisão, isto é, que em duas semanas tenha os originais de volta, para a composição. Queria falar com o senhor esta noite e, não tendo podido, já se contentava em falar comigo para saber o que o senhor havia decidido. Espera ir segunda-feira para o Maine, com a família. (P.S. — Relendo o que aí ficou escrito, creio ter dado a impressão de que Bill estava muito irritado e raivoso. Não estava. Está apenas preocupado com o melhor negócio que poderá fazer com as revistas ilustradas, e com o lucro que isso trará à Biblioteca Kennedy)."

O memorando da Senhorita Novello foi deixado sôbre a mesa de Bob Kennedy e mais tarde, no mesmo dia, o senador enviou um telegrama a Manchester. Assim procedeu, disse-me êle, "porque o representante de Harper me havia dito que Manchester estava ficando doente, com a obsessão de que o livro não seria publicado". O agente de Manchester, Don Congdon, contou depois a Goodwin: "Rapazes, não sei porque Thomas contou aquelas mentiras a vocês. Eu tinha necessidade dessa carta por uma simples questão de negócios. A saúde de Manchester era excelente."

Nessa controvérsia, o telegrama enviado por Bob Kennedy e Bill Manchester tem uma importância crucial. Na verdade, êsse telegrama foi usado, tanto pela revista *Look* como pela editôra Harper & Row, para tentar provar que Bob Kennedy examinara o livro e permitira a sua publicação. Eis o telegrama de Bob: "Quaisquer que sejam as contestações que possam surgir a respeito do original do livro, quero declarar o seguinte: ainda que eu não tenha lido a narrativa de William Manchester sôbre a morte do Presidente Kennedy, conheço o respeito que o presidente tinha pelo Sr. Manchester como historiador e como jornalista. Sei que outros pretendem publicar livros sôbre os acontecimentos de 22 de novembro de 1963. Pelo que diz respeito ao assunto do livro e pelo fato de ter o Sr. Manchester obtido, através de suas pesquisas, maior soma de informações

Salinger: "O trabalho desenvolvido por Manchester afetou seu equilíbrio."

e de documentos do que qualquer outro escritor, os membros da família Kennedy não oporão obstáculo algum à publicação de seu trabalho. Mas, desde que a narrativa do Sr. Manchester seja publicada de modo fragmentário, receio que os episódios sejam colocados fora do contexto, ou reunidos de um modo que possa distorcer os fatos ou acontecimentos relativos à morte do Presidente Kennedy. (Assinado) — *Robert Kennedy*."

Pela mente de Bob Kennedy não passara a idéia de que constituísse uma liberação do livro, nem que cancelasse os têrmos do acôrdo firmado com Manchester em 1964. Mas logo ficou claro que tanto Thomas como Manchester participavam do ponto de vista do Senador Kennedy sôbre a natureza do telegrama. No dia seguinte, Manchester chamou Bob Kennedy ao telefone e lhe declarou que não havia "problema algum" no que tocava à execução do acôrdo e que nada seria publicado sem a aprovação do senador e da Senhora Kennedy. No dia 4 de agôsto, Thomas, Manchester e o senador trocaram telegramas que reforçavam ainda mais êsse ponto.

BOB Kennedy recebeu um telegrama, assinado tanto por Manchester como por Thomas: "Homer Bigart, do *Times*, está para escrever a história da serialização e levantou muitos fatos, inclusive o preço da venda. Respondemos evasivamente a respeito do dinheiro. Segundo os têrmos do contrato existente, esperamos que o livro seja o maior contribuinte individual para a Biblioteca Kennedy e nos sentimos jubilosos por êsse fato. À falta de ulteriores entendimentos, devemos concluir que o contrato assinado prevalece." O Senador Kennedy respondeu imediatamente: "A respeito do telegrama em que dizem: *À falta de entendimentos ulteriores, devemos concluir que o contrato assinado prevalece*, estamos de pleno acôrdo, isto é, significa que eu e a Senhora Kennedy devemos dar a permissão para a publicação do livro e que tal permissão ainda não foi dada."

É um tanto surpreendente, pois, que Manchester firmasse um contrato com a revista *Look*, para a publicação, em folhetins, de *A Morte de um Presidente*, a 11 de agôsto de 1966, com uma cláusula em que se lia: "Falando pela família, o Senador Kennedy aprovou a publicação do livro." O preço da venda foi de 665 mil dólares. Manchester assegurou aos Kennedys que seus direitos estavam plenamente protegidos no contrato com *Look*. Mas, por motivos inexplicáveis, os Kennedys durante longo tempo não conseguiram ver os têrmos do tal contrato. Jacqueline Kennedy estava no Havaí, no período em que o livro fôra negociado com a revista, e não havia ainda lido uma só linha. Embora o contrato lhe garantisse amplamente o direito de examiná-lo antes que "qualquer outra pessoa", só voltou aos Estados Unidos muitos dias depois da venda. Jacqueline Kennedy queria bastante ver êsse contrato. Depois de repetidas tentativas para obtê-lo, convidou Manchester a visitá-la, em sua residência de Hyannis Port, Massachusetts. Era no fim de agôsto. Ela pôs à disposição de Manchester o avião da família, o *Caroline*, a fim de que êle não tivesse dificuldades para dirigir-se a Massachusetts. Manchester iria para lá com Richard Goodwin, com quem se encontrou no Hotel Stanhope e a quem, pela primeira vez, mostrou o contrato, enquanto se dirigiam ao aeroporto.

GOODWIN leu-o ràpidamente, estranhando que não contivesse nenhuma cláusula destinada a proteger a família Kennedy. Na verdade, isso garantia a Manchester o direito de examinar as alterações feitas no original para efeito de condensação, mas tal direito era muito limitado. Chegado a Hyannis Port, Manchester disse à Senhora Kennedy que compreendia perfeitamente o fato de que ela não havia aprovado de manira definitiva a publicação do livro, acrescentando que êle próprio já comunicara isso a *Look*.

Muitos dias depois, Manchester explicou a Goodwin que êle igualmente informara a Gardner Cowles, editor da revista; a William Attwood, outro diretor; e a John Harding, seu advogado. Disse ainda que a resposta fôra a seguinte: *Look*, de qualquer modo, publicaria o livro, com ou sem a aprovação da Senhora Kennedy. E que quando êle, Manchester, disse que poderia ser levado aos tribunais, numa tentativa da família Kennedy para impedir a publicação do livro, êles lhe responderam que, nesse caso, *Look* o processaria por perdas e danos. Apesar de tudo, Jacqueline e Robert Kennedy pensaram que o bom-senso acabaria por prevalecer, e que as correções desejadas poderiam ser discutidas. Nessa esperança, a Senhora Kennedy começou a trabalhar sôbre o livro. Sua secretária de imprensa, Pamela, preparou um memorando de quatro páginas que continha tôdas as correções sugeridas. Depois, a Senhora Kennedy encontrou-se com Cowles em Hyannis Port. Guthman e Siegenthaler continuaram a fazer outras correções, que Richard Goodwin negociou.

Voltei a ocupar-me de Manchester e seu livro, em setembro de 1966. Achava-me, então, em Nova Iorque, e estava em entendimentos com o editor de meu livro sôbre Kennedy, Nelson Doubleday, quando êste me falou no "livro mais fantástico que até hoje li". Perguntei-lhe de que livro se tratava. Respondeu-me: "*A Morte de um Presidente*". Uma das cópias postas em circulação em Nova Iorque, pelo agente de Manchester, fôra remetida a um clube do livro dirigido por Doubleday. Pedi-lhe essa cópia e êle ma cedeu. Já havia sido lida pelo menos por cinco pessoas, do comitê de leitura do clube e da casa Doubleday — o que demonstra quanto essas cópias foram manuseadas, uma vez postas em circulação. Imediatamente, comuniquei isso a Bob Kennedy, numa carta escrita a mão, na qual sublinhei os problemas concernentes ao livro. Mais tarde, lá para o fim de outubro, fui convidado para uma reunião no apartamento de Bob Kennedy, em Nova Iorque. Dessa reunião participaram, também, Theodore Sorensen, Arthur Schlesinger Junior, Goodwin, Siegenthaler, Burke Marshall (vice-ministro da Justiça quando Robert Kennedy era o ministro) e James Greenfield, antigo vice-ministro do Interior.

A atmosfera era de desesperada irreparabilidade. Os esforços para negociar com *Look* e com a casa editôra do livro não tinham tido o menor sucesso. Aquêles que haviam sido incumbidos de obter as correções estavam completamente no escuro. Ignoravam até mesmo se o livro seria, ou não, publicado. Nem *Look*, nem Harper & Row estavam dispostos a mostrar a um representante dos Kennedys as provas tipográficas do livro. Ao mesmo tempo, todos diziam que uma questão judiciária era arriscada, pois existiam muitas cópias do livro, em diversas mãos. Além disso, um processo poderia ser interpretado em círculos hostis como uma tentativa de censurar a narrativa e seria muito difícil esclarecer o que se visava, numa pendência legal. A decisão comum foi a de que se devia resolver tudo amigàvelmente com *Look* e a casa editôra Harper & Row.

A ação judiciária de Jacqueline Kennedy só foi iniciada quando tôdas as tentativas falharam. No dia seguinte, as pessoas mais próximas da Senhora Kennedy e do senador leram, pela primeira vez em três meses, o original do livro. A ação legal se destinava a fazer respeitar um contrato assinado de boa-fé, três anos antes. Lendo, finalmente, o original, aquelas pessoas da confiança dos Kennedys descobriram que muitas das correções propostas e aceitas por *Look* e Harper & Row, cinco meses antes, não tinham sido feitas.

Finalmente, o caso foi resolvido, mas o preço pago por todos foi muito alto. Não quero aqui deixar um julgamento de valor sôbre o livro de Manchester. A História fará o seu, bom ou mau. A História é que dirá se os Kennedys cometeram um êrro confiando seus depoimentos pessoais a um único escritor, e tomando uma decisão tão importante pouco depois do assassinato do presidente. Mas, como eu dizia no início, tudo hoje parece muito distante. Era outra a época, outro o local, outro o estado de espírito, quando o livro *A Morte de um Presidente* foi imaginado...

TWIGGY
O MINI-MANEQUIM 67

Reportagem de
JEAN-PAUL LAGARRIDE

Twiggy. Um nome que se pronuncia em tôdas as capitais do Ocidente. Twiggy: um penteado curto que está sendo adotado por tôdas as mulheres. Twiggy: a sucessora de Jean Shrimpton. Mas quem é Twiggy? É a adolescente mágica do mundo da moda, o modêlo fotográfico mais bem pago da atualidade (300 dólares por hora — o dôbro do que ganha a Shrimpton). Lesley (Twiggy) Hornby, garôta pobre do Noroeste de Londres, tem 17 anos e pesa 41 quilos. Quando sai pelas ruas acompanhada de um fotógrafo, em Londres, Nova Iorque ou Paris, geralmente pára o trânsito. Quando as câmaras fotográficas estão assestadas sôbre ela, transfigura-se. Ela posa para as duas edições do *Vogue*, a inglêsa e a americana, para o *Elle* francês e o *Seventeen*. E de repente aparece também na capa do *Newsweek*, transformada em celebridade da semana.

Mas, quando os fotógrafos se afastam, ela pràticamente deixa de existir. Não aparece nos bares e boates da moda, não freqüenta a alta sociedade. Seu nome não está ligado a *playboys* nem a astros cinematográficos. Quando não está trabalhando, volta simplesmente ao anonimato do Noroeste de Londres, onde mora com o pai e a mãe (o pai é carpinteiro de televisão), um cão pastor, um gato persa e um ursinho de pelúcia a que deu o nome de Growler. Na Inglaterra, dizem ser ela "a mini-rainha da nova aristocracia social". Porque, como os Beatles, nasceu pobre e rompeu tôdas as barreiras sociais.

Muito alta e de pernas finas, a mini-saia que ela usa não escandaliza. Não faria escândalo nem mesmo se aparecesse seminua, pois tem também um mini-busto, um frágil condicionamento físico de garôta destinada a ficar eternamente na puberdade. Seu destino se definiu no dia em que completou 15 anos de idade. Foi quando conheceu Nigel Davies, de 25 anos, antigo garôto de recados de um *bookmaker*, pugilista amador sem brilho, vendedor de antiguidades, decorador de interiores e cabeleireiro do salão de Vidal Sassoon, em Bond Street, onde trabalhava sob o nome de Christian. Êsse homem de vida tão complicada descobriu imediatamente as potencialidades de Leslie, futura Twiggy, e não perdeu tempo. Começou cortando os seus cachos antiquados e dando uma coloração dourada ao que sobrou de cabelo. Em seguida, deu-lhe o nome de Twiggy e resolveu mudar mais uma vez o seu próprio nome, adotando o de Justin de Villeneuve. Estava tudo pronto para a exploração do talento de Twiggy, de quem Davies passou a ser gerente, empresário, namorado, sombra e protetor.

UM DESFILE SÔBRE PATINS, ao ar livre, foi a maneira original que Twiggy achou para lançar a sua moda em Paris. As maiores revistas da França lhe dedicaram longos artigos, nos quais era feita a pergunta: "Homem ou mulher?" Seguindo-se a resposta: "Nem homem, nem mulher. Twiggy, dezessete anos, magra, menina eternamente púbere."

Dezenas de rapazolas foram ver Twiggy passear de patins, vestida de mini-saia, na calçada do Trocadero, em Paris. Cheia de vida e alegria, Twiggy só parou de passear quando o tempo esfriou e começou a chover.

Sem o falso Justin, que é um homem separado da espôsa, a imagem de Twiggy não existiria como é, e o seu sucesso não poderia ser explicado. Cathy McGowan, uma celebridade da televisão inglêsa, teve esta frase de espírito: "As garôtas *teenagers* fazem tudo para ficarem parecidas com Twiggy, porque assim acham que podem conseguir alguma coisa com Justin."

A descoberta de Twiggy pelos Estados Unidos foi qualquer coisa de espetacular. Além de sair na capa do *Vogue,* a sua figura esguia abriu na mesma semana as seções de modas de *Look, Life* e meia dúzia de outras revistas americanas. E quando ela, em pessoa, desembarcou em Nova Iorque, a American Broadcasting Co. destacou o fotógrafo de modas Bert Stern para fazer três filmes especiais sôbre essa ilustre visitante.

Com seu manequim, cujas medidas (31-22-32) foram chamadas de "avarentas" por um cronista norte-americano, ela começou a ganhar tanto dinheiro que já constituiu uma firma, a Twiggy Enterprises, para melhor gerir os seus negócios, agora como fabricante de roupas jovens.

Nos Estados Unidos, a linha Twiggy foi lançada com vestidos, mini-saias e vestidos-calças de preços baixos e côres vivas, incluindo até mesmo as variações arco-íris e cassata. Só na primeira semana, as lojas especializadas em roupas para adolescentes tiveram um movimento de vendas superior a meio milhão de dólares. Em Londres, as garôtas começaram a cortar os cabelos à Twiggy, sem mencionar os regimes alucinantes por meio dos quais emagreceram mais de 10 quilos. Começaram também a pintar os olhos como os do nôvo mito e a imitá-lo em tudo e por tudo. No Museu de Cêra de Madame Tussaud, já foi inaugurada a efígie de Twiggy, em tamanho natural e em pé de igualdade com as de Napoleão Bonaparte, Churchill, Stálin.

De Nova Iorque, Twiggy foi a Paris, onde conheceu um sucesso semelhante. Em breve, deveria voltar aos Estados Unidos, mas para isso precisava renovar o visto no seu passaporte britânico. Nada parecia mais difícil. Ela, então, recorreu diretamente ao Príncipe Philip, marido da Rainha Elizabeth, a quem escreveu uma carta. O príncipe respondeu pessoalmente, numa carta manuscrita que começa com "Dear Twiggy" e termina com "Sinceramente seu, Philip". Nessa carta, explicava que aquêle assunto fugia às suas atribuições, mas que de qualquer modo tentaria tomar as providências necessárias. Dois dias depois, Twiggy recebia o visto.

A que atribuir o sucesso impressionante dessa garôta? Para alguns, tudo vem do carisma de que ela faz vender aquilo que veste, enquanto outros dizem que Twiggy representa uma novidade, um tipo ainda insólito e não gasto. Além do mais, ela é excepcionalmente fotogênica. O famoso mandarim da moda inglêsa, Cecil Beaton, declarou que as garôtas que trabalham, e que têm algum dinheirinho guardado, acreditam que podem ser tão chiques quanto as debutantes da alta sociedade. Twiggy é o símbolo dessa garôta da classe média que se apresenta bem, e nenhuma moda, atualmente, pode ser bem sucedida se não apelar para a classe média.

Com a fundação da Twiggy Enterprises, em sociedade com Sidney Ellis, o falso Justin de Villeneuve, descobridor da mina de ouro, espera fazer êste ano um movimento de 10 milhões de dólares. Os vestidos Twiggy, quando sem mangas, são vendidos a 18 dólares; os mais complicados chegam a 35. E Twiggy na intimidade? Sendo uma garôta de 17 anos, ela tem enorme apetite por geléias, histórias em quadrinhos, músicas dos Beatles, animais vivos e ursinhos de pelúcia. Os fotógrafos com os quais trabalha ficam sempre encantados com o seu bom-humor e o seu dinamismo. Um dêles, recentemente, declarou: "Ela é ótima, nunca se cansa, está sempre pronta e sorridente, é pura e clara como água fresca."

O estilo Twiggy é assim: insolente e fascinante. Ela diz que só gostaria de virar menino se depois voltasse a ser mulher.

Twiggy na intimidade. Ela veio de um bairro pobre de Londres para as luzes, fama e a fortuna do mundo da moda.

Twiggy e Justin de Villeneuve. Êle a descobriu aos 15 anos. Hoje, é seu noivo, empresário, gerente e guarda-costas. As adolescentes imitam Twiggy pensando nêle.

Com os patins na mão, ela se protege da chuva com um casaco emprestado por uma amiga. Paris parou para vê-la passar. O mito Twiggy parece irresistível, e já ameaça o prestígio de Jean Shrimpton. As adolescentes da classe média se identificam com o jeito, a alegria e elegância de Twiggy.

PÁGINA DUPLA

Mini-autocrítica de ANOUK AIMÉE

Todo mundo — e talvez, quem sabe, ela própria — esperava que Anouk Aimée, estrêla de **Un Homme, Une Femme,** conquistasse o **Oscar** de 1966, que acabou nas mãos de Liz Taylor. Anouk recebeu a derrota com bom-humor: "Perde-se um homem, ganha-se outro." Considerada uma das estrêlas mais inteligentes do cinema francês, Anouk Aimée concedeu esta semana, ao semanário **Jours de France,** uma longa entrevista, da qual resultou esta mini-autocrítica.

Honestidade — O que mais admiro em mim é a honestidade. E nos outros também. Por isso é que amo Pierre Barouh, um homem essencialmente honesto.

Diálogo — Não troco nada no mundo por um diálogo com uma pessoa inteligente.

Leitura — Gosto de ler, mas leio muito lentamente. Tenho necessidade de me concentrar inteiramente para seguir o pensamento do autor que estou lendo.

Teatro — Não gosto de teatro: nem como atriz, nem como espectadora. Quando estou no palco, me vem sempre ao pensamento a idéia de que o teatro vai pegar fogo e que morrerei carbonizada ali mesmo, sem poder fugir. É horrível!

Homens — Homens? Estou contente com o meu: Pierre Barouh. É simplesmente maravilhoso.

Côres — Gosto do branco e do prêto. Detesto as côres muito vivas.

Felicidade — Acho que ser feliz é não querer muito. Mas ter-se sempre o que se quer.

Forte — Sei que não sou bela. Mas sei que sou forte.

"Sei que não sou bela".

A Revolução Espiritual de Canham

O homem que fêz o "Monitor".

O jornalista norte-americano Erwin D. Canham, diretor do influente **The Christian Science Monitor,** é um velho amigo do Brasil e da América Latina. Já em 1942, por exemplo, o **Monitor** tornava-se o primeiro jornal dos Estados Unidos a receber o prêmio Maria Moors Cabot, por sua "contribuição à amizade e ao entendimento nas Américas." Sob a direção de Canham, o jornal ficou conhecido e respeitado em todo o mundo, por sua seriedade e pelo sentido humanístico e internacional de sua orientação editorial. No ano passado, Erwin Canham viajou mais de 50 mil milhas, por todos os continentes, a fim de fazer palestras sôbre **A Revolução Espiritual.** Agora, chegou a vez do Brasil, onde êle desembarcou esta semana, fêz uma conferência no Teatro Municipal do Rio e embarcou para São Paulo, onde falará na sede da Academia Paulista de Letras. Em suas conferências, o diretor do **Monitor** procura mostrar como os avanços científicos influenciam o pensamento e a vida da humanidade, à medida que ocorrem as rápidas mudanças do mundo moderno.

Artur de Sousa

A jovem canção de NIETTA

Mais alta que a Pavone.

Como se não bastasse uma Rita Pavone, agora há duas. É também italiana e também canta iê-iê; usa também os cabelos **à la garçon** e, é claro, suas roupas são quase masculinas, a começar pela camisa com gravata, que lembra o uniforme dos choferes de táxi do Rio de Janeiro. Seu nome: Nietta Di Meris. Tem 19 anos e é 10 centímetros mais alta que a Pavone. Quando despontava na televisão italiana, entre os ídolos da canção jovem, abandonou a carreira para surprêsa geral, a fim de começar tudo outra vez, agora no Brasil. Motivo: seu marido, Valdir Teixeira, é brasileiro. Na última sexta-feira, Roberto Carlos apresentou Nietta oficialmente aos seus fãs, no programa **Jovem Guarda.** Ela cantou acompanhada por um conjunto, mais pitoresco que sacrílego, intitulado Os Santos. (Bateria: São Carlinhos. Contrabaixo: São Bolonha. Guitarrista: São Ricardo. Solista: São Cléber). Bastante aplaudida, a italiana mal terminou o programa e já assinava contratos para participar de espetáculos na televisão brasileira e para gravar **long-plays.** Nietta afirma que a celebridade no Brasil significará muita coisa para a sua família. Ela pretende trazer da Itália a mãe e quatro dos seus dez irmãos. Contemplando o mar, em Copacabana, afirma ainda, confiante: "Aqui, viveremos todos felizes. Se Deus quiser." Embora seja fã de Rita Pavone, não gosta de ser comparada com ela: "Meu timbre de voz é outro." Valdir Teixeira, seu marido, avisa gentilmente aos críticos que não fica zangado quando fazem restrições ao talento de sua jovem espôsa. Ainda bem. Êle é pugilista.

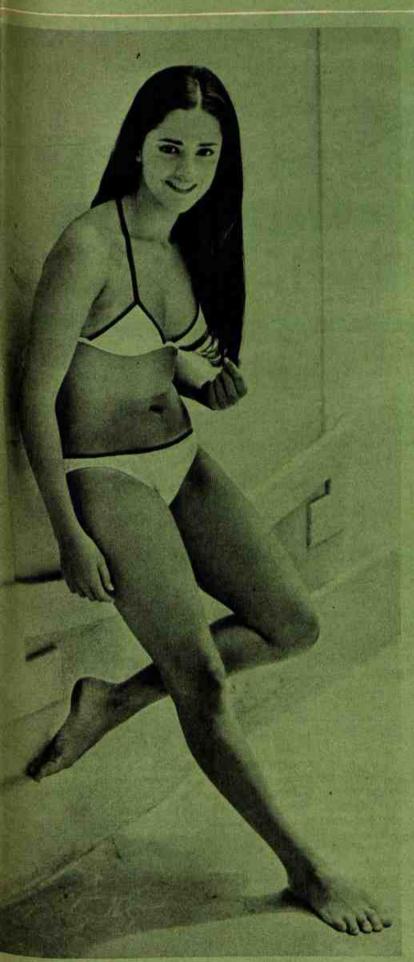
Luzia Peltier

★ Uma estrêla contra o teatro

★ Um velho amigo do Brasil

★ São as italianas que vêm

★ O sucesso começou na TV

★ O vovô de tôdas as crianças

Um ar bem misterioso.

A OUTRA VIDA DE VIRIATO CORREIA

No entêrro de Viriato Correia, há dias, juntaram-se duas academias: a Brasileira de Letras e a dos Acadêmicos do Salgueiro, que colocou sua bandeira, vermelho e branco, em cima do esquife do escritor. Havia, presentes, homens de letras da mais alta expressão e também gente dos morros, simples sambistas que estimavam os escritos daquele homem pequenino e inquieto, trabalhador incansável e cheio de ternura tanto pelas crianças brasileiras como pelos que lutaram pela liberdade e pela independência do nosso país. No último carnaval, já com 85 anos, alquebrado pela doença e quase cego pela catarata, teve Viriato Correia, juntamente com Monteiro Lobato, um dos seus livros convertido em enrêdo do desfile carnavalesco dos Acadêmicos do Salgueiro. Sôbre uma carrêta, com o seu nome na lombada, aparecia na Avenida Presidente Vargas um grande livro, com o título **História da Liberdade no Brasil**. E, em seguida, dançavam e cantavam, os personagens de insurreições generosas, que Viriato Correia exaltava em sua obra. Não podia haver homenagem mais comovedora. Poucos escritores foram tão lidos no Brasil, por adultos e crianças. Sobretudo pelas crianças. Seu livro **Cazuza**, quase uma autobiografia, veio tomar o lugar do **Coração**, de Edmondo d'Amicis. Livro muito brasileiro, escrito com essa difícil simplicidade que toca a sensibilidade e a inteligência das crianças, já passou dos 250 mil exemplares. Sua **História do Brasil para Crianças** já tem mais de 300 mil. Foram e continuarão a ser lidos, por muitos anos, como obras capitais, que são, entre quantas se escreveram em nosso país para a juventude. Essa é a maior glória de Viriato Correia. Êle sobreviverá à morte, em sua obra, que o transformou numa espécie de vovô de tôdas as crianças do Brasil, como bem notou Austregésilo de Ataíde no discurso de adeus que proferiu como presidente da Academia Brasileira de Letras. Mas há ainda outro Viriato Correia: o das crônicas e romances históricos, o das novelas e contos sertanejos, o das operetas e das comédias de costumes, o que, com sua letra firme e redonda, há 50 anos escreveu a primeira ata da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, que então se fundava. Esse Viriato Correia, continuador de Martins Pena e de Joaquim Manuel de Macedo, de França Júnior e de Artur Azevedo, deixou algumas obras-primas, como **A Juriti**, que revelou Procópio Ferreira como ator cômico, e como a comédia **Sansão**, que é, talvez, a melhor de tôdas as inúmeras obras que êle produziu para o teatro. São peças que as companhias brasileiras, subvencionadas ou não pelo Serviço Nacional de Teatro, precisam reviver, para que as platéias de hoje possam avaliar o que elas representaram para a sua época. As felizes escavações empreendidas por alguns elencos, que redescobriram Macedo com **O Macaco da Vizinha**; Artur Azevedo e José Pisa, com **O Mambembe**; e ainda há pouco Gastão Tojeiro, com **Onde Canta o Sabiá** — representam uma garantia segura de sucesso a novos empreendimentos dessa ordem. Ao desaparecer um homem como Viriato Correia, não bastam os discursos, as coroas fúnebres, as notícias caprichadas nos jornais. É preciso que o mundo artístico se mobilize para dar a verdadeira medida do valor de seu espírito, pondo em cena as obras que, aplaudidas pelas gerações anteriores, não devem permanecer esquecidas ou ignoradas pelas platéias de hoje.

R. MAGALHÃES JÚNIOR

O imortal Cazuza.

Os sabiás cantam com MARIETA

No teatro do Copacabana Palace, **Onde Canta o Sabiá**, numa versão ultramoderna que tem o iê-iê dos Beatles como fundo musical, também dança, canta, pula e faz mil acrobacias uma das mais novas atrizes do cinema brasileiro e a mais festejada da última geração teatral: Marieta Severo. Carioca (Zona Sul, é claro), rosto pequeno, cabelos lisos e longos, inimiga da solidão e amante dos bate-papos no Castelinho e Zepelim, ela começou "paquerando os ensaios do Teatro Tablado" — como faz questão de dizer aos amigos. Aos 20 anos, Marieta só conheceu a verdadeira popularidade quando fêz o papel de O Rato, na novela de TV **O Sheik de Agadir**. Por isso mesmo, quando alguém vê O Rato passar em Ipanema ou em Copacabana, grita logo pelo nome que lhe deu fama e, ao mesmo tempo, um ar bem misterioso. Muitas vêzes ela fica preocupada com a fama que sempre cresce ("finalmente o personagem não era tão querido assim..."), mas sabe que, no seu futuro, haverá também heroínas. Recentemente, apareceu em **Tôdas as Mulheres do Mundo**, depois de substituir, com inteiro êxito, Helena Inês na peça **Se Correr o Bicho Pega, se Ficar o Bicho Come**. Agora, a menina que fugia das aulas, para assistir aos ensaios de Maria Clara Machado no Tablado, entrega-se a um vôo bem alto: **Sabiá 67** (remontagem de **Onde Canta o Sabiá**) poderá ser o grande salto de sua carreira.

Carlos Marques

A entrevista fôra marcada para as sete horas da manhã. Mas vinte minutos antes o ministro já estava no gabinete esperando o jornalista. Seu dia começa de madrugada e prolonga-se pela noite adentro. Trata-se do homem que tem a responsabilidade de arrecadar e de distribuir mais de 6 trilhões de cruzeiros antigos. O jovem Antônio Delfim Neto, paulista, solteiro, 39 anos, que começou a trabalhar como simples contínuo numa fábrica de sabonetes, jamais poderia imaginar que tão cedo viesse a ser o tesoureiro da República.

O JOVEM DELFIM DO TESOURO

— Está otimista quanto à situação financeira?

— Estou e tenho razões para isto. Tudo vai dar certo. *Considero o Brasil um dos poucos países do mundo em que é viável o desenvolvimento econômico no sistema de sociedade aberta.* Acredito nesta verdade e luto por ela. Conseguiremos a maior taxa possível de desenvolvimento econômico, compatível com as nossas disponibilidades. Não existe antagonismo entre desenvolvimento e estabilidade monetária. As duas metas não são conflitantes e sim aliadas. O que pode haver é uma defasagem entre recursos e necessidades. Não vale qualquer artifício para superar as dificuldades que daí possam surgir.

Entusiasta de Mozart, sempre que pode ouve seus concertos para piano. Agora, com o tempo escasso, está sentindo falta tanto da música como das fugas para o sítio no interior de São Paulo, onde passeia ao ar livre em companhia do sobrinho Geanpaulo. Durante quinze horas por dia, guerreia a inflação e precisa de ligeiras pausas para recuperar-se.

Entende que tôda a batalha atual se resume numa palavra: produção. A coletividade precisa produzir mais do que consome. Quando acontece o contrário, ressurge a pressão inflacionária.

— Qual é a posição atual da sua Caixa?

— O meu antecessor implantou as medidas básicas que hoje permitem um contrôle eficaz do orçamento. A posição atual da Caixa é difícil, está exigindo sacrifícios e um trabalho intenso para conciliar desenvolvimento com o combate à inflação. Chego a admitir uma taxa inflacionária razoável, em tôrno de 15% ao ano, para evitar os perigos da depressão e da recessão. *Mas poderemos chegar ao perfeccionismo de fazer o nosso desenvolvimento sem inflação.* Temos de mobilizar a sociedade em tôrno dêste objetivo. Galvanizando-a, conseguiremos sua adesão e poderemos convencer a opinião pública de que o fenômeno desenvolvimentista é um problema físico e não monetário. Só o atingiremos através do trabalho, embora muitas vêzes não consigamos o objetivo com a rapidez desejada.

O Ministro Delfim Neto informa que *a taxa inflacionária de março foi de 3%* e que o primeiro trimestre do ano totalizou quase 10%. Mas garante que até o fim do ano *êsse ritmo ascensional vai decrescer bastante,* ao mesmo tempo em que aumentará o índice de crescimento econômico.

— Quais os motivos que autorizam essas esperanças?

— Através de um apoio aos produtores do interior e de uma sustentação da política de preços mínimos, *teremos safras excelentes êste ano.* Vamos reduzir o custo do dinheiro e os juros bancários, que cairão sensìvelmente para baratear a produção. *Já existem sinais evidentes de uma revivescência da atividade produtiva.* Temos irrigado dinheiro nas cabeceiras rurais e elas começam a comprar nas cidades. Em São Paulo, há sintomas de reação e de melhoria. Sem capital de giro adequado, as emprêsas vinham assistindo a liquidação dos seus lucros pela elevada taxa de juros. Doutor em Ciências Econômicas, livre-docente de Estatística Econômica da Universidade de São Paulo, o ministro da Fazenda é um homem que gosta de números: sua grande distração é a Matemática, sôbre a qual já escreveu vários livros. Desvenda-lhe os mistérios e agora procura aplicá-la à economia.

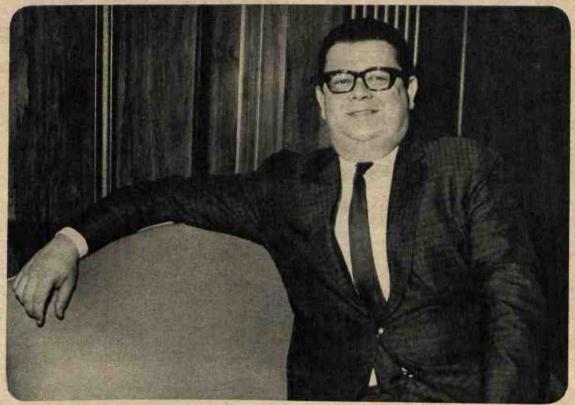
Ainda esta semana êle vai elevar o teto de isenção do impôsto de renda para NCr$ 400 e afirma que essa providência elevará os salários na ordem de 3 a 4%, sem qualquer pressão sôbre os custos e os preços. *Vai criar a duplicata fiscal,* para possibilitar às emprêsas o pagamento dos impostos. *Pretende reduzir o depóito compulsório,* a fim de aumentar os meios de pagamentos, mas só fará essa redução na medida em que a conjuntura exigir maior liquidez para entrar em plena carga. *Vai reduzir a pressão tributária* através do crescimento do produto nacional, possibilitando assim a participação dos trabalhadores e das emprêsas nesse produto.

— Já começou a emitir?

— Até agora não emitimos um só centavo. Temos conseguido manobrar bem os fluxos financeiros. Não fazemos isto por virtude, mas sim por necessidade, a fim de diminuir os juros. *Já está havendo um desafôgo,* embora não se trate de uma façanha exeqüível de um momento para outro. O reajuste é lento, como se fôsse um trabalho de relojoaria, que tem de ser feito com cuidado e paciência. Mas faremos o motor pegar, esquentar e decolar.

O Ministro Delfim Neto nasceu no bairro paulista de Cambuci. Tem duas irmãs. Sua mãe, D. Maria, diz que êle sempre estudou muito, de dia e de noite, apesar de ter de trabalhar numa repartição pública, a fim de ganhar dinheiro para ajudar no sustento da família. Foi sempre um dos primeiros alunos de sua turma e com apenas 28 anos já era convidado pelo Governador Carvalho Pinto para elaborar, com outros técnicos, um plano de govêrno que revolucionou tôda a administração de São Paulo.

— Haverá deficit êste ano?

— Está previsto um deficit de 550 mil cruzeiros novos. *Conseguiremos cobri-lo fàcilmente* não apenas através das Obriga-

"Até agora não emitimos um só centavo. E vamos cobrir o deficit previsto de 550 mil cruzeiros novos."

ções do Tesouro, como na própria execução orçamentária, ou mesmo com algumas emissões moderadas.

Em matéria de deficit, o Sr. Delfim Neto realizou um milagre em São Paulo. Recebeu a Secretaria da Fazenda com um buraco de 1 trilhão e 400 bilhões de cruzeiros antigos. Os empreiteiros bradavam pelo pagamento de suas contas, que ascendiam a vários bilhões, e ameaçavam paralisar as obras. As fábricas, os bancos e o comércio estavam em pânico.

— Tenho o dever de fazer justiça ao Governador Laudo Natel, que recebeu uma tarefa e executou-a com perfeição. *Não podíamos alarmar ainda mais a opinião pública.* Silenciosamente, fomos reduzindo o desequilíbrio na proporção de 100 bilhões por mês. E em sete meses, quando encerramos o balanço a 13 de janeiro último, o deficit total era de 700 bilhões. Em carta que escrevi ao Governador Abreu Sodré, do qual recebi a confiança de continuar como secretário, expliquei que o orçamento dêste ano apresentava dificuldades superáveis na execução orçamentária. *Tenho certeza e confiança de que o governador paulista será vitorioso nessa batalha,* porque inclusive entregou a Secretaria da Fazenda ao Sr. Arrobas Martins, uma das melhores inteligências de São Paulo.

— Haverá nôvo aumento do dólar?

— De modo algum. Não há qualquer chance ou conveniência de que isto aconteça. As exportações caminham bem e o saldo da balança é bom. *Nova reforma cambial seria a negação de tôda a política que estamos executando.* A taxa atual é superior à real. Se o sistema fôsse liberado, talvez o dólar até caísse, embora no caso corrêssemos o risco de exaurir as reservas e fazê-lo subir novamente.

— Quais as perspectivas das exportações?

— Ainda estão muito na dependência do sucesso da política cafeeira. Mas estamos estimulando a exportação dos manufaturados, a fim de elevar o nível de renda interno e o nível dos empregos, que são básicos para o desenvolvimento. *Criaremos um certificado de compra de câmbio,* nôvo título que permitirá o financiamento do saldo da balança de pagamentos (mais de 600 milhões de dólares) sem criar pressões inflacionárias.

Pela sua atuação na Secretaria da Fazenda de São Paulo, o Sr. Delfim Neto foi eleito O Economista do Ano, pela Ordem dos Economistas de São Paulo. Participou dos seminários que a equipe do Marechal Costa e Silva promoveu antes da posse. Mas revela que ficou surprêso quando no dia 10 de fevereiro recebeu o convite para ser o ministro da Fazenda. Sustenta que se tratou de uma escolha pessoal do presidente da República. Não fará a política de um ministério, mas sim a política de govêrno. Ficou acertado que o govêrno estará sempre unido em volta de uma plataforma de responsabilidade de todo o ministério: política econômica, fiscal, tributária, habitacional e de comércio exterior.

— Porque está havendo tanto dinheiro nos bancos?

— Ao contrário do que muita gente pensa, não se trata de um sintoma revelador de falta de negócios ou fenômeno recessivo. Em primeiro lugar, *o govêrno está pagando muitas contas e colocando dinheiro na praça.* Muita gente está também liquidando as posições monetárias que assumiu. A liquidez está sendo enxugada. Tanto não se trata de recessão que as aplicações cresceram 11% nos últimos trinta dias.

— Há antagonismo entre o que o senhor está fazendo e o que fazia o seu antecessor?

— A orientação não é diferente nos objetivos. *Mas cada govêrno tem sua fisionomia,* seu tônus e sua personalidade própria. Podemos ser diferentes do govêrno anterior, sem que neste caso a diferença signifique oposição. Queremos, por exemplo, que o setor privado (empresários e operários) assuma a liderança de todo o processo. O Estado é apenas a retaguarda do sistema. O setor privado deve aguardar com confiança a política econômica que será posta em prática nos próximos meses e preparar-se para assumir a alta responsabilidade que receberá. Deve capacitar-se de que os problemas precisam ser resolvidos na área da produção e não na área dos preços. Deve usar os seus escassos recursos para aumentar a sua produtividade, em vez de ficar apenas aumentando os preços. *O govêrno ficará na linha de trás,* preparando a infra-estrutura e garantindo uma política econômica coerente e estável. *Aos empresários e trabalhadores caberá a vanguarda da luta.*

Para êle, não há ideologia que resolva êsse problema. Se ideologia resolvesse, bastaria importar alguns ideólogos e todos os países estariam com seu problema solucionado. Os empresários devem compreender que são instrumentos decisivos para o desenvolvimento. E os operários têm direito de participar do produto. É verdade que o bôlo se mostra estável no momento.

— *Mas é preciso que o bôlo aumente, através da maior produção possível, para que a fatia dos operários também cresça.*

Quem assim encerra sua entrevista é o filho de pobres imigrantes e descendente de uma família de operários, que chegou a ministro da Fazenda.

Entrevista a MURILO MELO FILHO • Foto de EVELINE MUSKAT

EU VIM BUSCA[R]

Franciszec Rafalowski, enviado da Procuradoria-Geral da Polônia ao Brasil, explica em entrevista exclusiva porque seu país deve ter prioridade na extradição do carrasco nazista

UM HOMEM DE TERNO CINZENTO DESEMBARCA NO GALEÃO: ESTATURA LIGEIRAMENTE SUPERIOR À MEDIANA, SOB O BRAÇO UMA PESADA PASTA DE DOCUMENTOS, O AR DE UM HOMEM DE NEGÓCIOS DE QUALQUER PAÍS EUROPEU. ENQUANTO SUA BAGAGEM ERA EXAMINADA PELOS FUNCIONÁRIOS DA ALFÂNDEGA, O HOMEM DE TERNO CINZENTO CONTINUAVA APEGADO À SUA PASTA NEGRA. MINUTOS DEPOIS, NUMA CASA EM BOTAFOGO, O POLONÊS **FRANCISZEC RAFALOWSKI** EXIBIA A **MANCHETE** SUA DOCUMENTAÇÃO E ESCLARECIA OS MOTIVOS DE SUA VINDA AO BRASIL. COMO REPRESENTANTE DA PROCURADORIA-GERAL DE SEU PAÍS, ÊLE DESEMPENHA UMA MISSÃO QUE POUCOS ADVOGADOS CONHECERÃO EM SUAS CARREIRAS: ACOMPANHAR O PROCESSO DE EXTRADIÇÃO DE UM CARRASCO NAZISTA. O ROSTO CORADO E OS OLHOS AZUIS DO POLONÊS RAFALOWSKI MARCAVAM COM INTENSIDADE AS SUAS PALAVRAS.

● Vim ao Brasil porque a Polônia é um país altamente interessado no processo de extradição de Franz Stangl. De todos os povos submetidos à ocupação nazista, fomos sem dúvida o que sofreu os maiores danos materiais e as maiores perdas humanas. Stangl é bem conhecido em meu país. Isso é evidente, pois foi o criminoso nazista responsável pela morte de aproximadamente 750 mil pessoas nos campos de concentração de Treblinka e Sobibor. As atrocidades que êle cometeu na Europa ficaram gravadas na lembrança de todos. A notícia de sua prisão, no Brasil, comoveu a opinião pública polonesa. **O pensamento de todos é o de que a Polônia — país em cujo território Franz Stangl cometeu os seus maiores crimes — não só deveria pedir a sua extradição, como tem o poder moral e jurídico formal para isso.** O desejo polonês de receber o carrasco nazista, de julgá-lo e puni-lo, corresponde plenamente ao desejo de tôda a humanidade civilizada e ao sentido de justiça. Corresponde também à convenção internacional sôbre o julgamento e punição dos crimes de genocídio, aprovado pela Assembléia-Geral das Nações em 12 de dezembro de 1948, **à qual aderiu posteriormente também o Brasil.**

● As autoridades de meu país reuniram farto material que comprova os crimes cometidos por Stangl na Polônia. Entre outras coisas, há vários depoimentos dos antigos prisioneiros que conseguiram fugir de campos de concentração comandados por êle. Constam igualmente do processo, como documentação de seus crimes, as **guias de transporte** assinadas por Stangl **na qualidade de comandante dos campos de Treblinka e Sobibor.** Êsses transportes, efetuados por estrada de ferro, carregavam justamente as roupas e objetos pessoais das vítimas dos campos de concentração. Essas e outras provas foram anexadas, no original ou em fotocópias, ao pedido de extradição apresentado às autoridades brasileiras.

● O extermínio de cidadãos poloneses em Treblinka e Sobibor era parte de uma grande ação de extermínio da população polonesa — a **Operação-Reinhard.** Ela representava, em território polonês, a chamada **Endlösung der Judenfrage,** "a solução final do problema judeu". Incluía, além da população judaica, parte das populações eslavas da Europa Oriental. As características e os objetivos dêsse "programa" aparecem com evidência num documento divulgado pela chancelaria do **Gauleiter** Greiser, em 1942. Diz a nota, a certa altura: "Nossa política nacional com relação aos poloneses não é uma política de poder **(Machtpolitik)**, no estágio atual, mas uma luta biológica..." No verão de 1942, a campanha nazista de extermínio das populações polonesas ganhou vulto e foram organizados os campos de Sobibor e Treblinka. **Essas duas verdadeiras "fábricas da morte" deveram muito do seu eficiente funcionamento ao "bom trabalho" de Franz Stangl, que depois de Treblinka teria seu grau na hierarquia militar nazista elevado, passando para o comando da SS.** A **eficiência** do extermínio, a necessidade alemã de matar o maior número de pessoas possível no espaço mais breve de tempo, requeria uma organização quase perfeita dos diversos "serviços". Requeria também uma perfeita organização dos transportes, que eram efetuados através de trens especiais. Além da fotocópia de planos de chegada e saída dêsses transportes, incluímos no processo um telegrama confirmando a chegada de um determinado trem conduzindo condenados à morte.

● Um detalhe eloqüente: a diferença entre a chegada de um trem que transportava as vítimas e a sua saída — a "liquidação" do transporte — era de aproximadamente duas horas. Em duas horas, a carga humana era destituída de seus objetos pessoais, tinha os cabelos raspados, os dentes de ouro extraídos, e, em seguida, à morte. Duas horas depois da chegada, o trem podia partir para transportar nôvo grupo. Cada um dêsses "comboios especiais" transportava em média duas mil pessoas, como comprovam documentos em meu poder. Durante aquelas duas horas os carrascos de Treblinka e Sobibor liquidavam essas duas mil pessoas. **Portanto, os nazistas exterminavam em média mil pessoas por hora em seus campos de concentração da Polônia.** Êsse tipo de organização da matança evidencia o grau de tratamento desumano, completamente impossível de compreender e aceitar. A organização nazista de morte mostra a maneira verdadeiramente **industrial** em que se realizava o extermínio nesse e noutros campos. Segundo depoimento de testemunhas oculares, logo depois da chegada do trem, o que se fazia em primeiro lugar era a separação — homens de um lado, mulheres e crianças do outro. Em segundo lugar, separavam-se as pessoas doentes e as crianças. Conduzidos ao chamado **lasaret,** ali eram imediatamente fuzilados, muitas vêzes diante dos olhos de outras vítimas que aguardavam a vez de serem fuziladas. Os nazistas agiam dessa maneira porque, segundo êles, os doentes, com a capacidade física diminuída, e as crianças impediam a **gasificação eficiente.** O movimento dessas massas humanas em direção das câmaras de gás não devia sofrer o menor retardamento. Qualquer que fôsse o período do ano, independente da temperatura — por vêzes sob o frio de 20 ou mais graus abaixo de zero — as vítimas eram obrigadas a se despir completamente. As mulheres eram encaminhadas ao chamado "cabeleireiro", onde tinham seus cabelos cortados, para servir aos fins determinados pelos alemães, que evitavam assim perder até essa "matéria-prima". Ao lado dessa, uma outra ordem determinava que os dentes de ouro fôssem extraídos dos prisioneiros, ou dos mortos, e que os anéis também fôssem recolhidos. Depois dessas operações iniciais, os homens — já desprovidos de roupas e objetos pessoais — se reuniam num lugar determinado pelos alemães. Êstes selecionavam então alguns prisioneiros — geralmente os mais fortes, em melhores condições físi-

Reportagem de ROBERTO MUGGIATI ● Foto de ANTÔNIO TRINDADE

STANGL

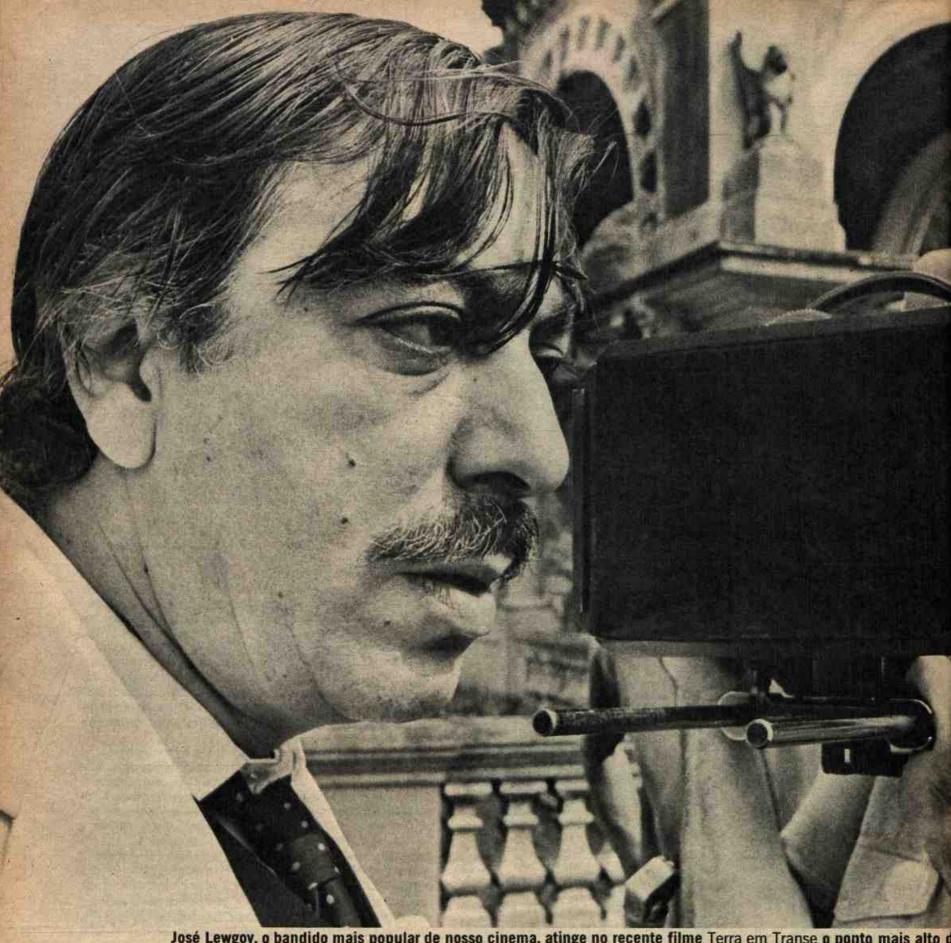
O carrasco aguarda a decisão do STF sôbre sua extradição.

cas — para os ajudarem na matança. Essas pessoas conseguiam assim sobreviver por mais tempo que as outras, mas o preço que pagavam era assistir os alemães em suas atrocidades.

● A maior parte das pessoas que se encaminhava às câmaras de gás não sabia que marchava para a morte. As câmaras eram apresentadas como simples banheiros em que os prisioneiros iam tomar sua ducha. Até sôbre as portas havia placas indicando que se tratava de banheiros. Dentro dessas câmaras havia uma imitação perfeita de instalações para banhos: duchas, torneiras, etc. Na realidade, através de pequenos orifícios, passava o mortífero Cyclon-B (ácido prússico cristalizado). A eficiência operacional dêsse gás, oficialmente, era de 10 a 15 minutos. Mas freqüentemente, devido a defeitos mecânicos nos motores, o processo demorava mais, até uma meia hora. Inicialmente, as vítimas eram simplesmente enterradas. Depois, os alemães acharam ineficaz o processo e começaram a queimar os corpos nos fornos crematórios. É evidente que só podiam organizar êsse tipo de ação, e supervisionar essas operações, pessoas completamente destituídas de qualquer sentimento humano — **é o caso de Franz Stangl e seus subalternos.** Consta do processo de extradição uma carta que pede a promoção de quatro oficiais alemães que se destacaram na Operação-Reinhard, entre êles o de Franz Stangl. Diz o documento: **"Quanto a êsses homens, trata-se dos chefes que figuram em primeiro lugar na Operação-Reinhard."**

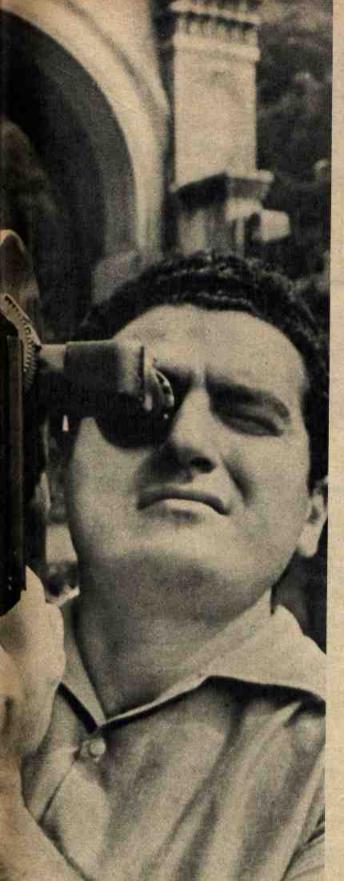
● Naturalmente, todos êsses documentos que foram anexados ao processo de extradição de Stangl representam apenas uma parte infinitamente pequena das atrocidades praticadas e é uma felicidade que tenham sido preservados até hoje para comprovar a culpabilidade dos nazistas. Foram as guias de transporte que nos permitiram avaliar o número aproximado de mortos em Treblinka e Sobibor. Aos alemães, não interessava fazer nenhuma lista de nomes ou especificação das pessoas exterminadas. Mas o número de transportes efetuados, conhecendo-se o número médio de pessoas por comboio, permitiu chegarmos à estimativa de 750 mil vítimas. Quero sublinhar que, fazendo essa avaliação, adotamos o número mais baixo. **Além dos documentos que chegaram até nós, contamos com o testemunho de pessoas que presenciaram os fatos ocorridos naqueles campos de concentração.**

● **A opinião polonesa considera Franz Stangl um dos maiores criminosos de todos os tempos em território polonês.** Seu nome figura com destaque ao lado de outros como Fischer, Koch, do chefe do campo de Auschwitz, Hoess e tantos outros. Nada posso dizer sôbre o resultado do processo de extradição, pois é problema exclusivamente da gestão das autoridades brasileiras. Se Franz Stangl fôr entregue à Polônia, êle será julgado pelo tribunal normal que compete a êsse caso — o tribunal do lugar em que os crimes foram cometidos — equivalente mais ou menos ao tribunal estadual brasileiro. **No seu julgamento, a Polônia reconhecerá as eventuais condições de sua entrega, ou seja, os postulados existentes nas respectivas leis brasileiras.** Seu julgamento, portanto, será feito de acôrdo com as leis polonesas e as condições que o Brasil venha a fazer, caso se decida pela extradição. Existe em nosso país a pena de morte, mas se a sua não aplicação vier a ser uma das condições da extradição, os tribunais poloneses acatariam plenamente a disposição da lei brasileira.

No Rio, o procurador polonês Rafalowski aponta o nome de Stangl entre os de outros criminosos de guerra, num documento oficial.

José Lewgoy, o bandido mais popular de nosso cinema, atinge no recente filme Terra em Transe **o ponto mais alto d**

O HOMEM MA

Tôda uma geração ainda usava calças curtas, aos domingos não perdia um seriado nos cineminhas de bairro, e um homem de cara feia já assustava, em bom português, os que assistiam ao "complemento". O "complemento" geralmente era um filme brasileiro — e no caso de **Carnaval no Fogo** revelava uma estranha figura de bandido, o Anjo. Foi o primeiro bandido real do cinema brasileiro, e soube-se logo depois que seu nome era José Lewgoy. Vários outros filmes na Atlântida, uma viagem às pressas — e sem dinheiro — à Europa, uma coluna assinada no **Diário Carioca** fizeram, com rapidez, a fama de Lewgoy, que conseguiu ser popular e bom ator, ao mesmo tempo.

ua carreira.

Entrevista a Maurício Gomes Leite ● *Fotos de Gervásio Batista*

No cinema desde 1949, com 40 filmes rodados, 45 anos, solteirão ("por motivo de viagem"), gaúcho e diplomado pela Universidade de Yale (Teatro), êle agora surgirá, em **Terra em Transe**, sob a direção de Gláuber Rocha, no excepcional papel de D. Felipe Vieira, político e homem do povo, governador e demagogo. Lewgoy, nas vésperas do lançamento de **Terra em Transe**, tem importantes coisas a dizer, ligadas principalmente ao seu primeiro trabalho entre os jovens do cinema nôvo.

Em 18 anos de cinema brasileiro, o que mudou?

— Mudaram os diretores, mudou o cinema. Mas permanecem seus problemas: continuidade de produção, sem o que os elementos de criação e os elementos técnicos (e artesanais) não poderão adquirir a experiência necessária à sua evolução. Piorou o som, vítima do equipamento obsoleto dos nossos laboratórios, velho, de mais de trinta anos. Para os atôres a dublagem tornou-se uma tortura. É desmoralizante saber que mais da metade da qualidade que êle se esforça em obter desaparece antes de chegar ao público. Por outro lado, nota-se uma contínua desprofissionalização da produção, o que é muito perigoso para a indústria. Ao tempo da Atlântida fazia-se um cinema mais profissional do ponto de vista da produção. É injusto criticar o tipo de cinema que se fazia então. Era o único possível, pois atingia o público em massa. Hoje, em busca de maior rentabilidade procura-se voltar àquele tipo de cinema. Mas é tarde. O momento é outro.

— Quem procura voltar à época da Atlântida, ou seja, da chanchada?

— Me recuso a chamar aquêle tipo de filme da Atlântida de chanchada. Situo **Aviso aos Navegantes** entre as grandes comédias do cinema mundial. A diferença entre as comédias da grande fase da Atlântida e as comédias estrangeiras está nos recursos: cinqüenta anos de produção industrial contínua e alguns milhões de dólares a mais. O conteúdo difere pouco, a finalidade é a mesma: divertir. Quando digo que muitos desejam voltar aos tempos de **Carnaval no Fogo**, me refiro a mais de metade dos projetos atuais do cinema brasileiro, orientados naquele sentido.

— Você defende, então, uma linha comercial (e cômica) para o cinema brasileiro moderno?

— Não é bem isso. Para assegurar a necessária continuidade de produção é preciso ganhar mais dinheiro. Mas isso não significa o recurso às velhas fórmulas. **Tôda Donzela Tem um Pai que É uma Fera** e **Tôdas as Mulheres do Mundo** apontam o caminho certo.

— Após 18 anos de experiência como ator, no Brasil e em outros países, o que sentiu trabalhando sob a direção dos jovens do cinema nôvo?

— No caso de **Terra em Transe** — meu primeiro contato com o cinema nôvo — maior liberdade de criação, maior identificação com o texto, maior afinidade com o diretor. Lamento apenas que, três anos depois do meu regresso da Europa, o cinema nôvo e seus diretores não me tenham procurado.

— Porque maior liberdade?

— Câmara na mão, planos longos, ausência de aparato técnico, maior compreensão do diretor pela mecânica de criação do ator. A câmara na mão liberta o ator da sua posição fixa, ou seja, a câmara segue o ator, e não — como antes — o ator segue a câmara. A câmara serve o ator. Os planos longos dão maior continuidade à ação dramática, possibilitando ao ator completar com grande fluência a cena interpretada. Há dez anos atrás tive, em **S.O.S. Noronha**, filme francês de Georges Rouquier, uma antecipação dêsse tipo de trabalho. Foi uma experiência extraordinária. Rouquier, um dos maiores documentaristas do mundo, foi um dos primeiros no cinema moderno a utilizar o plano longo, ou plano-seqüência. E sem nenhum aparato de estúdio — como é o caso de **Terra em Transe**. Há uma renascença do cinema, no mundo inteiro. Estamos no que posso chamar de uma "civilização da juventude". O cinema é, para os moços de hoje, a sua arte maior, a que mais está perto de suas preocupações. Daí, a importância que o cinema readquire cada vez mais, não só como espetáculo, mas como a arte do seu tempo. A televisão, que havia ameaçado o cinema, passou a ser, agora, sòmente mais um utensílio eletrodoméstico. É o toca-discos do cinema. A tevê não se firmou como arte, ao contrário: o que é a novela, senão uma forma, das mais primitivas, de cinema?

— Nessa busca de juventude, qual será o caminho mais adequado para o cinema brasileiro?

— Em primeiro lugar, superar a fase de experimentação pura e a libertação dos laços filosóficos que unem o cinema nôvo à "escola de Paris". Jean-Luc Godard já serviu aos novos cineastas. A sua lição já foi dada. Godard é um cineasta terrivelmente pessoal e egoísta. Nós somos novos demais para sucumbir ao seu perigoso canto de sereia. O que **faz** Godard é muito bom, o que êle **pensa** é discutível (veja-se o conteúdo contraditório de **Le Petit Soldat** e **Les Carabiniers**). Godard gosta, como ninguém, do cinema — é o único cineasta, no mundo a fazer cinema pelo cinema. Em segundo lugar, encontrada a sua linguagem, o cinema nôvo precisa falar, que o deixem falar. Criado um cinema nosso, que se faça o nosso cinema.

— O que ainda prende o ator brasileiro?

— Falta de trabalho.

— Porque, durante certo tempo, você estêve fora do Brasil?

— Para deixar de ser um autodidata provinciano e limitado. **Les Voyages**, dizem os franceses, **forment la jeunesse...**

— Do que viu na Europa, quais as experiências capazes de marcar o atual desenvolvimento do cinema brasileiro?

— O cinema europeu é muito complexo para que se tome, como exemplo, uma experiência isolada, mas os italianos encontraram na Itália e em si mesmos um cinema universal.

— Seu D. Felipe Vieira, em Terra em Transe, será recebido por nossa melhor crítica — e também pelo público — como a imagem mais verdadeira, e forte, do político latino-americano clássico, ou seja, espremido entre a convicção e a demagogia. Como você entendeu tão bem o personagem?

— Porque sou um bom ator, quem sabe? E porque o papel foi bem definido por um grande diretor, Gláuber Rocha. Também a fotografia deliberadamente despida de artifícios de Luís Carlos Barreto muito contribuiu para evidenciar a sinceridade da interpretação. D. Felipe Vieira está próximo do político latino-americano, embora êle não seja inspirado nesta ou naquela figura política real. Êle é a síntese do político latino-americano, perdido de fato entre a convicção e a demagogia, empunhando a bandeira certa, tolhido não por fôrças exteriores, ocultas ou claras, mas por uma pequena falha no próprio caráter. Essa falha no caráter de seus líderes é que explica a tragédia da América Latina.

— O tempo dos heróis positivos acabou?

— Humphrey Bogart morreu, viva o homem comum.

U FALA BEM

Em 1980, o Brasil terá uma cidade com 13 milhões de habitantes

A GRANDE SÃO PAULO

Texto de FULVIO ABRAMO

Iniciaram-se os estudos para a criação da Grande São Paulo, que em 1980 contará treze milhões de habitantes. Êsse complexo urbano, que já possui seis e meio milhões de almas, coloca-se entre os quatro maiores do mundo. Daqueles estudos, presididos, no auditório do Departamento de Metalurgia da Universidade de São Paulo, pelo Governador Abreu Sodré, participaram trinta prefeitos, entre os quais o da capital, Brigadeiro Faria Lima, vários deputados e alguns técnicos.

A cidade de São Paulo em média cresce na ordem de 270 mil habitantes por ano, espraiando-se além dos limites territoriais do município. Sua zona urbana tendo a absorver cada vez mais as cidades vizinhas, as quais também crescem em ritmo quase igual. Êsse movimento radial vai fundindo tôdas elas num gigantesco complexo e determinando um emaranhado de problemas recíprocos, impossíveis de serem resolvidos isoladamente. A população que tão velozmente se expande reclama água, esgotos, vias de comunicação, contrôle de enchentes, hospitais, ambulatórios, estabelecimentos escolares de todos os graus, cursos técnicos, programas habitacionais, etc. Por isso mesmo, tais áreas foram definidas na Constituição, como regiões metropolitanas e consideradas ao lado das necessidades do Nordeste e da Amazônia, como o terceiro grande problema do Brasil.

O Congresso Nacional conferiu à União o direito de poder estabelecer, em lei complementar, tais regiões metropolitanas, constituídas por municípios que, independentemente de qualquer vinculação administrativa, integrem a mesma comunidade sócio-econômica. Isso propiciará a mais rápida realização de serviços de interêsse comum. O planejamento das regiões metropolitanas se inspira em princípios de ordem econômica e social, entre os quais se incluem os de justiça social, a liberdade de iniciativa, a valorização do trabalho como condição de dignidade humana, a função social da propriedade, a harmonia e a solidariedade entre os fatôres da produção e o desenvolvimento econômico, sem abusos e com o fim de proporcionar a todos o bem-estar a que legitimamente aspiram.

Convicção antiga de grande número de estudiosos e administradores, a necessidade de entrosar todos os esforços das comunidades vizinhas à capital com o desenvolvimento desta, passa a ser encarada como uma tarefa de execução imediata. A primeira fase é o estudo dessa integração.

— O nosso principal objetivo, pois, nesta reunião plenária da Grande São Paulo, é oferecer com a urgência que a magnitude do problema reclama, ao Congresso Nacional, o concurso do estado e dos municípios e desta região metropolitana à elaboração da Lei Complementar, prevista e desejada expressamente na Constituição Federal — disse o Governador Abreu Sodré no discurso com que abriu os trabalhos. — Para antecipar-se a essa fase, o govêrno de São Paulo organizou o GEGRAN ou Grupo Executivo da Grande São Paulo. É um corpo formado de técnicos, prefeitos e administradores dos trinta municípios e do govêrno do estado, encarregado de estabelecer as grandes linhas do planejamento necessário para resolver os numerosos e difíceis problemas de integração da região.

Explicando o motivo da escolha do auditório da universidade, o governador disse:

— Desejou o governador de São Paulo que esta reunião se realizasse na Cidade Universitária. Assim em clima de **civitas et scientia** cumpriremos os nossos deveres para com a mais bela, vigorosa e florescente aventura humana, a Grande São Paulo dos trinta municípios que a formam.

O Brigadeiro Faria Lima, prefeito da capital, falando na ocasião, assinalou um aspecto sôbre o qual vem insistindo há dois anos: "enquanto, disse, São Paulo cresce cada ano como a população de Brasília, cada dois anos como a de Curitiba e a cada três como a de Pôrto Alegre, do total de arrecadação da Prefeitura, mais de 50 por cento vão para o govêrno federal, cêrca de 30 por cento ficam com o govêrno estadual e apenas 9,72 por cento restam para o município."

Essa exigüidade de recursos seria a responsável pelo enorme atraso dos serviços públicos e da modernização que a capital bandeirante exige. A criação da região metropolitana abre uma perspectiva de obtenção de recursos em áreas nacionais e internacionais, como a que foi obtida pelo prefeito de São Paulo para os estudos da construção do Metropolitano. Êsse problema já começou a entrar nas cogitações do GEGRAN como hipótese de estudo, e foi levantado na segunda reunião realizada pelos representantes municipais e estaduais.

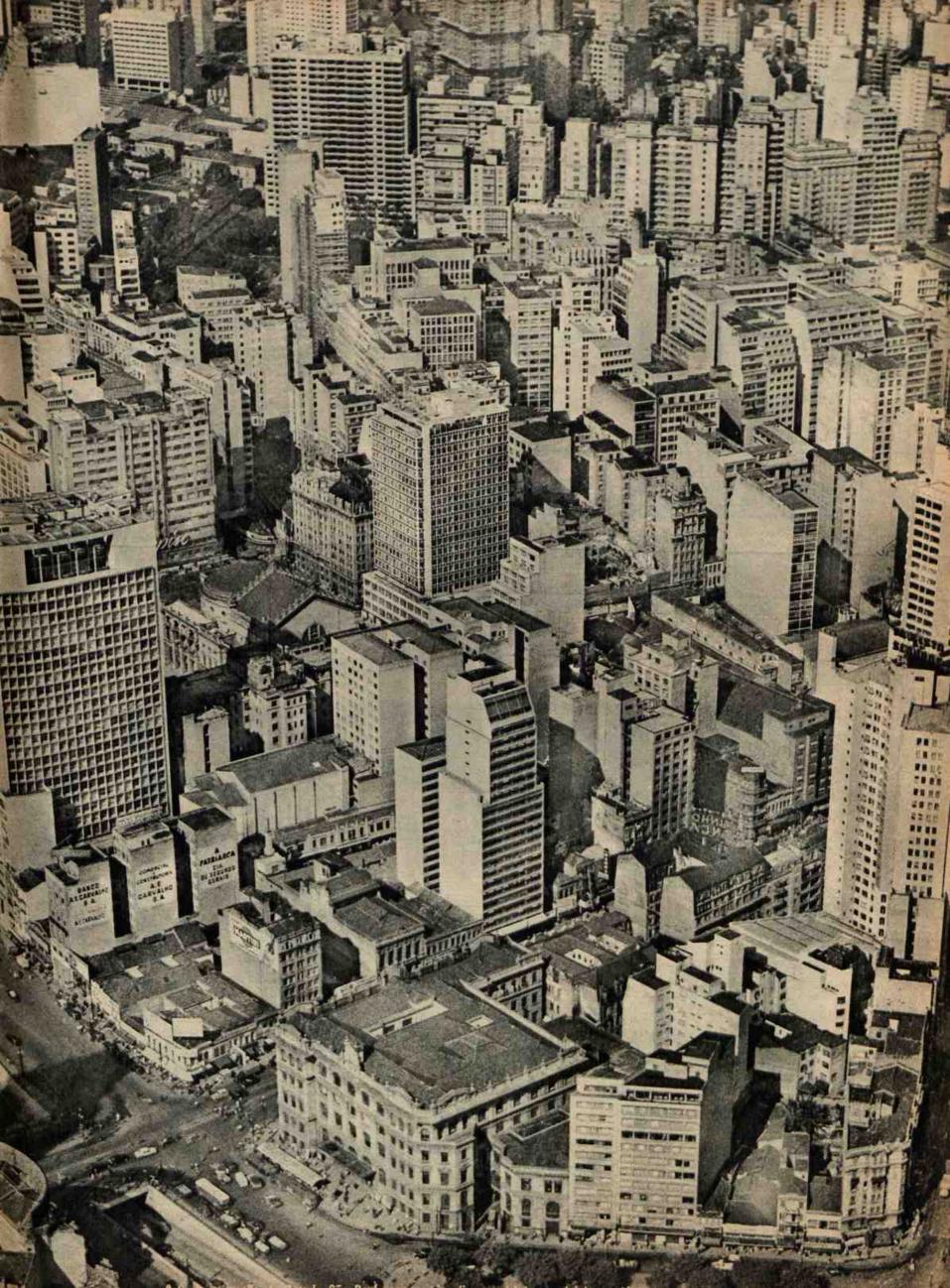
A região metropolitana de São Paulo é a que apresenta índice de crescimento econômico e demográfico sem paralelo no país; é o centro vital do estado, de uma centena de cidades que com ela se integram no fluxo do desenvolvimento. Encontram-se ali cêrca de 70 por cento da população do estado, seis das sete cidades paulistas com mais de 100 mil habitantes, um parque industrial diversificado de superior nível tecnológico, que cria 90,2% do produto de transformação da economia do estado, cêrca de 60% da produção industrial de todo o país e ainda o maior índice de produção global da América do Sul.

Subdividida em trinta administrações municipais independentes, a região foi criando problemas que se tornaram insolúveis na base da atual estrutura orgânica do estado. Recentes acontecimentos demonstraram a gravidade dêsses problemas: as enchentes de rios e córregos que atravessam vários municípios limítrofes, como o caso do Tietê, Tamanduateí, Córregos da Traição, da Divisa, etc.; a organização do tráfego entre as diversas unidades, gerando as mais complicadas situações para os usuários; a circulação da rêde viária e do tráfego rodoviário. Nenhum dêles pode ser resolvido pelos municípios independentes nem pelo estado, sem ferir a autonomia recíproca. A criação de uma entidade administrativa na forma de um órgão colegiado com representantes de todos os municípios e assistência do estado é a solução para essa situação.

COMO SE COMPÕE A REGIÃO ● A região metropolitana da Grande São Paulo forma-se dos seguintes municípios: São Paulo, Barueri, Caieiras, Carapicuíba, Cajamar, Cotia, Diadema, Embu, Embu-Guaçu, Ferraz de Vasconcelos, Francisco Morato, Franco da Rocha, Guarulhos, Itapecirica da Serra, Itapevi, Itaquaquecetuba, Mairiporã, Mauá, Mogi das Cruzes, Osasco, Pirapora do Bom Jesus, Poá, Ribeirão Pires, Rio Grande da Serra, Santana do Parnaíba, Santo André, São Bernardo, São Caetano, Suzano e Taboão da Serra.

UM PROBLEMA GRAMATICAL ● Um prefeito presente à primeira reunião para os estudos da Grande São Paulo levantou uma dúvida, em vista das divergências existentes em plenário. Alguns oradores e alguns jornais, disse o prefeito, confundem as duas formas — a Grande São Paulo e **o** Grande São Paulo. Qual das duas dever-se-á empregar? Os gramáticos respondem, sem vacilar: a forma feminina, pois "cidade" e "região" são dêsse gênero, em português. Mas os administradores, em sua maioria, preferem o masculino: Santo e Paulo, dizem, são masculinos. Essa guerrinha ainda não acabou: não foi definida a forma gramatical que há de se usar para determinar o gênero da Grande São Paulo. Para nós, fica mesmo no feminino, que é o certo.

O Governador Abreu Sodré fala a trinta prefeitos e numerosos técnicos e deputados sôbre os complexos problemas da Grande São Paulo

BANCO
A.E. CARVALHO S.A.
A
PATRIARCA
CIA.
DE SEGUROS
GERAIS

Acompanhado do Governador Paulo Pimentel, o Presidente Costa e Silva foi aclamado nas ruas de Londrina, ao dirigir-se à exposição.

O presidente co

Costa e Silva vê a mais importante mostra agropecuária brasileira

A MAIS BELA FESTA DE LONDRINA

FIRMANDO-SE como a maior festividade pública desta época do ano no Norte do Paraná, a IV Exposição Agropecuária e Industrial de Londrina, realizada no início dêste mês, teve ponto alto na presença do Marechal Costa e Silva, em sua primeira visita, na qualidade de presidente da República, àquela fértil região cafeeira. Organizada pela Sociedade Rural do Norte do Paraná, com a Prefeitura de Londrina, a Secretaria de Agricultura do estado e a Associação Cultural e Esportiva de Londrina, a mostra, primeira do gênero de âmbito nacional, proporcionou ampla e variada visão do progresso na criação de aves e animais de corte, leite e carga, das mais diversas raças, no cultivo de verduras, legumes, frutos e flôres, na industrialização de produtos da lavoura e no fabrico de máquinas agrícolas, em quase todo o país. Aclamado ao chegar à exposição, o Presidente Costa e Silva foi ali saudado pelo presidente da Sociedade Rural do Norte do Paraná, Sr. Omar Mazzei Guimarães, que destacou a meta da retomada do desenvolvimento do nôvo govêrno, percorrendo depois **stands** com grande interêsse e entusiasmo.

O Marechal Costa e Silva admira o touro de maior preço no Brasil, Krishna Sakina Kassudi, campeão da raça Gir, pertencente ao criador Antônio Castejon, de Monte Santo, Minas Gerais. A imensa exposição de Londrina (à direita) reuniu animais e produtos do país.

versou com crianças presentes e expressou aos criadores da região seu entusiasmo pela exposição.

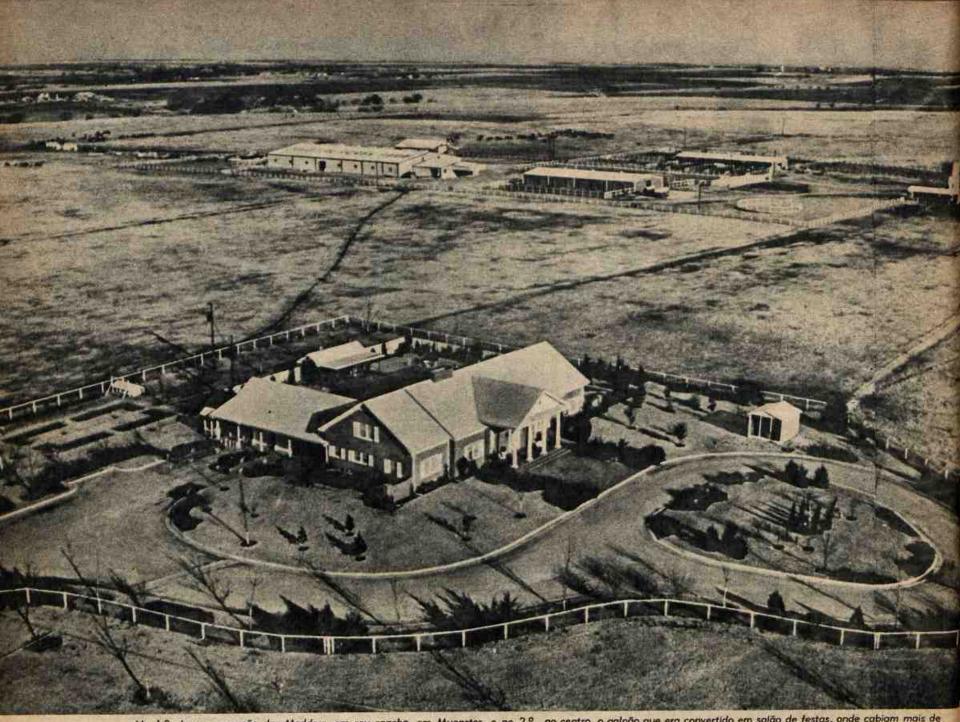
Pobretões, êles passavam por milionários à custa do cofre da Ordem das Pobres Irmãs da Perpétua Adoração do Seráfico São Francisco. E, vivendo uma fabulosa aventura, subiram vertiginosamente na alta sociedade dos Estados Unidos, a ponto de viajarem, a convite de Lyndon Johnson, no avião presidencial. A história do sucesso do simpático casal Medders é tão fascinante, que acabará em filme colorido ou em comédia musical da Broadway.

ESCÂNDALO NO TEXAS
OS ADORÁVEIS TRAPACEIROS

Texto de R. MAGALHÃES JÚNIOR • Fotos AP (Via VARIG).

O Estado do Texas sempre foi uma terra de espantos e maravilhas, onde escorrem, com igual abundância, sangue, suor e petróleo. Nos velhos tempos, havia lá bandidos que assaltavam diligências, homens desesperados com dezenas de mortes nas costas, sem contar os índios e os mexicanos. Mas, a par dêsses tipos truculentos, que explicam a existência de um Lee Harvey Oswald, de rifle em punho, para a caçada a um presidente, há também os que transgridem as leis de forma sorridente e aliciadora, os que adotam métodos suaves e engenhosos, como aquêle Jeff Peters dos contos de O. Henry, vigarista cativante, a quem ninguém podia escapar. É a essa família que pertencem os Medders, pobretões que por meios escusos brilharam na alta sociedade norte-americana, fazendo vida de autênticos milionários. Para os Estados Unidos, êles são menos um casal de criminosos vulgares do que figuras genialmente aparelhadas para uma existência muito acima de seus meios.

Quem quer que, no fabuloso Texas, pretenda passar por milionário, basta propalar que, no fundo de seu quintal, foi descoberto um poço de petróleo. E esta foi, na verdade, a base da rápida aceitação, nos altos círculos financeiros dos Estados Unidos, do até então modesto e humilde Ernest Medders. Êsse homem, cujas festas suntuosas chegaram a reunir mais de mil convidados, tratados a champanha e caviar, montou a maior mistificação dos últimos tempos. E o fêz com tanto sucesso que se inscreveu entre os mais generosos anfitriões do seu país e até passou a

O casal de improvisados fazendeiros texanos, Ernest e Margaret Medders (à esquerda), não media despesas quando dava festas. Reuniam, como se vê na foto acima, mais de mil convidados oferecendo aos mesmos copioso bufê, onde não faltavam o champanha e o caviar, e música de Guy Lombardo.

No 1.º plano: a mansão dos Medders, em seu rancho, em Muenster, e no 2.º, ao centro, o galpão que era convertido em salão de festas, onde cabiam mais de mil pessoas. Embaixo: a Sra. Medders, num dos salões, mobiliados com luxo mas com o mau-gôsto característico de pessoas sem cultura nem refinamento social.

Graças ao dinheiro desviado dos cofres das freiras franciscanas, os Medders foram recebidos até na Casa Branca

Ernest, com um dos seus reprodutores de raça.

gozar da intimidade presidencial, figurando nas listas de convidados para as grandes recepções da Casa Branca.

Ernest Medders e sua mulher, Margaret Medders, até 1960 viviam obscuramente em Memphis, antes de se transferirem para o Texas, cenário de sua surpreendente façanha. Aos 50 anos, êle era apenas um mecânico da Gulf Oil Company, com o salário de 200 dólares mensais e, como a família era grande, nas horas vagas saía vendendo hortaliças, que transportava numa velha camioneta. Para criar os filhos, Eugene (hoje com 21 anos), John, Cathy, Mary Margaret, Frank e Sarah (a mais nova de 12 anos), a Senhora Medders se via na contigência de trabalhar em dois turnos sucessivos como enfermeira no St. Joseph Hospital, de Memphis. Só uma criatura de grande saúde e energia seria capaz de tão intensa atividade. Sua autoridade sôbre o marido era, por isso mesmo, imensa. O casal vivia com seus numerosos filhos numa casa de aluguel barato, numa espécie de vila operária. Com as suas parcas economias, anos antes tinha adquirido, a prestações, um pedaço de terra, numa desolada região do Texas, que uma emprêsa de loteamentos às vésperas da falência oferecera, a preços baixos, a compradores incautos. Essa transação seria responsável pela extraordinária mudança na vida da família.

Um dia, os Medders receberam, de um velho advogado do Mississipi, a maravilhosa notícia de que uma ação ia ser proposta, na justiça, em nome de três mil pessoas, que tinham comprado terras à emprêsa falida. A essas pessoas, no sentido de obter a procuração e o dinheiro necessário à movimentação do processo, o advogado fizera crer que teriam participação assegurada num campo petrolífero recém-descoberto. Se a ação fôsse ganha, argumentava o advogado, os lucros de seus clientes seriam, no mínimo, de 500 milhões de dólares. Os Medders imediatamente lhe enviaram sua procuração, prometendo mandar logo que possível o adiantamento reclamado. Em face da notícia, reagiram de maneira a mais curiosa possível. Acreditaram, desde logo, que a causa seria vitoriosa e, mais ainda, que caberiam, exclusivamente ao casal, os 500 milhões de dólares. Nem de longe admitiam que o cálculo do advogado envolvesse mais 2.999 constituintes. Tanto o marido, como a espôsa, passaram a divulgar a notícia. E começaram a ser olhados com uma consideração de que antes não gozavam. Consideração e também inveja, uma imensa inveja, por parte dos companheiros de trabalho de Ernest Medders na Gulf Oil Company of Memphis, que já viam nêle um magnata, um patrão, um **big-shot** do alto capitalismo.

A companhia de loteamentos era uma fraude. O advogado, por sua vez, usara de um expediente pouco recomendável, para atrair clientes: colocara, diante dêles, a miragem de uma grande fortuna, a fim de mais fàcilmente recolher alguns milhares de dólares como antecipação dos seus honorários. Era, pois, uma segunda fraude. Dessas duas fraudes, iria nascer uma terceira, em benefício dos Medders. É que, quando Margaret chegou com a sensacional notícia ao St. Joseph Hospital, as freiras que o dirigiam ficaram logo empolgadas. No maior alvorôço, abraçaram a enfermeira incansável, que iria, finalmente, repousar de suas 16 horas de labor diário.

— Congratulações, Maggie!

— Que coisa maravilhosa! Ninguém merece mais que você!

— Se soubesse como estamos contentes!

Desde a madre superiora à mais modesta das freiras da Ordem das Pobres Irmãs da Perpétua Adoração do Seráfico São Francisco, tôdas se mostravam enternecidas com aquela maravilhosa ascensão dos Medders **from rags to riches**, ou seja, dos andrajos à opulência. No casal Medders, tão ligado ao hospital e à ordem, já viam os grandes benfeitores futuros da instituição, mantida pelas contribuições dos católicos do Texas. Como iriam receber 500 milhões de dólares, poderiam doar 5 milhões, senão 10, 20, 30, 50 milhões às Pobres Irmãs, para que elas pudessem proporcionar melhor assistência aos necessitados. Êles tinham conhecido dias difíceis. Melhor do que ninguém, sabiam o que era a vida de uma família numerosa e pobre.

— Contem conosco, irmãs! Contem conosco, pois não nos esqueceremos nunca do muito que devemos ao St. Joseph Hospital...

A envolvente simpatia de Margaret Medders, tão séria, tão dedicada ao trabalho, tão pontual e exata em tudo por tudo, abriu o caminho para o coração das freiras e para os cofres da ordem, muito pobre no nome, mas não tanto assim nos recursos financeiros. Para os Estados Unidos não é, decerto, uma ordem rica. Mas dispunha, apesar de tudo, de alguns milhões de dólares, para assegurar a manutenção do hospital e os auxílios distribuídos à pobreza de Memphis.

— Há um pequeno problema, reverenda madre superiora — disse Margaret Medders. — Precisamos adiantar uma quantia ao advogado, que vai tratar da questão. Pensei que, como pretendemos destinar uma parte dos 500 milhões à Ordem das Pobres Irmãs, a reverenda madre superiora poderia nos fazer um emprèstimozinho, que depois pagaríamos em dôbro...

— Bem, Maggie... Os dinheiros da ordem não podem ser desviados para finalidades que lhe são estranhas. Enfim, como você espontâneamente tomou o compromisso de ser uma das nossas grandes benfeitoras, acho que a sua causa é a nossa causa. Diga-me: de quanto é que precisa?

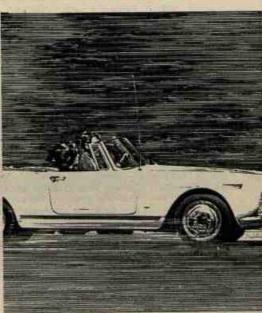
O primeiro empréstimo foi prontamente feito. Era pequeno. Nada mais que o essencial para o adiantamento reclamado pelo advogado para "tocar uma causa que já podia ser considerada ganha". Tal facilidade levou os Meders a fazer novos empréstimos, com a retirada de até 60 mil dólares, num único mês. Abertos os cordões da bôlsa pelas Pobres Irmãs da Perpétua Adoração do Seráfico São Francisco, os Medders resolveram comprar uma bela propriedade rural, a 60 milhas de Dalas e nas proximidades da fronteira do Texas com o Estado de Oklahoma. As Pobres Irmãs continuaram a emprestar, seduzidas pela miragem dos milhões que iriam ser doados à congregação. Os Medders, então, adquiriram uma bela casa na cidade de Muenster. Eram modelos de religiosidade, nunca perdiam as missas dominicais e faziam, ràpidamente, um grande círculo de amigos, a princípio no meio católico e, depois, nas rodas políticas e na sociedade, em geral.

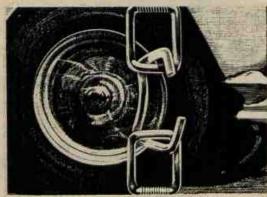
Pouco importava que Ernest Medders fôsse um sujeito inculto, só tendo cursado o terceiro ano da escola primária. Isso não é olhado com estranheza numa terra em que homens rudes, de repente, por obra e graça de um jôrro de petróleo, acordam milionários na mesma cama em que adormeceram pobretões. Êle era, agora, um **petrol king**, como o famoso John D. Rockefeller. Ou, pelo menos, era tido nessa conta. E como não acreditar que realmente se tratava de um milionário? No momento em que se inaugurava uma feira de gado em Dalas, deputados e senadores de estados sulistas chegavam, de avião especial, como convidados do "milionário Ernest Medders", que distribuía a todos chapelões texanos. Famosos desportistas e arquitetos-paisagistas eram chamados para opinar sôbre os planos do campo de gôlfe que o opulento potentado ia preparar, para uso e gôzo de seus convidados.

A fazenda, adquirida por 57 mil dólares, era modesta demais para uma família tão importante. E ali, dominando os seus 185 acres de terras de pastagem, os Medders fizeram construir uma ampla casa em estilo colonial

O casal Medders, no pavilhão de festas, antes do desastre final. Viveram 6 anos como nababos.

Com o pneu G8 quem canta nas curvas é você.

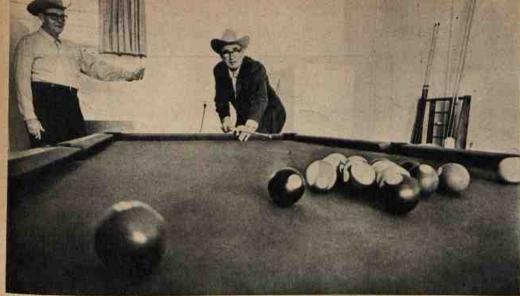
Porque, nas curvas, a segurança é total.

E nas retas, em alta velocidade, a direção é firme.

O pneu G8 tem ombros arredondados, para rodar macio e silencioso.

Os cordonéis 3T, mais fortes que o aço, dão segurança perfeita em qualquer estrada.

A borracha Tufsyn, exclusiva da Goodyear, proporciona muitos km extras.

Sinta nôvo prazer em dirigir com a segurança e o confôrto do G8.

Rode com segurança e alegria... rode com pneus G8 Goodyear.

O pneu G8 com ombros arredondados é um pneu moderno para carros modernos. O rodar é confortável, macio e silencioso, a segurança é total, com perfeito domínio do volante. Mude já para o G8!

O milionário Medders dá grande tacada, jogando sinuca em sua mansão do Texas com um convidado.

Êles eram simpáticos e pródigos

sulista, em tijolos queimados, com quatro colunas romanas sustentando o alpendre da fachada principal. A construção dessa mansão de 15 quartos, com vários banheiros e piscina adjacente, bem como o seu mobiliário e decoração, custaram 250 mil dólares. Mas isso não significava nada: tudo pago até o último níquel, a conta bancária dos Medders ainda apresentava um saldo de 60 mil dólares. De onde saíra essa dinheirama? Como sempre, dos cofres das Pobres Irmãs da Perpétua Adoração do Seráfico São Francisco.

A madre superiora não podia reagir, enredada na teia sugestiva das mirabolantes promessas da Sra. Medders. Como a ação se arrastava, lenta e difícil, nos tribunais, era preciso arranjar pistolões políticos, movimentar pessoas influentes, obter o patrocínio de figurões de Washington. E, à medida que os empréstimos se tornavam maiores, maiores também se tornavam as doações prometidas para muito breve. Era fácil acreditar que tais promessas seriam cumpridas, porque subia cada vez mais o prestígio social dos Medders. Êles já viviam como milionários, no meio de milionários. E, na verdade, se sentiam perfeitamente à vontade, como se tivessem nascido em berço de ouro. Bons proprietários rurais, estavam decididos a fazer frente ao próprio Lyndon B. Johnson, como criadores de gado de raça — Angus prêtos e vermelhos — e de cavalos Appaloosa. Era pouco, ainda. Faltava-lhes algo, de que outros milionários dispunham: alguém que colocasse a família no noticiário mundano, nas manchetes dos jornais, dando-lhe ainda maior evidência.

— Agora, a coisa vai — dizia a Sra. Medders à madre superiora. — Só nos falta uma coisa: a pressão da imprensa, para a pronta solução do nosso pleito. Teremos que contratar um agente de publicidade e relações públicas. Indicaram-nos um excelente: Jimmy DeLoach...

Mencionou uma cifra.

— É caro. Caríssimo, mesmo...

— Mas que importa, madre? O essencial é que funcione...

Jimmy Deloach imediatamente começou a fazer fotografias coloridas de tôda a família. Cada cópia custava, disse êle, entre 50 e 70 dólares. Mas os Medders nem pestanejaram:

— Não discutimos o preço. Bola para a frente!

A ascensão social da família se tornou cada vez mais vertiginosa. A Sra. Medders passou a ter conta aberta na casa de modas Neiman-Marcus, onde fazia despesas da ordem de 1,800 dólares mensais. Chegou a comprar para si mesma modelos únicos, importados de Paris. No aniversário do marido, deu-lhe de presente um gravador caríssimo. Ernest não tinha mais a aparência de um mecânico, mas a de um banqueiro. Quando uma das filhas foi matriculada numa das mais caras escolas para môças de Dalas, o casal comprou a casa ao lado do colégio, para que a mimada garôta dormisse nela, em vez de ocupar um dos leitos do dormitório coletivo. Era uma princesinha. E por causa da princesinha, os aristocráticos Medders não podiam regatear a bagatela de 40 mil dólares, custo da casa adquirida junto à Hockaday School for Girls. Para bem situar a família, a Sra. Medders dava festas e mais festas em Muenster. Festas em que eram obrigatórios orquestras, uísques de boa qualidade, champanha e caviar.

O grande momento dos Medders chegou quando, na vizinha cidade de Gainesville, bem maior do que a de Muenster, foi planejado um monumental **souper** dançante-beneficente, com Guy Lombardo e sua orquestra, os Royal Canadians, como atrações. A Sra. Medders se prontificou a cobrir tôdas as despesas, fornecendo a comida e a bebida consumidas pelos mil convidados e, ainda, pagando o caríssimo cachê dos músicos. Jimmy DeLoach conseguiu convencer uma estação de televisão de Dalas a fazer um programa especial, transmitido durante a festa, para a qual atraíu também os donos dos jornais daquela cidade. Os Medders estavam definitivamente aceitos. Eram pessoas **in**, que deviam ser obrigatòriamente mencionadas. O Deputado Graham Purcell passou a ser um visitante habitual do rancho dos Medders, quando se ausentava dos trabalhos legislativos, em Washington. O Governador John Connally Junior (ferido por Lee Harvey Oswald no atentado contra o Presidente Kennedy) fazia a mesma coisa. E o secretário da Justiça do Texas, Waggoner Carr. Para ingressar no President's Club, os Medders pagaram nada menos de 4 mil dólares. Esse clube é um expediente do Partido Democrático, para levantar fundos para suas campanhas eleitorais. Como membros do President's Club, os Medders compareceram ao grande baile presidencial dado em Houston, onde apertaram a mão de Lyndon B. Johnson e da famosa Lady Bird.

— Que casal tão simpático! — disse a Sra. Johnson.

E, em conseqüência, os Medders figuraram entre os convidados texanos selecionados a dedo para a recepção de 4 de maio seguinte, na Casa Branca. Muito naturalmente, voaram para Washington, com seus melhores trajes. Antes da festa na mansão presidencial, foram a uma recepção muito elegante na Embaixada do México, onde apertaram a mão do secretário de Estado e da Sra. Dean Rusk. E foi êste casal famoso que levou os Medders para a Casa Branca no Lincoln de chapa branca, do Departamento de Estado!

— Não são um casal simpático? — disse nessa noite a Sra. Johnson. — São um casal simpaticíssimo! Lyndon, peça-lhes que fiquem para o cinema...

A antiga enfermeira, Maggie Medders, depois de um cheque sem fundos, devolveu carro e jóias.

Quando o maravilhoso conto de fadas terminou, os Medders só ficaram com o rancho e as humilhações

O presidente concordou e, assim, os Medders, juntamente com sete outros casais, ficaram na Casa Branca, depois da recepção, indo para os aposentos privados do casal Lyndon B. Johnson. Participaram de uma exibição cinematográfica, de uma ceia e de longas conversas informais, sôbre assuntos texanos: bois, cavalos, petróleo, política... Como o presidente dos Estados Unidos ia no dia seguinte para o Texas, convidou os Medders para acompanharem-no no avião presidencial, o famoso jato **Air Force One**, em que o Presidente Kennedy viajou vivo e morto.

A posição dos Medders, depois disso, se fortificaria imensamente, se não tivesse, nesse meio tempo, havido dois imprevistos. O primeiro fôra o desfecho da questão, perdida desde a primeira instância, mas levada pelo advogado até à Suprema Côrte, como um meio de continuar a cobrar adiantamentos de seus três mil clientes. Não havia mais recurso ou chicana, de que êle pudesse lançar mão, para manter de pé o castelo de ilusões habilidosamente armado. O outro imprevisto fôra a mudança da madre superiora das Pobres Irmãs da Adoração Perpétua do Seráfico São Francisco, em obediência ao princípio de rotatividade da ordem. Viera de fora uma severa religiosa, que não conhecia os Medders, nem acreditava em colocar os dinheiros da ordem em especulações.

A nova madre superiora chamou sua antecessora a contas e ela revelou que fizera empréstimos e mais empréstimos aos Medders. Êstes foram apertados para liquidar seus débitos. Tinham adquirido bens, que respondiam por uma boa parte da dívida. Se tivessem apertado o cinto e cortado nas despesas, teriam se saído razoàvelmente das dificuldades. Mas continuaram a gastar frenèticamente, como loucos, passando a sacar dinheiro de vários bancos, já agora graças ao prestígio conquistado nas altas rodas. Em estabelecimentos de Memphis, Muenster e Wichita Falls, conseguiram empréstimos no total de 730 mil dólares. Em junho de 1966, deram uma imensa festa, ao casar-se Eugene, o filho mais velho. Mil e duzentas pessoas foram recebidas em seu rancho para um rodeio e exposição de cavalos. Em setembro, deram outra vasta festa em Memphis para os expositores de gado da raça Angus. Em outubro, promoveram um baile em benefício de crianças paralíticas e aleijadas. E, em novembro, deram uma grande recepção em honra da pitonisa Jean Dixon, de Washington, que se gaba de adivinhar o futuro. Enquanto isso, a ex-enfermeira Maggie adquiria um brilhante de 65 mil dólares, um colar de 80 mil e um capote de peles de marta de 75 mil, tudo em conta aberta em Neiman-Marcus. E, em dezembro, o casal comprou tempo na tevê para desejar **feliz Natal a seus inúmeros amigos.**

Tinham, no entanto, chegado ao fim da linha. O dinheiro oriundo de sucessivos empréstimos bancários desaparecera. Acumulavam-se as contas de tôda a espécie: hotéis, floristas, fotógrafos, fornecedores de bebidas e de caviar, etc. Êles tiveram que se declarar falidos, confessando uma dívida de cêrca de 2 milhões de dólares às Pobres Irmãs da Perpétua Adoração do Seráfico São Francisco e cêrca de 1 milhão de dólares a diversos bancos. O casal prometeu entregar tudo aos credores, menos o rancho e seus 185 acres de terras de pastagem. Pela lei do Texas, os falidos podem conservar a sua casa. E a dos Medders é um verdadeiro domínio territorial. Resta saber se a justiça entende que a casa inclui também os terrenos em excesso que lhe são adjacentes. O pior de tudo é que a Sra. Medders, em pleno processo de falência, passou um cheque frio a Angus Wynne III, no valor de 5.600 dólares. O cheque sem fundos foi apresentado à justiça pelo queixoso e deu lugar a um processo, em que a ex-enfermeira foi pronunciada, podendo vir a ser condenada a uma pena de prisão.

Mas, qualquer que seja o desfecho do caso, os Medders mostraram formidável apetite pela grande vida, pelo luxo e pelos prazeres da alta sociedade. Mostraram como é fácil subir, pelo blêfe, numa sociedade em que a elite superestima a riqueza. E é possível, ainda, que a engenhosa e dinâmica Sra. Medders escreva as suas memórias, em estilo sarcástico, convertendo-as num autêntico **best-seller**. Um **best-seller** pelo qual as companhias cinematográficas poderão pagar uma fortuna e que poderá ir também para a Broadway, em opereta, com música de Leonard Bernstein, Richard Rogers ou Alan Jay Lerner. E, ao fim de tudo, outra vez ricos, quem sabe se os Medders não serão de nôvo recebidos na Casa Branca, não terão carona de Dean Rusk e não voarão mais uma vez no jato presidencial?

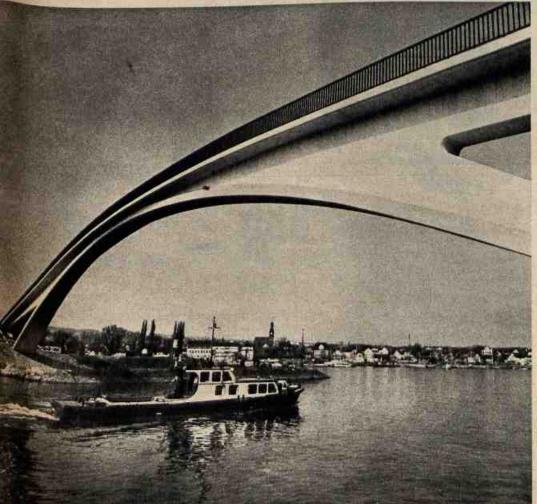
O adv. A. V. Grant, de Muenster, desmascarou os Medders e requereu a abertura de processo contra o casal.

Tempo de sorrir...
Quando todos se unem para construir um lugar cada vez melhor para viver e trabalhar. Quando as emprêsas realmente integradas na vida do país contribuem para o objetivo comum.
É por isso que oferecemos o Curso de Liderança de Reuniões a representantes de todos os setores de atividade, concorrendo para o seu aperfeiçoamento administrativo.
Tôda gente sabe que nosso negócio é petróleo.
Mas vamos um pouco além.
Esso
Gente como você trabalhando para servi-lo

O MUNDO EM MANCHETE

A FILHA DE JOHNSON DITA A MODA ● Enquanto o Presidente Johnson se prepara para ser avô pela primeira vez, sua filha Lucy Johnson Nugent, involuntàriamente, se transforma em lançadora de moda. Johnson, sua mulher, Lady Bird, e Lucy foram fotografados durante a recepção oferecida pelo presidente dos Estados Unidos, no seu rancho do Texas, aos embaixadores latino-americanos. No dia seguinte, milhares de futuras mamães americanas compraram um vestido igual.

AS DEBUTANTES DA MAISON DIOR ● A Maison Dior, filial de Londres, comemorou esta semana o 20.° aniversário do lançamento do **new-look**, o estilo revolucionário que consagrou o gênio de Christian Dior, em 1947. A festa consistiu num original desfile, do qual participaram as debutantes da alta sociedade londrina, acompanhadas de suas mães. Elas primeiro se apresentaram com a moda 1947, para terminar usando a mini-saia.

UMA LOURA ENTRE A TUBA E O BIQUINI ● Elaine Lower abandonou a vida do campo, na Inglaterra, para seguir aquilo que julgava ser a sua vocação: aprender a tocar tuba para entrar numa banda de música. Apresentou-se, em Londres, a um maestro. Êste, depois de ensinar Elaine, pacientemente a soprar o instrumento chegou à conclusão de que ela não tinha ouvido para a música. Mas tinha um corpo espetacular, e êle conhecia um fabricante de biquínis que procurava um modêlo para os seus anúncios.

PAULO VI NO BATISMO DOS BEBÊS • Durante uma visita pastoral, há dias, às várias basílicas de Roma, Paulo VI fêz uma coisa raríssima na história dos papas: batizou duas crianças, filhas de simples paroquianos. Centenas de fiéis acorreram ao templo para ver a cerimônia, que tão cedo não se repetirá. Os dois bebês que tiveram essa extraordinária honra são Pietro Guidi e Paola De Luca, ambos filhos de católicos da classe média. A solenidade foi realizada no batistério restaurado de San Giovanni, que nesse dia era inaugurado.

NOVA PONTE SÔBRE O RENO • Em Wiesbaden, Alemanha, foi inaugurada, na última semana, uma ponte de concreto armado que faz uma bela curva sôbre o Reno, e que tem em si mesma o seu apoio. Essa audaciosa estrutura foi o presente oferecido à cidade pela fábrica de cimento Dyckerhoff, ali sediada, no dia em que comemorava o seu 100.º aniversário. A ponte foi solenemente entregue aos cidadãos de Wiesbaden, que há muitos anos sonhavam em construí-la.

O DIAMANTE NEGRO DO JAZZ • Fats Domino, com sua cabeleira quadrada, seus anéis de brilhantes e o seu estilo entre o quente e o frio que tem marcado o **jazz** americano nos últimos vinte anos, está excursionando pela Europa em espetáculos que incluem ases do iê-iê, como Johnny Hallyday e o conjunto dos Pacemakers. Em Londres, êle se apresentou no Saville Theatre durante quinze dias. Um livro sôbre sua arte e sua vida acaba de ser publicado em Nova Iorque. Dêle será extraído, também, um filme, que deverá ser produzido pela Colúmbia Pictures.

agora na rádio inconfidência é ONDA TOTAL

muito mais programação

daltro

um bom
programa de
tv, as crianças
dormindo e fio Pirelli na
antena, garantem
uma boa noite
para você...
O fio de antena de tv Pirelli
garante recepção perfeita, resiste ao sol e
às intempéries. A marca Pirelli TV 300
identifica o fio Pirelli para antena.
PIRELLI
PIRELLI-TV-300

Nós fazemos muito mais do que lhe desejar boa noite. Nós fazemos os cobertores Parahyba.

Fazemos cobertores bem quentes.
E bem macios.
Aconchegam você de uma maneira agasalhante, gostosa.
E nossos cobertores têm acabamento perfeito.
O debrum, por exemplo, é bem largo, vistoso.
Têm muita beleza.
Muitas côres e muitos padrões, exclusivos.
Nós fazemos a boa noite para você.
Uma noite de calor e
confôrto no inverno.

TECELAGEM PARAHYBA S.A.